



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA

JOÃO VITOR OLIVEIRA DE ALENCAR

**A INDÚSTRIA E O URBANO: O PAPEL DA DAKOTA NORDESTE S/A EM
RUSSAS NO CEARÁ**

FORTALEZA – CEARÁ

2014

JOÃO VITOR OLIVEIRA DE ALENCAR

A INDÚSTRIA E O URBANO: O PAPEL DA DAKOTA NORDESTE S/A
EM RUSSAS NO CEARÁ

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Geografia. Área de concentração: Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior.

FORTALEZA - CEARÁ

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Alencar, João Vitor Oliveira de.

A indústria e o urbano: o papel da Dakota Nordeste S/A em Russas no Ceará [recurso eletrônico] / João Vitor Oliveira de Alencar. - 2014.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 222 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) Área de concentração: Geografia.

Orientação: Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior.

1. Russas/CE. 2. Dakota Nordeste S/A. 3. Indústria. 4. Setor Calçadista. 5. Organização do espaço urbano. I. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome da Dissertação: "A INDÚSTRIA E O URBANO: O PAPEL DA DAKOTA NORDESTE S/A EM RUSSAS NO CEARÁ."


Data da Defesa: 30/10/2014

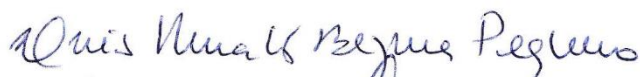
Nome do Autor: João Vitor Oliveira de Alencar


Nome do Orientador: Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Junior

Trabalho apresentado ao Programa de Pós Graduação em Geografia - CCT/UECE, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Geografia, Área de Concentração: Análise Geoambiental e Ordenamento de Territórios de Regiões Semi-Áridas e Litorâneas.

BANCA:


Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Junior
Universidade Estadual do Ceará - UECE


Prof. Dr. Luis Renato Bezerra Pequeno
Universidade Federal do Ceará - UFC


Prof.ª Dr.ª Denise de Souza Elias
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Para minha mãe, que desde muito nova vem carregando o mundo em suas costas. Espero que este trabalho sirva de alento a tanto esforço dispensado a mim e a meu irmão.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Edilson, orientador no mestrado, pela paciência, dedicação e confiança na orientação, sempre me mostrando a importância do rigor no trato com a realidade.

À Prof.^a Denise Cristina Bomtempo pelas importantes contribuições durante a pesquisa.

Aos membros da banca Prof.^a Denise Elias e ao Prof. Renato Pequeno pelas valorosas contribuições.

A todo grupo do GLOBAU e do LETUr pelas experiências conjuntas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, principalmente, à Júlia e à Adriana, sempre tão atenciosas.

À minha mãe, Virginia Maria Oliveira de Alencar por toda a sua dedicação e afeto.

Ao meu irmão Pedro, que desde seu nascimento alegria meus dias, tirando a solidão que o filho único é obrigado a ter como companhia.

À Camila, pelo afeto e carinho que compartilhamos.

Ao Jean, a você digo: abençoados sejam os irmãos que a vida nos deixa escolher.

Aos amigos de graduação: Ianone, Naiana, Érica, Rejane, Grazi, Tiago Olímpio, Jú, Dani, Fabíola, os quais tornaram esses quatro anos uma experiência maravilhosa.

Ao Roberto e ao Henrique, responsáveis pela elaboração técnica dos mapas dessa dissertação.

Ao Diego, seu apoio ao trabalho de campo foi imprescindível.

Aos amigos russanos Nael e Jéssica, os quais me auxiliaram a desbravar Russas e a apresentar os seus encantos.

Aos trabalhadores da fábrica Pretinho e Júnior que abriram a porta de sua casa para um completo estranho, sem ajuda de vocês essa pesquisa não teria se concretizado.

A forma de uma cidade muda mais rápido,
infelizmente, do que um coração mortal.

(Charles Baudelaire)

Só não deixe de falar de nós, talvez alguém
escute.

(Comentário de um funcionário da Dakota-
Russas, após nós o entrevistarmos).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender a relação entre indústria e organização do espaço urbano, a partir da ação da empresa calçadista Dakota Nordeste S/A em Russas na Região do Baixo Jaguaribe, Ceará. Para isso, utilizamos a metodologia baseada na organização e execução de uma matriz metodológica a partir de dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica do Ceará – IPECE; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA; Departamento Nacional de Trânsito – DENATRAN; e por meio de pesquisas *in situ*. A globalização, a separação entre os espaços de produção e os espaços de gestão e as inovações tecnológicas no sistema de comunicação reduziram o tempo e a distância, alterando as escolhas locacionais de empresas, que não necessitam mais da proximidade da matéria prima ou do mercado de consumo para viabilizarem seus processos produtivos. Priorizam-se os incentivos fiscais, a não sindicalização de trabalhadores e o custo da força de trabalho para a escolha locacional de determinados setores da indústria. É desse modo que o território ganha mais importância para a efetivação dos sistemas de produção. Foi dentro desse contexto que o estado do Ceará, mais especificamente o município de Russas, atraiu empreendimentos de capital externo na figura da Dakota Nordeste S/A, o qual passou a alterar seus aspectos dimensionais, funcionais e espaciais. Essas transformações remetem Russas a um novo movimento, agora cada vez mais orientado pelos padrões de racionalidade capitalista. Pensar todas essas transformações é pensar a chegada de uma nova ordem que não mais prioriza os componentes sociais e econômicos diretamente ligados ao local. As alterações na estrutura produtiva, com a grande empresa e a produção em escala, trazem consigo o crescimento do emprego industrial e a diversificação da estrutura social, da mesma forma que repercutem sobre toda vida econômica, exigindo mudanças correlatas no mundo rural, no comércio e serviços e no mercado imobiliário da cidade. Esse processo de modernização exige imediatamente uma reestruturação do trabalho e do espaço, em consequência da necessidade de circulação e acumulação de capital. Conclui-se que a nova dinâmica presente em Russas repercute diretamente na dinâmica urbana, uma vez que engendram importantes mudanças na organização espacial da cidade, visto que o

trabalho foi e é organizado pelo setor calçadista, não para que seja definida uma "tarefa ótima" (menor tempo-padrão de execução), mas para que a lucratividade seja "ótima" (maior acumulação). Assim, o capital dissolveu relações de produção, transformou-as e as desenvolveu subordinadamente às suas tramas produtivas, que se materializam na cidade nos contornos de uma urbanização demográfica (SANTOS, 2010), inscrevendo-lhes novos conteúdos e sentidos.

Palavras-chave: Russas/CE. Dakota Nordeste S/A. Indústria. Setor calçadista. Organização do espaço urbano.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand the relation between industry and organization of urban space, from the action of the footwear company Dakota Nordeste S/A in Russas in the BaixoJaguaribe region, Ceará. For that we used a methodology based on the organization and execution of a methodologic almatrix from data of Annual Relation of Social Information - RAIS; Brazilian Institute of Geography and Statistics - IBGE; Institute of Research and Economic Strategy of Ceará - IPECE; Institute of Applied Economic Research - IPEA; National Department of Transit - DENATRAN; and through research *in situ*. The globalization, the separation between the spaces of production and the spaces of management and the technological innovations in the communication system reduced the time and the distance by changing the locational choices of companies that do not need more of the proximity of raw material or of the consumer market to permit its productive processes. Priority is given to tax incentives, the not unionization of workers and the cost of labor power for locational choice of certain industry sectors. The territory gained more importance for the effectuation of production systems. This is how Ceará, and in particular Russas, attracted foreign capital enterprises in figure of the Dakota Nordeste S/A, which went on to change their dimensional, functional and spatial aspects. These transformations refer back Russas to a new movement, now increasingly oriented by the standards of capitalist rationality. Thinking of all these changes is to think of the arrival of a new order that no longer prioritises social and economic components directly linked to the local. The changes in the production structure, with the great company and the scale production, bring with them the growth of industrial jobs and the diversification of the social structure, in the same way that reverberate on all economic life, requiring similar changes in the rural world, in trade and services in the real estate market of the city. Thus, that process of modernization immediately requires a restructuring of labor and space, due to the need for circulation and accumulation of capital. It is concluded that new dynamic present in Russas has a direct repercussion in the urban dynamic, once engender important changes in the spatial organization of the city, since the work was and is organized by the footwear industry, not for it to be defined a "optimal task" (shortest time-execution standard), but so that profitability is "great" (greater accumulation).

Thereby, the capital dissolved relations of production, turned them and developed them subordinate to their productive wefts, which materialize in the city in the shape of a demographic urbanization (SANTOS, 2010), inscribing them with new contents and meanings.

Keywords: Russas/CE, Dakota Nordeste S/A, Industry, Footwear sector, Organization of urban space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Região do Baixo Jaguaribe e seus principais centros regionais ...	49
Figura 2 – Unidades de produção da Dakota Nordeste no Ceará.....	59
Figura 3 – Empresas contratadas pela unidade da Dakota em Russas	64
Figura 4 – Unidade de produção da Dakota em Russas.....	66
Figura 5 – Esteiras de produção da unidade de produção da Dakota Nordeste em Russas.....	79
Figura 6 – Enfiadeira na varanda de casa.....	83
Figura 7 – Um dos postos de recolhimento do enfiado.....	83
Figura 8 – Trabalho subcontratado durante o circuito produtivo do calçado em Russas.....	85
Figura 9 – Deslocamento realizado por funcionários da Dakota Russas	93
Figura 10 – Estacionamento da Viação Russana.....	94
Figura 11 – Estacionamento de ônibus em frente a Dakota Russas	94
Figura 12 – Funcionários da Dakota no final do expediente indo para casa de bicicleta e moto.....	97
Figura 13 – Funcionária da Dakota no final do expediente indo para casa a cavalo.....	97
Figura 14 – Localização do antigo e do atual centro urbano-comercial e dos principais eixos históricos de penetração do núcleo urbano da sede municipal de Russas	103
Figura 15 – Mega Macavi no centro de Russas.....	123
Figura 16 – Lojas Maravilhas no centro de Russas	123
Figura 17 – Galpão da Macavi no centro de Russas.....	123
Figura 18 – Leleo Móveis no centro de Russas	123
Figura 19 – Renê Supermercado no centro de Russas	132
Figura 20 – Denísio Supermercado no centro de Russas.....	132
Figura 21 – Supermercado Granjeiro no centro de Russas	132
Figura 22 – Supermercado Queiroz no centro de Russas	132
Figura 23 – Mercadinho na periferia de Russas	134
Figura 24 – mercearia na periferia de Russas	134
Figura 25 – Mercadinho no centro de Russas	134

Figura 26 – Nota promissória usada no pequeno comércio	134
Figura 27 – Sistema regular de transporte interurbano em Russas	140
Figura 28 – Vale Motos, a principal concessionário de Russas	142
Figura 29 – Principal estacionamento de motos na Dakota-Russas	142
Figura 30 – Caixas eletrônicos do Banco do Brasil num dos estacionamentos da Dakota-Russas	145
Figura 31 – Sala reservada para aberturas de conta no Banco do Banco Brasil dentro da Dakota-Russas	145
Figura 32 – Farmácias Santa Isabel e Galeno no centro da cidade	147
Figura 33 – Local reservado para as Farmácias Santa Isabel e Galeno na fábrica	147
Figura 34 – Espacialidade dos circuitos da economia urbana em Russas	156
Figura 35 – Conjunto habitacional Dr. José Martins de Santiago (Mutirão Novo) no bairro Tabuleiro do Catavento	166
Figura 36 – Ganho fundiário, tempo, ciclo de vida das áreas urbanas e os momentos de valorização imobiliária na cidade de Russas	179
Figura 37 – Número de domicílios segundo sua condição de ocupação por bairros na sede urbana do município de Russas, 2000	187
Figura 38 – Número de domicílios segundo sua condição de ocupação por bairros na sede urbana do município de Russas, 2010.....	190
Figura 39 – Condomínio para locação residencial do casal proprietário da Casa do Construtor, com presença de funcionários da Dakota-Russas no bairro Centro	193
Figura 40 – Casa alugada no mercado informal por funcionários da Dakota-Russas, no bairro Vila Gonçalves	193
Figura 41 – Parte interna da casa alugada no mercado informal por funcionários da Dakota-Russas, no bairro Vila Gonçalves	193
Figura 42 – Variação dos domicílios por condição de ocupação por bairros na cidade de Russas entre 2000 e 2010	195
Figura 43 – Empreendimentos imobiliários com presença de funcionários da Dakota Nordeste S/A na cidade de Russas	199

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produto Interno Bruto por setor da economia do IBGE - Russas (1985 a 2009).....	68
Gráfico 2 – População urbana, urbana na sede municipal, rural e total em Russas (1991 a 2010).....	69
Gráfico 3 – População Economicamente Ativa segundo sexo em Russas (1991 a 2010).....	72
Gráfico 4 – Quantidade de empregos formais por setor da economia em Russas (1995 a 2010).....	75
Gráfico 5 – Número de estabelecimentos do comércio varejista e atacadista em Russas - 1991 a 2010.....	116
Gráfico 6 – Russas: evolução do número de estabelecimentos do comércio varejista com predominância de produtos alimentícios (1995 a 2010).....	129
Gráfico 7 – Russas: frota de veículos, com destaque para motos e automóveis (2001 a 2011).....	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Referencial teórico segundo os subtemas norteadores da pesquisa	24
Quadro 2 – Matriz metodológica	26
Quadro 3 – Russas: domicílios particulares permanentes por classe de rendimento e existência de alguns bens duráveis (2000 e 2010) ...	113
Quadro 4 – Variação absoluta e relativa do número de domicílios segundo faixa salarial por bairros da cidade de Russas entre 2000 e 2010..	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População Economicamente Ativa segundo sexo e situação de ocupação em Russas (2000 e 2010)	73
Tabela 2 – População com menos de 10 anos ininterruptos de residência em Russas, segundo o tempo ininterrupto de residência no município (2010).....	76
Tabela 3 – Russas: classes de rendimento mensal da população (2000 e 2010).....	110
Tabela 4 – Russas: domicílios particulares permanentes, por situação de domicílio e existência de alguns bens duráveis (2000 e 2010).	112
Tabela 5 – Russas: movimentação financeira (2001 e 2012).....	144
Tabela 6 – Características do circuito superior marginal (emergente) e inferior da economia urbana em Russas.	149
Tabela 7 – População residente na sede urbana municipal de Russas segundo bairros, 2000 e 2010.	163

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	OS IMPACTOS DA ATIVIDADE INDUSTRIAL NO URBANO E A TRAJETÓRIA DE MODERNIZAÇÃO DO CEARÁ E DA REGIÃO DO BAIXO JAGUARIBE	31
2.1	A INDÚSTRIA COMO ELEMENTO DA URBANIZAÇÃO NO BRASIL.....	34
2.2	GLOBALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO CEARÁ: UMA LEITURA A PARTIR DO SETOR DE CALÇADOS	40
2.2.1	A política de atração de investimentos industriais do Ceará como estratégia de modernização do estado.....	41
2.3	RUSSAS NO CONTEXTO DA REGIÃO DO BAIXO JAGUARIBE.	48
3	A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL CALÇADISTA: O CASO DA DAKOTA NORDESTE S/A EM RUSSAS	56
3.1	A DAKOTA-RUSSAS: DESENVOLVIMENTO, REDES DE RELAÇÕES EMPRESARIAIS E PROCESSO PRODUTIVO INDUSTRIAL.....	57
3.2	DINÂMICA DEMOGRÁFICA, MOBILIDADE E NOVAS RELAÇÕES DE TRABALHO.	67
3.2.1	As novas relações entre trabalho industrial e dinâmica demográfica.....	67
3.2.2	Multiplicação das formas de trabalho industrial calçadista: do modelo tradicional fordista às novas estratégias de subcontratação.....	74
3.2.3	Trabalho e mobilidade nos ritmos da produção industrial.....	88
4	UM OLHAR SOBRE A ECONOMIA URBANA DE RUSSAS E SUA RELAÇÃO COM A DAKOTA NORDESTE	99
4.1	BREVE PANORAMA DO CENTRO URBANO DE RUSSAS.....	99
4.2	CONSUMO, EMPREGO E RENDA COMO INDICADORES DA MODERNIZAÇÃO INDUSTRIAL EM RUSSAS: UM OLHAR A PARTIR DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA.	106
4.2.1	UMA RÁPIDA ABORDAGEM SOBRE A TEORIA DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA.....	106
4.2.2	As novas manifestações do emprego e da renda e o impacto nas formas de consumo.....	109

4.3	OS RAMOS DO COMÉRCIO E DOS SERVIÇOS E A ESPACIALIZAÇÃO URBANA DO CONSUMO.....	117
4.3.1	As lojas de móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos.	119
4.3.2	Hipermercados, supermercados e mercadinhos.	128
4.3.3	O sistema de transportes.	137
4.3.4	Relação entre a Dakota e as operações bancárias.	143
4.3.5	Parcerias com outros estabelecimentos do comércio e dos serviços. ..	146
4.4	UMA LEITURA DA ECONOMIA URBANA A PARTIR DOS DOIS CIRCUITOS.....	148
5	A DAKOTA-RUSSAS E O SEU REBATIMENTO NO MERCADO IMOBILIÁRIO	158
5.1	AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO E VALORIZAÇÃO DO SOLO URBANO EM RUSSAS.	160
5.1.1	Os grupos sociais excluídos.	161
5.1.2	Corretores de imóveis.	168
5.1.3	Proprietários rentistas.	169
5.1.4	Promotores imobiliários.	171
5.1.5	Proprietários dos meios de produção.	172
5.1.6	Proprietários fundiários.	173
5.1.7	O Estado.	174
5.1.8	Momentos de valorização do solo e mudança no padrão de ocupação na cidade de Russas.	176
5.2	A ATIVIDADE INDUSTRIAL E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: O DESENHO DA CIDADE A PARTIR DOS IMPACTOS GEOGRÁFICOS DA DAKOTA-RUSSAS NO MERCADO IMOBILIÁRIO.....	183
5.2.1	Condição de ocupação dos domicílios por bairros e terras loteadas na cidade de Russas.	184
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
	REFERÊNCIAS	208
	APÊNDICES	217
	APÊNDICE A – Matriz metodológica	218
	APÊNDICE B – Pessoas e empresas entrevistadas.....	220
	APÊNDICE C – Roteiro de entrevistas (comércio)	221

APÊNDICE D – Roteiro de entrevistas (trabalhadores da fábrica)	222
--	-----

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, entre os anos de 2012 e 2014, como parte de um projeto maior elaborado pelo Laboratório de Estudos do Território e da Urbanização (LETUr), em parceria com Laboratório de Estudos Agrários (LEA), junto ao Grupo de Pesquisa registrado no CNPq intitulado Globalização Agricultura e Urbanização – GLOBAU.

Adotamos como objeto de estudo a relação entre atividade industrial e organização do espaço urbano no Ceará, em especial os impactos da Dakota Nordeste S/A, em Russas. A escolha desta temática está em conformidade com as transformações espaço/temporais de cunho capitalista que se erguem nas últimas décadas, com destaque para seus efeitos no processo de reestruturação da indústria e do espaço urbano e sua interferência na sociedade e no território.

Tais mudanças iniciaram-se na segunda metade do século XX, quando assistimos a internacionalização e, posteriormente, a globalização do capitalismo, pensados, articulados e comandados pelos países mais ricos do mundo. Em referência ao conteúdo desse processo, a atenção está voltada para a interpretação da nova lógica produtiva e espacial que surge logo após a década de 1970, que definiu a atual reestruturação industrial, no que diz respeito a sua localização e a sua relação com o espaço, resultado da crise do modelo produtivo e de acumulação, que transformou tanto o contexto tecnológico, como a organização das empresas e das relações capital-trabalho (HARVEY, 1993).

Tal processo teve forte influência sobre a renovação de diversas políticas setoriais, tendo implicações geográficas diretas, impulsionando uma concentração espacial da população e da riqueza nas áreas urbanas. Fortaleceu, assim, os desequilíbrios territoriais que, segundo Mendez e Caravaca (1996), tornaram-se uma das características do mundo contemporâneo.

No plano espacial, o que se vê é uma nova definição de distância, na qual as antigas barreiras físicas não são mais restrições importantes ao sistema produtivo. Assim sendo, observa-se um avanço tecnológico preparando o ambiente para o conjunto de trocas globais. Em razão disso, pode-se falar até mesmo de uma rede mundial de competitividade ou de um mercado financeiro globalizado, um

sistema de interação que elege o momento atual como o mais avançado no processo das relações econômicas internacionais (PEREIRA JÚNIOR, 2012).

Nesse sentido, o recente avanço das forças produtivas na região Nordeste está intimamente ligado à industrialização experimentada pelo Brasil na fase do capitalismo tardio. É a partir desse processo que começaram a ser acentuadas diferentes posições regionais nos ramos de produção, garantindo ao capital (nacional e internacional) maiores taxas de acumulação no território (PEREIRA JÚNIOR, 2012).

Os ajustes que são promovidos no âmbito do capitalismo internacional, nos últimos 30 anos, podem ser observados no estado do Ceará, expressos numa completa redefinição da divisão regional do trabalho, que se acompanha de uma reestruturação urbana e da cidade.

Desse modo, o processo de reestruturação do sistema produtivo implicou diretamente na organização espacial da atividade industrial. Assim, na década de 1980 várias transformações de cunho modernizante afetaram a realidade cearense e um dos vetores escolhidos para dar cabo a esse projeto foi a indústria. Inúmeros estabelecimentos desta atividade econômica se instalaram no território, fruto de uma realocação de polos industriais das regiões sul e sudeste do Brasil, atraídos por um conjunto de benesses oferecidas pelo estado, o qual, inicialmente, era comandado por um grupo político oriundo do Centro Industrial do Ceará (CIC), sob os auspícios de um empresário-político, Tasso Jereissati.

Eles implantaram um modelo de gestão “[...] interessados em priorizar a ação do capital nacional e internacional [...]” (ABU-EL-HAJ, 1997, p. 4) na organização produtiva do espaço cearense. O caminho adotado apoiou-se em um conjunto de reformas de cunho fiscal, financeiro e administrativo realizado a partir de 1987. Tais mudanças buscavam, entre outros, reestabelecer a capacidade de investimento do estado, viabilizando grandes obras de infraestrutura, condicionantes do desenvolvimento cearense.

Neste momento, como elucida Pereira Júnior (2012), há o surgimento de uma nova fase na organização econômica e política, pautada no rompimento com as práticas mais tradicionais de produção econômica, favorecendo o fortalecimento das medidas industrializantes. Essas mudanças garantiram, segundo esse autor, a inserção e a fixação do paradigma industrial, o qual contribuiu para que uma organização espacial definida se materializasse com base em uma industrialização

induzida pelos rumos mais recentes da reprodução capitalista internacional, tornada possível, sobretudo, em função do desenvolvimento das tecnologias e da fluidez dos investimentos.

Dentre as empresas atuantes no território beneficiadas por essa política de cunho modernizante dos empresários-políticos do CIC, ressalta-se o papel do Grupo Dakota S/A.

Em 1995, esse grupo iniciou a desconcentração das suas unidades produtivas para fora do Rio Grande do Sul, incluindo as fábricas da Dakota Nordeste S/A, a maior entre todas as outras empresas do grupo. Realinou para o Ceará uma demanda considerável por trabalho e um volume de produção significativo, (re)localizando suas bases produtivas. A princípio, instalou-se no município de Maranguape e posteriormente nos municípios de Iguatu e Russas. Em 2006, também abriu uma unidade em Quixadá.

A Dakota Nordeste S/A ocupa a segunda posição no ranking estadual na produção de pares de calçados por ano, tendo a unidade de Russas um papel fundamental, pois ela atua como um centro de comando para as outras unidades do estado, servindo de elo dessas unidades com a matriz, que fica em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul.

Assim, devido ao seu porte e ao papel que desempenha como unidade produtiva do Grupo Dakota no Ceará, selecionamos essa empresa para um estudo mais detalhado. Consideramos que ela representa muito bem esse novo paradigma industrial que dita a nova organização espacial cearense, especificamente em Russas¹. Também simboliza os impactos sofridos pelo avanço da indústria calçadista, uma das que mais cresceu no estado.

Ao buscar com mais detalhes o entendimento do objeto selecionado para estudo, algumas perguntas surgem para iluminar a problemática em discussão. As perguntas foram feitas segundo uma subdivisão temática, essa extraída a partir do tema principal de nossa pesquisa, a saber: a organização do espaço urbano no Ceará. Nesse sentido, as subseções temáticas selecionadas por nós foram: 1) dinâmica demográfica e novas relações de trabalho; 2) fluxos e mobilidade do

¹ Faz-se necessário destacar que em Russas outras atividades econômicas imprimem suas características na estruturação urbana, a exemplo das atividades agrícolas modernas (ELIAS, 2002; ELIAS; MUNIZ; BEZERRA, 2007; ELIAS; PEQUENO, 2006). No entanto, nesta pesquisa, aspectos inerentes a esse setor não serão enfatizados, em razão de nossos principais objetivos.

trabalho na atividade industrial; 3) comércio e serviços e sua relação com a atividade industrial; 4) indústria e mercado imobiliário.

As questões, segundo essa divisão, são: 1) **Dinâmica demográfica e novas relações de trabalho**: Como evoluiu o crescimento da população urbana na sede municipal e rural do município antes e após a instalação da planta fabril da Dakota Nordeste S/A? Todos os funcionários da Dakota Nordeste S/A em Russas são naturais do município? Se não, quais as outras localidades que alimentam os postos de trabalho na fábrica? Há a presença de funcionários oriundos da zona rural ou todos são residentes em perímetros urbanos? Como evoluiu o número de empregos por setor da economia nas últimas décadas na cidade de Russas? Em que situação se encontrava a força de trabalho local anteriormente a chegada dessa fábrica, no que concerne aos postos de trabalho disponíveis? Como se apresenta a força de trabalho local diante da implementação de novas formas de emprego e renda, possibilitadas pela indústria calçadista? Observa-se a existência do fenômeno migratório para a cidade de Russas, influenciado pelo emprego industrial calçadista?

2) **Fluxos e mobilidade do trabalho na atividade industrial**: Como se dá o deslocamento diário dos funcionários da Dakota, em Russas, até a fábrica? É possível observar mudança de padrão de deslocamento para o trabalho em função do emprego industrial? Houve aumento de linhas de transporte intermunicipal interligando Russas com a região na última década? 3) **Comércio e serviços e sua relação com a atividade industrial**: É possível identificar um marco, uma década, um período a partir do qual a atividade comercial cresce de forma diferenciada do que ocorria historicamente? Com a chegada da Dakota houve a dinamização e modernização dos estabelecimentos comerciais e de serviços? Pode se pensar a constituição dos dois circuitos da economia urbana (SANTOS, 1979 e 2011) na cidade de Russas? Se sim, como classificá-los a partir dos bairros? Há associação direta do emprego industrial com a expansão do comércio na cidade? Em que áreas da cidade, a expansão do comércio é mais visível? Como evoluiu o comércio nas últimas décadas, segundo número de estabelecimentos? Quais ramos do comércio e dos serviços foram mais dinamizados após a inserção da Dakota em Russas? Houve mudança no padrão de comercialização das mercadorias? Como se comportou o Produto Interno Bruto (PIB) do município por setor da economia após a inserção da Dakota Nordeste? 4) **Indústria e mercado imobiliário**: Qual o peso dos trabalhadores da Dakota na produção habitacional em Russas? Houve uma

renovação do estoque habitacional após a chegada dessa fábrica? Em relação à oferta de terrenos, como se comportam no tempo e no espaço seus preços na cidade de Russas? Em termos quantitativos, quanto aumentou a oferta de imóveis após a chegada da Dakota em Russas, quando comparado com o período antes de sua inserção nessa cidade? Houve a inserção de novos atores no mercado imobiliário local com a chegada da Dakota? É possível identificar uma indução de valorização do espaço em determinados bairros após a instalação da planta fabril da Dakota em Russas? Como se dá a expansão urbana em Russas a partir do impacto econômico favorecido pela Dakota?

Estes questionamentos ajudaram a guiar nossas escolhas e nossos recortes, fazendo-nos compreender as transformações ocorridas recentemente no município e na cidade de Russas, sem esquecer suas relações com o mercado nacional e internacional.

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é compreender a relação entre indústria e organização do espaço urbano, a partir da ação da empresa calçadista Dakota Nordeste S/A, em Russas, na região do Baixo Jaguaribe (CE). Esta pesquisa traz como objetivos específicos: a) Mensurar o impacto da atividade industrial no comércio varejista e nos serviços urbanos; b) Identificar as relações entre trabalho industrial, mobilidade e habitação e suas espacialidades em Russas; e c) Avaliar a expansão urbana da cidade de Russas a partir da atividade industrial calçadista, representada pela Dakota Nordeste S/A.

Em relação ao recorte espacial adotado, a cidade de Russas, trata-se de uma territorialização demarcada pela ação direta do grupo industrial Dakota S/A no Ceará, a reunir uma dinâmica caracterizada pelos ritmos da produção industrial moderna, com a imposição do tempo acelerado da fábrica, em uma cidade que até então não sentia essa cobrança.

Quanto ao recorte temporal, abarcamos especialmente o momento em que a fábrica da Dakota Nordeste S/A se instalou na cidade de Russas, ou seja, o período que se inicia na década de 1990 e vai até 2014. Como já mencionado, nosso interesse é analisar como a cidade respondeu aos investimentos industriais, mas compreendemos que tais mudanças não se deram imediatamente à instalação da empresa. Em razão disso, quando necessário, recorreremos aos anos anteriores, num período em que essa fábrica não se fazia presente na cidade, com o intuito de comparar a intensidade das transformações na estruturação urbana de Russas.

Como marco teórico geral, nos baseamos em Sposito (2004) e Lefebvre (2004, 2008), os quais nos possibilitaram evitar, na Geografia, a adoção do termo urbanização de forma reducionista, como sinônimo de dotação de infraestrutura urbana, cujas propagandas das políticas públicas governamentais dão lastro ao que o senso comum apreende. Também não consideramos urbanização como sinônimo de crescimento da população urbana, associada, de forma simplificada, ao aumento na taxa de urbanização, dentre outras expressões. Logo, com base no pensamento dos autores citados, adotou-se a ideia de urbanização como um processo, o que implica um movimento que se desdobra num interregno entre o tempo e a cidade como materialidade da urbanização.

Sposito (2004) e Lefebvre (2004) também nos ajudaram a trazer a discussão para a relação entre a esfera estadual e nacional, no que tange às estratégias espaciais da atividade industrial organizadas segundo os interesses do capital. Os investimentos costumam se alojar em locais históricos de concentração populacional, fenômeno esse intrínseco à realidade dos centros regionais cearenses, que ao longo dos anos sofreram modificações espaciais resultantes de fatores exógenos associados a processos históricos de ocupação. Com isso, mudam suas estruturas agrárias, suas inserções na divisão intencional do trabalho e, por sua vez, os lugares passam a ser comandados pelo imperativo do capital globalizado.

Ademais, nosso referencial teórico específico organizou-se a partir da compreensão das subseções analíticas já referidas, elencando para cada uma delas autores-âncoras responsáveis pelo direcionamento interpretativo dos processos que cada subtema designa. Outros autores também contribuíram com nossa proposta, entretanto, mencionamos no Quadro 1 apenas aqueles que deram o aporte delineador e direto desta dissertação.

Quadro 1 – Referencial teórico segundo os subtemas norteadores da pesquisa

(continua)

Subdivisões temáticas	Autores-âncora
Dinâmica demográfica e novas relações de trabalho	Oliveira (1981; 2003); Gaudemar (1991); Silva (1998); Santos (2011); Pereira Júnior (2012).
Fluxos e mobilidade na atividade industrial	Gaudemar (1977); Pereira Júnior e Gadelha (2006);
Comércio e serviços e sua relação com a atividade industrial	Santos (1979; 2011).

Quadro 1 – Referencial teórico segundo os subtemas norteadores da pesquisa

(conclusão)

Subdivisões temáticas	Autores-âncora
Indústria e mercado imobiliário	Harvey (1980); Corrêa (1989); Campos (1989); Smolka (1987).

Fonte: Elaborado pelo autor.

A escolha do material bibliográfico foi dividida no que concerne à abordagem de cunho teórico, que nos possibilitou iluminar as nossas concepções e a leitura que se refere diretamente ao município de Russas, além de questões locais e regionais.

O levantamento bibliográfico como um todo foi executado principalmente nas bibliotecas das seguintes instituições: Universidade Estadual do Ceará – UECE; Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE; Biblioteca Pública Municipal de Limoeiro do Norte; Biblioteca Pública Municipal de Russas; Universidade Federal do Ceará – UFC; Banco do Nordeste – BNB; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; e Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE. Visando fomentar o aporte teórico-metodológico para a compreensão das questões levantadas na pesquisa, também fizemos a pesquisa bibliográfica e documental através de buscas na internet, especialmente em sítios de periódicos, revistas eletrônicas, sítios governamentais e portal CAPES – dissertações e teses.

Na medida que desenvolvíamos a pesquisa bibliográfica e documental, elaborávamos também a organização dos dados estáticos de acordo com uma matriz metodológica, algo que, aliás, foi feito e refeito a todo o momento, pois, à medida que avançávamos na pesquisa, a matriz era atualizada a fim de adequá-la de forma coerente aos objetivos propostos. Essa matriz se conforma num quadro com vistas à organização teórico-metodológica de toda a investigação. Nele está contido o desencadeamento do tema norteador de nosso trabalho em dinâmicas territoriais e socioeconômicas, para as quais foi selecionado um conjunto de variáveis, que recortamos em indicadores, de forma que possibilitassem a caracterização, tanto quantitativa quanto qualitativamente dos objetivos e das metas propostas.

As dinâmicas territoriais e socioeconômicas dizem respeito à passagem do tempo e das modificações que ocorrem no espaço em dado período de análise, ocorrendo em diferentes escalas. A variável, por sua vez, possibilita a mensuração dessas modificações ocorridas ao longo de determinado tempo histórico e os indicadores são recortes bem definidos das variáveis selecionadas, que permitem, por meio de dados de ordem quantitativa (valores relativos e absolutos) e qualitativa (informações qualificadoras do processo), caracterizar a natureza dos momentos que compõem todo o movimento das dinâmicas abarcadas.

A matriz metodológica organizada tem como tema principal a relação entre atividade industrial e organização do espaço urbano no Ceará e é apresentada segundo as suas subdivisões temáticas mencionadas anteriormente, como mostra o Quadro 2.

Quadro 2 – Matriz metodológica²

TEMA: Relação entre atividade industrial e organização do espaço urbano no Ceará	
Subdivisões temáticas	Dinâmicas territoriais e socioeconômicas
1) Dinâmica demográfica e novas relações de trabalho	Crescimento da população urbana sobre o total de habitantes
	Expansão do fenômeno migratório
	Expansão do emprego formal
2) Fluxos e mobilidade na atividade industrial	Intensificação dos contatos entre a cidade e a região
	Deslocamento no município e na região em função do emprego industrial
3) Comércio e serviços e sua relação com a atividade industrial	Expansão do centro urbano-comercial
	Expansão do assalariamento
	Renovação do padrão de consumo
	Expansão quantitativa e qualitativa dos estabelecimentos comerciais
	Expansão das finanças do município
4) Indústria e mercado imobiliário	Expansão urbana da sede municipal
	Inserção dos agentes produtores do espaço no mercado imobiliário local
	Valorização do solo urbano

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados utilizados que conferiram viabilidade à pesquisa foram obtidos através da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS; do Instituto Brasileiro de

² Sua versão completa encontra-se no apêndice A ao final desta dissertação.

Geografia e Estatística – IBGE; do Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica do Ceará – IPECE; do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA; do Departamento Nacional de Transito – DENATRAN; e por meio de pesquisas diretas, as quais merecem alguns parágrafos a respeito, em virtude de sua importância para a consecução desta pesquisa.

Como não é somente com dados e indicadores de ordem secundária que se executa uma pesquisa, sentimos a necessidade de buscar outras informações junto aos governos, empresas, trabalhadores etc., a partir de trabalhos de campo para nos auxiliar na confecção da mesma.

Uma primeira visita à cidade de Russas foi realizada em outubro de 2012. Esse campo foi um primeiro contato, muito mais de reconhecimento. Nele tivemos a oportunidade de entrevistar alguns agentes, dentre os quais se destaca a figura de Francisco Dantas, presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Russas, o qual disponibilizou informações levantadas pela CDL para o comércio na cidade. Foi um contato importante que nos possibilitou demarcar pontos a serem visitados e pessoas a serem entrevistadas no trabalho de campo posterior.

Em março de 2013, entre os dias 13 e 15, foi realizado nosso segundo trabalho de campo, o último antes da qualificação. Nessa visita, percorremos praticamente todos os bairros da cidade. Nossa intenção era observar como Russas estava se comportando frente ao processo de estruturação espacial em virtude da atividade industrial em expansão.

Com base nas contribuições oferecidas por nossa banca de qualificação, efetuamos nosso último e mais longo trabalho de campo em Russas. O mesmo ocorreu nos meses de novembro e dezembro de 2013 e janeiro de 2014, contabilizando, assim, três meses de residência nessa cidade. Nesse período, tivemos a oportunidade de residir na mesma casa alugada por dois ex-funcionários da Dakota Nordeste S/A e por meio desse contato entrevistamos outros funcionários dos mais diversos setores de produção. Como em efeito dominó, totalizamos 90 entrevistas realizadas junto aos operários da Dakota somente na cidade de Russas³. Esse contato também nos possibilitou conhecer pessoas com influência necessária

³ As especificações dos funcionários entrevistados por local de residência encontram-se ao final dessa dissertação, no apêndice B.

para nos permitir adentrar as instalações da fábrica⁴ e entrevistar o diretor de projetos da unidade produtiva de Russas. Além dos funcionários do chão de fábrica, entrevistamos também as trabalhadoras subcontratadas por essa empresa, conhecidas como enfiadeiras⁵.

Todas essas entrevistas foram semiestruturadas. Para tanto, organizamos um roteiro de questões, que foram elaboradas com o intuito de saber onde os empregados consumiam os produtos do dia a dia, bem como, quais as suas condições de moradia. Com base nessas informações, demarcamos quais ramos do comércio e dos serviços e quais estabelecimentos e empreendimentos imobiliários iriam ser visitados, bem como, quem deveria ser entrevistado.

Foram visitadas também as instalações das empresas subcontratadas pela Dakota, além de estabelecimentos comerciais e empreendimentos imobiliários que nos auxiliaram na caracterização da economia urbana e do mercado de imóveis de Russas.

Ademais, a exemplo do que foi realizado no segundo trabalho de campo desta pesquisa, fizemos novamente um percurso por todos os bairros da cidade de Russas, mas desta vez com pontos predeterminados a serem visitados, os quais foram demarcados com base nas informações obtidas em entrevistas anteriores. Esses pontos foram os empreendimentos imobiliários que tiveram participação nas compras por funcionários da Dakota, seja na figura do trabalhador formalmente contratado ou na figura de funcionários sob regime de subcontratação.

Após apresentar informações sobre nosso referencial teórico, metodologia e trabalho de campo, gostaríamos de apontar algumas dificuldades que ocorreram no decorrer da pesquisa. Um dos exemplos foi com a coleta de dados, como aqueles referentes à Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE, que através do RAIS permite o acesso a uma série estática somente a partir de 1994, fato que nos impossibilitou apresentar um quadro mais abrangente de determinados indicadores. Além das dificuldades encontradas na captação de dados secundários, destacamos também a postura, fechada ao diálogo, das grandes empresas para

⁴ A visita às instalações da Dakota não é uma tarefa fácil. A gerência da fábrica em Russas detém uma postura bem fechada quanto às visitas de pessoas externas. Em inúmeras vezes tentamos por meio de ofício e outras formalizações, mas somente nos foi permitido acesso através de um dos nossos contatos, o qual nos foi apresentado por meio de uma das pessoas da casa com quem estávamos dividindo residência em Russas.

⁵ O roteiro das entrevistas semiestruturadas encontra-se ao final dessa dissertação, no apêndice C.

com o trabalho acadêmico. Isso implicou no não acesso às informações que nos permitiriam obter relatos mais contundentes acerca do raio de abrangência do emprego industrial calçadista na região do Baixo Jaguaribe. No âmbito teórico, o grande desafio foram os poucos materiais encontrados que servissem de parâmetro para a consecução da pesquisa, fazendo com que, em momentos específicos, víssemos-nos abrindo o próprio caminho que estávamos trilhando, o que repercutiu num jogo de erros e acertos acerca das melhores variáveis a serem usadas, buscando sempre a melhor equalização junto aos objetivos e metas propostos.

Apresentado os nossos problemas e objetivos da pesquisa à luz dos temas norteadores que selecionamos e feito uma retrospectiva de seus procedimentos, expomos a seguir a estrutura do trabalho, que está dividida em quatro seções mais as considerações finais.

Na primeira parte deste trabalho, após a introdução, buscamos aproximações para o entendimento da relação entre atividade industrial e espaço urbano, com base nos pressupostos teóricos elaborados por Henri Lefebvre, que toma como pauta o papel dinamizador da indústria na constituição de uma sociedade urbana. Através das contribuições desse autor, fomos identificando intermediações dessa relação para a realidade brasileira, em específico a cearense, por meio da dinâmica atual de realocização de unidades produtivas do setor calçadista, apresentando os condicionantes internos e externos que favoreceram a mudança de investimentos de grande porte para o Ceará. Ao final desta seção, apresentamos como Russas adentra nesse processo ao analisar os vários momentos de sua história urbana que lhe dotaram de condições socioeconômicas e políticas minimamente necessários à instalação de uma unidade produtiva do porte da Dakota Nordeste S/A.

Na segunda parte, tivemos como foco a apresentação da Dakota Nordeste S/A e de sua rede de relações empresariais no Ceará, além da exposição de como se estabelece o processo produtivo industrial da empresa, com ênfase para a unidade de Russas. Feita a devida apresentação, exaltando suas articulações no espaço, detivemos-nos nas implicações da reestruturação produtiva da atividade industrial calçadista em Russas, tanto no que diz respeito às dinâmicas demográficas impulsionadas pela planta fabril da Dakota, quanto às novas relações de trabalho dela derivadas. Consideramos a força de trabalho empregada no processo produtivo, como sugere Gaudemar (1977), em três momentos: a sua

produção, a sua utilização e, por fim, a sua circulação, que em épocas de transição e consolidação da flexibilidade do trabalho ganham novos contornos.

Na seção três, buscamos evidenciar o impacto da atividade industrial calçadista na economia urbana de Russas. Achamos importante discorrer primeiramente como se caracterizava o centro urbano comercial dessa cidade num período anterior à instalação dessa fábrica, para que pudéssemos avaliar comparativamente a intensidade das transformações que se abateram sobre o comércio e os serviços após a chegada da Dakota. Logo em seguida, tais transformações foram evidenciadas com base na análise de alguns estabelecimentos comerciais varejistas⁶, assim como dos serviços bancários e de táxi e mototaxi⁷. A visão conjunta dos estabelecimentos e serviços impactados pela massa salarial dos funcionários da Dakota Nordeste S/A nos permitiu elaborar uma caracterização da economia urbana de Russas, evidenciando a existência de dois circuitos bem consolidados, o circuito superior marginal e o circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 1979, 2011), apresentado logo ao final desta seção.

Por fim, na seção quatro, abordamos os impactos da Dakota por meio de sua massa salarial no mercado imobiliário local, evidenciando como tal intervenção dinamizou o setor. Apresentamos as mudanças através das novas funções exercidas pelos agentes diretamente associados à compra e venda de imóveis, assim como, na renovação do estoque imobiliário evidenciado pela abertura de loteamentos planejados, contemplando uma ampla faixa salarial, com vistas a atender a nova demanda oriunda do trabalho formal e subcontratado empregado pela Dakota Nordeste S/A. Isso redireciona a expansão urbana de Russas rumo à porção noroeste da cidade, zona na qual a unidade de produção da Dakota está situada. Observamos assim, uma organização espacial fruto da escala de atuação da atividade industrial sobre o urbano; e vimos também como esse urbano responde às investidas industriais de acordo com a diferenciação espacial que lhe é particular.

Após seções elencadas, foram tecidas as principais ideias que, sintetizadas, correspondem às considerações finais, ao fim do trabalho.

⁶ Do ramo de móveis, eletro e eletroeletrônicos, de moto peças e dos com predominância de produtos alimentícios.

⁷ Os quais evidenciaram tanto uma rápida modernização no período estudado, quanto à presença de ex-funcionários da Dakota.

2 OS IMPACTOS DA ATIVIDADE INDUSTRIAL NO URBANO E A TRAJETÓRIA DE MODERNIZAÇÃO DO CEARÁ E DA REGIÃO DO BAIXO JAGUARIBE

Com o advento da industrialização as funções e estruturas da cidade e a relação que esta estabelece com o campo se modificaram. Notou-se a partir desse processo uma intensa urbanização da sociedade acompanhada por uma crescente acumulação de capital. Este conjunto de mudanças foram responsáveis pela subjugação da cidade e do campo à supremacia do valor de troca sobre o de uso, estabelecendo assim novas articulações. Para Lefebvre (2001),

“[...] a velha exploração do campo circundante pela cidade, centro de acumulação do capital, cede lugar a formas mais sutis de dominação e de exploração, tornando-se a cidade um centro de decisão e aparentemente de associação”.

Este autor prossegue, observando que os valores urbanos originados nas cidades avançam sobre o campo: “a vida urbana penetra na vida camponesa, despojando-a de elementos tradicionais [...]” (LEFEBVRE, 2001, p. 68-69).

O fato é que a cidade firmou-se como lócus da produção e do controle de esferas inerentes ao comando do território.

Monte-Mór (2006) afirma que a efetiva passagem da cidade ao urbano foi marcada pela tomada da cidade pela indústria trazendo a produção, e o proletariado, para o espaço do poder. A cidade, lócus do excedente, do poder e da festa, cenário privilegiado da reprodução social, ficou assim subordinada à lógica da indústria.

Segundo Lefebvre (2001),

Para apresentar e expor a “problemática urbana impõe-se um ponto de partida: o processo de industrialização. Sem possibilidade de contestação, esse processo é, há um século e meio, o motor das transformações da sociedade. Se distinguirmos o indutor e o induzido pode-se dizer, que o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação, as questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana, sem omitir a crescente importância dos lazeres e das questões relativas à “cultura”. (p. 11).

Desde que surgiu, a industrialização teve a capacidade de transformar e movimentar a cidade. De pequenas a grandes transformações, as cidades passaram a se ajustar espacial e tecnicamente, ao novo modo de vida urbana. As indústrias

em primazia conseguiram imprimir força considerável a esse ajuste evidenciado pelas cidades ao enviarem sua produção, fazendo-a circular, forçando mudanças necessárias no urbano para recebê-la.

Lefebvre (2004), argumentando sobre a cidade industrial, afirma que ela foi marcada pela entrada da produção no seio do espaço do poder, trazendo com ela a classe trabalhadora, o proletariado⁸. A cidade passou a não mais apenas controlar e comercializar a produção do campo, mas também a transformá-la e a ela agregar valor em formas e quantidades jamais vistas anteriormente. Para este autor essa inflexão significa a subordinação total do campo à cidade.

Monte-Mór (2006) aponta que na cidade industrial há uma transformação radical. A indústria impõe à cidade sua lógica centrada na produção e o espaço da cidade organizado como lócus privilegiado do excedente econômico, do poder político e da festa cultural, legitimado como obra e regido pelo valor de uso coletivo, passa a ser privatizado e subordinado ao valor de troca.

Para Gama (1987), estas novas realidades produzidas através da complexificação das relações sociais apresentam desafios a sua interpretação, visto que tanto a estrutura social quanto as formas espaciais construídas manifestam-se ora de forma evidente, ora elas se ocultam. Para este autor o lugar central desta dificuldade se configura uma das características universais da urbanização capitalista, a saber, a diferenciação espacial (GAMA, 1987).

A partir de tais perspectivas, a cidade passou a vivenciar um acelerado processo de reestruturação do seu espaço intraurbano, e tal reestruturação está vinculada a um novo momento do capitalismo mundial que se materializou no espaço e que se caracteriza, conforme Monte-Mór (2006), pela imposição virtual do urbano-industrial a todo o espaço social.

Segundo Lefebvre (2001), a relação industrialização/urbanização gera fenômenos ao mesmo tempo inseparáveis e conflitantes. Com base na obra de Lefebvre, compreende-se que a industrialização consegue, por meio da circulação de mercadorias, interligar as sociedades e suas respectivas bases de fixação, seja

⁸ No livro *O espaço no fim de século*, em dois artigos, sobre a crise da cidade e as contradições do espaço, Damiani (2001) ensaia a análise do proletariado e de seu significado nas grandes cidades. Quando a cidade não é só continente da atividade industrial – mas a urbanização propõe, enquanto tal, a presença da indústria, especialmente a da construção e seu aparato -, a cidade cresce, crescendo também como negócio industrial: a verticalização, os viadutos e tantos outros produtos da urbanização.

no campo ou na cidade, apesar da locação da indústria se restringir a determinados espaços geográficos.

Assim, a ausência de indústria não significa ausência de sociedade industrial, e, portanto, de sociedade urbana. Esse cenário recente traz novos contornos às cidades, onde a compreensão dos fenômenos da escala intraurbana pressupõe o entendimento dos fenômenos das escalas regionais, metropolitanas e até aqueles em âmbito mundial (BAENINGER, 1998).

Desse modo, selecionamos em nossa pesquisa a atividade industrial⁹ como recorte temático, no sentido de apreender os níveis de determinações decorrentes da atuação de novos agentes econômicos relativos à realidade das cidades não metropolitanas, com o intuito de compreender o sentido da urbanização frente ao processo de reestruturação.

Visto que esse processo detém uma complexidade que não nos permite refletir somente em termos de difusão da urbanização,

não temos mais, apenas, um processo de difusão da urbanização pelo aumento do número e tamanho das cidades e dos papéis que desempenham na divisão social do trabalho, mas temos uma urbanização que se reconstrói, também, como espacialidade que se redesenha a partir da fragmentação do tecido urbano e da intensificação da circulação de pessoas, mercadorias, informações, ideias e símbolos (SPOSITO, 2001, p. 84).

Assim, o que se coloca como desafio para os pesquisadores, segundo esta autora, é

[...] apresentar a natureza dessa relação no mundo contemporâneo, uma vez que já não temos mais a cidade como unidade espacial, como territorialidade contínua, como morfologia integrada, e, portanto, quando as relações entre a cidade e seu conteúdo não se expressam, de forma clara, através de formas espaciais que possam ser facilmente distinguidas daquelas que definem a morfologia rural. (SPOSITO, 2001, p. 85).

A industrialização introduz novas formas de organização espacial urbana. A localização de unidades de produção industrial na cidade e as formas como,

⁹ Dentre esses agentes e objetos portadores da urbanidade e que chegam a essas cidades, destaca-se a atividade industrial. A chegada de novas plantas fabris altera, significativamente, tanto a estrutura morfológica das cidades, assim como, o cotidiano dos moradores. Elas carregam consigo as transformações atreladas ao mundo urbano e este urbano, trazido/portado, é a repetição do urbano no plano mundial (HENRIQUE, 2010).

progressivamente, elas a transformam agregam novos valores de consumo e novas práticas socioespaciais que se refletem em alterações na estruturação do espaço intraurbano. Em outras palavras, “[...] organização/desorganização da cidade contém a dinâmica do próprio processo social que a determina [...]”. (SPOSITO, 1991, p. 2).

Os desdobramentos da industrialização sobre o espaço constituem, portanto, o marco conceitual e metodológico que permitem desnudar a lógica do capital como sujeito do processo de organização do espaço.

2.1 A INDÚSTRIA COMO ELEMENTO DA URBANIZAÇÃO NO BRASIL

Braga e Carvalho (2004), ao discorrer sobre a associação entre a indústria e a cidade e entre a industrialização e a urbanização, afirmam que, durante os séculos XIX e XX, urbanização e industrialização foram processos praticamente relacionados. Segundo os autores, as sociedades se urbanizaram na medida em que se industrializaram.

Nos países do terceiro mundo, a industrialização e, conseqüentemente, a urbanização ocorreram de forma tardia quando comparada com os países centros do capitalismo. Se no primeiro mundo a urbanização ocorreu como decorrência do desenvolvimento, no terceiro mundo a urbanização foi desencadeada por outros elementos. No Brasil por exemplo, o urbano se implantou impulsionado pelo poder colonial para explorar o território, de início mobilizados pelo extrativismo e posteriormente através da agricultura.

Quando se observa a dinâmica do capitalismo mercantil no Brasil, verifica-se a expansão da produção e a implantação de certas infraestruturas de circulação, que se configuraram como importante meios de ligação entre cidades de diversos portes no país.

Com base nesse processo, houve a redefinição do urbano no Brasil e a instauração de um processo generalizado de urbanização. As análises de Santos (1993) indicaram que isso ocorreu porque o desenvolvimento desse novo alicerce econômico exigia uma integração que ultrapassasse as articulações de nível regional, situando-se na escala do país. Tratava-se, também, da formação de um mercado interno para dotar o território de ferramentas capazes de expandir a capacidade de consumo.

Tal integração impulsionou a urbanização que, a partir da década de 1940, avançou no território brasileiro e provocou o crescimento de grandes e médias cidades. Construiu-se, em decorrência, outra estrutura de cidade que, mantida como sede dos aparelhos de Estado e do capital comercial, passou também a ser sede da indústria.

Bordo (2005) relata da seguinte forma as primeiras investidas significativas do processo de industrialização brasileira,

A partir dos anos 1940, a industrialização brasileira foi beneficiada pela intervenção do Estado na economia, com a instalação de grandes empresas estatais, particularmente no ramo da indústria pesada: siderurgia, indústria química, mecânica pesada, metalurgia, mineração, geração de energia (petróleo, hidrelétricas) e outras. Eram setores que exigiam grandes capitais, cujo retorno só se daria a longo prazo e que a burguesia nacional não estava interessada em investir (p. 1).

A partir da década de 1940, o processo de urbanização toma impulso no Brasil, concomitantemente ao aumento das atividades industriais nas cidades, que atrai a mão-de-obra desocupada ou subocupada na zona rural. O censo do IBGE, de 1940, o primeiro a dividir a população do Brasil em rural e urbana, apontava que 68,90% dos brasileiros viviam nos campos naquele momento (p. 1).

Observa-se, assim, um novo patamar na divisão territorial do trabalho relacionado às novas dimensões da produção. A totalidade do espaço passa a ser não mais uma pura acepção teórica, mas sim, uma realidade concreta, principalmente no que diz respeito ao urbano.

É interessante a assertiva de Oliveira (1982, p. 42) sobre a relação da indústria com o urbano no Brasil:

[...] quando a industrialização começa a ser o motor da expansão capitalista no Brasil, ela tem que ser simultaneamente urbana, e tem que ser fundamentalmente urbana porque não pode se apoiar em nenhuma pretérita divisão social do trabalho no interior das unidades agrícolas.

O autor prossegue afirmando que o crescimento das cidades foi fundado na emigração do campo, cuja estrutura produtiva e de divisão de trabalho pouco diversificada impedia a instalação de indústrias: “[...] a industrialização brasileira trouxe para dentro de si, de uma só vez, de uma pancada, todo esse exército industrial de reserva vindo dos campos para dentro das cidades” (OLIVEIRA, 1982, p. 43). Nos centros regionais sentem-se os efeitos desse momento de industrialização e integração do mercado nacional.

Estas transformações, localizadas historicamente na fase do capital monopolistas, apoiou-se no Estado para subsidiar uma nova ordem econômica. Na fase do capitalismo industrial monopolista, o papel do Estado foi fundamental no estabelecimento de uma nova ordem econômica. Gil Filho e Freitas Gil (1997) afirmam que o Estado dispo de um suporte financeiro e institucional permitiram a modernização do país no pós 2ª Guerra Mundial, articulando territorialmente uma nova hierarquia urbana.

Esta modernização impressa pelo Estado ocorre neste período em razão do alto volume financeiro que o setor privado não estava disposto a desembolsar para oferecer-lhes novos padrões de acumulação necessários à nova dinâmica industrial. É neste contexto que a intervenção estatal se faz presente a fim de oferecer condições para a estruturação das bases do desenvolvimento do capitalismo industrial no país. Através do monopólio das diretrizes regulatórias nacionais em ambas esferas da vida pública, o Estado modificou a ação política em referência às oligarquias agrícolas que, até então, estavam no poder e procedeu na implantação de infraestruturas e políticas viáveis à ação do capital no espaço nacional. Todavia, a expansão do capitalismo industrial monopolista não se fez apenas por ação do Estado, mas também pelas condições no mundo dito desenvolvido, que ampliaram o seu espectro para o mundo subdesenvolvido através das transnacionais (DAVIDOVICH, 1984).

Segundo Gil Filho (1994) a ação do Estado nesta fase, articulado com as grandes empresas transnacionais, foi determinante na industrialização e modernização do Brasil. Ainda segundo este autor, o conjunto de transformações subsidiados pelo Estado a favorecer uma nova fase da acumulação de capital em território nacional, implicou na emergência do estilo urbano de vida e das funções dos centros urbano atreladas agora a expansão do terciário em correlação ao aumento da circulação do capital e das mercadorias.

Em 1980, por sua vez, notou-se que a industrialização brasileira passava por uma nova grande transformação, atrelada principalmente ao processo de globalização da economia. A abertura econômica nacional observada no início dos anos 1990, repercutiu na economia brasileira nos traços de uma retração de investimentos.

Segundo Araújo Jr. (2003), a partir do processo de globalização da economia e a flexibilização das barreiras comerciais brasileiras o setor industrial

nacional teve que se reestruturar para continuar competitiva frente a concorrência internacional. Como medidas adotadas na reestruturação produtiva e territorial do setor privilegiou-se a transferência da base de operações fabris para outros locais que permitisse a elite industrial reduzir significativamente os custos de produção.

Essa reestruturação provocou sensíveis alterações, tanto nos tradicionais locais de produção industrial brasileiro, quanto nos novos lugares que passaram a sediar esses investimentos, evidenciando, assim, nessa distribuição espacial, um processo de desconcentração industrial.

Assim sendo, ao longo do século XX, vivenciaram-se no Brasil importantes modificações em sua configuração social, econômica e espacial, entre as quais Corrêa (1999) destacou: a industrialização; a urbanização; o desenvolvimento de maior estratificação social; a melhoria progressiva na circulação de mercadorias, pessoas e informações; a industrialização do campo; a incorporação de novas áreas no circuito produtivo nacional e a refuncionalização de outras; as mudanças na organização empresarial e as mudanças no setor de distribuição de mercadorias atacadistas e varejistas.

De acordo com Monte-Mór (2005), esse contexto aponta para novas dinâmicas da urbanização brasileira, que podem ser identificadas pela:

- a) expansão e concentração das aglomerações urbanas metropolitanas ou não;
- b) multiplicação da urbanização em centros urbanos isolados em todas as regiões do país, em que as cidades médias passam a desempenhar um forte papel polarizador em áreas menos populosas, articulando redes urbanas regionais;
- c) proliferação de pequenos centros urbanos que estão integrados em novos arranjos socioespaciais e cooperações, tais como consórcios e associações intermunicipais para a oferta de gestão de serviços intermunicipais. Nesse contexto, a escala local deixa de ser apenas o município para atingir o nível microrregional, mesmo sem eliminar processos de competição para localização de atividades econômicas e/ou atração de funções centrais relevantes.

Deste modo, nota-se que a realidade da urbanização brasileira, construída, primordialmente, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, é marcada pela complexificação e dispersão do fenômeno urbano pelo território. Assim,

destaca-se que, nesta conjuntura, ocorreram: a interiorização da urbanização; o desenvolvimento deste fenômeno nas áreas de fronteiras da economia; o surgimento e crescimento das cidades médias; a formação e consolidação de novas metrópoles e de inúmeros pequenos centros urbanos (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

A partir dos anos setenta, a urbanização se estendeu virtualmente ao território nacional integrando os diversos espaços regionais à centralidade urbano-industrial que emanava de São Paulo, desdobrando-se na rede de metrópoles regionais, cidades médias, núcleos urbanos afetados por grandes projetos industriais e atingindo, finalmente, as pequenas cidades nas diversas regiões, em particular onde o processo de modernização ganhou uma dinâmica mais intensa e extensa. “*Já não há mais problema agrário, agora se trata do problema urbano em escala nacional*”, dizia de forma quase panfletária o economista e sociólogo Francisco de Oliveira na SBPC de 1978. (MONTE-MÓR, 2006, p.12) (Grifo do autor).

Frutos dessas transformações, o crescimento demográfico passou a adotar uma evolução acelerada imprimindo a cidade seu lugar privilegiado, evidenciando por conseguinte a novas formas de relação social associada a um período em que a indústria e a *técnica* (SANTOS, 1993) assumem papel de destaque na economia mundial, fazendo deslancha o que Lefebvre (2001) denomina de urbanização da sociedade.

Desse modo, a industrialização exigiu, e ao mesmo tempo favoreceu, a formação e expansão da urbanização, nos termos de uma atração da oferta da força de trabalho, infraestrutura, acessibilidade e progresso técnico condensados nos espaços urbanos.

Assim, observou-se que acompanhado ao adensamento nos grandes centros urbanos de uma leva de mudanças que gravitavam ao redor do par atividade industrial-urbanização, crescia os problemas relacionados a massa de desempregados não inseridos nos postos de trabalho industriais, contribuindo a expansão da violência, segregação e exclusão social. Sobre esse aspecto, Santos (1996) afirma que a urbanização detém como uma de suas características a associação com o desemprego e outras formas de trabalho precário nas cidades. Para este autor, com a elevação do número de centros urbano, observa-se a queda da qualidade desses centros.

Em consonância com esse autor, Maricato (2000) afirma que com o fortalecimento da industrialização no país, a partir de 1930 houve um avanço do mercado interno, do desenvolvimento das forças produtivas, do assalariamento

crescente e da modernização da sociedade. Isso, segundo essa autora, caracterizou a urbanização associada ao processo de industrialização que o Brasil experimentou no século XX, como a constituição de uma massa de trabalhadores com baixos salários e a formação de um mercado residencial restrito, o que permitiu que “[...] a favela ou o lote ilegal combinada à autoconstrução [...]” fossem “[...] partes integrantes do crescimento urbano sob a égide da industrialização” (p. 155).

Segundo Maricato (2000), a industrialização baseada em baixos salários foi extremamente significativa na consolidação do ambiente urbano construído no Brasil na segunda metade do século passado. Essa autora afirma que, ao lado do grande contingente de trabalhadores que permaneceu na ilegalidade, o operariado fabril não teve seus salários regulados com a inclusão, dentre outras coisas, dos gastos com habitação, devido ao interesse capitalista de garantir-lhes a reprodução mediante a situação de classe trabalhadora.

Nesta perspectiva, Santos (2010), discorrendo sobre a diferença entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos no que tange a relação urbanização-industrialização, afirma que

[...] enquanto nos países desenvolvidos assistimos a um processo cumulativo, nos subdesenvolvidos o processo é explosivo, mais localizado, seletivo e, por isso mesmo, criador de discontinuidades. Isso explica as diferenças tanto no espaço nacional e regional como no interior da cidade (p. 106).

Nesse sentido e com base no papel da industrialização sobre a urbanização, este autor prossegue afirmando que o fenômeno urbano dos países desenvolvidos era fruto de uma cumulação tecnológica, enquanto nos países subdesenvolvidos, derivou de uma concentração populacional. Para o autor, se poderia afirmar que “nos países subdesenvolvidos estamos em face de uma urbanização demográfica, enquanto nos países industrializados a urbanização seria principalmente ‘tecnológica’ ou econômica [...]” (SANTOS, 2010, p. 34).

Para Santos (2010, p. 106), então, “[...] nos países industrializados, a cidade é um instrumento de acumulação de recursos e de poder, enquanto nos países subdesenvolvidos é apenas um *instrumento de penetração e levantamento de riquezas*” (Grifo nosso).

Diante desse quadro, nota-se que a indústria brasileira se inseriu a economia global através de sua tardia modernização, adotando como forma de

responder aos imperativos globais de acumulação passou a adotar como estratégia de acumulação, uma expansão de suas atividades nos moldes de uma descentralização espacial do setor.

Tal processo se materializa num conjunto de mudanças evidenciadas na guerra dos lugares entre as várias unidades da federação, na divisão territorial e regional do trabalho, na localização de plantas industriais próximos a fontes de matérias primas e no desenvolvimento do Mercosul, que em conjunto provocou uma dispersão espacial das atividades produtivas no território, evidenciando uma nova organização produtiva e territorial da indústria (SANTOS; SILVEIRA, 2001; SABOIA, 2001; PEREIRA JÚNIOR, 2011).

Assim, na subseção seguinte iremos tratar, a fim de contextualização, como esse estado em particular se tornou território atrativo face às demandas da acumulação capitalista.

2.2 GLOBALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO CEARÁ: UMA LEITURA A PARTIR DO SETOR DE CALÇADOS

A reestruturação econômica ocorrida nas últimas décadas alterou profundamente a geografia industrial do planeta (MENDEZ; CARAVACA, 1996). A produção industrial desconcentrou-se espacialmente e dispersou-se territorialmente impulsionados pela busca na redução dos custos de produção, favorecidos pelo meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006), que resultou no que Harvey (1993) chamou de compressão espaço-tempo. Assim temos uma organização da produção e do trabalho angariando novas dimensões, não se restringindo apenas ao chão da fábrica. Com o advento desse novo meio técnico associado a ciência e a informação o planejamento e execução da produção estão interligados em rede, mas dissociados territorialmente. Em suma, as novas tecnologias informacionais, de transporte e de comunicações diminuíram as distâncias e aceleraram o tempo. O território assumiu novas configurações e os lugares, novos significados (SANTOS, 2006).

Frutos desse conjunto de transformações ordenaram os novos rumos que as cidades e regiões industriais passaram a seguir, reconfigurando-se para atender aos imperativos da taxa de lucratividade sempre crescente, adotando como estratégia transferências das bases de operação para outras porções do país e/ou

planeta. Observou-se como fins desse precoce segundo Lima, Borsoi e Araújo (2011) a internacionalização do capital acompanhada pela internacionalização do trabalho e pela efetiva proletarização do mundo. Esse processo segundo esses autores se distingue do que ocorria no século XIX e em parte do século XX, visto que essa nova proletarização passa a ocorrer ocorrendo em lugares distantes dos mercados de consumo “[...] nos quais as relações entre capital e trabalho são pouco ou nada reguladas” (p. 367).

A indústria calçadista é representativa desse processo de reestruturação produtiva e territorial operando nas mais diversas escalas, principalmente a partir da década de 1970. Para Lima, Borsoi e Araújo (2011)

Essa indústria, embora tenha incorporado de modo intenso as inovações tecnológicas, ainda é considerada de trabalho intensivo, pois mantém gargalos produtivos que exigem grandes contingentes de trabalhadores nas fases de acabamento e montagem de calçados. Isso a torna particularmente móvel na busca de redução de custos e no aumento da competitividade em territórios com força de trabalho abundante, barata e pouco organizada (p. 368).

Tomar essa atividade econômica enquanto recorte empírico e temático oferece-nos bases para a elaboração teórica acerca dos movimentos orquestrados pelos imperativos da acumulação de capital e sua dimensão espacial, visto nela estão inseridas diversos grupos sociais num movimento transescalar.

Nesse sentido, iremos, logo à frente, apresentar os contextos e as conjunturas da inserção dos novos elementos ligados à mundialização da economia e à nova racionalidade produtiva que ditou como o Ceará adentrou nos circuitos espaciais da produção e consumo globalizados, pautando-se no caso específico da indústria de calçados.

2.2.1 A política de atração de investimentos industriais do Ceará como estratégia de modernização do estado

Políticas de desenvolvimento econômico foram utilizadas pelo Governo do Ceará desde a década de 1960, dentre elas destacaram-se as de incentivo à industrialização, via Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI). Criado em 1979, pelo governador Virgílio Távora, com o interesse de desenvolver o estado a partir do

crescimento do setor industrial, o fundo tinha como propósito dotar o Ceará de um instrumento legal que permitisse o incentivo a este segmento econômico.

Deve-se frisar que a criação do FDI era uma das medidas que pretendiam transformar o Ceará no terceiro polo industrial do Nordeste. Entre outras intervenções, havia a instalação de uma indústria siderúrgica, uma refinaria de petróleo, a modernização do parque têxtil etc. Previa-se, ainda, estreita cooperação entre os governos estadual e federal (PONTES *et al.*, 2006).

No entanto, como afirmam Pontes *et al.* (2006), a crise macroeconômica, ocorrida no início dos anos 1980, fez com que o Governo Federal relegasse a segundo plano as políticas de desenvolvimento regional. Com a ascensão ao poder político estadual dos jovens empresários do CIC, esse projeto foi requalificado a fim de facilitar a penetração dos mecanismos de produção/reprodução capitalista no espaço do Ceará, com o argumento de libertar esse estado das amarras centralistas promovidas pelo grupo político que os antecedeu, frequentemente tachados de coronelistas (ABU-EL-HAJ, 1997).

Para permitir que o FDI desempenhasse o papel que lhe fora atribuído inicialmente, alterou-se sua regulamentação em 1989, permitindo ao Estado conceder incentivos para a implantação, modernização ou ampliação de empresas no Ceará.

Pontes *et al.* (2006), assim descrevem os mecanismos de operacionalidade do FDI:

O incentivo funcionaria da seguinte maneira. Em primeiro lugar, a empresa deveria assinar um protocolo de intenção informando o valor a ser investido, setor industrial a que pertencia, município de localização, emprego previsto etc. Após o início de suas operações a empresa deveria, obviamente, recolher ao fisco estadual o Imposto Sobre Consumo de Mercadorias e Serviços (ICMS) devido. Em seguida, uma parcela do imposto recolhido seria emprestada à empresa, que poderia utilizar estes recursos da forma que desejasse. [...] As empresas seriam beneficiadas por este empréstimo pelo prazo de 72 meses. Em 1993, as empresas localizadas fora da RMF passaram a gozar dos benefícios por um prazo máximo de 120 meses (p. 7).

As fábricas de empresas do setor calçadista do Sul e Sudeste do Brasil se reposicionaram para sua porção Nordeste em busca de uma força de trabalho mais barata associadas as subvenções ofertadas pelos governos estaduais. Esse movimento não foi gratuito, ele se evidenciou como uma necessidade do setor em à procura da redução dos seus custos de produção.

Dentro os estados da porção Nordeste do país destacam-se o Ceará na política de beneficiamento fiscal, promovida pelo estado cearense, uma saída à crise que estavam enfrentando. Crise essa que se agravou com a queda da exportação do setor calçadista brasileiro para o mercado norte-americano, com a entrada de novos países ofertantes no mercado global e com vantagens competitivas superiores à brasileira (SANTOS; CORREA; ALEXIM, 2001).

Entre os principais concorrentes da produção de calçados brasileira o destaque vai para países asiáticos, a saber, a China, Indonésia e Tailândia. Esses países assentaram o preço do calçado em baixo valor na exploração da força de trabalho extremamente barata, reduzindo por consequência o custo final da produção.

Singer (1999) afirma que essa é uma estratégia de atuação do modo de produção capitalista, ao deixar antigas áreas de atuação em busca de novas, onde o movimento operário não possui forte expressão reivindicatória as explorações sofridas pela classe trabalhadora. Desse modo, instaura-se, conseqüentemente, o aprofundamento da divisão espacial do trabalho. A forma espacial dessa operação se apresenta no aprofundamento da divisão internacional do trabalho ao dispensar aos países centrais do capitalismo o papel da gestão global da produção do poderio industrial, enquanto a periferia do mundo fica relegada a se torna o mercado de trabalho barato absorvendo as desvantagens do processo de industrialização.

O controle do trabalho aparece como estratégia fundamental para o desenvolvimento pleno de algumas estratégias de acumulação e, nesse contexto, alguns lugares mostram-se bastante atraentes por oferecerem muito mais facilidades para a implementação de padrões flexíveis e precários de organização do trabalho, contribuindo para atender as necessidades dos novos modelos de desenvolvimento tecnológico e gestão empresarial (PEREIRA JÚNIOR, 2007, p. 2).

Assim, mesmo com todo o aparato fiscal promovido pelos diferentes governos no Ceará, somente isso não seria suficiente no tocante à atração das empresas. Somam-se aos benefícios, os baixos salários para sua força de trabalho.

O valor da força de trabalho¹⁰ na China, Índia e Indonésia, principais concorrentes brasileiros no setor calçadista, são mínimos e ainda contam com

¹⁰ “Qual é o valor da força de trabalho? O valor de cada mercadoria é determinado pelo trabalho que reclama a sua produção. A força de trabalho existe sob a forma do operário vivo que precisa, para

legislações trabalhistas praticamente nulas, dispensando ao empresário a decisão que lhe convier no tocante à demissão ou contratação de seus empregados (SANTOS; CORREA; ALEXIS, 2001).

Pereira Júnior e Almeida (2006) afirmam que, se tomarmos como base o custo da força de trabalho no setor de calçados nordestino, independentemente de existência de incentivos fiscais, o produto fabricado na região ainda teria uma redução de pelo menos 10% em seu custo, se comparado ao calçado produzido no Sul/Sudeste. Enquanto a indústria de calçados no Nordeste paga em média um salário mínimo ao operário da produção, na região do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, são pagos até dois ou dois salários e meio para a mesma função.

As empresas de calçados, principalmente a parcela dos produtores que dedicam parte ou toda sua produção ao calçado de baixo valor agregado, têm sua competitividade afetada quando não conseguem reduzir o impacto do salário ao custo final da produção. Isso é, em si mesmo, uma faceta do mecanismo de controle da força de trabalho, pois controlá-la significa, fundamentalmente, controlar o seu preço, pois ela é constituída por todas aquelas pessoas que têm como única possibilidade de sobrevivência a sua troca.

Portanto, quando nos referimos ao preço da força de trabalho não estamos nos referindo, apenas, aos trabalhadores formalmente empregados, mas, também, aqueles de acordo com Galdemar (1991), “em disponibilidade” para o capital. Daí a assertiva desse autor ao afirmar que o trabalhador vende, além da força de trabalho, sua submissão ao capital. O capitalista compra a subordinação do trabalhador a determinadas normas de comportamento e, conseqüentemente, ao poder empresarial.

Diz Marx (2006) que

o trabalhador transformou-se numa mercadoria e terá muita sorte se puder encontrar um comprador. E a procura, à qual está sujeita a vida do trabalhador, é determinada pelo capricho dos ricos e dos capitalistas. Se a oferta excede a procura, um dos elementos que compõe o preço – lucro,

viver, assim como para sustentar a sua família que garante a reprodução da força de trabalho depois da sua morte, de uma soma determinada pelos meios de subsistência. É, conseqüentemente, o tempo de trabalho necessário à produção destes meios de subsistência que representa o valor da força de trabalho. O capitalista paga ao operário a semana e compra assim o emprego do seu trabalho por uma semana” (ENGELS, Publicado em Leipzig nos números 12 e 13 de 21 e 28 de Março de 1868 do *Demokratisches Wochenblatt*).

renda da terra, salários – será pago abaixo de seu valor; uma parte da procura destes fatores será retirada do uso e o preço corrente seguirá para o preço natural. Mas onde existe uma extensa divisão do trabalho é extremamente difícil para o trabalhador orientar seu trabalho para outras aplicações, e por causa da sua subordinação ao capitalista é o primeiro a sofrer dificuldades (p. 66).

Como a maioria das pessoas só tem a sua força de trabalho para manter sua sobrevivência, é necessário que o Estado desenvolva mecanismos para controlá-la. Machado (2001) afirma que o Estado capitalista é pródigo em criar esses mecanismos, que passam pelo aparato jurídico-formal, pela ideologia dominante e podem até, em determinadas conjunturas históricas, chegar à utilização da força física para manter os que vivem do trabalho sob o domínio do capital.

As técnicas de controle e disciplina¹¹, expressas nos regulamentos, na legislação e nos contratos de trabalho, dão significado à lógica de reprodução do capital no padrão de acumulação dominante de cada época (SANTOS, 2010). Os ciclos disciplinares expressam as formas encontradas pelos capitalistas para gerir de maneira integral suas atividades, subordinando a força de trabalho a determinados mecanismos de controle e estabelecendo o poder empresarial nos espaços de trabalho (SANTOS, 2010; HARVEY, 1993).

Além desses fatores, a política de atração de investimentos adotada pelo Estado no Ceará baseou-se também na instalação de uma infraestrutura que atendesse os interesses externos. Santos *et al.* (2002) relatam que alguns empresários do ramo calçadista denominam essa estratégia de “política do tapete vermelho”. Expressão bem apropriada, haja vista que o Estado disponibiliza abatimentos fiscais, força de trabalho barata e forte repressão às organizações trabalhistas, somados à construção de infraestruturas (água, energia, comunicação e acesso rodoviário) no “portão da fábrica”, sem ônus aos industriais.

Nesse sentido, de acordo com Pereira Júnior (2012), no cerne desse processo, o território adentra no mercado global da produção calçadista como um mecanismo de acumulação e ganha uma valorização sem precedente. O território cearense apresenta o maior conjunto de benesses dentre os outros estados do

¹¹ “A disciplinarização da força de trabalho para propósitos de acumulação de capital [...] envolve, em primeiro lugar, alguma mistura de repressão, familiarização, cooptação e cooperação, elementos que têm de ser organizados não somente no local de trabalho como na sociedade como um todo. A socialização do trabalhador nas condições de produção capitalista envolve o controle social bem amplo das capacidades físicas e mentais” (HARVEY, 1993, p. 119).

Nordeste à produção calçadista, que até algumas décadas estava em crise de lucratividade. Os grupos empresariais do Sul/Sudeste viram no território os elementos que lhes favoreceram competitividade no mercado nacional e internacional.

Em relação ao Brasil, todas essas mudanças reconfiguraram as bases da produção calçadista voltada para o mercado internacional. Pereira Júnior (2012) afirma que apesar da importância de estados como Rio Grande do Sul e São Paulo na produção e exportação do produto, o Ceará, sem nenhuma tradição, assumiu, em 2008, o posto de maior exportador de calçados do país, no que diz respeito ao volume de pares produzidos. Esse posto, segundo esse autor, foi alcançado em apenas quatorze anos, período que corresponde à consolidação dos projetos industrializantes dos governos cearenses e que também marca o momento em que a Dakota Nordeste S/A inicia suas atividades no estado.

Ao enfatizar os argumentos levantados anteriormente e em consonância com Pereira Júnior (2012), vale destacar os incentivos mais expressivos, segundo esse autor, que estimularam as empresas a utilizarem estratégias territoriais de reestruturação capitalista, quais sejam:

- a) Aqueles associados aos incentivos fiscais, menores impostos, crédito e infraestrutura (terreno, energia, transporte e apoio logístico);
- b) Aqueles ligados aos menores salários e mão-de-obra não sindicalizada;
- c) Aqueles voltados para melhorar a rentabilidade da empresa;
- d) Aqueles que melhoram as condições de competitividade com os concorrentes asiáticos.

Esses não são fatores mutuamente excludentes e muitos se complementam, mas todos pesam na decisão de realocização territorial do setor calçadista.

É nesse contexto que buscamos entender a realidade que se consubstancia no estado do Ceará, tomando a indústria calçadista como o prisma escolhido para se observar a realidade que se produz e se reproduz no espaço. A atividade industrial, em particular a do setor calçadista, assumiu, assim, papel de extrema importância na reprodução espacial a partir de um modelo de gestão territorial.

Os abatimentos fiscais, o fraco ou inexistente movimento operário e os seus baixos salários, somados à construção de uma infraestrutura que acatasse as

necessidades das unidades fabris recém-chegadas ao território cearense, garantiram a inserção e a fixação desse projeto industrializante. Assim sendo, uma organização espacial definida se materializou com base nessa nova industrialização, intensificando outra lógica de aglomeração, deslocamento e funcionalidade, responsável por um ordenamento que atende às necessidades da produção, circulação e consumo (PEREIRA JÚNIOR, 2007, 2012).

Como aponta Pereira Júnior em outro trabalho (2005a, p.171), “[...] em face da nova dinâmica de transformações proporcionada pelo advento da indústria subsidiada, nenhuma organização territorial sofre metamorfoses tão radicais como a cidade”. São as sedes dos municípios que melhor expressam o impacto sofrido recentemente pelas mudanças na economia, em nosso caso particular, as do estado do Ceará. Com as transformações produtivas, a cidade “vê suas dimensões apressadamente alargadas e o centro urbano se torna palco tanto da inserção competitiva dos mecanismos de mercado, como das lutas e contradições erguidas a partir da intensificação da lógica capitalista”. Assim, “a cidade se impõe como reflexo maior do novo ordenamento espacial” (PEREIRA JÚNIOR, 2005a, p.171).

A atividade industrial assume, então, o papel de comando na reprodução espacial. Com isso,

Inicia-se assim nova fase na organização econômica e política, na qual a reprodução de um modelo produtivo e de gestão vai facilitar a penetração do capital nacional e internacional no Ceará. Ao buscar o rompimento com as práticas mais tradicionais de produção econômica, o novo projeto tenta garantir o fortalecimento das medidas industrializantes, onde o deslocamento dos circuitos de operação tende a mudar os processos tanto na capital quanto no interior, vinculando novas características à organização socioespacial dos municípios (PEREIRA JÚNIOR, 2005a, p. 1).

Estudar a evolução da relação entre indústria e organização do espaço urbano se faz, portanto, necessário, pois em momentos como o atual, no qual a nova racionalidade produtiva ditou como o Ceará adentrou nos circuitos espaciais da produção e consumo globalizados, a análise dos processos de reestruturação industrial e espacial se tornam necessários para compreender as novas realidades emergentes.

Pensar por este prisma implica em reorganizar velhos esquemas teóricas à luz dos novos acontecimentos, no caso em questão, a da urbanização do território e sua diferenciação espacial, assim como as condições específicas de sua

realização. Historicamente, a atividade industrial desempenha importante papel para buscar compreender como se processa a expansão da economia, da estrutura urbana e do papel da cidade na rede urbana e é por esse viés que direcionamos nossa pesquisa.

A partir do ponto de vista apresentado, iremos abordar Russas, na última parte desta seção, adentrando na esfera dos processos que alimentaram a centralidade regional dessa cidade e os quais lhe conferiram as condições minimamente necessárias para sediar uma unidade produtiva do setor calçadista que consta entre as mais importantes do país, isto é, a maior planta industrial do grupo gaúcho Dakota Calçados.

Nessa perspectiva, corroboramos com Sposito (2005) ao afirmar que o espaço é história, logo, a cidade de hoje é o resultado cumulativo dos processos que conformaram a cidade de antes. Por isso, ratificamos a necessidade de reconstituir, ainda que de forma sintética, a trajetória de seu caminhar ao longo dos anos.

2.3 RUSSAS NO CONTEXTO DA REGIÃO DO BAIXO JAGUARIBE

O município de Russas, cujas terras foram ocupadas por grandes fazendas, nasceu com a atividade da criação do gado. Estabelecidos os currais, estes se expandiram extrapolando seu papel inicial, dando surgimento ao povoado principal (LIMA, 2002). O maior núcleo urbano, ou seja, o distrito sede do município, está situado na ribeira do Jaguaribe, em uma área que é o encontro entre os rios Banabuiú e Jaguaribe. Desde o início da colonização, esse núcleo ocupava uma situação urbana (SILVEIRA, 1999) estratégica de ligação com os sertões de Icó, Quixeramobim e Tauá. Como os deslocamentos eram feitos seguindo os leitos dos rios, todos os caminhos da ribeira do Jaguaribe se encontravam nos baixios da região de Russas (LIMA, 2007).

A cidade sempre foi ponto nodal para o transporte de pessoas e mercadorias, por receber, no passado, a Estrada Real do Jaguaribe, no período colonial, e depois, a estrada Transnordestina, hoje BR-116, também conhecida como Rodovia Santos Dumont.

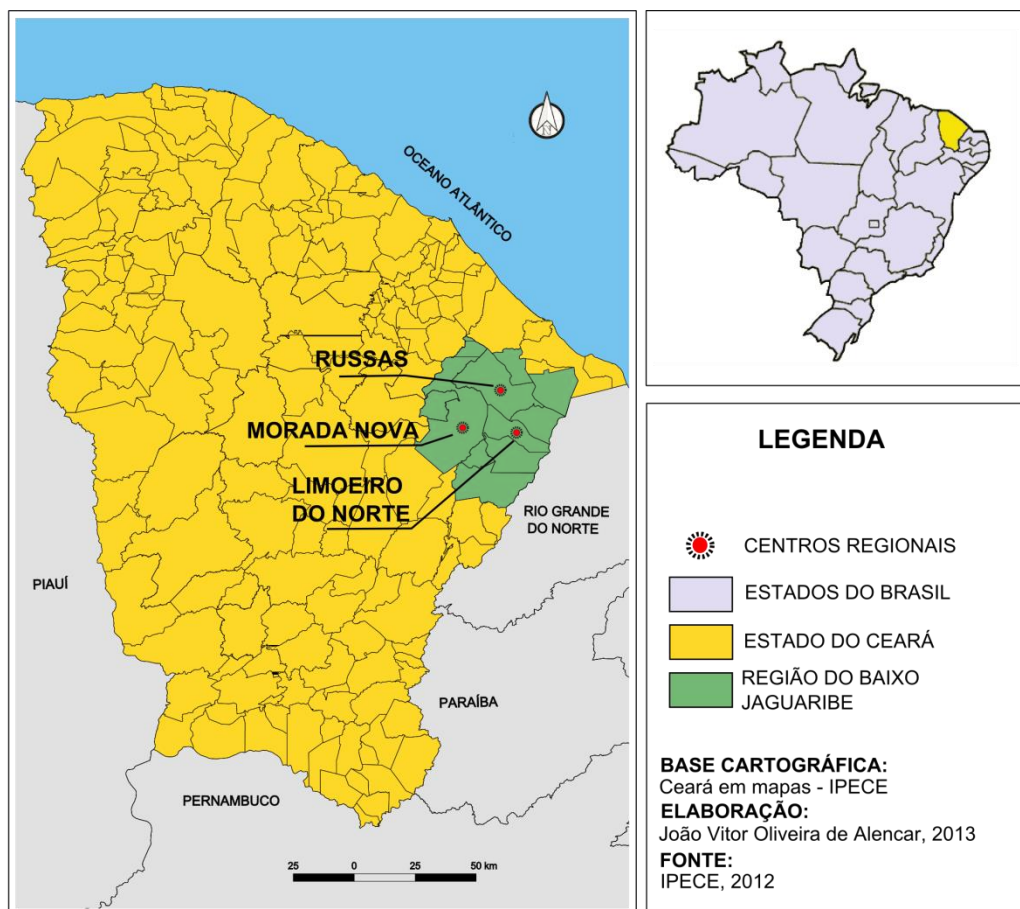
Em Russas, a relação com a região é substancial para se apreender o papel da cidade na rede urbana cearense. Assim, a sua atuação como centro regional situa-se numa interdependência com a região do Baixo Jaguaribe, o que faz

com que Russas cresça substancialmente em função de seu papel regional. Desse modo, discorrer um pouco sobre a região do Baixo Jaguaribe se faz necessário.

Situada na porção nordeste do estado do Ceará, o Baixo Jaguaribe é composto por cidades com diferentes centralidades. Uma detêm polarização regional e outras influenciam um raio de menor alcance, atingindo zonas rurais e distritos pertencentes a municípios vizinhos. Pequeno (2006) e Pereira Júnior (2005b) apontam como centralidades regionais as cidades de Morada Nova, Russas e Limoeiro do Norte. Apesar de terem características demográficas semelhantes, elas “[...] se diferenciam nos seus aspectos econômicos e produtivos, levando a uma configuração espacial diversa e peculiar” (PEQUENO, 2006, p. 366).

A Figura 1 apresenta a região no contexto do território cearense e aponta a posição estratégica das três cidades mais importantes do Baixo Jaguaribe.

Figura 1 – Região do Baixo Jaguaribe e seus principais centros regionais



Fonte: IPECE, 2012.

No século XIX, observou-se uma gradual mudança na paisagem rural da região do Baixo Jaguaribe. Isso se iniciou quando surgiram as capelas, as quais foram bastante significativas para a formação das primeiras vilas, que posteriormente se elevaram ao patamar de cidades¹² (CHAVES, 2006).

A vila de Russas nasceu primeiramente com o nome de São Bernardo do Governador. Sua inauguração deu-se no dia seis de agosto de 1801 e, poucos anos depois, erigiu-se à condição de cidade com o nome de Russas, ocorrido em 1865 pelo decreto número 3.436, de oito de abril do mesmo ano (ROCHA, 1976). A dinamicidade urbana que se fez presente em cada momento histórico de Russas era oriunda da agricultura. Com sua expansão, alguns ramos se industrializaram.

A região do Baixo Jaguaribe, na qual esse município se insere, apresentou ao longo de sua história uma sequência de ciclos produtivos. O primeiro ciclo destacou a produção algodoeira, que correspondeu com a implantação das primeiras unidades industriais em Russas, uma vez que parte do algodão cultivado ficava no município para ser beneficiado e também utilizado como matéria prima nas usinas de extração de óleos e gorduras vegetais. Outras partes eram enviadas para Fortaleza, que tinha a função de coleta da produção agrícola cearense (LIMA, 2011). Rocha (1976) informa que, após o início dessa cultura, em 1778, foram exportadas 66.510 arrobas, no valor aproximado de 444.556 contos de réis. A produção do algodão alcança seu auge na primeira metade do século XIX. Essa dinamização, promovida pela cultura algodoeira, desencadeava um comércio ávido em receber os salários dos que trabalhavam na colheita.

De acordo com Rocha (1976), em 1936, a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S/A¹³ – SANBRA – instalou um complexo de beneficiamento de algodão, composto de cinco prédios, sendo que um deles serviu como residência para o gerente do empreendimento.

Rocha (1976) sobre essa unidade de produção assim a descreve,

¹² Tal fato era algo comum aos povoados da região. Lima (2002) assinala que “[...] se com a pecuária se estabelecia o sistema produtivo, com a Igreja se erguia a instituição católica, sobre o cadáver dos nativos rebeldes que não acatavam o etnocídio de uma cultura consolidada em séculos [...]” (LIMA, 2002).

¹³ Conjuntamente com a Anderson Clayton e a Machine Cotton, eram chamadas de “as três irmãs”, sendo detentoras do controle do valor do algodão a nível internacional (LIMA, 2011). A SANBRA era de capital internacional, mais especificamente inglês. A presença do capital inglês em Russas nos leva a refletir sobre o papel que este município assumiu na reprodução da mais-valia internacionalizada como espaço da periferia mundial. No entanto, esse não é nosso objetivo, mais fica a reflexão.

O equipamento era bem moderno, composto de um grande motor a óleo, duas máquinas de 80 serras cada, dois limpadores e uma alimentadeira, uma prensa hidráulica de 500 libras de força, um separador, instalação de sucção e elevação automática (p. 131).

Essa firma cessou as atividades em Russas no ano de 1939. A razão, segundo Rocha (1976), foi devido ao alto preço da cera da carnaúba no mercado internacional, fazendo com que os empresários locais passassem a investir nesse segmento. Como a SANBRA era uma correntista, isto é, comprava o algodão dos produtores locais, com a grande redução dessa malvácea, viu-se obrigada a fechar as portas da usina, levando consigo boa parte de sua maquinaria.

No entanto, isso não significou o término da produção de algodão em Russas. Na década de 1960, a RICASA (Russas Indústria, Comércio e Agricultura S/A) reabre o conjunto de prédios que anteriormente era utilizado pela SANBRA. Essa empresa atuava também no ramo do beneficiamento do algodão, extração de óleo vegetal, torta de algodão e linter. Outras empresas desse setor instalaram-se em Russas, como a RICOL (Russas Indústria e Comércio de Óleos Ltda.), cuja finalidade era beneficiar os subprodutos da RICASA. O algodão, por não depender de muita umidade, adaptou-se às condições climáticas da região, tendo sido largamente cultivado até a década de 1970.

Após o algodão, veio o ciclo da carnaúba. Rocha (1976) afirma que em 1920 os carnaubais do Baixo Jaguaribe produziram mais de 400 mil arrobas de cera, contabilizando 16 mil contos acumulados. Trinta anos depois, esses números chegaram à cifra de 620 mil quilos, produzidos somente no município de Russas, gerando uma receita de 18.600.000 cruzeiros.

A paisagem composta pelos carnaubais esteve presente nos processos históricos da região do Baixo Jaguaribe, não só pela utilização das diferentes partes da planta na montagem das moradias, dos currais, e até mesmo no uso para a alimentação, mas como fonte de exploração econômica sazonal. A extração do pó de suas folhas, com o qual se prepara a cera de carnaúba, explorada a partir da segunda metade do século XIX, no formato da indústria extrativa, possibilitou a inserção da região no comércio internacional (LIMA, 2007).

Ainda segundo Lima (2007), no ano de 1937, estabeleceu-se no Ceará a empresa norte-americana Johnson S/A, objetivando a exploração agrícola racional

de carnaúbas. Mantendo uma relação de cooperação com agricultores, a Johnson S/A financiou o plantio ordenado de carnaúbas, tanto no município de Russas como em outros municípios do estado.

Assim, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, a cera de carnaúba transformou-se em produto de exportação para o mercado americano e europeu e, nesse período, chegou a ser o segundo produto de exportação do Baixo Jaguaribe, sendo o maior de Russas. Tal dinamização econômica promovida pela exportação da cera de carnaúba provocou, segundo Silva (2002), uma interiorização das funções urbanas para as cidades de Russas e Limoeiro do Norte, até então restritas a Aracati.

De acordo com Lima (2007), a região chegou a responder por aproximadamente 70% da produção do estado e 20% da produção nacional. Os municípios de Russas e Limoeiro do Norte, além de Jaguaribe e Morada Nova, destacaram-se entre os grandes produtores estaduais. No ano de 1954, só o município de Russas produziu 700 toneladas, o que equivalia a toda produção paraibana, pernambucana e baiana juntas.

A produção de cera de carnaúba é atualmente de 6,1 milhões de toneladas. Seu peso econômico, entretanto, decaiu muito por motivo de estar sendo substituída por produtos químicos que se prestam melhor à antiga função da cera de carnaúba (LIMA, 2002). Hoje, essa atividade já não se encontra mais em posição de destaque, ocupando apenas o 11º lugar na pauta de exportação do estado.

De acordo com Mendes (2012), os antigos donos de carnaubais, diante do declínio da atividade da cera de carnaúba, migraram para a atividade ceramista. Desse modo, com a acumulação de capital propiciada pela fase da economia agroextrativista da carnaúba, o Baixo Jaguaribe redirecionou suas atividades para a indústria mineral, baseada nos recursos locais, especialmente calcita (Limoeiro do Norte) e argila (Russas). Mas somente esta última ganhou relevância como atividade que induziu alguma expressão espacial, difundindo técnicas ligadas à olaria, mas também degradando sobremaneira as planícies da região a partir dos anos de 1960 (LIMA, 2002).

Assim, o ciclo econômico subsequente de Russas é marcado pelo desenvolvimento das fábricas de cerâmicas. Com o fim da exploração da cera de carnaúba, a produção ceramista passou a ser base da economia russana e a carnaúba, que dinamizou a economia regional, passou a ser usada como

combustível nas olarias. A produção ceramista se iniciou em Russas, segundo Mendes (2012), com as olarias na década de 1960. Conforme esse autor, a atividade produtiva se iniciou principalmente porque toda região é localizada sob uma bacia de barro, o que estimulou a população local a aproveitar o potencial da matéria-prima.

Com a diminuição da influência econômica da carnaúba, tornou-se comum, sobretudo após a década de 1970, a destruição dessa árvore nativa diante da retirada do barro para utilização nas fábricas de cerâmica (MENDES, 2012). Ainda hoje, a produção de cerâmica ocupa um papel importante na economia do município, sendo possível perceber a convivência de olarias típicas da primeira metade do século XX com modernas fábricas.

No início na década de 1990, Russas adentra no contexto da reestruturação produtiva do Ceará, a partir de ações política e econômicas que modernizaram o território cearense. O Baixo Jaguaribe, dentro da lógica da produção globalizada, despontou nesse período como uma região extremamente promissora na investida do capital, acompanhando a penetração do Ceará nos processos de modernização da produção e do consumo (ARAÚJO; ELIAS, 2005). Tanto o Estado quanto o grande capital passaram a investir maciçamente na região, auxiliados por políticas públicas que visavam criar condições favoráveis para expansão dos investimentos (ARAÚJO; ELIAS, 2005). Através de uma configuração marcada pelo Desenvolvimento Geográfico Desigual da acumulação (HARVEY, 2004), os diferentes espaços regionais realinharam seus papéis, ganhando ou perdendo importância.

Tais transformações implicaram em expressivo impacto socioeconômico, que redefiniram os antigos padrões de organização espacial na região. O incremento de projetos desenvolvimentistas voltados para o agronegócio tem atraído diversas empresas transnacionais. Esse fato implicou em transformações nas relações e na dinâmica de trabalho no campo, além de propor um modelo no qual a comercialização da produção está voltada para o exterior e tem a obtenção do lucro como principal meta. As distâncias foram diminuídas pela construção de novas estradas, assim como as novas tecnologias de comunicação sofreram importante avanço, a exemplo da telefonia celular e da internet.

Desde a década de 1950, o Governo do Estado do Ceará já implementava programas e projetos de irrigação pública na planície fluvial dos rios

Jaguaribe e Banabuiú, com o intuito de reativar o crescimento econômico via modernização agrícola (CHAVES, 2006). Mas as mudanças da década de 1990 foram diferentes em conteúdo, sobretudo por articular um conjunto de escalas muito mais abrangentes, confirmando a modernização da agricultura no Baixo Jaguaribe. Para o desenvolvimento das atividades agropecuárias em moldes modernos, exigiu-se a implantação de fixos capazes de dinamizar fluxos. Tal processo foi a resposta da região à nova lógica do capital (LIMA, 200).

Tais transformações econômicas repercutiram sobre o processo de urbanização da região. Pequeno (2006) afirma que o sistema viário regional foi implantado em função das áreas produtivas agrícolas, dentre as quais se menciona a construção da Estrada do Melão e da Estrada da Fruta. Essas obras foram erguidas com o intuito de facilitar o escoamento da produção, fortalecendo ainda mais o agronegócio.

Foram transformações que repercutiram na organização e na estruturação das cidades. Além disso, a região acompanhou a tendência geral, verificada tanto no Ceará como na região Nordeste, de aumento da população urbana face ao total da população, ampliando consideravelmente o percentual de habitantes residentes na cidade, em prejuízo do total residente no campo¹⁴.

Cabe ressaltar que somente a partir de 1980 o Ceará registrou uma população urbana maior do que a rural. Isso aconteceu uma década após ter se verificado essa inversão no Brasil, ou seja, o Ceará demorou um pouco a acompanhar a tendência geral da população brasileira de concentração da população em áreas urbanas.

Como uns dos elementos responsáveis pela diminuição da população rural nos municípios da região do Baixo Jaguaribe, podemos citar, com base em Veras (2010): a estagnação das atividades agropecuárias nas áreas de sequeiro e também a queda do extrativismo da carnaúba, que eram significativas fontes de emprego no campo.

Observa-se que esse crescimento urbano é consequência das condições de ocupação e apropriação do espaço no Baixo Jaguaribe, que engendrou tipos de estruturas urbanas que variam conforme os municípios. Em resumo, nas cidades do

¹⁴ Para maiores detalhes, ler ELIAS, Denise (org.). **O novo espaço da produção globalizada: o Baixo Jaguaribe**. Fortaleza: Funece, 2002.

Baixo Jaguaribe, formou-se uma oligarquia detentora de poder econômico e político. A paisagem urbana, enquadrando seus casarões residenciais, amplos prédios comerciais, galpões de processamento industriais fechados, ainda é encontrada em algumas cidades (LIMA, 2007).

Desse modo, a organização espacial de Russas expressa, hoje, as cristalizações materiais do espaço ligadas à produção, circulação, distribuição e consumo (campos, fábricas, vias de circulação, residências etc.), sucedido do funcionamento das atividades econômicas do século XX, as quais a indústria se conformava como um prolongamento da agricultura.

Essa herança alicerça os processos que hoje configuram a centralidade regional dessa cidade, uma vez que nela se apoia o seu poder de articulação entre os diferentes centros urbanos, assim como a sua atuação como centro de oferta de bens e serviços para uma ampla área de influência na região.

3 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL CALÇADISTA NO CEARÁ: O CASO DA DAKOTA NORDESTE S/A EM RUSSAS

De acordo com o que foi explanado anteriormente, as funções de Russas se materializam enquanto condição para atender aos interesses de reprodução do capital nas múltiplas escalas. Essa nova funcionalidade é a forma de integração econômica-territorial de Russas, mesmo quando não desponta como consequência do agronegócio globalizado, especializa-se em outros setores a fim de atender as demandas do mercado externo, principalmente.

Nesse contexto, esse município hoje pode ser visto como centro regional, integrado e articulador de sua rede urbana. Essa cidade, enquanto um dos pontos nodais da rede urbana cearense, é chamada a fazer parte do processo geral de urbanização através das atividades econômicas globalizadas.

Harvey (apud HENRIQUE, 2010) nos alerta que com a inserção das cidades em uma rede urbana mundializada, com fluxos intensos de informações, mercadorias e pessoas, elas tendem a ser vistas e estruturadas como uma empresa, que incorpora processos e diversificações (divisões do trabalho, de funções de estilo de vida e valores).

Isso implica em novas exigências, no que tange ao desempenho de funções dessas cidades, para que respondam, do ponto de vista da agropecuária, da indústria, do comércio e dos serviços, aos interesses desses grandes capitais (SPOSITO; ELIAS, 2010).

O processo econômico, assim, direcionou a formação de uma maior densidade das condições gerais de infraestrutura urbana e regional, isso fez se estabelecerem espaços diferenciados, como é o caso de Russas, oferecendo maior barganha de recursos e de poder político que, por certo, resultou em maior dinamismo socioeconômico.

Assim, esse município passou a ser ponto de convergência de investimentos, pois ofereceu apoio operacional e de planejamento além da oferta de uma força de trabalho abundante.

Paralelamente ao que ocorria no Ceará, e particularmente em Russas, no que diz respeito ao reordenamento do espaço e do território, por meio de políticas públicas que viabilizassem a integração de ambos ao capital global, a reestruturação econômica ocorrida nas últimas décadas alterou profundamente a geografia

industrial do planeta, possibilitando o deslocamento da produção industrial em busca de menores custos (LIMA; BORSOI; ARAÚJO, 2011).

Tal movimento pode ser observado ao analisarem-se os caminhos percorridos pela Dakota Nordeste S/A, empresa selecionada para ser nossa veia explicativa do processo de organização/estruturação do espaço urbano por meio da atividade industrial, no que diz respeito às escolhas locacionais de suas unidades e estruturas produtivas no território. Em razão disso, iremos abordar na seção seguinte a lógica de distribuição espacial de unidades produtivas dessa empresa pelo território e sua inserção em Russas como estratégia de superação da crise econômica pela qual o grupo Dakota passava.

3.1 A DAKOTA-RUSSAS: DESENVOLVIMENTO, REDES DE RELAÇÕES EMPRESARIAIS E PROCESSO PRODUTIVO INDUSTRIAL

A Dakota foi fundada em 1976, no Distrito de Picada Café, em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Atualmente ela é uma das maiores empresas calçadistas da América Latina, com sete unidades fabris localizadas nos estados do Rio Grande do Sul, Ceará e Sergipe. Depois de garantir fusão com outra empresa gaúcha, a Sussa Calçados, o grupo definiu sua inserção no mercado calçadista, especializando-se na produção de calçados femininos e infantis, com uso quase exclusivo do couro como matéria-prima para a fabricação dos seus produtos. Na sua totalidade, o grupo é formado por três empresas: a Dakota S/A (duas unidades no RS), a Dakota Nordeste S/A (quatro unidades no CE) e a Dakota Calçados S/A (uma unidade no SE)¹⁵, totalizando, segundo informações disponibilizadas pelo Grupo Dakota S/A, 14 mil funcionários.

Com foco nos públicos feminino e infantil, produzem aproximadamente 80 mil pares de calçados por dia¹⁶. Atualmente, conta com seis marcas: Dakota¹⁷,

¹⁵ A Dakota Calçados S/A está construindo mais uma unidade produtiva em Sergipe, no Município de Poço Verde.

¹⁶ Dados disponibilizados pela própria empresa.

¹⁷ A Dakota é, como o próprio grupo qualifica, a “marca-mãe” do portfólio de marcas do Universo Dakota, voltado para mulheres de 18 a 30 anos de idade. Esta linha é fabricada na unidade de Russas, contabilizando aproximadamente 26 mil pares por dia.

Tanara¹⁸, Campesí¹⁹, Pink Cats²⁰, Mississipi²¹ e Kolosh²². Estas marcas juntas compõem o que este grupo denomina como “Universo Dakota”.

A Matriz do Grupo Dakota está situada em Nova Petrópolis (RS) e tem uma filial em Sarandi, no mesmo estado. As primeiras unidades de produção da empresa Dakota Nordeste S/A iniciaram suas atividades no Ceará em 1995, após uma desconcentração espacial da produção inicialmente realizada no Rio Grande do Sul (Ver Figura 2).

Tal reestruturação territorial, segundo Pereira Júnior (2012), dá-se em função da nova lógica competitiva da indústria de calçados brasileira. A princípio, as unidades da Dakota se instalaram no município de Maranguape e, posteriormente, em Iguatu e Russas, para finalmente abrir uma fábrica em Quixadá.

Cada fábrica dessa empresa tem uma função no processo produtivo do calçado (PEREIRA JÚNIOR, 2012). A unidade de Maranguape²³ foi a primeira a se instalar no estado, no ano de 1995. Atualmente esta unidade é responsável pela produção da marca Kolosh. Por sua vez, em Iguatu, as atividades se iniciaram em 1998, e também tem como principal linha de produção mercadorias como botas e sandálias femininas (fabricação da marca Pink Cats). A última fábrica a se instalar no estado foi a de Quixadá. O empreendimento foi realizado em 2006, uma planta voltada para a produção da marca Mississipi e Dakota²⁴.

¹⁸ A Tanara é a marca com o preço mais alto da empresa e, por isso, a Dakota adotou a estratégia de atuar com lojas próprias dessa sandália na região sul do país. São quatro lojas localizadas em Curitiba, São José dos Pinhais (PR) e em Gramado (RS), além de contar com uma loja virtual.

¹⁹ O foco desta marca é o conforto e os calçados desta linha têm como características: bicos projetados para uma maior acomodação dos dedos; saltos com alturas e larguras configuradas de modo a proporcionar um maior equilíbrio e um caminhar mais seguro; palmilha em forma de gota no centro do pé, proporcionando um leve massagear; e a capa da palmilha produzida em sintético transpirante, absorvente, bactericida e fungicida (Informações fornecidas pela própria empresa).

²⁰ É uma marca voltada para o público feminino de 5 a 12 anos. A Pink Cats substituiu a antiga marca Dakotinha, que também tinha como foco o público infantil feminino.

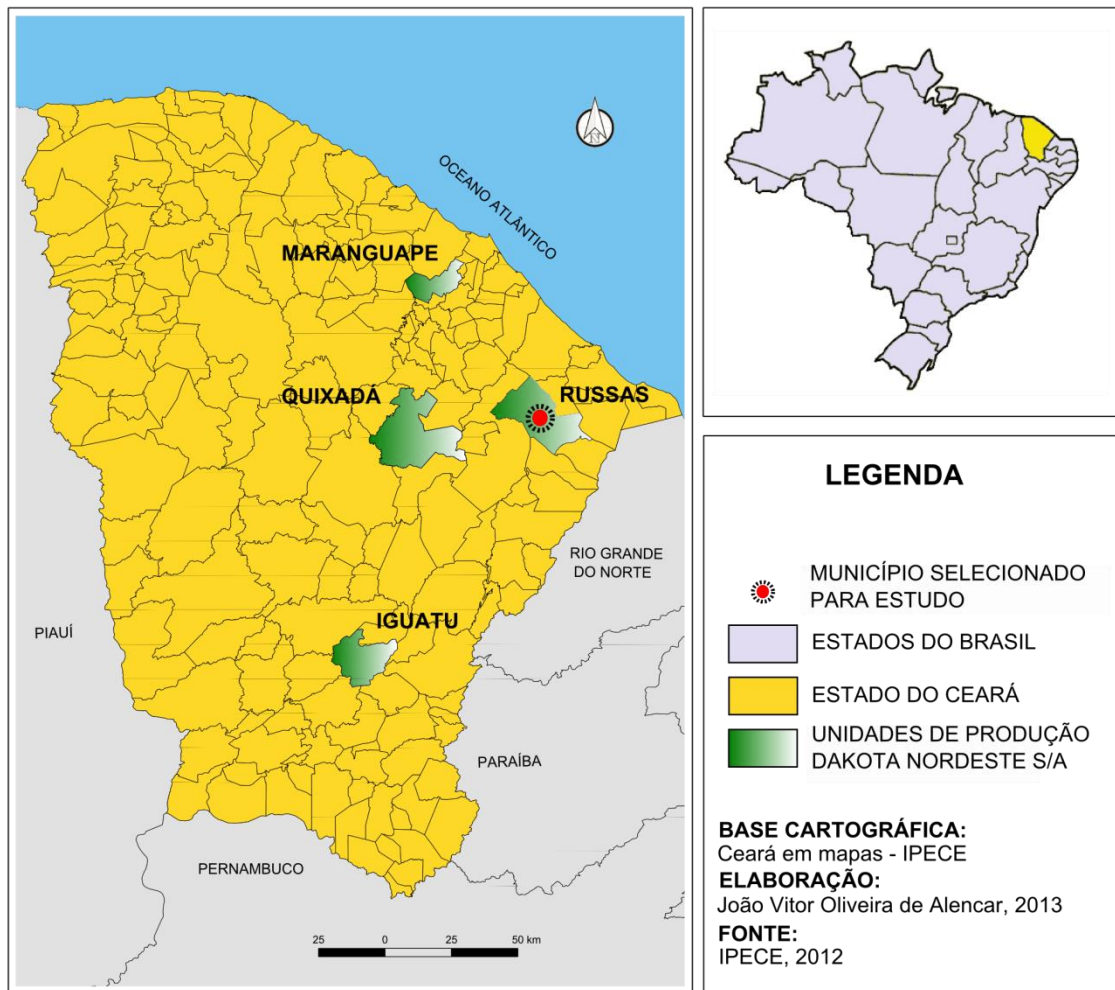
²¹ O foco dessa marca é a região Nordeste do país, fabricando sandálias com ou sem saltos.

²² Esta marca, lançada em 1994, tinha como foco a produção de tênis casual feminino. No ano de 2010, a produção dos calçados Kolosh foi encerrada, o que o Grupo Dakota denominou de reorganização estratégica da marca. Como fruto desta reorganização estratégica, a marca definiu uma nova segmentação do seu público-alvo em quatro nichos: mulheres de 16 a 35 anos; mulheres de 35 a 65 anos (calçados confortáveis); mulheres de 18 a 30 anos (linha esportiva); e homens de 16 a 45 anos (linha esportiva). A kolosh retornou com seus calçados no mercado no fim de 2012.

²³ A Dakota-Maranguape, nos primeiros dois anos de funcionamento, contava com apenas 1.500 funcionários. A fábrica encontrava-se instalada num galpão cedido pela Prefeitura Municipal, só adquirindo sua atual estrutura no ano de 2000. Atualmente, funciona em uma área coberta, perfazendo cerca de 25 mil metros quadrados (MENDES, 2006).

²⁴ No ano de 2011 a Dakota Mississipi de Quixadá foi incorporada pela Dakota Nordeste S/A.

Figura 2 – Unidades de produção da Dakota Nordeste no Ceará



Fonte: IPECE, 2012.

Destaca-se, nessa rede de relações empresariais e produtivas, a unidade de Russas, responsável pela fabricação dos solados utilizados pelas outras unidades presentes no Ceará e para a qual se destina o produto final das outras três fábricas no estado. Além disso, a Dakota Russas é o elo com a unidade de gestão que permaneceu no estado do Rio Grande do Sul, pois é através dela que os gestores repassam as informações do que deve ser e quanto deve ser produzido²⁵.

As atividades da unidade de Russas foram iniciadas em 1998. A sua chegada condizia com a necessidade da Dakota S/A de encontrar novos lugares que lhe oferecessem um conjunto de possibilidades de lucros para recuperar a

²⁵ Para maiores detalhes sobre a empresa e suas redes de relações produtivas, ver o trabalho de Pereira Júnior (2012).

competitividade perdida com a concorrência intercapitalista da produção mundial de calçados.

Sem uma urbanização densamente consolidada, a chegada dessa unidade não seria possível em Russas. Foi necessário que as transformações já descritas, tanto na região do Baixo Jaguaribe como no município de Russas, expressassem transformações estruturais para que o ambiente produtivo industrial pudesse ser atraído e materializasse novas transformações.

No curso do desenvolvimento, formas transformam-se em funções e entram em estruturas que as retomam e as transformam. [...] Toda formação urbana conheceu uma ascensão, um apogeu e um declínio. Seus fragmentos e restos serviram em seguida para/em outras formações. (LEFEBVRE, 2001, p. 54-55).

Nesse sentido, uma estrutura urbana favorável, a oferta de mão de obra abundante e uma política estatal de subvenção fiscal de atividades produtivas foram armas importantes para essa “guerra dos lugares” (SANTOS; SILVEIRA, 2001). Isso se deveu a ação direta da política industrial adotada pelo Governo do Estado do Ceará. A empresa foi atraída para Russas na gestão do então Governador Tasso Jereissati, com intermediação direta do “filho ilustre” da cidade na escolha do município, o então Deputado Federal Antônio Balhmann, que naquele momento era membro titular na comissão permanente de Economia, Indústria e Comércio na Câmara dos Deputados, em Brasília. Balhmann já havia ocupado os cargos de Secretário Estadual de Indústria e Comércio nos dois mandatos anteriores de Tasso, e era a figura estratégica do governador na Câmara, atuando como mediador dos principais investidores industriais que o estado atraiu no período.

Com a chegada em Russas, a Dakota iniciou suas atividades no centro da cidade, num galpão localizado no bairro Planalto da Bela Vista, na margem direita da BR-116. Contava, na época, com 80 funcionários (SILVA, 2006) e após dois anos de sua instalação, a produção de calçados passou a ser realizada em galpão próprio, construído no terreno cedido pela Prefeitura Municipal, próximo a BR-116, na entrada da cidade. Esta é uma localização estratégica, sobretudo para o escoamento da produção em direção ao Terminal Portuário do Pecém.

Ao desenvolver o processo produtivo de calçados em Russas, a Dakota demonstrava seu caráter moderno na fabricação de mercadorias, envolvendo inúmeras outras empresas com objetivos específicos para cada etapa da produção,

atuando segundo um modelo de forte hierarquização e controle de todo o processo produtivo.

No caso de Russas, podemos identificar a presença da Wilaplast e da Lukri como bons exemplos de fábricas fornecedoras e subsidiárias a produção de calçados que seguiram o movimento feito pela Dakota. Elas já eram responsáveis por parte do processo produtivo de calçados das unidades da Dakota no Rio Grande do Sul no início da década de 1990 e com a mudança da grande unidade produtiva, acompanharam o deslocamento da empresa contratante.

A Wilaplast produz injetados plásticos, tais como: saltos, tacos, solas e cepas para calçados. A empresa conta hoje com 100 funcionários, boa parte deles com funções já desempenhadas na unidade produtiva da Dakota Russas. Em entrevista com o atual diretor de produção da empresa, o mesmo informou que há uma preferência por ex-funcionários da Dakota, em virtude de já conhecerem o trabalho a ser realizado, não necessitando de treinamento e adaptação para atividades a serem exercidas. Também informou que metade de seus empregados é oriunda da zona rural de Russas, demonstrando como a origem urbana não é determinante para a contratação do trabalhador.

Enquanto isso, a Lukri Componentes para Calçados Ltda. se especializou na produção de palmilhas. A Empresa chegou a Russas em 1998 e desde então atendia a demanda de palmilhas da Dakota. No entanto, em 2012, a Lukri decretou falência e os donos abriram uma nova empresa chamada Fênix Indústria de Componentes para Calçados Ltda., que funciona no mesmo endereço e presta o mesmo serviço para a unidade da Dakota.

A mercadoria produzida por essas empresas, com exceção dos saltos e cepas, também é fabricada no interior da Dakota Russas. No entanto, a empresa foi diminuindo gradativamente a fabricação desses produtos em seus galpões, descentralizando a produção para as empresas subcontratadas, priorizando cada vez mais a montagem do calçado²⁶.

Em 2012, uma empresa de capital local passou a integrar os quadros de subcontratação da Dakota, responsabilizando-se pela colagem dos saltos e da sola

²⁶ Este movimento de descentralizar a produção para empresas subcontratadas vai em direção oposta as outras empresas de grande porte do mesmo setor, a exemplo da Grendene, que adota um modelo produtivo extremamente centralizador em suas próprias unidades produtivas (ALMEIDA, 2009).

dos calçados. A Com-Pé iniciou suas atividades no ano citado e foi criada exclusivamente para atender a demanda que ficou ociosa com a falência da Lukri, utilizando maquinário emprestado da Dakota Russas. Assim, é possível identificar que a criação e formalização da Com-Pé foi um estímulo da própria Dakota, pois, em entrevista com o diretor da empresa gaúcha, o mesmo informou que a intenção da Dakota é subcontratar toda atividade de colagem. Por sua vez, o proprietário da Com-Pé nos relatou que investiu no setor de componentes de calçados em razão da proximidade que tem com um dos diretores da Dakota Russas, pois soube da falência da Lukri calçados e da lacuna que a mesma deixaria na produção de componentes para a planta da Dakota no município. Assim, decidiu investir o capital, aplicado em sua loja de peças para computadores, no aluguel de um galpão e na compra de matéria prima. O maquinário que estava ultrapassado e fora das linhas de montagem da Dakota foi cedido como empréstimo.

Desse modo, temos uma parcela do processo produtivo comandado pela Dakota que envolve fábricas localizadas em bairros da cidade e faz movimentar um circuito de trocas de componentes, matérias-primas e mercadorias. Dakota Russas, Wilaplast, Fênix Palmilhas e Com-Pé trocam palmilhas, solados, fivelas etc., numa dinâmica de produção industrial que impõe um ritmo para o movimento do espaço urbano. Cidade e indústria compõem um par articulado para a eficácia do processo produtivo industrial.

Como já havíamos citado, o papel do poder público foi decisivo para o sucesso desses investimentos. No início das atividades, a Wilaplast e a Lukri tinham o aluguel de seus prédios custeados pela Prefeitura Municipal de Russas. Hoje, essa subvenção não existe mais, com exceção da Wilaplast, que ainda recebe um abono de 20% do aluguel do prédio. No entanto, apesar desse abono, o diretor de produção da empresa informou em entrevista que há a intenção de realocar a fábrica para outro município, pois a falta de apoio do Governo estadual e municipal não está mais sendo vantajosa para as taxas de lucratividade planejadas. Devido à especulação imobiliária em Russas, segundo o diretor de produção, os preços dos imóveis subiram exorbitantemente, exercendo uma influência sobre o preço final do componente de calçado, que inviabiliza sua compra pelas outras empresas.

Por fim, em se tratando das empresas Wilaplast e Fênix Palmilhas, podemos informar que a mão de obra empregada por elas é oriunda de distritos e localidades rurais de Russas, o que confirma que o trabalhador que vem do campo

não é recusado pelo processo produtivo. Ao contrário, sua presença é sinônimo de disciplina e presteza no trabalho, segundo os diretores entrevistados. A exceção fica por conta da Com-Pé, que tem seus 84 funcionários residindo exclusivamente na sede do município.

Somado às empresas que auxiliam no processo produtivo, a Dakota Russas também mobiliza diretamente outras muitas firmas ligadas ao setor de serviços. Destacamos quatro delas: a JL Fardamentos, a Nutrinor, a Transvale e a Viação Russana²⁷.

A JL Fardamentos é responsável pelo fardamento dos funcionários do setor de recursos humanos da fábrica Dakota Russas e da sede em Nova Petrópolis (RS), mas agora também começa a fabricar as fardas dos empregados da Wilaplast e da Com-Pé. Por sua vez, a Nutrinor, oriunda do Rio Grande do Sul, chegou há 17 anos no Nordeste prestando serviços para as maiores empresas de calçados instaladas. Em se tratando da Dakota, ela atende todas as unidades produtivas montadas no Ceará. Um fato que se torna relevante é que a Nutrinor opera no interior da fábrica da Dakota, servindo os almoços para os funcionários.

A Transvale, por sua vez, é uma empresa de transporte de cargas, com sede no Bairro Messejana em Fortaleza e que atende inúmeras empresas de calçados no estado, tais como a Paquetá, a Aniger, a Vulcabrás e a Grendene. Após a instalação da fábrica da Dakota em Russas, ela decidiu alojar no município uma base de operações regional em 1998, que atende todo o Baixo Jaguaribe. Ela é responsável pelo transporte de cargas entre as unidades da Dakota no Ceará, levando solados produzidos na unidade de Russas e couro da mesma unidade para as demais em outros municípios. Também transporta calçados prontos das unidades de Maranguape, Quixadá e Iguatu para Russas, de onde, posteriormente, leva toda a produção para o Terminal Portuário do Pecém.

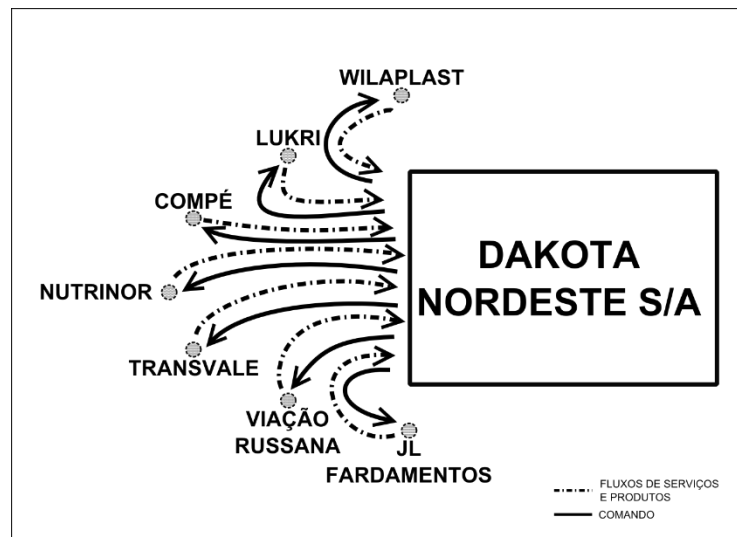
Outras filiais da Transvale estão localizadas em Iguatu, Juazeiro do Norte, Jaguaribe, Icó, Quixadá, Senador Pompeu e Quixeramobim. Essa transportadora se estruturou para atender preferencialmente a Dakota Nordeste no estado, instalando uma filial próxima a cada unidade produtiva da empresa. O diretor da Transvale, um

²⁷ Outras empresas são subcontratadas, mas exercem um peso menor em relação as que foram mencionadas, a exemplo da BrisaNet, empresa que oferta o serviço de acesso à internet via rádio, a qual está sediada em Limoeiro do Norte.

ex-diretor de produção da Dakota Russas, nos informou que a filial de maior movimentação de cargas e carros é a de Russas, em razão da unidade produzir os solados que são utilizados em outras unidades. Ou seja, o movimento entre as fábricas da Dakota é diário e a frota desta transportadora conta dois caminhões de grande porte, dois de médio e cinco de pequeno porte.

A Figura 3 apresenta uma ilustração da relação entre todas as empresas mais relevantes e a unidade da Dakota, demonstrando o peso desta última no controle das decisões de subcontratação no processo produtivo industrial em Russas.

Figura 3 – Empresas contratadas pela unidade da Dakota em Russas



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do esquema apresentado pela Figura 3, faz-se necessário uma ressalva: todas as empresas, com exceção da Nutrinor, são de pequeno e médio porte. Ao ser questionado se há uma preferência por empresas menores, o diretor de projetos da Dakota nos informou que essa é uma política gerencial da empresa, visto que assim eles detêm o controle do ritmo e do preço do serviço ofertados por outras companhias. Elas são subcontratadas, mas acabam operando como se fossem uma empresa subsidiária. Por conta do alto volume dos pedidos, elas se tornam reféns dos contratos estabelecidos pela Dakota. O mesmo diretor afirma que assim eles não perdem o controle do processo produtivo, além de poder estabelecer o quanto será pago por cada serviço. Desta forma, a unidade da Dakota em Russas arregimenta e cria um mercado de serviços prestados por empresas diversas,

atrelando-as a uma lógica de produção industrial totalmente centralizada, sem margem para qualquer concorrência entre elas.

Outro tema importante que deve ser debatido sobre o processo produtivo industrial da Dakota é sua divisão do trabalho. No setor calçadista, assim com em setores que necessitam de grande volume de oferta de força de trabalho, a maior obtenção de lucro fica a cargo, principalmente, da utilização de trabalho vivo no processo de produção, facilmente suprida com o exército de reserva da migração rural-urbana decorrente dos avanços do capitalismo no campo (BARBOSA; MENDES, 2003). Ademais, segundo esses autores, deve ser levado em conta a facilidade na qualificação profissional de um trabalhador do setor, principalmente devido ao trabalho manual repetitivo e sua fragmentação.

Nesse sentido, a divisão do trabalho na indústria de calçados também é um instrumento basilar para a expansão das taxas de lucratividade se manterem em constante ritmo crescente. Segundo Almeida (2009) ela não se expressa apenas na repartição da atividade no espaço nacional, mas também na difusão hierárquica das normas que incidem na produção. No caso da Dakota, apesar da atual concentração das atividades produtivas no estado do Ceará, as ordens de como, quando e quanto produzir têm como ponto de partida a matriz administrativa do Rio Grande do Sul. Assim, é no Sul do país que tem início o processo produtivo da empresa. É ainda nesta região que encontramos os centros de pesquisas, de moda e tecnologia (ALMEIDA, 2009), reafirmando a hierarquia da divisão do trabalho da Dakota. Ao Ceará, como já mencionado no trabalho de Almeida (2009), se destina a fabricação do calçado segundo as normas advindas da matriz, “respeitando as normas especificadas no pedido, tudo conectado em rede, graças aos atuais sistemas de informação que garantem a fluidez da produção no território” (ALMEIDA, 2009, p. 97).

A divisão do trabalho também se impõe quantitativamente pelo número de trabalhadores. Dos 14 mil funcionários empregados pelo grupo empresarial, em torno de 10 mil estão no Ceará, sendo que desse total, aproximadamente quatro mil estão empregadas na unidade de Russas. Os números demonstram um grande peso do novo espaço da produção instalado no Ceará, especificamente, no recrutamento da força de trabalho.

No que tange ao espaço interno da fábrica de Russas, a força de trabalho divide-se em quatro setores principais, quais sejam: almoxarifado, solados, corte,

costura (preparação e costura), montagem (montagem e acabamento) e expedição. Na Figura 4, é possível observar onde cada setor está localizado a partir de uma imagem aérea da fábrica. Sendo construídos a partir de 1998, os pequenos galpões próximos à via e os dois maiores galpões, que concentram as atividades de injeção de PVC e PU, pintura, estocagem, expedição e almoxarifado, foram as primeiras estruturas montadas pela empresa. Posteriormente, outros pequenos depósitos foram montados, até que, em 2013, ergue-se o grande galpão atrás do terreno da empresa, construído em função do aumento na produção de calçados do grupo como um todo no Ceará, em especial a demanda por mais solados. Assim, ele representa a única linha de produção de solados da Dakota no Nordeste e envia a mesma para todas as outras fábricas. Notamos que, comparado aos quarteirões ocupados por habitação ao lado da empresa, no bairro Tabuleiro do Catavento, a estrutura é de grande expressão e demonstra a dimensão da fábrica face ao desenho da cidade.

Figura 4 – Unidade de produção da Dakota em Russas



Fonte: Google Earth. Adaptado pelo próprio autor.

Como já mencionado anteriormente, a Dakota Russas é o nó mais denso da articulação da empresa na escala nacional, sobretudo no envio de mercadorias e informação que integram as fábricas dispersas no território. Por meio de um complexo sistema de telecomunicações, em sintonia com a crescente informatização no território brasileiro sob o imperativo do *meio técnico-científico-informacional* (SANTOS, 2006), a empresa controla uma rede complexa de relações que articula

produção industrial, estratégias de compra e venda, gestão financeira e controle administrativo.

Sob tal influência, a urbanização de Russas não poderia ficar indiferente. Ela demarca novos e velozes movimentos, diretamente materializados na cidade. Nessa perspectiva, o processo de urbanização via atividade industrial se materializa de maneira distinta e seletiva, sofrendo, por conseguinte, “[...] ajustes, em maior ou menor grau, no contato com a própria formação socioespacial, resultando, portanto, numa organização diferenciada do espaço, em contextos multiescalares e pluralizada” (BESSA, 2010, p.51).

Assim, apresentaremos, a seguir, como se dá o impacto dos novos movimentos gerados pela Dakota nas formas de trabalho e emprego. Da mesma forma, discutiremos sobre a dinâmica demográfica e o movimento de trabalhadores na cidade e na região, demonstrando que, depois da chegada da empresa, Russas não pôde ficar indiferente aos modernos ritmos da produção industrial.

3.2 DINÂMICA DEMOGRÁFICA, MOBILIDADE E NOVAS RELAÇÕES DE TRABALHO

3.2.1 As novas relações entre trabalho industrial e dinâmica demográfica

Os municípios cearenses passaram a atrair nas últimas décadas muitos empreendimentos de capital externo, inserindo um conjunto de variáveis novas a dinâmica local, alavancando o papel que essas cidades desempenham na rede urbana estadual e modificando sua estrutura urbana (LUSTOSA; AMORA, 2009).

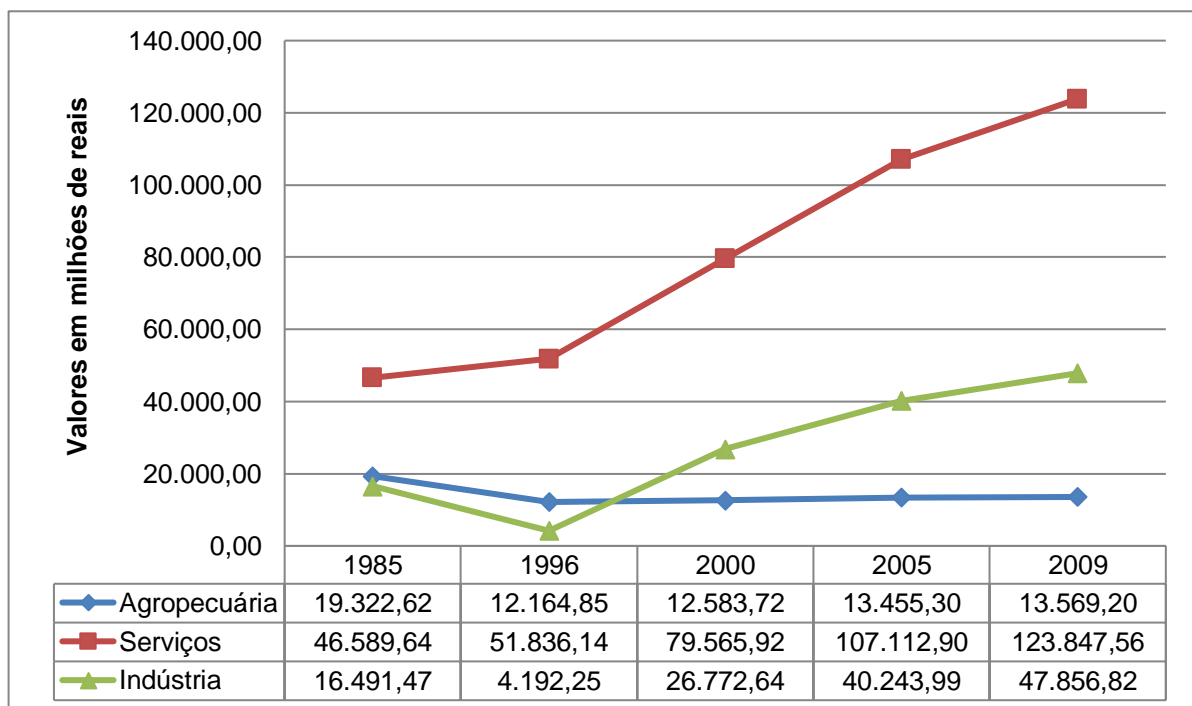
Segundo Pereira (2005^a) essas mudanças auferidas pela chegada de uma nova ordem ao local imprime uma mudança na base técnica e produtiva que passa a ditar o novo movimento que as cidades cearenses apresentam, agora cada vez mais orientado pelos padrões de racionalidade capitalista. Ainda segundo esse autor,

O momento anterior, marcado por uma economia não capitalista de subsistência, passa a ser gradativamente desintegrado, assim como todos os referenciais de sociabilidade e temporalidade lenta, exclusivos da vida cotidiana das pequenas cidades. São os novos elementos que chegam com o objetivo de esgarçar os padrões mais antigos (PEREIRA JÚNIOR, 2005b, p. 142).

Com base no que foi explanado, abordaremos o impacto da unidade produtiva da Dakota Nordeste S/A no mercado de trabalho de Russas, principalmente porque tais transformações não se dão sem que o município incorpore cada vez mais estratégias renovadas de organização produtiva com formas de superexploração do trabalho.

Antes da chegada dessa unidade de produção, o que movimentava a economia dos municípios de Russas eram os setores agropecuário e industrial ceramista, o que gerava empregos diretos e indiretos, aumentando a massa de consumidores de bens e serviços, principalmente em educação e saúde. Mas a atividade industrial em seu aspecto moderno não era o elemento central no arranjo espacial do município e o comércio e os serviços se conformavam como extensão do dinamismo agrícola. Se observarmos a evolução do Produto Interno Bruto (PIB) por setor da economia no município de Russas nas últimas três décadas, vamos constatar a evolução significativa do papel dos serviços na dinamização econômica, seguida pela indústria, como aponta o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Produto Interno Bruto por setor da economia do IBGE - Russas (1985 a 2009)



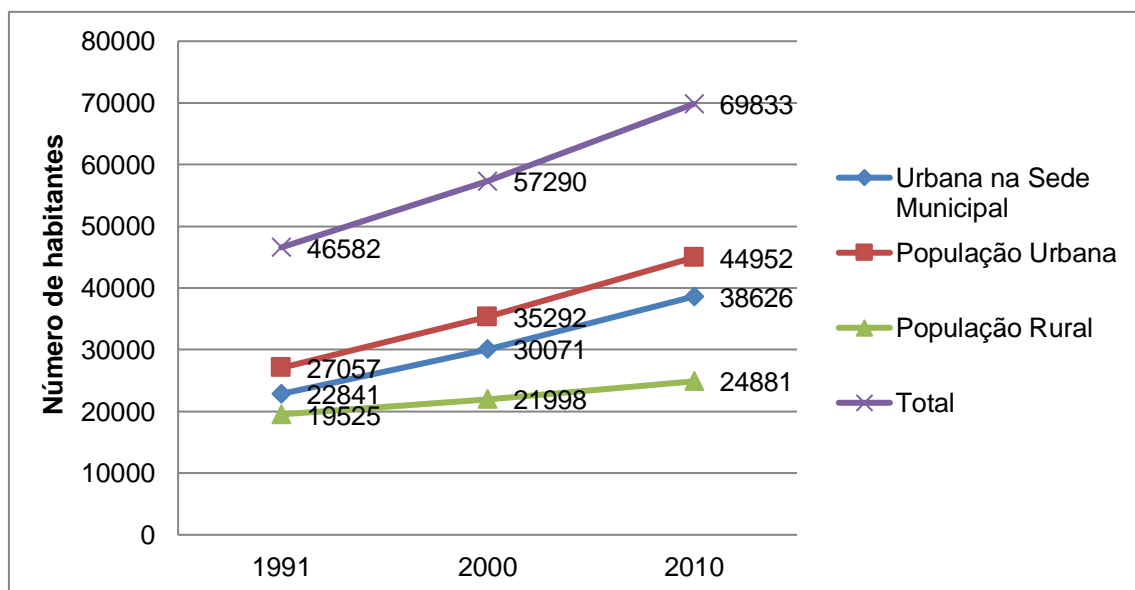
Fonte: IBGE.

Oliveira (2003) ao tratar do papel e da função dos serviços na economia urbana contemporânea, afirma que esse setor é tratado a partir de um modelo empírico-formal que desagrega, separa e compartimenta o conjunto das atividades econômicas em três setores – Primário, Secundário e Terciário. Isso contribui para confundir “[...] as relações formais entre os três setores com suas relações estruturais, isto é, como o papel que cada um desempenha no conjunto da economia e com o papel interdependente que jogam entre si [...]” (OLIVEIRA, 2003, p. 53).

Em Russas, nota-se que o setor agropecuário teve um leve aumento no que se refere ao PIB, enquanto os outros setores elevaram-se de modo significativo, destacando-se entre os três, o setor de serviços. A tímida elevação do setor agropecuário, sustentada em parte pela produção do Perímetro Irrigado Tabuleiro de Russas, significa a mudança do padrão de reprodução espacial, agora assentado em atividades ligadas ao urbano globalizado.

De acordo com Santos (2011), a indústria pode comportar a força de modificar uma sociedade em particular. Como exemplo dessas modificações impulsionadas por esse setor da economia, podemos citar o aumento do número de habitantes no município. Se analisarmos o período em que a Dakota iniciou suas atividades até o presente momento, foi notável a elevação do número de habitantes em Russas, tanto no município, quanto em sua sede (Gráfico 2).

Gráfico 2 – População urbana, urbana na sede municipal, rural e total em Russas (1991 a 2010).



Fonte: Censo demográfico IBGE, 1991, 2000, 2010.

Outro dado importante na verificação do crescimento demográfico relativo do lugar é sua participação na lista dos municípios mais populosos do Ceará. Russas passou de 23º, em 1991, para 16º lugar, em 2010, subindo, assim, sete posições em duas décadas. Se analisarmos essa informação conjuntamente com a taxa geométrica de crescimento anual da população residente para o período em que a Dakota se instalou em Russas, verifica-se a influência desse equipamento na dinâmica demográfica do município. Assim, também entre 1991 e 2010, o percentual da taxa geométrica de crescimento anual da população colocou o município na 21ª posição do estado, superando o crescimento de importantes centros urbanos, como Sobral, Juazeiro do Norte e Crato, detentores de um maior contingente populacional²⁸.

De acordo com Pereira Júnior (2005) e Pereira Júnior e Almeida (2006), após a instalação da planta industrial da Dakota Nordeste S/A em Russas, inúmeras pessoas migraram para este município em busca de empregos ofertados direta ou indiretamente pela produção de calçados. Em entrevistas com o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Russas, o mesmo informou que isso é bem comum, ou seja, pessoas chegam de toda a região do Baixo Jaguaribe na busca de uma vaga como operário da indústria de calçados.

Porém, é na cidade onde essa dinâmica causa transformações mais evidentes. É possível observar, com base no gráfico anterior, que mais da metade da população total do município está na cidade. O centro urbano, como afirma Pereira Júnior (2011), torna-se o palco tanto da inserção competitiva dos mecanismos de mercado, como das lutas e contradições erguidas a partir da intensificação da lógica capitalista.

Sobre este aspecto Lefebvre (2004) comenta que,

“[...] a cidade é consumo, meio de produção, mas, antes, reúne os elementos da produção. Porém, nada cria, mas sim centraliza as criações. Por isso, ao mesmo tempo cria tudo, pois nada pode existir sem as relações e inter-relações que ela permite [...]” (LEFEBVRE, 2004, p. 123).

Comparativamente, assim como numa fase em que a economia dependia mais da agricultura, os trabalhadores do campo ou das indústrias de beneficiamento

²⁸ Fonte: Censos demográficos de 1991 a 2010.

de artigos agrícolas consumiam na cidade a sua sobrevivência. O que vem ocorrendo em Russas se assemelha bastante àquele movimento de décadas atrás, no entanto o seu conteúdo difere. A atividade industrial calçadista aumenta a oferta de emprego regional e, por decorrência disso, os salários desembocam no comércio e nos serviços da sede urbana municipal.

Para Carlos (2001),

Nesse nível a cidade é condição geral da produção, o que impõe determinada configuração espacial que aparece como justaposição de unidades produtivas, formando 'uma cadeia (em função da articulação e das necessidades do processo produtivo, por meio da correlação entre os capitais individuais e a circulação geral) que integra os diversos processos produtivos, os centros de intercâmbio, os serviços e o mercado, além da mão-de-obra.

O caso de Russas evidencia essa relação. De acordo com o Presidente da CDL de Russas, as mulheres e os jovens de 18 a 30 anos do município dificilmente encontravam emprego na cidade. Essas pessoas, segundo o entrevistado, se fossem mulheres, iriam trabalhar como domésticas e as mais qualificadas iriam para o comércio. No caso dos homens, iriam para a indústria ceramista, um trabalho precário e insalubre. A Dakota chegou ao município e recrutou uma parcela da força de trabalho “esquecida” ou que estava no mercado informal²⁹.

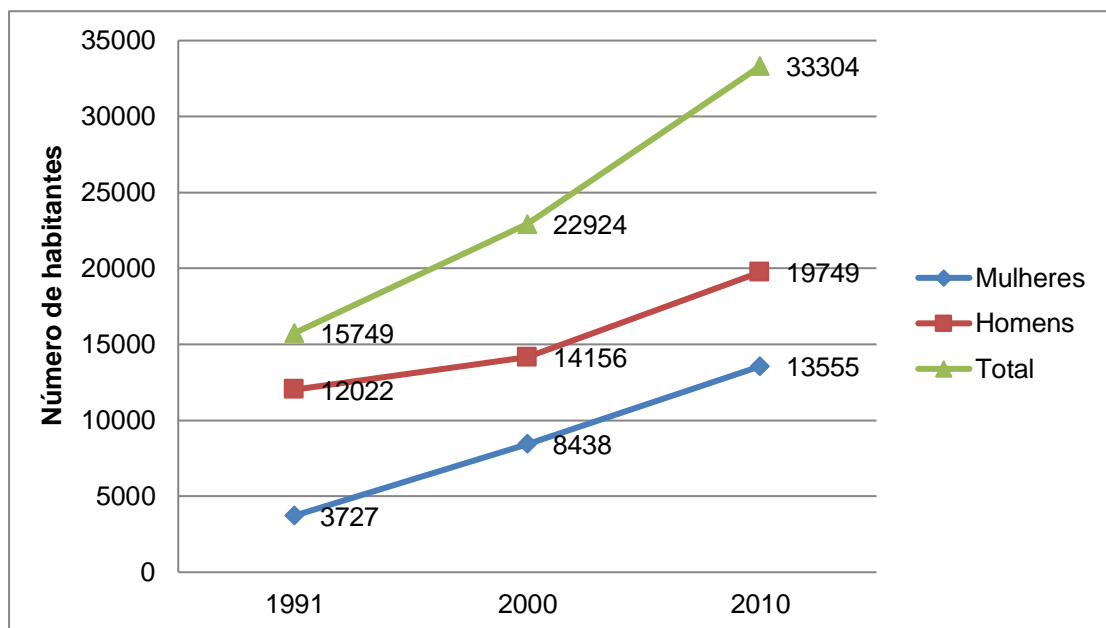
Muitas trabalhadoras da Dakota Russas entrevistadas relatam que anteriormente a chegada dessa empresa, as mulheres tinham dificuldade de conseguir emprego, pois a indústria ceramista contratava majoritariamente mão de obra masculina, em razão de o trabalho exigir muita força física. Restava-lhes o trabalho doméstico, o comércio e os serviços. No entanto, tais opções ofereciam poucos postos de trabalho, pois a economia urbana da cidade não apresentava dinamismo suficiente para ocupar significativamente a população economicamente ativa ociosa. De acordo com os dados do censo demográfico de 1991, como aponta o Gráfico 3, a população economicamente ativa masculina ocupada era praticamente o dobro da feminina. Isso se dava por conta da oferta da indústria de transformação ceramista ser voltada quase que exclusivamente para homens. O

²⁹ É um movimento que confirma o que já disse Oliveira (1982), ou seja, que a “[...] a industrialização brasileira trouxe para dentro de si, de uma só vez, de uma pancada, todo esse exército industrial de reserva vindo dos campos para dentro das cidades” (OLIVEIRA, 1982, p. 43).

comércio e os serviços não empregavam contingente suficiente para intervir nos dados sobre o mercado formal de trabalho e o resultado está expresso no Gráfico 3.

As mudanças são consistentes a partir do ano 2000, quando a Dakota já contratava intensamente no município. Além do número total da população ativa crescer consideravelmente até 2010, a proporção entre homens e mulheres empregadas se altera substancialmente, sempre em benefício das mulheres. Se em 1991 a diferença entre mulheres e homens contratados era de uma proporção de quase quatro vezes (3.727 para mulheres e 12.022 para homens), em 2010 a contratação de empregados dos dois sexos apresenta números muito próximos (13.555 para mulheres e 19.749 para homens), não representando grande diferença percentual.

Gráfico 3 – População Economicamente Ativa, segundo sexo, em Russas (1991 a 2010)



Fonte: Censo demográfico IBGE, 1991, 2000, 2010.

A Tabela 1 também confirma a maior entrada da participação feminina no mercado formal de trabalho. As mulheres, que anteriormente encontravam mais possibilidade para formalização do emprego no setor terciário, a partir da instalação da fábrica da Dakota e de outras empresas do setor calçadista, sentiram o aumento da oferta de empregos formais. Como aponta a tabela, para o ano de 2000, elas já representavam 36,4% da população economicamente ativa ocupada do município e,

na década seguinte, esse percentual subiu para 39,7%³⁰. A participação feminina no mercado de trabalho formal significou a redução no número de mulheres em idade ativa desocupadas.

Tabela 1 – População Economicamente Ativa, segundo sexo e situação de ocupação, em Russas (2000 e 2010)

Condição de atividade por situação de ocupação	2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
População economicamente ativa	14.156	8.438	19.749	13.555
População economicamente ativa - ocupada	12.158	6.968	18.814	12.386
População economicamente ativa - desocupada	1.998	1.470	934	1.169

Fonte: Censo demográfico IBGE, 2000, 2010. Organizado pelo autor.

O modelo tecnológico adotado pela indústria calçadista tem papel central na determinação do tipo e do volume de mão de obra absorvido pelo setor. A produção de calçados constitui um processo de trabalho intensivo em mão de obra, guardando elevado conteúdo artesanal (FRASSETTO, 2006). Ademais, o trabalho exigido pela indústria de calçado não requer grande qualificação, muito das vezes a qualificação ocorre no momento em que se ocupa o posto, isto é, “fazendo”.

Assim, ao instalar uma fábrica em Russas, a Dakota arregimentou a população economicamente ativa que estava alocado no circuito inferior da economia (SANTOS, 1979) ou que estava desocupada.

A absorção da força de trabalho é um dos aspectos fundamentais relativo ao processo de desenvolvimento econômico em países capitalistas. Ela condiciona, em grande parte, tanto as formas de distribuição dos rendimentos e concentração de renda, como as condições de vida da maior parte da população (MENELEU NETO, 2002). Nesse sentido, nota-se uma correlação entre o padrão demográfico e a capacidade do sistema econômico em absorver a população que pressiona o mercado de trabalho.

³⁰ No entanto, esses valores ainda estão bem distantes do percentual masculino para o mesmo indicador. Isso se deve ao fato de a indústria ceramista ser a segunda maior força na geração de empregos nos municípios e esse setor disponibilizar postos de trabalhos em sua grande maioria para homens.

Assim, percebe-se uma produção de pessoas adequada a uma produção capitalista do espaço, volatizadas para a acumulação de capital (HARVEY, *apud* HENRIQUE, 2010). Isso se evidencia na fala do presidente do CDL de Russas,

“o cara já sai da Dakota com a mente de funcionário de uma empresa grande, na questão de horário, na questão de cumprimento de normas. Como eles trabalham em escala, cada funcionário tem a sua função. Se um deixar de fazer, os outros também ficam prejudicados, então, por conta disso, eles criam uma mentalidade que o funcionário da Dakota tem que ter responsabilidade”.

Analisar a expansão do emprego em termos de controle da força de trabalho se vincula com o objetivo de tentar desvelar as estratégias adotadas pelo setor calçadista com o objetivo de alcançar altas taxas de lucratividade. Nesse sentido, como afirma Salerno (2004, p. 24) “o trabalho é organizado não para que seja definida uma ‘tarefa ótima’ (menor tempo-padrão de execução), mas para que a acumulação seja ‘ótima’ (maior acumulação)”.

Portanto, apresentaremos a seguir as relações de trabalho que ocorrem no interior da fábrica e as formas de trabalho subcontratado utilizadas pela Dakota em Russas. Entendemos que isso implica em uma nova mobilidade que se materializa no município e na região, desencadeada a partir da incorporação de um trabalho fordista, moderno e de carteira assinada, no cotidiano da força de trabalho regional.

3.2.2 Multiplicação das formas de trabalho industrial calçadista: do modelo tradicional fordista às novas estratégias de subcontratação

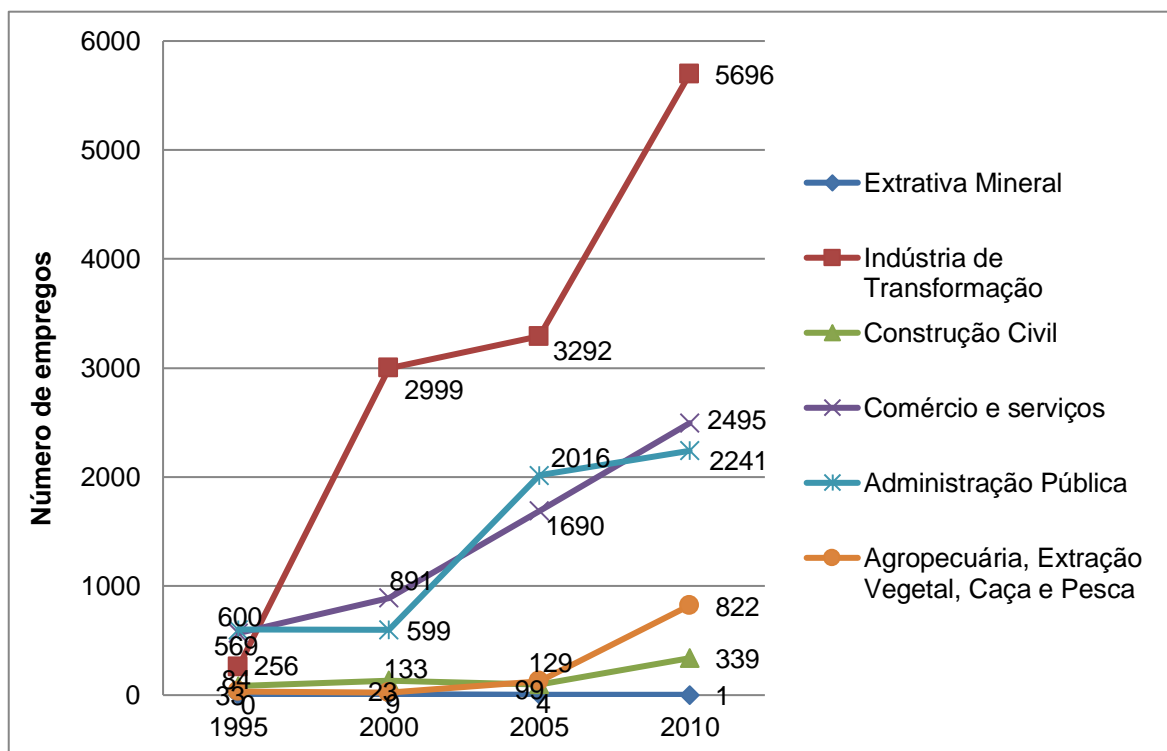
Segundo Navarro (2003) o novo padrão de acumulação se caracteriza pela intensificação da exploração da força de trabalho, tanto através do incremento tecnológico, quanto pela inserção de novas formas de sua organização. Para esta autora essa característica desemboca nas várias formas de precarização do trabalho, permeando a realidade da fábrica a casa do trabalhador.

O trabalho assalariado regular na indústria calçadista conviveu com formas distintas de subcontratação e precarização, predominando, assim, diversas formas de organização produtiva, desde o trabalho domiciliar – com o emprego de

membros da própria família do trabalhador – ao trabalho assalariado nas fábricas (NAVARRO, 2005).

Nessa perspectiva, observando o estoque de empregos formais em Russas, nota-se que o setor que mais emprega uma considerável força de trabalho é a indústria de transformação. Após a política de modernização do espaço cearense adotada pelos empresários-políticos oriundos do CIC, selecionando a indústria como o vetor para tal fim, o quadro da empregabilidade mudou, rearranjou espacialmente a organização territorial das atividades produtivas, antes concentrada na capital do estado. O espaço urbano não metropolitano passou a ser palco para novos investimentos industriais modernos, como demonstra o Gráfico 4.

Gráfico 4 – Quantidade de empregos formais por setor da economia em Russas (1995 a 2010)



Fonte: MTE/RAIS. IBGE.

A pujança da economia urbana municipal se deve, em primeira instância, à indústria de transformação, cuja importância na geração de emprego e renda tem sido crescente. Ao mesmo tempo, setores que no passado formavam os pilares da dinâmica urbana de Russas perderam gradativamente o status de vetor de organização/estruturação espacial. Isso não significa afirmar que os setores de comércio e serviços, administração pública e construção civil tenham diminuído a

contratação de mão de obra, pois o Gráfico 4 demonstra uma expansão do emprego em todos os ramos da economia.

A indústria de transformação, porém, cresce em ritmo exponencial, alcançando uma média de cerca de 1.000%. Isso se dá devido à grande quantidade de postos de trabalhos criados diretamente pela indústria calçadista, principal subsetor componente da indústria de transformação em Russas. A expansão desse subsetor injetou uma massa salarial expressiva no comércio e nos serviços, pois, ao pegarmos somente esse ramo da indústria e seus efeitos multiplicadores, podemos observar que ela tem um papel significativo no tocante à dinamização da economia urbana, empregando 3.884 pessoas somente no ano de 2010, ou seja, um aumento de 60% em 10 anos. Em outras palavras, os demais setores, ao longo das últimas décadas, apresentaram uma expansão em razão de terem se amparado no aumento do poder de consumo gerado pelo gênero calçadista, representados pela Dakota-Russas e pelas empresas subcontratadas por ela.

Como já informado, a migração entre os municípios do Baixo Jaguaribe acaba por alimentar um contingente interessado em ocupar as vagas disponíveis pela expansão da oferta de emprego formal. De acordo com os dados do censo demográfico de 2010, sobre o tempo de residência da população de Russas, constata-se a presença significativa de moradores que vivem nesse município em torno de nove anos ininterruptamente, um incremento de aproximadamente 2.273 pessoas em 10 anos, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 – População com menos de 10 anos ininterruptos de residência em Russas, segundo o tempo ininterrupto de residência no município (2010).

Município	Tempo ininterrupto de residência									
	Menos de 1 ano	(%)	1 a 2 anos	(%)	3 a 5 anos	(%)	6 a 9 anos	(%)	Total	(%)
Russas	1.665	17,85	2.544	27,27	2.845	30,51	2.273	24,37	9.328	100

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2010.

Ainda de acordo com a Tabela 1, observa-se a alta taxa de participação dos moradores que residem em torno de cinco anos em Russas, ou seja, o número de migrantes continuou crescendo após a instalação da planta da Dakota,

evidenciando uma contínua expansão da força de trabalho empregada no processo produtivo do calçado, tornando a atração de mão de obra cada vez maior.

Ao levarmos em consideração que a Dakota Russas iniciou suas atividades no ano de 1998, podemos inferir que tal equipamento foi significativo na atração dessa população. Pereira Júnior (2005, p. 161) afirma que “[...] a migração constitui importante mecanismo de distribuição espacial da população” e que “[...] o rearranjo geográfico das atividades econômicas se apresenta como componente essencial na organização do fluxo migratório”. Assim, é possível constatar que essa ação redefiniu completamente o dinamismo econômico e urbano de Russas, pois os empregos gerados e os serviços indiretamente criados pela atividade produtiva alteraram a velocidade dos ritmos da sede do município, reiterando o seu papel de importante nó na rede urbana cearense.

Sabe-se que o processo modernizador não se realiza da mesma forma em todos os lugares. Tem-se que, nas pequenas cidades, ele poderia se apresentar mais residualmente. De acordo com Damiani (2006), a divisão social do trabalho se desdobra numa divisão territorial do trabalho, em que momentos diferentes do processo estão se realizando em diferentes lugares, pondo, assim, diferenças sociais e econômicas.

Lima, Borsoi e Araújo (2011) afirmam que a modernização das indústrias calçadistas, com a incorporação de novas tecnologias e de novos procedimentos organizacionais, tem um caráter híbrido e desigual. Isso porque tal modernização se caracteriza pelo trabalho intensivo, em que pese a adoção de inovações com relação a produtos, materiais, maquinaria e informatização das fábricas.

Isso se evidencia no interior das unidades fabris, onde observamos uma rígida disciplina, determinada pelo tempo da esteira, que exige do trabalhador grande atenção, eficiência e rapidez para que dê conta do ritmo do processo de trabalho, respeitando a divisão da fábrica em setores.

Em entrevistas feitas com funcionários(as) da Dakota, eles(as) relataram que cada funcionário só tem acesso ao seu respectivo setor, sendo impedido de visitar outros setores da fábrica. Esse controle é mantido por meio do crachá que especifica sua função dentro da unidade produtiva e o seu local de trabalho. Os setores de produção do calçado na fábrica da Dakota são: montagem, corte, costura e acabamento. A subdivisão do trabalho em cada uma dessas fases vai depender do

tipo e do modelo de calçado a ser produzido e das matérias primas a serem utilizadas

Nas entrevistas que realizamos, recebemos informações que os setores das fábricas obedecem a uma divisão hierárquica dentro da planta fabril. Cada um deles é denominado pela engenharia de produção de “fábrica” e as mesmas respondem pela produção de um determinado tipo de calçado.

Em sua tese de doutorado, Pereira Júnior (2011) informa que, na Dakota Russas, essas

“fábricas” nada mais são do que partes fragmentadas de uma linha de montagem maior. Ao invés de uma, se utilizam dez esteiras e cada seção dispõe de todas as condições necessárias para a elaboração do produto final. Esse procedimento facilita que supervisores, contra-mestres e auxiliares de fiscalização imponham mais efetivamente o compromisso da produtividade desejada, sem falar que, do ponto de vista do controle geral da produção, as metas e o trabalho ganham em flexibilidade, combinando elementos do Kanban e do fordismo clássico (PEREIRA JÚNIOR, 2011, p. 398).

Cada pequena fábrica conta com um gerente, um contramestre, três auxiliares e aproximadamente 150 peões³¹. Cada fábrica corresponde a uma esteira³² e cada esteira corresponde a uma linha de produção. Atualmente a Dakota Russas tem 12 fábricas em funcionamento³³, isto é, 120 linhas de produção, produzindo, cada uma, 2.200 pares de calçados por dia, como ilustra a Figura 5.

A divisão do trabalho é expressa nas fardas dos trabalhadores, chamadas entre eles de bata. Cada função no processo produtivo tem uma tonalidade diferente de bata. A azul-claro representa os trabalhadores do chão de fábrica, que se configuram como a maioria dos empregados; a verde, refere-se ao auxiliar de produção, este é responsável por controlar o ritmo da produção, fiscalizar o trabalho, “incentivar” ganhos de produtividade, muitas vezes sob pressão. Já a bata azul-escuro, com gola e mangas vermelhas, é usada pelos trabalhadores de controle da produção e qualidade do produto; por fim, a bata branca representa o gerente de fábrica, responsável por todos os trabalhadores de uma esteira.

³¹ Denominação feita pelos próprios funcionários para a função que ocupam, a da base da pirâmide hierárquica no chão da fábrica.

³² Nossa entrevistada nos informou que são duas linhas de calçado por esteira no máximo.

³³ De acordo com nossos entrevistados, a Dakota Russas já teve 14 fábricas em funcionamento.

A cor da bata reflete também a diferença no valor do salário que cada um recebe em troca do uso da sua força de trabalho. Com exceção do “peão”, todos os outros cargos apresentam função de fiscalização da produção dentro da fábrica³⁴. A diferença de um auxiliar para o “peão”, isto é, a diferença entre o maior e o menor grau de hierarquia da esteira, sem levar em consideração o gerente, caracteriza-se no acréscimo de R\$ 10,00 no salário somado a horas de trabalho extra³⁵.

Figura 5 - Esteiras de produção da unidade de produção da Dakota Nordeste em Russas



Foto: KID JUNIOR. Fonte: Diário do Nordeste, Fortaleza, Ceará, quarta-feira, 1 de maio de 2013 – Caderno Regional, página 2.

Dentre os setores de maior desgaste no trabalho, destaca-se o da costura, em razão dos detalhes da operação. De acordo com um funcionário que trabalha na fábrica faz cinco anos, e há três está nesse setor, o trabalhador “tem que

³⁴ A função de auxiliar acaba por gerar inimizades no ambiente de trabalho, em razão da pressão que esse cargo exerce sobre os demais. Uma de nossas entrevistadas relata que um colega de trabalho já exerceu esse cargo, mas, devido às obrigações que o cargo lhe condicionava a desempenhar, pediu para voltar ao seu posto inicial. Segundo nossa entrevistada, o gerente da fábrica ordenava a “máxima pressão” sobre os funcionários de cargos inferiores durante o período de trabalho, como uma forma de desempenhar o controle social dentro da fábrica.

³⁵ No capítulo seguinte, trataremos isso com mais detalhe, ao analisar o peso da massa salarial da Dakota Russas no comércio e nos serviços da cidade.

ter muita precisão para não perder o calçado³⁶, pois tudo é contabilizado com o intuito de diminuir o desperdício de material. Entretanto, de acordo com outro funcionário³⁷ do setor de montagem, há uma subdivisão na qual se realiza a colagem do solado do calçado. Essa seção é uma das mais precarizadas, em virtude do trabalhador estar em contato direto com produtos químicos, como cola de sapateiro e solventes. De acordo com um funcionário³⁸ que já trabalhou nesse setor, o cheiro forte causa tontura e os produtos em contato com a pele a corrói ou causa alergias. Em razão disso, essa fase da produção do calçado é utilizada como subseção punitiva dos trabalhadores que não estão de acordo com as normas disciplinares da fábrica. Ele relata que, como a fábrica não costuma demitir seus funcionários, os mesmos acabam por se submeter ao “castigo” por exigirem os direitos trabalhistas de desligamento da empresa, tais como férias ou seguro desemprego.

Tais procedimentos, mesmo representando precariedades da especialização flexível no controle do trabalho, é uma manifestação do controle rígido da produção, materializada pelo fordismo. É o modelo da estrutura de poder que evolui, segundo Gaudemar (1991), em sistemas disciplinares amplamente hierarquizados, que se caracterizam por determinados ciclos, entre eles, a) o ciclo panóptico³⁹; b) o ciclo de disciplinarização extensiva⁴⁰; c) o ciclo de disciplina maquínica⁴¹ e d) o ciclo de disciplina contratual⁴². A cada um desses ciclos

³⁶ “Nem todos os funcionários vão para o setor de montagem (onde a costura do calçado é realizada), geralmente tem mais mulher que homem, porque precisa de muita atenção pra não perder o calçado, tudo é contado, se perder o calçado por falta de atenção, a gente perde até um dia de trabalho” (Funcionário do setor de montagem, responsável pela costura do calçado, empregado da empresa há cinco anos).

³⁷ “Já trabalhei na colagem, é horrível, você fica cheirando produtos químicos toda hora. Trabalhei aí por um tempo, tendo contato com esses produtos. Apesar de darem as máscaras, elas não servem de nada, porque eu num consigo sentir direito o cheiro das coisas” (Funcionário do setor de montagem há cinco anos, responsável pela costura do calçado, empregado da empresa há sete).

³⁸ “Eu não queria trabalhar nesse setor, queria ser demitido e, como eles não quiseram dar minhas contas, comecei a fazer corpo mole, demorar no banheiro e por aí vai. Aí um belo dia eles me mandaram pra colagem, eles queriam era brincar de cabo de guerra comigo, pra ver quem aguentava mais. Muita gente lá que nem eu passa por isso, mandam pra colagem pra ver se a gente desiste e pede demissão, assim eles num pagam nossos direitos completos, sem falar que muita gente pega alergia por causa dos produtos, fica com a pele toda vermelha” (Funcionário do setor de solados há três anos, empregado na fábrica há nove).

³⁹ Vigilância direta por parte do patrão sobre o trabalhador.

⁴⁰ Direção de empresas que pretende controlar o trabalhador dentro e fora da fábrica.

⁴¹ Introduzida pelo taylorismo na organização científica do trabalho, que vê o trabalhador como parte substancial da máquina.

⁴² A disciplina se realiza através dos modos formais ou reais de delegação do poder do chefe aos funcionários ou às diferentes formas de organização sindical.

corresponderá uma figura exemplar: a fábrica-fortaleza (experimentos benthamianos de disciplinamento do trabalho); a fábrica-cidade (paternalismo patronal além da fábrica); a fábrica-máquina (taylorismo-fordismo) e a fábrica-democrática, em que se destacam o merchandising, o contratualismo e a delegação da disciplina aos sindicatos (GAUDEMAR, 1991).

Desses ciclos, nos interessam os dois últimos e suas correspondentes figuras exemplares: a fábrica-máquina e a fábrica-democrática. Isso se dá porque acreditamos ser uma base teórica que nos auxilia a compreender o processo de controle da força de trabalho em curso no município de Russas e o conteúdo expresso por essas normas à organização da cidade. A investigação desse problema está alinhada também a uma expropriação originária, nos termos de Marx (1996), ou seja, “[...] uma série de processos históricos que resultaram na decomposição da unidade originária existente entre o homem trabalhador e seus instrumentos de trabalho [...]” (MARX, 1996, p. 99).

Para Cató (2005),

La flexibilidad laboral, además de contribuir a la precarización de los elementos considerados como parte de las condiciones de trabajo, también facilitó la consolidación de la dominación del capital sobre la fuerza de trabajo. Esta política pretende obtener de los trabajadores una conducta laboral que se adecue a los objetivos estratégicos de la empresa. Por ello diseña y ejecuta una serie de mecanismos de diferente intensidad y dimensión, y se caracteriza por un tipo de tecnología específica, por el diseño organizacional, por políticas de mano de obra y por la adecuación del sistema normativo (CATÓ, 2005, p. 52).

Nessa linha de raciocínio, o estudo da disciplina e da forma de controle da força de trabalho permite evidenciar as complexas relações sociais que constituem e conformam o processo de trabalho como um momento de valorização do capital e explica, como sugere Gaudemar (1991), os específicos pressupostos subjacentes ao desenho de sua estrutura e funcionamento. A disciplina compreende uma estratégia reguladora de sua configuração e operatividade, múltiplas estratégias e complexa adaptação destinada a obter a adequação produtiva do comportamento do trabalhador (SANTOS, 2010). Isto se evidencia ao constatarmos que, na fábrica, os trabalhadores operam no ritmo da esteira e, para que ela não pare de funcionar e

favoreça uma acumulação "ótima", a coerção moral se torna uma prática recorrente dentro da fábrica⁴³.

Para Santos (2010)

Em cada momento histórico, o capital impõe determinadas tecnologias disciplinares e de controle no sentido de adequar a força de trabalho a uma gama de princípios e normas codificadas em regulamentos que atuam de maneira a impor um tipo de comportamento adequado à reprodução do capital.

Uma das manifestações mais emblemáticas desse processo em Russas, a partir da atuação da Dakota, é o trabalho das "enfiadeiras", ou seja, artesãs subcontratadas para serviços auxiliares em peças de calçados. Elas recebem por peça e o volume de trabalho que realizam é aquele solicitado pela fábrica, que também estipula a remuneração pelo trabalho executado. Também são responsáveis pelo acabamento dos calçados, pela confecção de acessórios e de detalhes que permitem as variações de modelos, entre outras funções. Desse modo, o planejamento e a execução da produção, antes restritos ao espaço fabril, assumiram novas dimensões.

Almeida (2011), ao tratar do repasse da produção do calçado às costureiras domiciliares, informa que essa é a forma de trabalho mais precária encontrada entre os vários tipos de terceirização do setor. Também é a que possui menor rendimento, além de não ter nenhum direito trabalhista e representar um valor simbólico de ser um trabalho complementar à renda da família.

Essa prática é tradicional no Rio Grande do Sul e em São Paulo, estados com tradição na produção de calçados, como apontam os trabalhos de Navarro (2003), Almeida (2008 e 2011) e Prazeres (2010).

⁴³ De acordo com nossos entrevistados, funcionários(as) da Dakota de Russas, quaisquer desentendimentos com seus superiores ou lentidão na esteira, eles são chamados para o "paredão". O peão é "convidado" a ir à frente de todos de sua esteira para levar uma advertência verbal em público. Dependendo da ocorrência, o trabalhador poderá perder o dia de trabalho ou o vale alimentação. Qualquer problema é passível de ir ao paredão. Tudo para não parar a esteira. Sobre o trabalho na esteira, a informação é de que o funcionário não pode abandoná-la por nenhum motivo. "A esteira não para pra ninguém, nem pra beber água. Às vezes um vai e pega água pra duas pessoas" (Funcionária da Dakota de Russas). Para aqueles que seguem as normas da empresa com rigor, uma condecoração de destaque do mês é recebida e o prêmio por sua sujeição formal às normas de controle da força de trabalho impostas pela fábrica é uma cesta básica e uma bata vermelha com os dizeres: "Eu amo a Dakota".

Figura 6 – Enfiadeira na varanda de casa



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 7 – Um dos postos de recolhimento do enfiado



Fonte: Próprio autor, 2014.

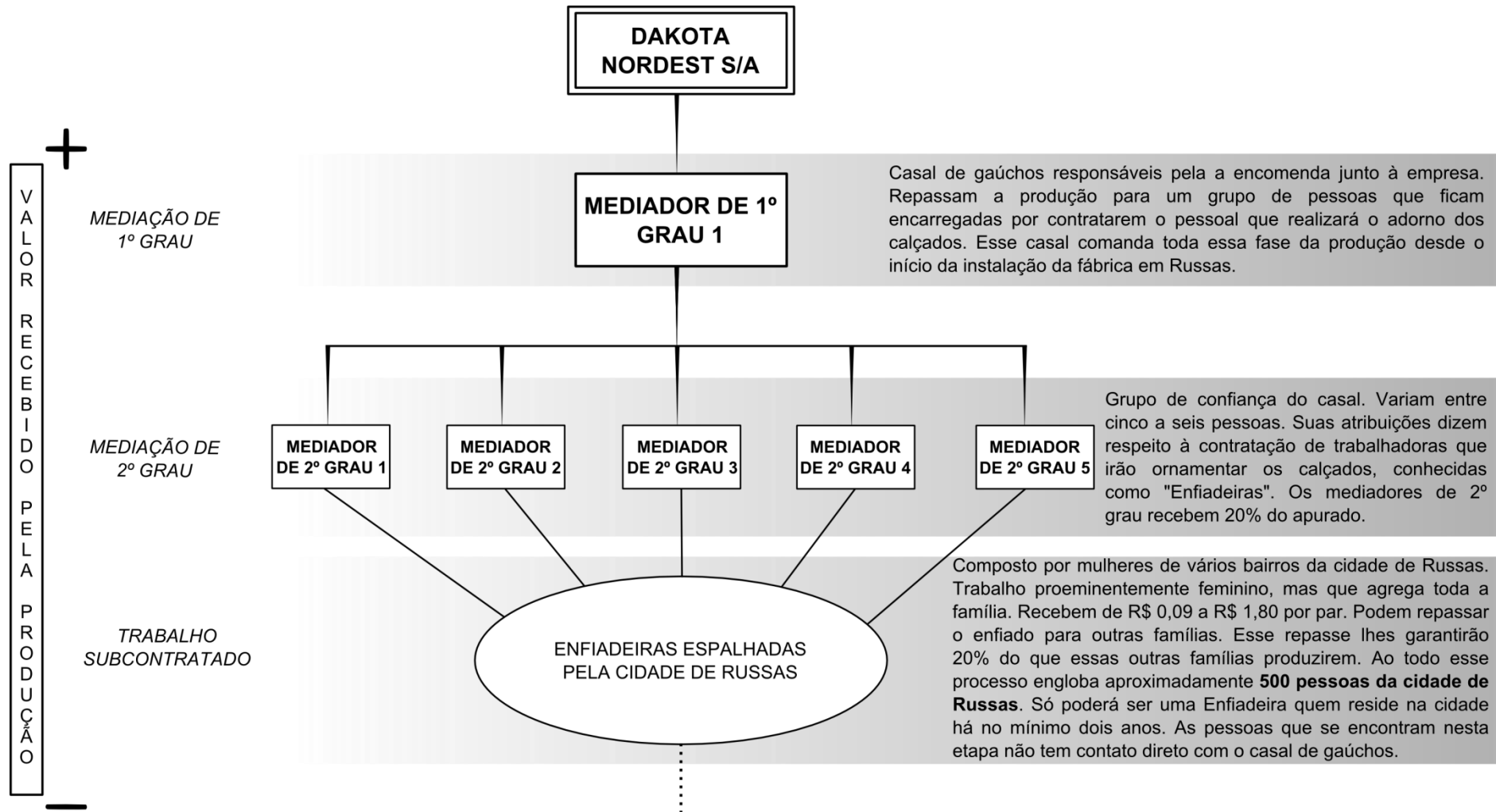
A imagem das enfiadeiras na paisagem se tornou comum na cidade de Russas. São várias mulheres, na sala ou na calçada de suas casas, ornamentando os calçados da Dakota, de sandálias a botas de couro. Entre um ou outro afazer doméstico, elas realizam o enfiado. Estão espalhadas por todos os bairros da cidade, atribuindo novos elementos à paisagem urbana (Figuras 6 e 7).

A atividade do enfiado era inicialmente desenvolvida no ateliê da Dakota, mas devido à grande quantidade de calçados produzidos diariamente, o número de funcionários não era suficiente para adornar todas as peças no tempo desejado. Assim, a produção passou a ser efetivada fora da fábrica, por meio do trabalho subcontratado. Em virtude de a atividade demandar muita atenção, destreza e certa habilidade para corte e costura, houve o direcionamento para que o trabalho fosse desenvolvido somente por mulheres, pois, de acordo com os gestores de produção, elas são mais capacitadas para esse tipo de tarefa.

Outros autores já escreveram acerca desse assunto, é o caso de Pereira Júnior e Almeida (2006). Quando da publicação desse trabalho, foi constatada que a atividade do enfiado era desenvolvida por mais de quarenta mulheres subcontratadas. Hoje, constatamos que esse número cresceu exponencialmente. Ao entrevistarmos algumas enfiadeiras, foi-nos relatado que deve haver, em Russas, aproximadamente, 500 mulheres ligadas a essa prática de subcontratação da empresa. Todo o adorno do calçado do Grupo Dakota no Ceará é realizado em Russas, inclusive a produção das unidades de Iguatu, Maranguape e Quixadá, que chegam através de transporte da própria empresa.

Para ser uma enfiadeira, as interessadas devem residir na cidade de Russas por no mínimo dois anos e receber uma indicação de alguma mulher que já exerce a atividade. A Dakota delega a ornamentação do calçado a uma empresa dirigida por um casal de gaúchos, funcionários da fábrica. Esse casal, ao receber a encomenda da Dakota, a delega para um grupo de cinco a seis pessoas que ficam responsáveis em distribuir para as enfiadeiras a produção e receber das mesmas os calçados já adornados, efetuando o pagamento pelo que foi produzido. O faturamento desse grupo de cinco pessoas gira em torno de 20% do arrecadado com a produção final de suas respectivas enfiadeiras. O valor é pago por par decorado, que varia de R\$ 0,09 a R\$ 1,80, como detalhado na Figura 8.

Figura 8 – Trabalho subcontratado durante o circuito produtivo do calçado em Russas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto mais detalhado e difícil o trabalho, “maior” o valor a ser pago por ele. Em entrevista, uma enfiadeira⁴⁴ relatou que o maior valor recebido pelo enfiado foi por conta de uma bota de couro toda costurada a mão. Para finalizar um par da bota, a enfiadeira nos informou que demorou duas horas. Um desperdício de tempo, visto que eles ganham por par enfeitado. Quanto mais fizerem, maior o rendimento, que gira em torno de R\$ 800,00 por mês. A mesma entrevistada, afirmou que prefere não pegar os calçados que exigem uma dificuldade extra para ser adornado, mesmo pagando melhor, pois, no final, a dificuldade imposta pelo ornato a ser feito no calçado não lhe possibilita realizar muitos em pouco tempo.

De acordo com nossas entrevistas, as pessoas encarregadas em distribuir os pares a serem ornamentados realizam a função de intermediação entre a contratante do serviço e as trabalhadoras subcontratadas. No que diz respeito aos contratantes, eles são um casal de gaúcho, sendo que o cônjuge é o antigo diretor geral e atual supervisor geral da fábrica. Juntamente com sua esposa, eles se encarregam do processo de ornamentação do calçado. Para tanto, eles tiveram que abrir uma empresa para oficializar contrato de serviço com a Dakota. No entanto, tal empresa não tem um funcionário contratado em seu nome, atuando no regime de subcontratação.

No que tange às enfiadeiras, elas estão distribuídas pela cidade e por comunidades rurais próximas à sede municipal de Russas. Na cidade, elas estão majoritariamente nos bairros de periferia, sobretudo Catumbela, Mutirão e Várzea Alegre⁴⁵. Não foi constatada a presença de mulheres em bairros com melhor infraestrutura, como o Centro, desempenhando essa função. Isso configura essa etapa da produção de calçados como uma atividade da periferia, em função do perfil socioeconômico das contratadas e do envolvimento com funcionários da linha de produção da fábrica. Também representa a organização espacial urbana de uma cidade com forte dinâmica industrial, que também movimenta um mercado de

⁴⁴ “As peças que pagam melhor são as mais demoradas pra se fazer. Uma vez eu peguei umas botas que o par custava R\$ 1,80, demorei duas horas pra terminar só um par. Não compensa, prefiro pegar as peças mais baratas, porque faço mais rápido e dá pra tirar um dinheirinho melhor do que se eu fizesse as botas” (Enfiadeira há seis anos, moradora do bairro Centro).

⁴⁵ Uma análise dos bairros, de acordo com o local de residência dos trabalhadores da Dakota, será apresentada no Capítulo 3 desta dissertação.

trabalho informal e amplia as relações sociais de produção e reprodução da força de trabalho, segundo seus parâmetros mais relevantes.

Ressalta-se a importância das enfiadeiras no processo produtivo da fábrica, visto que elas seguem o ritmo da produção em escala exigido pela empresa contratante. A produção é constante, parando somente nos meses de férias dos trabalhadores formalmente empregados, ou seja, julho e dezembro. Outro fato importante de ser ressaltado é que esse trabalho é particularmente feminino, assim como o relatado em Franca (SP) por Almeida (2008, 2011) e Prazeres (2010). No entanto, essa atividade acaba ocupando a família inteira, para que assim aumente o número de pares produzidos. Uma das entrevistadas relatou que os maridos desempregados acabam por ajudar suas esposas no enfiado, mas não são os encarregados da produção.

Sobre este aspecto, Navarro (2004) relata que a transferência de uma parcela da produção para fora da fábrica e sob responsabilidade do trabalho contratado informalmente responde pelo agravamento das relações de trabalho, pois estes trabalhadores subcontratados ficam à mercê de qualquer proteção das leis trabalhistas. E dentre os trabalhadores mais suscetíveis a regime mais precário de trabalho destaca-se o trabalho feminino (NAVARRO, 2004).

Ademais, o fato das enfiadeiras estarem situadas na categoria de trabalho familiar esconde e camufla uma situação de exploração, de baixos salários e de extração de um trabalho presente na cidade. A fábrica, como síntese de um novo contexto espacial, amplia o tamanho da unidade produtiva, adentrando no bairro, na casa e na esfera familiar das trabalhadoras.

O trabalho doméstico ou domiciliar é uma das formas mais recorrentes e antigas de subcontratação e data da Revolução Industrial do século XVIII, na Inglaterra. É uma forma de trabalho que surgiu com o estabelecimento das grandes fábricas, utilizada principalmente na produção têxtil. Com o desenvolvimento da indústria moderna nos países desenvolvidos, essa forma de trabalho entrou em decadência e passou a predominar o emprego fordista padrão, na qual as esferas do lar e do trabalho são bem delimitadas. No labor domiciliar, os trabalhadores realizam suas atividades com máquinas e ferramentas próprias ou alugadas e, na maior parte, são pagos por produção. No Brasil, esse tipo de trabalho nunca deixou de ser

utilizado, principalmente na indústria têxtil e de calçados, mesmo com a expansão da indústria moderna (ALMEIDA, 2008).

Na indústria de calçados em Russas, o que observamos é que a casa passa a ter uma função auxiliar à da moradia, transformando-se, em muitos casos, em uma unidade produtiva. A indústria dialoga com a cidade e o urbano, imprimindo-lhe ritmos racionais fordista-tayloristas, influenciando não somente o tempo do trabalho e do movimento no cotidiano, mas também a maneira de lidar com o doméstico e o afetivo, ou seja, a forma de pensar e ver o mundo.

3.2.3. Trabalho e mobilidade nos ritmos da produção industrial

Se o interesse do capital é espriar seu domínio territorial enquanto relação socioespacial, a acumulação⁴⁶ da mais valia gerada pelo processo de trabalho, a mais valia absoluta, aquela decorrente do prolongamento da jornada de trabalho, é componente basilar para tal intento.

Nesse aspecto, a mobilidade do trabalhador, seja a partir do deslocamento diário quanto semanal entre casa e trabalho, faz-se fundamental, reforçando os tipos de movimentos no espaço e interferindo nas formas de exploração do trabalho.

Em nosso trabalho de campo, observamos que a maior parte da mão de obra utilizada na produção dos calçados em Russas é natural do próprio município. Mas também há um contingente importante de trabalhadores que vem de outros municípios da região do Baixo Jaguaribe. Em relação à situação domiciliar dos trabalhadores, fomos informados pelo departamento de Recursos Humanos da Dakota que pouco mais da metade dos funcionários empregados é proveniente da zona rural⁴⁷. Isso fortalece a discussão já apresentada sobre a relevância da força de trabalho na atração de investimentos industriais.

⁴⁶ Acumulação capitalista significa valorização do capital, o que, por sua vez, significa incremento do capital adiantado mediante produção de mais-valia (MARX, 1996, p. 40). “Em primeiro lugar, o motivo que impulsiona e o objetivo que determina o processo de produção capitalista é a maior autovalorização possível do capital, isto é, a maior produção possível de mais-valia, portanto, a maior exploração possível da força de trabalho pelo capitalista” (MARX, 1996, p. 447).

⁴⁷ Dados referentes à situação domiciliar (rural-urbana) dos funcionários da Dakota não foram disponibilizados por essa empresa. O quantitativo informado nos foi repassado pelo setor RH da fábrica, após um rápido levantamento no sistema. Não tivemos acesso às planilhas que

Sobre este aspecto Pereira Júnior informa (2005, p. 161-162) que,

Se a indústria se coloca como forte mecanismo de atração populacional, outros componentes relevantes desenvolvidos, sobretudo, na zona rural, criam resistente pressão no sentido de determinar a expulsão de crescente parcela da população ligada à atividade agrária. Trata-se daquilo que Marx (1985) chamava de população supérflua latente, ou seja, parte da população rural que se encontra sempre na iminência de se transferir para as fileiras do proletariado urbano.

No entanto, a preferência da contratação de funcionários residentes no campo se configura também como importante estratégia adotada por uma empresa para facilitar o controle do trabalho. Em pesquisa realizada sobre o tema em Russas, Pereira Júnior e Almeida (2006) constataram que mais de 60% dos trabalhadores da Dakota são oriundos de distritos e localidades da zona rural, havendo, assim, um expressivo contingente de funcionários não residentes na sede do município. Uma de nossas entrevistadas, trabalhadora da Dakota de Russas, informou-nos que ainda hoje há “muito trabalhador rural na Dakota”.

Pereira Júnior e Almeida (2006) relatam que, de acordo com o Departamento de Pessoal da empresa na época, a preferência por esses operários se devia ao fato de eles não terem qualquer vício referente ao método organizativo de outra empresa. Sendo assim, tornava-se fácil a adaptação “[...] aos novos ritmos impostos pela fábrica” (p. 453).

Desse modo,

A temporalidade lenta das pequenas cidades passa, então, a ser rompida, e a quebra da solidariedade orgânica com gradativa inserção de uma solidariedade organizacional marca a vida quotidiana de Russas a partir da inserção da racionalidade capitalista do espaço (PEREIRA JÚNIOR e ALMEIDA, 2006, p. 461).

Assim, cabe ao trabalhador rural se ajustar às novas formas de organização social. As formas de se relacionarem foram se ajustando rumo a uma nova conjuntura, uma nova sociedade, uma urbanização crescente. Emerge a figura do trabalhador rural não agrícola, vinculado à atividade industrial calçadista, que

comprovassem o que nos estava sendo informado. No entanto, após entrevistas com os trabalhadores e visitas às comunidades rurais do município e à Viação Russana, afirmamos que esse número é plausível.

mora no campo, mas trabalha na cidade. Esses trabalhadores, em sua maioria, estavam anteriormente vinculados à atividade industrial ceramista ou às atividades agrícolas do município de Russas.

No caso dos produtores rurais que agora dispensam sua força de trabalho para as esteiras da Dakota, informam que as fortes restrições ao crédito agrícola, combinadas à política de juros do governo, limitaram as possibilidades de investimentos necessárias ao ganho de competitividade de suas produções. A esse respeito, Silva (1998) enfatiza que isso se deve às mudanças que as unidades produtivas agrícolas sofrem por conta da globalização da economia, dentre as quais se destacam as transformações registradas no mercado de trabalho agrícola, a partir da nova divisão do trabalho no interior das unidades familiares. Isso acaba por resultar na liberação de alguns membros das famílias de unidades produtivas agrícolas para se ocuparem em outras atividades de diferentes características. Observa-se, assim, a emergência de indivíduos que mesmo residindo no campo passam a incorporar a massa de trabalhadores urbanos.

A população rural jovem é bem elucidativa desse processo. Constatou-se que os jovens residentes no espaço rural de Russas são cada vez mais atraídos pela oferta de trabalho na indústria. Em entrevista, foi-nos relatado, por um conjunto de jovens funcionários da Dakota, que eles não tinham interesse em continuar as atividades agrícolas de suas famílias, visto que as suas intenções eram frequentar o ensino superior. A visão que eles apreendiam da possibilidade do diploma universitário era similar a de um passaporte que lhes garantisse a saída do campo “atrasado”, para o urbano “desenvolvido”. De acordo com a transcrição da fala de dois desses jovens, que representam bem os comentários dos demais, é possível apreender essa “expansão da racionalidade urbana” que mencionamos anteriormente.

“com toda sinceridade, não quero trabalhar na roça, é uma vida muito difícil, meu pai está há três anos nesse chove e num molha. Quero isso pra mim não. Estou fazendo um curso de RH na fábrica pra ver se eu consigo algo melhor pra mim” (Funcionário há dois anos na Dakota no setor de solados e reside no Distrito de Flores no município de Russas).

“minha família toda trabalha no roçado desde que eu me entendo por gente, mas eu não quero continuar. Muito sofrido e ganha pouco. Isso quando chove, né. Lá na fábrica não, com chuva ou sem chuva o dinheiro tá na conta todo o mês. Só que não quero ser peão pra sempre não, estou estudando a noite, fazendo supletivo pra ver se faço uma faculdade e

melhor meu salário, pra poder sair daqui, porque aqui não tem muita oportunidade não. (Funcionário há um ano na empresa no setor de montagem e residente no Distrito de Peixes)

Segundo Rúa (2005), tanto a urbanização física como a urbanização ideológica no campo levam ao estabelecimento de urbanidades no espaço rural. Não se pode compreender a ruralidade somente a partir da penetração do mundo urbano-industrial no rural (urbanização física), mas também a partir do consumo pela sociedade urbano-industrial de bens simbólicos (o diploma do ensino superior, no caso desses jovens) e materiais e de práticas culturais que são reconhecidas como próprias do mundo rural.

Schneider (1996), ao estudar a expansão da indústria calçadista no Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, e as novas relações de trabalho que emergiram desse processo, afirma que a atividade coureiro-calçadista passou a atrair de forma crescente a força de trabalho ligada à agricultura. Isso fez surgir uma articulação social e econômica entre industrialização e transformações na agricultura familiar, da qual emergiram novas formas de trabalho e novas formas de produção. As novas formas de trabalho compreendem desde o assalariamento direto dos agricultores até as estratégias peculiares de obtenção de renda extra-agrícola por parte de membros das famílias camponesas.

Fato similar também pôde ser constatado em Russas. Nem todos os trabalhadores empregados na produção do calçado oriundos do campo abandonaram suas unidades de produção familiar ligadas à agricultura. Ocupados na fábrica durante a semana, eles passaram a cultivar lavouras nos fins de semana e nas férias. Essa nova dinâmica do espaço rural leva ao crescimento de famílias rurais pluriativas (SILVA, 1998), ou seja, que combinam atividades agrícolas e não agrícolas autônomas e/ou assalariadas.

Desse modo, segundo Silva (1998), as “migrações setoriais” estão na linha de frente dos novos rumos tomados pela mão de obra rural.

Esse fato faz surgir, em Russas, um grande fluxo pendular de trabalhadores procedentes dos mais variados distritos, e mesmo de alguns municípios próximos. O município e a cidade, assim, organizam-se para atender às necessidades da Dakota, em razão do fluxo frequente e diário dos trabalhadores do

perímetro rural para a sede desse município, bem como em virtude do consumo de produtos e mercadorias do comércio, dos serviços e do mercado imobiliário⁴⁸. As relações entre a Dakota e a cidade começam a se intensificar por meio do aprofundamento do uso e da produção do espaço urbano pela atividade industrial calçadista.

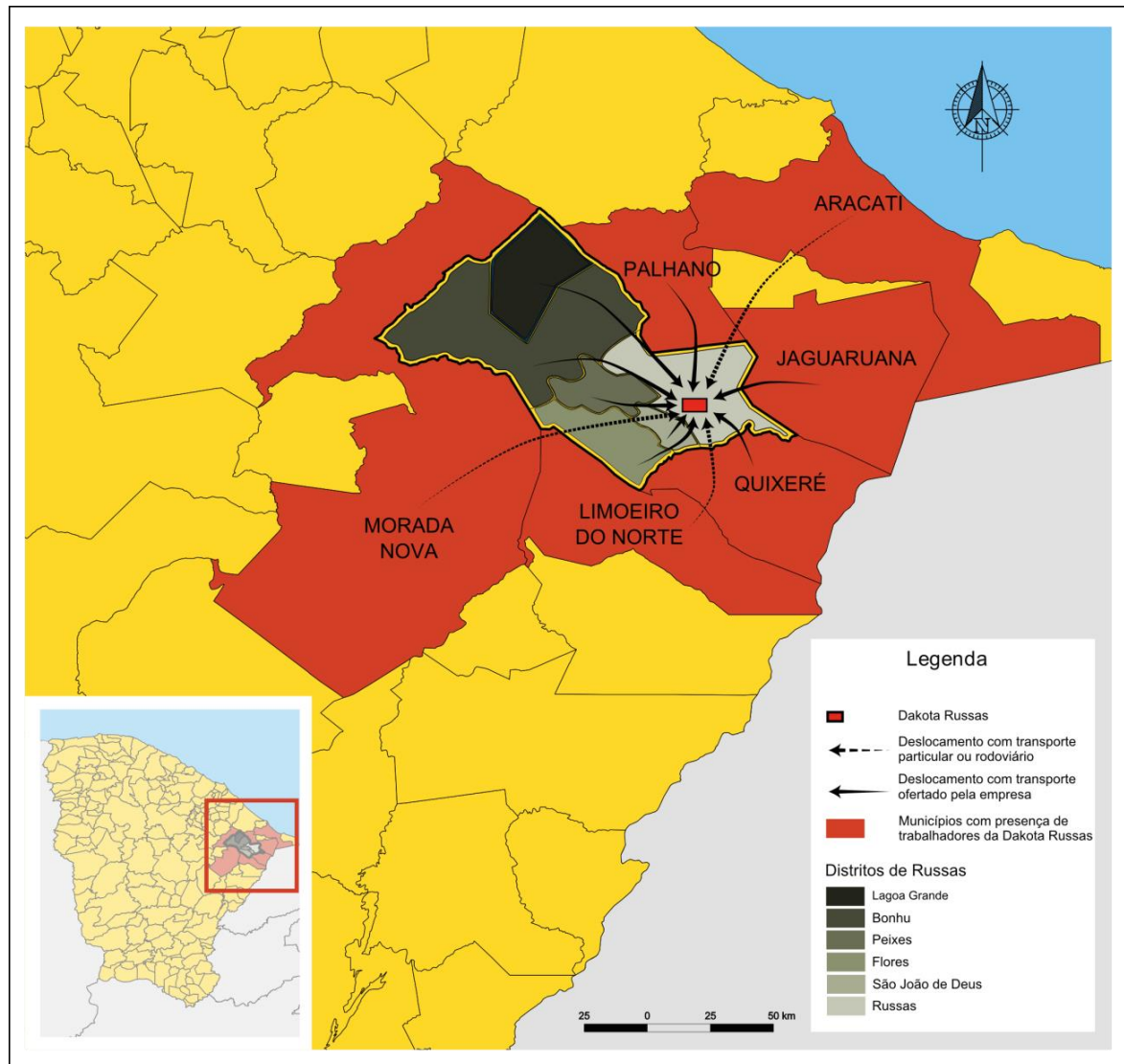
No caso específico da mobilidade para o trabalho industrial na Dakota, a empresa não presta diretamente o serviço de transporte para os funcionários, mas contrata outra empresa para realizar a atividade. Esta empresa é a Viação Russana, de capital local e que atende também outras demandas em Russas, a exemplo dos serviços requeridos pela Prefeitura Municipal.

Quando da pesquisa de Pereira Júnior e Almeida (2006), a Viação Russana atendia a Dakota com dez rotas, incluindo a sede do município, distritos e comunidades rurais de Russas, além dos municípios de Palhano e Jaguaruana, na região do Baixo Jaguaribe. Atualmente, esse número evoluiu significativamente, contabilizando 27 rotas, sendo 21 diurnas e seis noturnas⁴⁹. De todas essas 27 rotas, 19 são exclusivas para o município de Russas. As outras oito estão distribuídas da seguinte forma: uma para Quixeré; três para Jaguaruana e quatro para Palhano (duas diurnas e duas noturnas), como podemos observar na Figura 9.

⁴⁸ O impacto do operariado fabril calçadista no mercado imobiliário será tratado no capítulo três desta dissertação.

⁴⁹ A fábrica da Dakota em Russas funciona em regime de 24 horas, dividindo-se em três turnos. O turno A inicia os trabalhos às 07h00min e termina às 17h00min; o turno B prossegue das 17h:00min às 02h00min e, por último, o turno C, que fecha o ciclo operando das 02h00min às 07h00min. Nos turnos B e C, funciona somente o setor de solados. Como já informado anteriormente, esse setor produz solados para todas as demais unidades produtivas da Dakota no Ceará e, por esse motivo, ele é o único setor a funcionar 24 horas por dia.

Figura 9 – Deslocamento realizado por funcionários da Dakota Russas



Fonte: Ceará em mapas - IPECE, 2012. Projeto Cartográfico: SILVA JÚNIOR, 2014. Organizado pelo autor, a partir de informações obtidas no trabalho de campo.

A Figura 9 ilustra bem a relação da empresa com a região do Baixo Jaguaribe e com os distritos do município de Russas, confirmando a informação segundo a qual a contratação de funcionários oriundos das zonas rurais é mais recorrente do que o convencional para essa atividade econômica. Como exemplo, ao identificar as 19 rotas que atende Russas, constatamos que apenas quatro levam trabalhadores para os bairros da sede municipal. As demais saem e chegam diariamente de distritos como Lagoa Grande, Bonhu, Peixes, Flores etc., somente para citarmos os quatro distritos com maior concentração de funcionários. São

percursos que demoram entre 30 minutos e duas horas e, muitas vezes, cobram dos trabalhadores um tempo considerável de deslocamento para o trabalho. É um serviço que não é ofertado de graça pela empresa, pois o mesmo é descontado da folha de pagamento de cada funcionário, custando R\$ 23,00 por mês.

Em média, são transportados, diariamente, 1.600 funcionários, de acordo com a diretora da Viação Russana. Entretanto, esse número pode ser maior, pois a empresa, quando oferece os dados, contabiliza somente 47 passageiros sentados e mais quatro em pé, como recomenda a legislação. Sabemos que essa lotação não condiz com a realidade, pois, em entrevista com vários funcionários da Dakota que residem nos distritos de Russas, confirmamos que, nas viagens diurnas, os ônibus fazem o trajeto com um número de funcionários superior ao informado pela direção da Viação Russana, conduzindo até 60 passageiros por veículo.

Um deles comenta:

“A gente que mora no campo tem que acordar muito cedo, eu me levanto às cinco da manhã, porque o ônibus passa cinco e cinquenta da manhã na praça aqui de Flores. Aqui até que o ônibus vai vago, dá pra sentar, mas quando chega às comunidades rurais mais afastadas fica lotado. Tem vezes que se você tirar o pé do chão, você perde o lugar pra se apoiar” (Funcionário da empresa há cinco anos e no setor de corte há três, morador do Distrito de Flores, Russas).

As rotas são predeterminadas pela Dakota após um estudo de viabilidade. Em seguida, a empresa repassa o itinerário e os pontos de parada dos ônibus, os quais geralmente partem das praças dos distritos. No trajeto de volta, os ônibus ficam estacionados em frente à fábrica, em locais demarcados de acordo com numerações que representam as rotas realizadas (Figuras 10 e 11).

Figura 10 – Estacionamento da Viação Russana



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 11 – Estacionamento de ônibus em frente à Dakota Russas



Fonte: Próprio autor, 2013.

De início, a Viação Russana fazia as rotas por conta própria, sem nenhum contrato estabelecido com a Dakota. A empresa estacionava seus ônibus em frente à antiga instalação da fábrica, que se localizava próximo ao centro de Russas, no horário de saída dos funcionários, às cinco horas da tarde. As primeiras rotas atendiam somente a sede do município. Em razão da grande demanda pelo serviço, os operários residentes nos distritos pressionaram o sindicato a convencer a empresa a firmar um contrato com a Viação Russana para atender as comunidades rurais. Isso acarretou na subcontratação da empresa de transporte e na expansão das rotas ofertadas. No entanto, tal serviço passou a ser totalmente custeado pelos próprios operários.

Assim, a Viação Russana acaba se tornando importante para a articulação do circuito produtivo do calçado. A diretora da Viação Russana relata que existe uma enorme pressão exercida pela Dakota para que não haja problemas com os veículos, mesmo com a precária situação das estradas carroçais que atendem os distritos de Russas. Tamanha pressão se justifica pela possível ociosidade das esteiras, caso um veículo venha a quebrar. O resultado seria a imediata paralisação de aproximadamente 70 funcionários, ou seja, metade dos funcionários de uma esteira, o que, por sua vez, resultaria no atraso ou cancelamento de uma linha de produção inteira, acarretando uma redução de 2.200 pares produzidos por dia.

Esse exemplo é bastante ilustrativo da relação entre trabalho e mobilidade, no âmbito da reestruturação urbana e regional proporcionada pela instalação da empresa de calçados Dakota no município de Russas.

- Sob esse prisma, Gaudemar (1977) aponta quatro formas de mobilidade:
- a) o encorajamento dos movimentos migratórios que facilitam as polarizações espaciais, ótimas para o desenvolvimento capitalista;
 - b) o encorajamento do desenvolvimento das camadas mais móveis e o controle da imigração estrangeira;
 - c) o desenvolvimento da formação profissional;
 - d) a intensificação, o aumento da produtividade de todo o trabalho, tanto industrial como no comércio e serviços.

As formas de mobilidade impulsionadas pela Dakota, com vistas ao controle da força de trabalho, estão relacionadas aos tipos *a*, *c* e *d*. No que concerne às mobilidades, pode-se ressaltar o deslocamento diário dos trabalhadores, dos

distritos e municípios onde moram até a cidade de Russas, além daqueles que migram para residir na sede de Russas em busca de trabalho. Isso acontece porque, no emprego industrial, não é somente a unidade de Russas que amplia a contratação. Somente no gênero de calçados, constata-se que a oferta de emprego só aumenta em empresas como a Lukri, a Wilaplast e a Com-pé.

Infelizmente, não há como precisar o número desses trabalhadores migrantes, pois apenas tivemos acesso aos dados dos trabalhadores que se deslocam diariamente por meio do transporte realizado pela Viação Russana. No entanto, considerando que a prática de contratação de funcionários oriundos de distritos localizados longe da sede municipal é recorrente, a tendência é que muitos dos funcionários dessas outras empresas também façam um deslocamento regular ou tenham vindo residir na cidade de Russas nos últimos anos.

Assim, identificamos que além das áreas com rotas ofertadas pela Dakota, há a presença de trabalhadores em áreas nas quais a empresa Viação Russana não chega. Nesse caso, os trabalhadores se deslocam para a fábrica por conta própria, utilizando transporte particular ou fazendo uso do transporte coletivo intermunicipal, como é o caso dos operários que residem em Limoeiro do Norte e em Morada Nova (ver Figura 11). No entanto, para os municípios mais distantes de Russas, como é o caso de Aracati, os funcionários costumam residir na sede desse município e retornam para suas casas nos fins de semana.

É importante mencionar também os trabalhadores que residem na própria sede de Russas e se deslocam para o trabalho na fábrica diariamente. Apesar de haver a disponibilidade do transporte de ônibus da empresa para os funcionários, muitos preferem utilizar meios de transporte alternativos. Os operários que residem na sede urbana, assim, comumente se utilizam de bicicletas devido à proximidade de suas residências em relação à fábrica. A moto também é bastante utilizada, mas, nesse caso, até moradores da zona rural de Russas utilizam o transporte, sobretudo em função da distância entre suas casas e a cidade. Muitos usam esses transportes alternativos em decorrência do alto valor cobrado pelo serviço de transporte disponibilizado pela Dakota. Nesse caso, os funcionários fazem uso dos mais variados meios de transporte alternativos, no intuito de aumentarem sua renda salarial média, já bastante precária. As Figuras 12 e 13 confirmam a variedade de possibilidades.

Figura 12 – Funcionários da Dakota no final do expediente indo para casa de bicicleta e moto



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 13 – Funcionária da Dakota no final do expediente indo para casa a cavalo



Fonte: Próprio autor, 2013.

Compreender as tramas e fenômenos adjacentes às relações de trabalho é tão fundamental quanto compreender o trabalho no chão de fábrica, até porque os espaços da produção e da reprodução espacial estão interligados, de modo que um depende do outro. Logo, evidencia-se o trabalho abstrato e sua expressão territorial diariamente no deslocamento/mobilidade dos trabalhadores.

Assim, a mobilidade do trabalho é um reflexo que o capital exerce sobre a força de trabalho, de acordo com seus anseios e necessidades produtivas. Logo, a mobilidade do trabalho representa o controle do capital sobre a força de trabalho. Como aponta Gaudemar (1977), com a mobilidade do trabalho, manifesta-se sempre o modo como os homens submetem o seu comportamento às exigências do crescimento capitalista. Assim, para este autor, “toda estratégia capitalista de mobilidade é igualmente estratégia de mobilidade forçada” (p. 17).

Assim, a Dakota arregimentou o campo e a cidade, o rural e o urbano, para alimentar a expansão de seus investimentos, desarticulando antigas relações cotidianas típicas de uma pequena cidade, impactando diretamente na economia urbana do município e da região. A nova industrialização presente em Russas, ao alterar as relações de trabalho com a expansão do emprego assalariado formal, repercute na economia urbana da cidade, já que os trabalhadores, ao receberem seus salários, adquirem produtos no comércio local, contribuindo, assim, para uma maior circulação de riquezas.

Com o intuito de apreender a dinâmica imposta pela atividade industrial na cidade, nos deteremos, no próximo capítulo, ao exame da economia urbana de Russas, pois a instalação da Dakota contribuiu para alterar o ritmo dos demais setores econômicos, em especial o comércio e os serviços. Tal interpretação é necessária, pois o incremento de consumidores em potencial na economia local e a nova dinâmica da produção e da acumulação de riquezas apontam para a emergência de elementos que vão definir, cada vez mais, a organização/estruturação do espaço urbano.

4 UM OLHAR SOBRE A ECONOMIA URBANA DE RUSSAS E SUA RELAÇÃO COM A DAKOTA NORDESTE

No capitalismo, sistema que recebe e organiza as cidades contemporâneas, a busca pelo lucro é cada vez mais recorrente e se reflete, no âmbito da organização do espaço, em objetos e ações (SANTOS, 2006) artificialmente produzidos, adequados à reprodução do capital e ao empreendimento econômico urbano.

Quando se foca a atenção na escala intraurbana, como afirma Sposito (2007), o que se nota é a ocorrência de dinâmicas de reestruturação dessas cidades. Por isso, o estudo do espaço intraurbano, como bem frisou Villaça (2001), requer o reconhecimento do movimento que dá conteúdo econômico, social e político a cada parcela da cidade, mas sempre avaliando como as parcelas se articulam entre si.

Neste capítulo, tentaremos trabalhar tais temas, enfatizando as dinâmicas econômicas urbanas estimuladas ou dinamizadas pela atividade industrial calçadista, tentando apreender o impacto dessa atividade no comércio e nos serviços. Nosso recorte é o papel da Dakota Russas na reestruturação das relações econômicas e espaciais urbanas e, para isso, definimos os tipos de estabelecimentos e ramos de destaque do setor do comércio e serviços, com base nas características da mão de obra empregada por esta fábrica. Ou seja, fomos ao encontro aos circuitos da economia urbana (SANTOS, 1979, 1982, 2011), movimentados pelo operariado calçadista da Dakota, a partir dos locais onde eles consomem suas mercadorias, isto é, onde eles consomem o necessário para se reproduzirem enquanto força de trabalho.

No entanto, antes de abordarmos o impacto da massa salarial desses trabalhadores no comércio e nos serviços de Russas, caracterizamos brevemente seu centro comercial, com o intuito de situar o leitor nesse novo momento pelo qual passa a economia urbana da cidade.

4.1 BREVE PANORAMA DO CENTRO URBANO DE RUSSAS

De acordo com Villaça (2012), toda cidade tem um centro, no que diz respeito à forma e à localização absoluta. Entre suas características, esse autor afirma que o centro se destaca como o local mais protegido, do ponto de vista defensivo, ou ainda, como lugar de concentração do poder, político ou religioso. O centro é também, tradicionalmente, um local onde se desenvolve o mercado.

Segundo Castells (1983), o centro é a partida da cidade, o espaço que permite, além de suas características de ocupação, uma coordenação das atividades urbanas. O autor informa, igualmente, que “nenhuma das categorias de centros, que possuem uma forte carga de expressão concreta, existe por si, mas sim enquanto resultado de um processo social de organização do espaço urbano”. (CASTELLS, 1983, p. 274).

Ao avaliarmos tais impressões na cidade de Russas, constatamos manifestações e fenômenos bem específicos desse núcleo urbano. Russas, nos primeiros passos de sua história urbana, como foi relatado no capítulo anterior, esteve vinculada às atividades agropecuárias, crescendo em função de um prolongamento de uma riqueza originada no campo. O comércio e os serviços da cidade se dinamizaram como expressão dessa agropecuária. Na segunda metade do século XIX, deu-se a criação dos primeiros estabelecimentos comerciais, dinamizados pela produção e pelas usinas de beneficiamento do algodão. Eram estabelecimentos que estavam alinhados com as necessidades do aglomerado urbano recém-assentado. Predominavam farmácias, casa de ferragens e lojas especializadas na venda de tecidos. Em razão de atividades agropastoris, como o gado e a cotonicultura, as casas de ferragens eram bem comuns, assim como as casas comerciais de tecidos (ROCHA, 1976).

As atividades ligadas aos serviços e ao comércio se concentraram na Rua Padre Raul Vieira (conhecida popularmente como Rua do Comércio) e nas travessas que nela desembocavam. Como aconteceu em outras cidades, ocupavam (e boa parte ainda ocupa) edificações originalmente residenciais, que foram adaptadas para uso comercial, incorporando progressivamente outras unidades na medida em que era necessária uma expansão dos negócios.

A Avenida Dom Lino, via estruturante da cidade, embora sempre tenha sido o principal eixo viário, manteve-se como uma ocupação marcadamente residencial, onde eram ofertados alguns serviços e raros pontos comerciais. Às

margens dessa via, se estabeleceram os primeiros prédios públicos, a exemplo da Prefeitura Municipal e da Igreja Matriz (ROCHA, 1976). Com efeito, a Avenida Dom Lino teve destacada importância, principalmente na ocupação residencial e na atração de equipamentos e instituições. É a via que sempre recebeu maior atenção das administrações públicas, por ser o local onde acontecem os principais eventos festivos da cidade e por onde, até a década de 1960, circulavam os veículos que transitavam pela BR-116. Assim, mesmo com sua centralidade intraurbana, a Dom Lino tradicionalmente não atraiu equipamentos comerciais, fato que se altera gradativamente nos últimos anos.

Nas primeiras décadas do século XX, Russas se consolidou como importante centro coletor e distribuidor comercial para a região do Baixo Jaguaribe, principalmente pela sua localização privilegiada, à margem de uma rodovia federal e equidistante de vários municípios jaguaribanos. Como nó de tráfego entre várias áreas e a capital Fortaleza, sua posição é privilegiada. Assim, o advento da rodovia federal BR-13, hoje BR-116, foi importante para Russas, pois possibilitou a ligação rodoviária não só com a capital, mas também com outros municípios localizados no estado do Ceará ou em outros estados do Nordeste e do Centro-Sul do país.

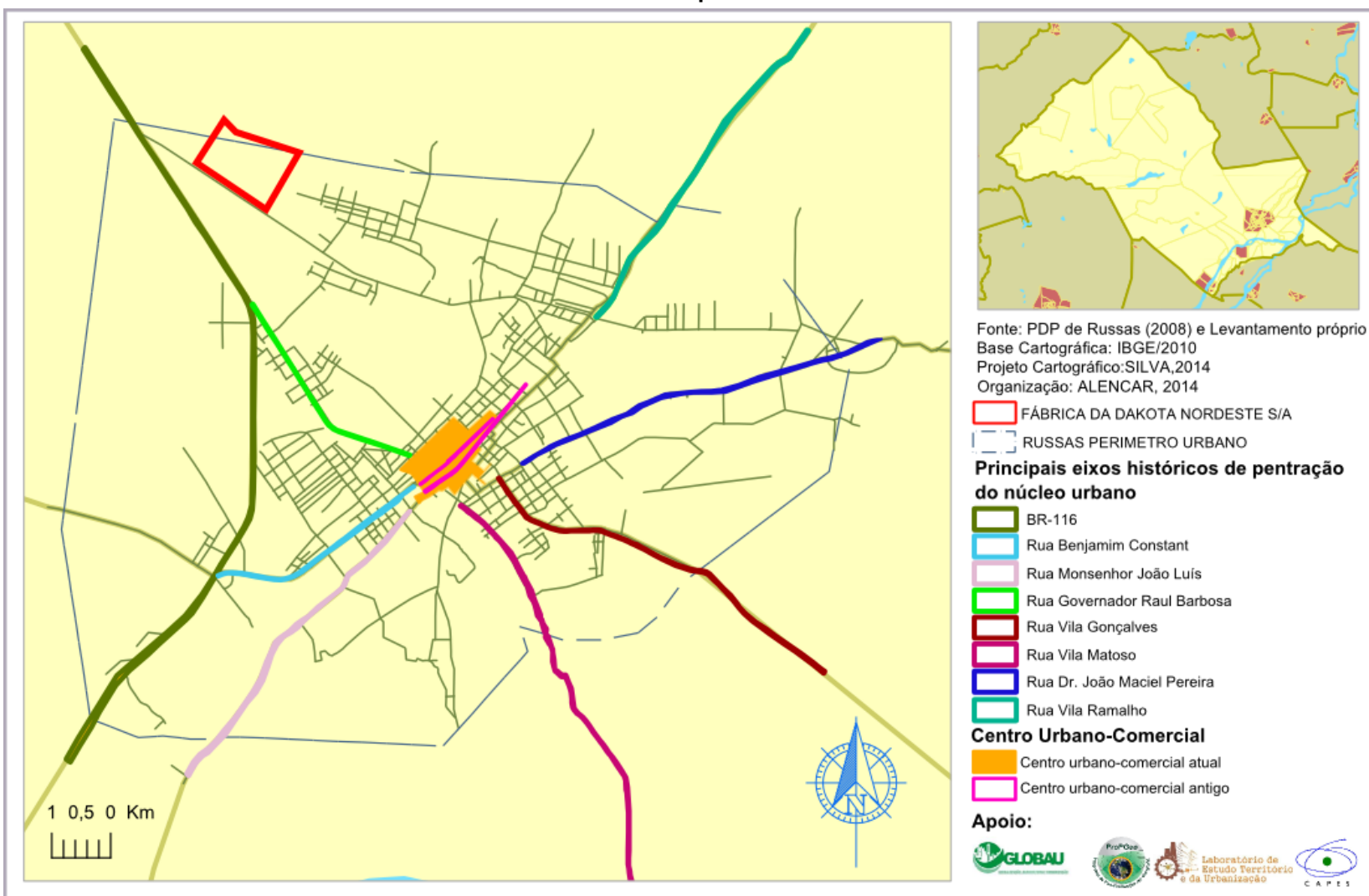
Estava garantido o melhor escoamento de produtos extrativistas ou agrícolas, tais como a carnaúba, a laranja e o algodão. Estes produtos, durante muitos anos, tiveram elevadas cotações nos mercados nacionais e internacionais, representando importante vetor econômico para o desenvolvimento de Russas, dos municípios circunvizinhos e de toda região.

Em cada ciclo produtivo agropecuário em Russas, dava-se a estruturação do comércio e dos serviços para atender às necessidades da força de trabalho e do mercado em destaque. Assim, a distribuição de equipamentos e de unidades de abastecimento e venda privilegiava a área central, mais precisamente seu núcleo central, que conformava a cidade a partir de suas dinâmicas.

Moradores de outros bairros e de comunidades rurais se dirigiam obrigatoriamente ao núcleo central urbano em função dos diversos tipos de consumo oferecidos. Isso fez irradiar vias que permitiram ligações comerciais de Russas com outros municípios e/ou povoados, além de ligar a área central da cidade às zonas de várzea, na zona rural do município (PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE RUSSAS, 2008).

Desse modo, a cidade cresceu respeitando um desenho radial formado pelos históricos eixos que vinham das zonas de várzea e penetravam no núcleo central urbano. Até hoje a estrutura não mudou tanto: na porção sudeste, as estradas vicinais que interligavam a sede urbana com o perímetro rural deram origem às ruas Vila Matoso e Vila Gonçalves; ao nordeste, é importante o papel da Rua da Vila Ramalho e da via Dr. João Maciel Pereira; na porção noroeste, a saída para Fortaleza, a Rua Governador Raul Barbosa é um importante eixo que conecta a rodovia federal, o bairro da Bela Vista e o Centro da cidade; e, finalmente, a sudeste, as ruas Benjamin Constant e Monsenhor João Luís ligam Russas a distritos e cidades localizadas ao sul da região do Baixo Jaguaribe (PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE RUSSAS, 2008). (FIGURA 14).

Figura 14 – Localização do antigo e do atual centro urbano-comercial e dos principais eixos históricos de penetração do núcleo urbano da sede municipal de Russas



Fonte: Base cartográfica do IBGE, 2010. Organizado pelo autor.

Como afirma Lima (2002), a cidade de Russas, sua área central e seu principal núcleo, foi se fortalecendo à medida que as principais vias de contato com os distritos e a região do Baixo Jaguaribe eram delineadas, compondo um sistema viário que reafirmava a própria cidade como polo de atração de pessoas, produtos e mercadorias. A formação do sistema viário e de seu acesso à cidade e à área central consolidou Russas como centro urbano de destaque, fortalecendo aquilo que já afirmava Villaça (2012, p. 99) acerca da centralidade intraurbana: “o centro de uma cidade se constitui somente se e quando a própria cidade se constituir”.

A par disso, o quadro apresentado por Lima (2002) para a cidade de Russas mudou significativamente. Na caracterização feita por esse autor, a cidade ainda retinha na sua área central a função predominantemente residencial e um comércio que começava a dar seus primeiros passos rumo a uma maior dinamização. Hoje, isso não pode mais ser afirmado, pois o que se observa é uma significativa mudança de ocupação, com as atividades comerciais e de serviços demandando mais espaço na área central e as ruas antes voltadas para a função domiciliar, ali localizadas, alterando visivelmente sua funcionalidade. É uma mudança que confirma o que já foi dito por Richardson (1978): à medida que aumenta a pressão por localizações centrais, ocorre paulatinamente a expulsão dos habitantes do núcleo central da cidade.

Russas, ao sentir tais transformações, incorpora os elementos de uma economia urbana modernizada, cuja divisão espacial do trabalho, mesmo numa pequena cidade, a deixa mais complexa. Mas, como informa Corrêa (1999), a distribuição espacial das atividades engendradas pela modernização capitalista obedece a uma combinação que envolve, de um lado, uma lógica própria às corporações, que não excluem inúmeras mudanças a serem implantadas, e, de outro, as possibilidades de cada lugar, que incluem as suas heranças e a ação empreendedora de grupos locais.

Beltrão Sposito (2004) salienta que se deve guardar a expressão reestruturação para os momentos nos quais se contemplam um amplo e profundo conjunto de mudanças na estrutura urbana, partindo da ideia de ruptura com a dinâmica constituinte de uma estrutura anterior, passando o espaço urbano a se (re)produzir pautado nas modificações resultantes. Teríamos, assim, um processo contínuo de estruturação-desestruturação-reestruturação urbana, e esse processo

de “estruturação das cidades tem que passar necessariamente pelo entendimento do papel do centro” (SPOSITO, 1991b, p. 5).

De acordo com Santos (2006, p. 227), as rupturas “podem ser consideradas um fator de desagregação, (ou uma) desestruturação, se nos colocamos em relação ao passado; e de uma reestruturação, se vemos a coisa do ponto de vista que está se dando”.

Desse modo, as dinâmicas econômicas desencadeiam poder atrativo frente a diversas atividades, e abarcam tendencialmente o espaço de maneira hierarquizada em torno de um centro de primeira implantação. Ele corresponde a um núcleo urbano antigo, inicialmente com fraca carga simbólica e pouco consolidado economicamente. Esse núcleo preexistente que hoje forma o centro da cidade (os centros administrativo e comercial) e que foi ocupado primeiramente por casas comerciais tornou-se um local estratégico de acessibilidade e densidade da cidade.

Villaça (2012), ao discorrer sobre o centro da cidade capitalista, comenta que os centros das cidades foram constituídos pela aglomeração de instituições das sociedades, ou seja, por instituições comandadas pelas elites dessas sociedades. Esses elementos se fazem ainda presentes em Russas. A Igreja Matriz e a Prefeitura Municipal, cravadas na área central da sede urbana do município, perfazem o tempo histórico em que os centros urbanos exaltavam Deus e o Estado (VILLAÇA, 2012). No entanto, hoje não exercem o mesmo domínio como no passado, pois a natureza do processo que determina atualmente sua estruturação se deve a fatores que ditam a produção do espaço em cidades capitalistas, dentre as quais se faz o destaque nesta seção para a atividade privada do comércio e dos serviços.

É sabido que, no modo capitalista de produção, a faceta econômica é aquela que domina a sociedade. As forças do mercado e a aglomeração dos estabelecimentos de comércio e serviços representam o domínio do econômico nos centros das cidades capitalistas [...] (VILLAÇA, 2012, p. 114).

Fundamentalmente, pode-se inferir uma noção desse centro enquanto “intermediário entre os processos de produção e de consumo na cidade; ou mais simplesmente entre a atividade econômica e a organização espacial” (CASTELLS, 1983, p. 277). O desenvolvimento do comércio varejista mais organizado surge pelo aparecimento de lojas, estas se tornando espaço comercial fixo em lugares de maior

circulação de pessoas, promovendo também a expansão de oferta de serviços como manutenção de objetos. O desenvolvimento da atividade comercial se dá pelo maior número de mercadorias destinadas à venda em função de um mercado consumidor crescente, passando, assim, a exercer um caráter mais econômico, produzindo transformações não só nas relações de troca, mas também no seu espaço de ocorrência.

Com base nessa breve caracterização do centro comercial e urbano de Russas, passaremos à seção seguinte nos detendo sobre os circuitos da economia urbana que mais sofreram impactos da força de trabalho da empresa Dakota. A teoria dos dois circuitos da economia urbana, trabalhada pelo professor Milton Santos (1978), vai servir de base para a explicação das transformações no comércio e nos serviços, orientando a leitura das formas e das estruturas socioeconômicas da cidade, mas também o papel dos agentes responsáveis por causar essas alterações. Vejamos como tudo isso se manifesta.

4.2 CONSUMO, EMPREGO E RENDA COMO INDICADORES DA MODERNIZAÇÃO INDUSTRIAL EM RUSSAS: UM OLHAR A PARTIR DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

4.2.1. Uma rápida abordagem sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana

A produção do espaço nos países na periferia do capitalismo apresenta algumas especificidades. Entre elas, uma é particularmente interessante, qual seja, o impacto localizado e/ou diferenciado das forças de transformação próprias da modernidade.

[...] essa seletividade do espaço ao nível econômico constitui a chave para a elaboração de uma teoria espacial que ofereça uma abordagem mais adequada à base empírica das questões urbanas em países subdesenvolvidos (SANTOS, 1979, p. 15).

Quando se trata de países à margem do capitalismo central, Santos (1979) afirma que é primordial se falar em modernizações ao invés de falar singularmente de modernização. Nessa perspectiva, os impactos das modernizações sobre a produção do espaço, uma vez que são seletivos, permitem a

coexistência de relações econômicas em diferentes níveis ou circuitos. Esse autor assim os define:

Um desses dois sistemas de fluxo é o resultado direto da modernização e diz respeito as atividades criadas para servir ao progresso tecnológico e à população que dele se beneficia. O outro é também um resultado da modernização, mas um resultado indireto, visto que concerne aqueles indivíduos que só parcialmente se beneficiam, ou absolutamente não se beneficiam, do recente progresso técnico e das vantagens a ele ligadas (SANTOS, 1982, p.130).

Santos (1982) descreve esses dois sistemas de fluxos econômicos como sendo constituintes de um circuito superior⁵⁰ e um circuito inferior da economia urbana. Para esse autor os dois circuitos estão voltados para mercados distintos, mas mantem uma interdependência.

A importância dessa abordagem consiste em colocar no centro do debate atividades e formas de trabalho que estão diretamente implicadas no modo de vida das pessoas que moram em cidades e, ao mesmo tempo, em definir uma escala de análise.

Santos (1979) alerta que a proposta não pode ser vista de maneira dualista ou dicotômica. Em razão disso tem-se a necessidade de estudar os dois circuitos de forma indissociável, pois ambos se interferem mutuamente, a existência de um circuito superior marginal também evidencia os meandros existentes entre os dois (GRIMM, 2011).

Sobre o circuito superior marginal, explica o geógrafo que

[...] pode ser o resultado da sobrevivência de formas menos modernas de organização ou a resposta a uma demanda incapaz de suscitar atividades totalmente modernas. Essa demanda pode vir tanto de atividades modernas, como do circuito inferior. Esse circuito superior marginal tem, portanto, ao mesmo tempo um caráter residual e um caráter emergente (SANTOS, 1979, p. 80).

Os dois circuitos se relacionam dialeticamente de modo complementar e se articulam dentro da cidade. Como nos informa Arroyo (2008, p. 30), “[...] trata-se de um único meio construído, embora desigual e fragmentado, e de um único mercado, embora fortemente segmentado [...]”.

⁵⁰ O circuito superior da economia urbana, segundo o autor, subdivide-se em circuito superior propriamente dito e circuito superior marginal.

Os fatores organizacionais e tecnológicos seriam, nessa perspectiva, os principais fatores responsáveis pela concentração espacial da produção e dispersão do consumo. Ressalta-se, no entanto, um segundo aspecto, pois nos países subdesenvolvidos as disparidades de renda comprometem seriamente a capacidade de consumo dos indivíduos (SANTOS, 1979).

Desse modo, para analisá-los segundo Santos (1979) seria preciso analisar o capital disponível para a realização das atividades, visto que em razão das características que permeiam cada setor, o capital a ser dispensado por cada setor vai variar, pois o circuito superior irá fazer uso da tecnologia disponível e por isso mesmo será de capital intensivo, enquanto o circuito inferior por não dispor dessa possibilidade fará uso do trabalho intensivo. Em razão desses fatores, a utilização da força de trabalho e os preços das mercadorias, bem como o lucro auferido será distinto em cada circuito.

Sobre esses dois circuitos, destaca-se que o circuito superior se origina e se reproduz diretamente da modernização econômica e que, essencialmente, suas relações ocorrem numa esfera que extrapola a região no qual está situado. O circuito inferior, por sua vez, é composto por atividades de pequena dimensão, que, na grande maioria das vezes, são bastante arraigadas à escala local.

Montenegro (2009) afirma que o circuito inferior se configura como um abrigo para os pobres, os quais são submetidos aos interesses dos agentes do circuito superior. Ou seja, para essa autora, através das pequenas atividades, sem garantias trabalhistas e grandes ganhos salariais que a população pobre brasileira adquiriu sua renda e sua possibilidade de consumo.

Sobre esse setor em particular, Santos (1979) o caracterizou no tocante ao emprego, trabalho, crédito, preço das mercadorias e publicidade como o circuito que:

- a) o emprego é raramente permanente;
- b) o trabalho é intenso;
- c) a organização burocrática é dispensável;
- d) o crédito é pessoal e direto;
- e) o preço das mercadorias não é fixo, valendo a pechincha;
- f) a publicidade não é necessária, graças ao contato direto com a clientela.

Em contraponto ao circuito inferior, mas bastante articulado a ele, o circuito superior apresenta características opostas a essas, tais como capital abundante, tecnologia mais avançada no processo produtivo, organização com alta burocratização e presença do assalariamento da força de trabalho empregada (SANTOS, 1979).

Porém, como interpretar todos esses aspectos a partir das transformações industriais materializadas em Russas? O papel do emprego e do consumo é fundamental, como aponta o subitem a seguir.

4.2.2 As novas manifestações do emprego e da renda e o impacto nas formas de consumo

Quando avaliamos os aspectos citados no item anterior numa pequena cidade como Russas, de modesta pujança econômica, mas de centralidade regional histórica na região do Baixo Jaguaribe, muitas das contradições apontadas pela teoria dos dois circuitos da economia urbana afloram. A despeito da tradição da cidade como centro coletor regional da produção agrícola, o advento da modernização urbana, trazido principalmente pela instalação de fábricas da indústria de calçados, imprimiu ritmos diferentes ao emprego, à renda e às formas de consumo.

Ao analisar as classes de rendimentos salariais mensais para o município, apontadas na Tabela 3, nota-se a expansão significativa da faixa que compreende as pessoas empregadas de renda de até dois salários mínimos. No ano de 2000, a população que se encontrava nessa faixa perfazia um total de 46,11% do total, seguido bem de perto pela população sem rendimento, com 45,26%. Já no ano de 2010, o percentual da faixa de até dois salários cresceu significativamente e a classe passou a compreender a maioria da população empregada, compondo 62,35%. Isso significou uma evolução de 77,4% desse contingente em Russas nos últimos 10 anos, aumentando consideravelmente a população com trabalho assalariado no município, o que implica em alterações substanciais nas formas de emprego e renda.

Obviamente, esses empregos são, principalmente, aqueles ofertados pela indústria de calçados, sobretudo pelas características da faixa salarial analisada e

pelo impressionante crescimento nos últimos dez anos, exatamente o período em que a Dakota expandiu sua contratação de mão de obra. A Tabela 3 também informa que, nas outras faixas de renda, ou houve manutenção do rendimento da população, ou ocorreu redução na remuneração do contingente que trabalha. Por exemplo, entre aqueles que ganham mais de cinco salários mínimos, ocorreu diminuição dessas classes perante o total; porém, do mesmo modo, entre aqueles que apontavam não ter rendimento fixo, o número também diminuiu, reforçando o movimento de formalização das relações de trabalho e uma consequente entrada de pessoas nos ritmos da modernização do emprego e do consumo.

Tabela 3 – Russas: classes de rendimento mensal da população (2000 e 2010⁵¹).

Classes de rendimento	2000		2010	
	Nº	(% sobre o total)	Nº	(% sobre o total)
Até 1 salário mínimo	15.121	33,37	29.473	49,59
Mais de 1 a 2 salários mínimos	5.772	12,74	7.584	12,76
Mais de 2 a 3 salários mínimos	1.593	3,52	1.589	2,67
Mais de 3 a 5 salários mínimos	1.132	2,5	1.278	2,15
Mais de 5 a 10 salários mínimos	812	1,79	657	1,11
Mais de 10 a 20 salários mínimos	301	0,66	158	0,27
Mais de 20 salários mínimos	76	0,17	59	0,1
Sem rendimento	20.508	45,26	18.634	31,35
Total	45.315	100,00	59.433	100,00

Fonte: Censo demográfico IBGE – 2000 e 2010.

Ora, após as transformações já discutidas acerca das mudanças incrementadas em Russas pela indústria de calçados, é exatamente esse setor econômico o responsável por tamanha mudança nas formas de multiplicação do emprego e pela dinamização da economia urbana. Com os dados informados pela Tabela 3, é possível constatar que esse emprego que cresce consideravelmente é mal remunerado e, conseqüentemente, pouco qualificado, mas representa uma transformação no perfil econômico municipal, sobretudo em virtude da maior racionalização do trabalho e dos ritmos de vida.

⁵¹ Não foi encontrado esse indicador por município para o ano de 1991.

Nesse sentido, a empresa Dakota foi um dos elementos que proporcionou uma renda até então inexistente na região. A entrada desse capital foi significativa para o incremento e o aumento do comércio e dos serviços. Assim, a ampliação do número de pessoas com renda fixa foi acompanhada de uma alteração nas formas de consumir, seguindo a tendência da modernização do consumo em expansão no país, que não tarda a interferir na estrutura espacial urbana.

A par disto, o crescimento do trabalho assalariado e estável da indústria de calçados possibilitou criar ou dinamizar um circuito superior marginal da economia urbana em Russas, ao mesmo tempo que, por oferecer salários não muito altos à população, a economia urbana não deixou de reproduzir e dinamizar o circuito inferior. Economia modernizada e formas de sobrevivência tradicional convivem lado a lado em Russas e o efeito multiplicador da indústria de calçados tende a tornar isso mais complexo, sintetizando tudo, especialmente no núcleo central da cidade.

A avaliação da Tabela 4, que contabiliza domicílios particulares permanentes, por situação e a existência de alguns bens duráveis, confirma alguns impactos citados nas formas de consumo. É possível perceber que a evolução do consumo de bens materiais, sobretudo eletrodomésticos, é bastante significativa, tanto no campo como na cidade, ampliando os contrastes entre o velho e o novo na vida das pessoas.

É possível perceber que, em todos os domicílios avaliados, somente os aparelhos de telefonia fixa não sofreram expansão, ao contrário dos demais bens, que ampliaram consideravelmente. Entre as maiores quantidades de bens por domicílio, estão as televisões, os rádios e as geladeiras, que se expandiram de forma significativa em dez anos. Merece destaque, quanto a esses itens, a expansão das geladeiras nos domicílios de zona rural. Apesar de ser um eletrodoméstico caro, houve mais que o dobro de ampliação, confirmando que hábitos comuns à sociedade moderna do consumo atingem agora até tradicionais famílias no campo.

Tabela 4 – Russas: domicílios particulares permanentes, por situação de domicílio e existência de alguns bens duráveis (2000 e 2010⁵²).

Alguns bens duráveis existentes no domicílio	2000				2010			
	Rural		Urbana		Rural		Urbana	
	Nº	(% sobre o total)	Nº	(% sobre o total)	Nº	(% sobre o total)	Nº	(% sobre o total)
Rádio	4.258	37,35	7.142	62,65	5.448	33,84	10.655	66,16
Televisão	3.952	35,27	7.251	64,73	6.379	32,98	12.960	67,02
Máquina de lavar roupa	72	10,93	587	89,07	444	13,37	2.877	86,63
Geladeira	2.812	30,59	6.832	69,41	6.282	33,28	12.593	66,72
*Telefone celular	-	-	-	-	4.864	30,23	11.224	69,77
Telefone fixo	129	7,38	1.620	92,62	71	4,55	1.489	95,45
Microcomputador	13	8,55	140	91,45	248	8,40	2.706	91,60
*Microcomputador - com acesso à internet	-	-	-	-	92	4,44	1.978	95,56

Fonte: Censo demográfico IBGE – 2000 e 2010.

* Quantidades para essas mercadorias não foram encontradas para o ano de 2000.

Por sua vez, o aumento expressivo das residências com telefones celulares e com microcomputadores confirmam as transformações das telecomunicações no município de Russas, inserindo um número considerável de pessoas na lógica da comunicação rápida, tanto no campo, como na cidade. A presença de computadores com internet de forma relevante no ano de 2010, pelo menos na zona urbana, também confirma a ampliação dessas formas de comunicação. A maior presença da internet nos domicílios também sugere mudanças de hábitos que apontam para uma alteração do modo de ver e agir sobre o mundo. As pessoas agora, ao estarem mais conectadas, respeitam padrões considerados mais modernos.

Um dado merece atenção na Tabela 4: o crescimento dos domicílios com máquinas de lavar roupas. Esse é um eletrodoméstico caro e, até pouco tempo, não era considerado um bem de primeira necessidade. Porém, as famílias, cada vez mais, consomem esse tipo de produto em domicílios rurais ou urbanos, como aponta a tabela. Isso representa um aumento na capacidade de consumo, que reflete o aumento da renda, mas também, uma adaptação a padrões de consumo diferentes daqueles que predominavam na região e no município anteriormente.

⁵² Não foi encontrado esse indicador por município para o ano de 1991.

Se cruzarmos os dados das classes de rendimento em Russas com os da existência de bens duráveis para os anos de 2000 e 2010, como aponta o Quadro 3, será possível chegar a determinadas conclusões anteriormente aventadas. Primeiramente, de acordo com a classe de rendimento, há diminuição ou aumento de domicílios com determinados bens. Mais uma vez, os telefones fixos diminuíram em todos os domicílios nas faixas de renda mais alta e aumentaram muito pouco em faixas que vão de 1 a 3 salários mínimos. Isso confirma a definitiva redução do uso desse aparelho nos últimos dez anos.

Quadro 3 – Russas: domicílios particulares permanentes por classe de rendimento e existência de alguns bens duráveis⁵³ (2000 e 2010).

Anos	Alguns bens duráveis existentes no domicílio	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Mais de 2 a 3 salários mínimos	Mais de 3 a 5 salários mínimos	Mais de 5 a 10 salários mínimos	Mais de 10 a 20 salários mínimos	Mais de 20 salários mínimos	
2000	Rádio	2.429	2.792	1.688	1.895	1.267	426	110	
	Televisão	2.289	2.654	1.719	2.007	1.235	456	110	
	Máquina de lavar roupa	19	39	61	107	239	152	32	
	Geladeira	1.457	2.159	1.508	1.844	1.233	458	110	
	*Telefone celular	-	-	-	-	-	-	-	-
	Telefone fixo	105	200	138	351	467	341	110	
	Microcomputador	9	-	-	8	59	45	21	
	*Microcomputador - com acesso à internet	-	-	-	-	-	-	-	-
2010	Rádio	3.839	5.057	2.945	2.308	1.158	355	79	
	Televisão	4.781	6.202	3.599	2.638	1.268	366	84	
	Máquina de lavar roupa	360	731	711	650	526	245	65	
	Geladeira	4.555	6.043	3.547	2.616	1.278	381	84	
	Telefone celular	3462	5.104	3.149	2.389	1.223	372	84	
	Telefone fixo	111	261	204	313	403	210	49	
	Microcomputador	213	483	443	759	698	288	69	
	Microcomputador - com acesso à internet	76	281	282	517	585	267	62	

Fonte: Censo demográfico IBGE – 2000, 2010.

*Valores para essas mercadorias não foram encontrados para o ano de 2000.

No entanto, quanto aos demais aparelhos, é impressionante os ritmos de expansão em praticamente todos os domicílios com faixa de renda até 5 salários

⁵³ Não foi encontrado esse indicador por município para o ano de 1991.

mínimos. No caso das faixas de 1 a 3 salários, aparelhos como televisão, rádio, geladeira e máquina de lavar mais que duplicaram em todos os domicílios, demonstrando um aumento considerável desses tipos de bens para famílias que provavelmente ainda não o possuíam ou trocaram por marcas mais novas. Ademais, no caso das televisões e rádios, praticamente a metade dos domicílios que mais consomem encontra-se localizada na faixa de um a dois salários mínimos. As geladeiras, por sua vez, estão distribuídas em todas as faixas, o que demonstra a necessidade do eletrodoméstico, mas também o aumento da capacidade de consumo do mesmo.

No entanto, há uma maior variação de consumo por faixa etária segundo o valor do produto. Faixas salariais mais altas, obviamente, adquirem mercadorias mais caras, enquanto a população de rendimento menor é obrigada a consumir o que o salário permite. Assim, no caso das máquinas de lavar roupa, evidencia-se um menor consumo em domicílios com menor rendimento. Como os empregos com maiores salários acabam por se localizar na cidade, os moradores da zona urbana tendem a adquirir mais esta mercadoria, dando um caráter mais urbano a esse bem. Mesmo assim, os domicílios com renda mais inferior também aumentaram o consumo das máquinas de lavar, o que comprova que os rendimentos aumentaram e, em consequência, novos produtos começam a entrar na vida de várias famílias.

Quanto aos microcomputadores, que em 2000 eram praticamente inexistentes nos domicílios com faixas de renda até dois salários mínimos, em 2010, já eram aparelhos presentes em domicílios de todas as faixas de renda, sobretudo as de menores salários. A expansão dos domicílios que apresentam computadores com internet em todas as faixas de renda confirma a maior entrada das famílias nos ritmos das comunicações aceleradas. Os domicílios com faixas de 2 a 20 salários mínimos de renda são onde as conexões estão mais presentes.

Por fim, um dado interessante apresentado pelo Quadro 3 precisa ser creditado. Nos domicílios com faixa de rendimento acima de 20 salários mínimos, à exceção das máquinas de lavar roupas e dos microcomputadores, houve redução no número de bens, inclusive celulares, geladeiras, rádios e televisões. Como é difícil imaginar que as camadas mais ricas de Russas tenham deixado de comprar essas mercadorias nos últimos dez anos, sugerimos que houve redução do número de domicílios nessa faixa de renda no município. É provável que tenha diminuído o

número de famílias nessa faixa de renda, mas também é possível que os mesmos tenham migrado para outros centros urbanos, em especial Fortaleza.

Os dados são expressivos no que tange ao aumento da capacidade de consumo da população de Russas, num contexto em que, além de uma maior transferência de renda por parte das políticas do Governo Federal, somente a Dakota causou um impacto econômico tão contundente no município. Assim, ratificamos o peso dos trabalhadores da indústria calçadista no comércio de Russas, devido tanto à situação domiciliar, quanto ao padrão e à intensidade do consumo de seus funcionários, favorecendo, por sua vez, uma ampliação do comércio no espaço urbano.

De acordo com Santos (1979), a renda resulta em diferenças quantitativas e qualitativas no consumo que são, ao mesmo tempo, causa e efeito da criação ou manutenção dos dois circuitos da economia urbana. Logo, cria-se na cidade uma divisão entre os sujeitos que têm acesso aos bens e serviços oferecidos pelo mercado e aqueles que não têm, mesmo dotados das mesmas necessidades.

Topalov também descreve essa contradição:

Temos visto que o salário nem sempre permite adquirir todas as mercadorias necessárias à reprodução da força de trabalho: ele tende a ser fixado abaixo do valor de câmbio. Nestas condições, a insuficiência nos consumos mercantilizados irá conduzir ao desenvolvimento de formas não mercantilizadas de consumo. A insuficiência dos salários terá consequências nos ramos que produzem mercadorias que entram no consumo de massas, e, portanto, no conjunto da economia (TOPALOV, 1979, p. 41).

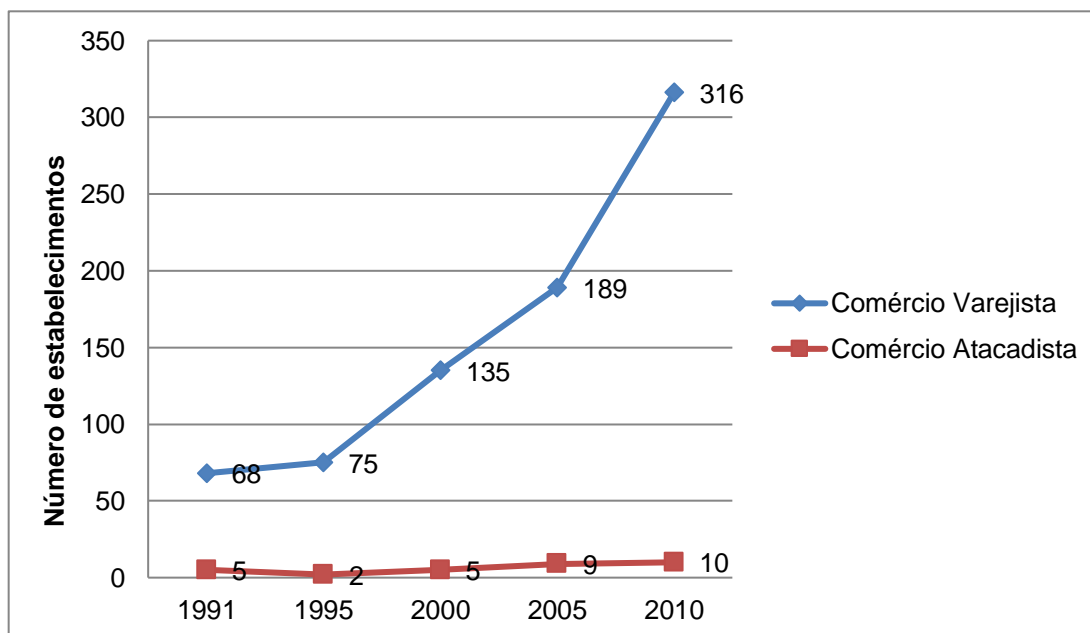
Como aludido anteriormente, as consequências dos baixos salários do setor calçadista recaem numa maior dinamização no circuito inferior da economia urbana. No entanto, a permanência do emprego no setor funciona como um catalisador do circuito superior marginal, que se avoluma devido às necessidades de consumo local. Tais diferenças refletem diretamente no espaço intraurbano de Russas, principalmente em relação ao número de estabelecimentos comerciais e de serviços, bem como, na estrutura, localização e tipologia das áreas onde os mesmos estão concentrados.

Todo esse dinamismo é um indicativo de um novo momento urbano, propiciando, assim, o surgimento de novos estabelecimentos comerciais, bem como, a modernização dos já fixados no lugar. Quando analisamos o comércio atacadista e

varejista, tem-se que ambos apresentaram uma expansão no que diz respeito ao número de estabelecimentos (ver Gráfico 5).

No entanto, esse crescimento pode ser dividido em dois momentos de natureza bem distintas. O primeiro compreende os anos de 1991 a 1995. Nesse período, o acréscimo foi tímido ou não houve crescimento, com o comércio varejista expandindo apenas nove estabelecimentos e o atacadista diminuindo três. Se tomarmos por base o ano de 1998, ano de instalação da Dakota em Russas, como um divisor de águas para a expansão do consumo, o Gráfico 5 fortalece nossa tese de maneira contundente. Se considerarmos o período de 1998 a 2000, os números para o atacado mais que dobram, e para o varejo crescem quase em 100%. Nos períodos seguintes, de 2000 a 2010, o crescimento é exponencial, confirmando a força da expansão da renda e do consumo proporcionada pela indústria de calçados, em conjunto com a ação das políticas de transferência de renda, iniciada sistematicamente em 2002.

Gráfico 5 – Número de estabelecimentos do comércio varejista e atacadista em Russas - 1991 a 2010



Fonte: MTE/RAIS

Em 2000, a Dakota de Russas se transferiu de um galpão cedido pela Prefeitura Municipal para um prédio próprio, bem maior que a antiga instalação, obtendo, assim, um aumento significativo da sua capacidade produtiva. Seu quadro

de funcionários cresceu no mesmo ritmo, resultando numa maior massa salarial depositada no município. Ao observarmos a curva da expansão do número de estabelecimentos varejistas em Russas, perceberemos que ela respeita essa periodização, uma elevação de 181 estabelecimentos em 10 anos. É praticamente o triplo do registrado para o mesmo intervalo de tempo nos anos de 1990.

Assim, a relação entre indústria e economia urbana não pode ser negligenciada para o caso de Russas. Ela confirma que as constantes modernizações produtivas impactam os modelos de consumo e a economia urbana das cidades, e nesse processo, as ocupações ditas “tradicionais” são chamadas, constantemente, a desempenhar novos papéis (SANTOS, 1979), reformulando-se frente à nova composição de forças que distingue cada momento histórico.

Para Russas, no entanto, somado a essas transformações, está a força da indústria de calçados alavancando a economia urbana e conduzindo o município e a cidade a um ritmo mais acelerado de obtenção de renda e consumo, que está mudando o quadro socioespacial e urbano anteriormente vigentes.

4.3 OS RAMOS DO COMÉRCIO E DOS SERVIÇOS E A ESPACIALIZAÇÃO URBANA DO CONSUMO

A grande maioria dos mais de 300 estabelecimentos comerciais existentes no Município de Russas se localiza na área urbana de sua sede. Esses equipamentos se concentram no núcleo central da cidade, principalmente ao longo da Rua Padre Raul Vieira, em volta do mercado público, e na Avenida Dom Lino, que nos últimos anos vem ampliando a densidade de lojas, farmácias, lanchonetes e restaurantes. Outra rua que ganha inúmeros equipamentos comerciais no núcleo central e, por ser mais larga, ficam estacionados motos, carroças, carros e caminhões, movimentando consideravelmente os ritmos do Centro, é a Coronel Araújo Lima, que já começa a ser absorvida pelo adensamento comercial da cidade.

A Rua Padre Raul Viera, a “Rua do Comércio”, tradicionalmente assumiu a função de reunir a dinâmica comercial e de serviços na cidade, através de uma concentração de estabelecimentos antes localizada no entorno do mercado público, mas que hoje se estende da Rua Governador Raul Barbosa até a Travessa Agostinho de Souza, ou seja, um trecho de vários quarteirões. Nessa rua,

encontram-se também bancos, agências públicas federais e estaduais e o maior movimento de pessoas e mercadorias do Centro da cidade.

Na Avenida Dom Lino, larga e de aspecto pujante para o desenho da cidade de Russas, além de casas mais antigas e estruturadas, dá-se a concentração de prédios públicos. A praça da Igreja Matriz e a própria igreja, assim como os muitos estabelecimentos de serviços que foram abertos nos últimos anos, dão um aspecto de centralidade para os negócios ou para o encontro lúdico ali naquele local. É nela onde temos os maiores fluxos de veículos e motos, pois funciona como um corredor de acesso do Centro para vários bairros ou para a saída de Russas. Sua arquitetura vem mudando, pois, cada vez mais, casas de fachadas construídas há muitas décadas recebem o vidro ou os revestimentos modernos da vida urbana contemporânea, alterando antigos aspectos.

Quanto à Rua a Coronel Araújo Lima, ainda é praticamente residencial. No entanto, ao cruzar o mercado público, num trecho próximo de estacionamentos e bancos, vem recebendo tantas lojas, mercadinhos, farmácias e outros estabelecimentos comerciais, que sua tendência é se dinamizar muitos mais em função dos equipamentos que transbordam das ruas anteriormente citadas.

Essas ruas simbolizam, no núcleo central de Russas, boa parte das mudanças espaciais urbanas que já foram comentadas neste capítulo acerca das dinâmicas nas formas de consumo. Cristalizam transformações importantes na economia urbana da cidade, ao reunir ramos do comércio e dos serviços que expressam a reprodução ou ampliação de muitos hábitos ligados às compras, mas também indicam alterações na capacidade de consumir produtos ou serviços antes nunca experimentados.

Este item procura apresentar informações sobre esses ramos e seus impactos no consumo da cidade, destacando empresas, produtos, localização espacial de estabelecimentos, circulação de mercadorias e transporte de objetos ou de pessoas. Descreve formas espaciais urbanas do comércio e dos serviços, na intenção de extrair seu conteúdo, identificando a força das mudanças atualmente vigentes na cidade, com base na indústria de calçados. Em muitas vezes, será difícil relacionar atividade industrial calçadista e comércio/serviços tão diretamente, mas outras vezes não, mostrando que a articulação entre os diversos setores da economia urbana é um dado da modernização da economia e da sociedade.

Presentes no espaço, elas apontam claramente as transformações que ocorrem em Russas e vão mostrar também a força da acumulação capitalista na vida cotidiana das pessoas.

4.3.1 As lojas de móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos:

Dentre os estabelecimentos comerciais que mais cresceram em Russas, sem dúvida, a maior expansão se dá nos ramos ligados ao varejo. São muitos tipos de investimentos, pequenos ou grandes, que negociam produtos perecíveis ou até mesmo bens duráveis trazidos de estados distantes do Ceará. Obviamente, quanto mais caro o produto vendido, maior e mais estruturada é a loja que o negocia, demarcando um importante espaço no Centro da cidade.

Dos muitos ramos comerciais que se ampliam e causam um frenético movimento por consumo através de muitas formas de pagamento, financiamento e obtenção de crédito, sem dúvida, destaca-se o de móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos. Ele negocia produtos que, tradicionalmente, não eram acessíveis à maioria da população. Alguns produtos eletroeletrônicos sequer eram conhecidos em pequenas cidades do Ceará, não sendo ofertados pelas lojas e, para consumi-los, era necessário comprá-los em Fortaleza ou mesmo fora do estado.

Em Russas essa era uma realidade para os estabelecimentos que negociam nesse ramo. Em geral muito simples, boa parte das lojas que vendiam móveis e eletrodomésticos não tinha grande porte, ocupando prédios sem um acabamento voltado para o estímulo do consumo de massa. Predominavam os empreendimentos locais, com pouca variação de mercadorias e sem serviços de crédito ou de pagamentos mais sofisticados.

Nos últimos anos, um dos símbolos de transformação no comércio varejista na cidade é exatamente como esses estabelecimentos se ampliaram e passaram a conquistar o interesse de boa parte das pessoas. Além de aumentarem em quantidade, modificaram a infraestrutura das lojas, obedecendo a padrões muito mais modernos de exposição, distribuição de produtos e entrega das mercadorias.

Assim, mudaram definitivamente a paisagem urbana de Russas, pois agora as lojas são grandes, atraem um movimento sem precedentes de clientes e dominam as ruas do Centro com prédios de dois ou três andares, onde o vidro e o

concreto revestido e bem trabalhado servem para chamar mais e mais compradores, dando um aspecto de novidade aos equipamentos.

Neste subitem, destacaremos o papel de três das empresas mais importantes desse ramo varejista, complementando as informações que foram apresentadas nas tabelas do item anterior e salientando suas principais características, assim como o papel que desempenham na economia urbana de Russas. As lojas são: a Leleo Móveis, a Macavi e as Lojas Maravilha.

A Leleo Móveis está presente no município há 33 anos. A empresa nasceu em Russas e foi a partir do consumo no município que cresceu e expandiu suas atividades para outras regiões do estado. Além de estar presente na cidade, há filiais em 12 municípios cearenses, a saber: Jaguaruana, Jaguaribe, Quixeré, Morada Nova, Limoeiro do Norte, Alto Santo, Tabuleiro do Norte, Iracema, Jaguaribe, Jaguaratama, Cascavel, Pacajus e Aracati. Distribui-se, portanto, em muitos municípios do Vale do Jaguaribe, mas também atua na Região Metropolitana de Fortaleza e no litoral leste do Estado.

Conseguimos entrevistar o proprietário da Leleo Móveis e ele nos relatou muitas informações. Descreveu que iniciou no ramo do comércio varejista ainda bem jovem, como funcionário das lojas Pernambucanas, na época, instalada em Russas. Após duas décadas como vendedor, decidiu abrir seu próprio negócio e depois o mesmo foi crescendo, pois relatou que a experiência na venda dos produtos ajudou na manutenção e atração de clientes. Há alguns anos passou a diversificar seus investimentos com a abertura de um estabelecimento voltado para a venda de material de construção, a Leleo Construções. Depois abriu uma loja de artigos diversos para presentes, chamada Leleo Presentes. As duas foram instaladas também na cidade de Russas. Uma vacaria também foi criada pelo proprietário, que passou a investir em diferentes setores e aumentar consideravelmente seu patrimônio. No caso da vacaria, a produção é de 10.500 litros de leite por dia, o qual é vendido para a fábrica da Betânia Laticínios, localizada em Morada Nova.

A segunda importante loja no segmento de móveis e eletros que vamos detalhar é a Macavi. Corresponde a uma das mais importantes lojas do ramo no estado e a matriz da empresa, assim como sua firma, tem sua sede localizada na própria cidade de Russas. A Macavi foi criada em 1984 em Orós, e se especializou inicialmente na venda de confecções e eletrodomésticos. Em 1988, o proprietário da

empresa passou a se dedicar somente ao setor de eletrodomésticos e eletroeletrônicos e o negócio cresceu, necessitando de outra localização para melhor gestão e distribuição dos produtos pelo estado. Dessa forma, em 1990, a cidade de Russas foi escolhida para ser essa nova sede, principalmente em função de sua centralidade na região do Baixo Jaguaribe e pela localização face à Fortaleza e outros municípios cearenses.

Atualmente, as lojas da rede de eletrodomésticos e eletroeletrônicos Macavi estão situadas em 64 municípios do Ceará, além de duas no Piauí, nos municípios de Luís Corrêa e Parnaíba. Estas duas últimas lojas foram criadas por conta do grande número de moradores dessas cidades que se deslocavam até os municípios cearenses para comprar na Macavi. Portanto, há um motivo muito particular para a empresa ter atuado fora do Ceará e, segundo funcionários entrevistados, não é uma política da empresa continuar, por enquanto, essa expansão. O foco é o mercado cearense, tanto que a meta da empresa para um futuro próximo é instalar uma loja em cada município do estado, isto é, uma em cada um dos 184 municípios do Ceará.

Na cidade de Russas, encontram-se três estabelecimentos pertencentes à Macavi: 1) Macavi Ponto Econômico: especializado na revenda de produtos que apresentam pequenos defeitos de fabricação ou que foram recuperados devido ao não pagamento da mercadoria; 2) Macavi: loja de móveis e eletros, essa foi a primeira a se instalar na cidade; e a 3) Mega-Macavi: que além de vender móveis e eletros, vende também artigos de cama, mesa e banho.

O horário de funcionamento de cada filial nos muitos municípios onde estão localizadas varia muito, pois há lojas que encerram o expediente às cinco da tarde e outras, como no caso de Itapipoca, que encerram às sete da noite. Para atender todas as unidades, a sede administrativa, localizada na Rua Dom Lino, passou a operar em três turnos: de 07h00min às 17h00min; de 08h00min às 18h00min; e de 09h00min às 19h00min. Esse horário de organização do trabalho se deve ao fato dos setores administrativos estarem localizados em Russas. Assim, todas as consultas de créditos, bem como a aprovação de vendas, passam pela matriz instalada nessa cidade. As filias dessa empresa têm uma meta específica para ser alcançada. No caso de Russas, a meta está na ordem de R\$ 1 milhão mensais. A filial mais modesta não tem meta menor que R\$ 100.000,00.

Por fim, temos as Lojas Maravilha, com 12 anos de existência e também com sede localizada na cidade de Russas. Hoje ela está presente também em Jaguaruana, Itaiçaba, Palhano, Limoeiro do Norte, Quixeré e Aracati, portanto, atende exclusivamente a região do Baixo Jaguaribe e o Litoral Leste do estado. Ao entrevistarmos o proprietário dessa rede de lojas, ele nos informou que a empresa foi adquirida de um colega que estava em falência. A transação se tornou interessante devido, como ele mesmo relatou,

“ao padrão de consumo da região. Aqui a gente tem indústria, cerâmicas, fruticultura para a exportação, mas o que pesa mesmo é a indústria de calçado. Quando decidi comprar a Lojas Maravilhas, há 12 anos, a Dakota tinha acabado de se instalar em Russas. Pensei que com um estabelecimento desses no município o meu negócio não poderia dar errado” (Entrevista com proprietário das Lojas Maravilha, novembro de 2013).

As figuras 15, 16, 17 e 18, apresentam as lojas em destaque no contexto da paisagem de Russas, demonstrando as características principais de instalação dos novos equipamentos nas ruas do núcleo central.

Figura 15 – Mega Macavi no centro de Russas



Fonte: Próprio autor.

Figura 16 – Lojas Maravilhas no centro de Russas



Fonte: Próprio autor.

Figura 17 – Galpão da Macavi no centro de Russas



Fonte: Próprio autor.

Figura 18 – Leleó Móveis no centro de Russas



Fonte: PEREIRA JÚNIOR, E. A., 2013

A seguir, com base em Santos (1979), podemos apresentar algumas informações colhidas em trabalho de campo, que demonstram o perfil das lojas citadas, no contexto dos dois circuitos da economia urbana em Russas. A partir desta teoria, destacamos cinco variáveis importantes que definem o movimento dos circuitos, quais sejam: a) a geração de empregos; b) o capital aplicado; c) a origem das mercadorias vendidas; d) as formas de pagamento; e e) as estratégias de publicidade. Vejamos como as referidas lojas manifestam essas variáveis.

a) a geração de empregos;

No que tange à geração de emprego e renda, essas empresas, juntas, contribuem para uma expansão significativa do emprego regular e com carteira assinada, além de ampliarem as formas assalariadas de trabalho na economia de Russas.

Contabilizando todas as unidades, as Lojas Maravilha empregam 130 funcionários, sendo que praticamente metade desses trabalhadores (65) está empregada na sede administrativa da cidade. Curiosamente, 60% desse grupo de contratados são ex-funcionários da empresa Dakota.

Quanto à Leleo Móveis, emprega, ao todo, 450 funcionários e a unidade com maior número de trabalhadores está em Russas, reunindo 85 empregados, que movimentam a sede e a firma da empresa. Tais funcionários residem na sede de Russas e também tiveram passagem pela Dakota, embora em número menor, ou seja, 20% do total. A outra parte teve experiência em outros estabelecimentos comerciais.

No caso da Macavi, o quadro de funcionários é significativamente maior que das duas empresas citadas. Ele contabiliza cerca de 300 contratados só em Russas⁵⁴, principalmente em função do número de estabelecimentos presentes no município, ou seja, três lojas e ainda um galpão que serve de depósito para mercadorias que chegam de Maracanaú⁵⁵, além de um prédio administrativo. Quanto a este último, é um prédio onde funcionam quatro setores de administração que atendem a todas as lojas da Macavi no Ceará: o de telecobrança, o de aprovação de vendas, o de recursos humanos e o departamento financeiro da empresa.

É substancial dizer que, assim como acontece com as Lojas Maravilha, boa parte desses funcionários já teve passagem pela Dakota, e mesmo que a direção da Macavi insista em dizer que esse dado é indiferente para a contratação

⁵⁴ Valor estimado com base em entrevistas com funcionários, pois a administração da empresa não nos disponibilizou nenhum dado oficial sobre o tema. Também tivemos dificuldades de encontrar informações sobre a origem das mercadorias disponíveis nos estabelecimentos e sobre as principais formas de pagamento utilizadas. Tais informações foram obtidas através de longas entrevistas com funcionários que, sob sigilo, conversaram sobre esses assuntos.

⁵⁵ A partir de 2013, esse galpão deixou de ser um ponto de distribuição para as outras lojas presentes no Baixo Jaguaribe e adjacências, pois em Maracanaú foi construído um galpão que funciona como armazém de todas as unidades da Macavi no estado.

dos funcionários, os próprios afirmam que esse pré-requisito é importante e deve ser dito numa entrevista de contratação.

Todas as pessoas que se candidatam a uma vaga de emprego na Macavi passam por uma seleção nos moldes de uma típica seleção de trabalho, com entrevista e avaliação psicotécnica, enquanto que para as Lojas Maravilha e a Leleu Móveis, a contratação de mão de obra ainda apresenta certo grau de informalidade, sendo muito comuns as indicações de outros funcionários. Mas, reiterando o que já dissemos acerca do papel da Dakota na preparação dos ritmos racionais de trabalho, o fato de um candidato à vaga de emprego apresentar em seu currículo experiência na fábrica de calçados o coloca à frente dos demais concorrentes. Ex-funcionários da Dakota informam que o rigor da produção industrial em série estabelece uma desenvoltura ao trabalhador bem diferente do que predomina na região. Ao passar pela fábrica, afirmam, um operário está “educado para o trabalho”, livrando-se dos chamados “vícios do homem do campo”. Passa a ser um trabalhador que respeita rigorosamente tanto os horários estabelecidos pela empresa, quanto sua hierarquia funcional.

b) o capital aplicado;

Referente ao capital aplicado na instalação ou expansão dos empreendimentos, o dono da Lojas Maravilha afirmou que não houve financiamento, o montante investindo é de capital próprio, o que tem dificultado a compra do prédio da sede administrativa. Desse modo, os custos com aluguel gastos pela empresa são altos, pois além dos muitos estabelecimentos espalhados por vários municípios, o prédio da loja matriz em Russas não é próprio.

Situação parecida ocorre com a Leleu Móveis. Em entrevista com o proprietário, que descreveu a história da empresa, o capital utilizado para iniciar o empreendimento foi próprio e pessoal, sem qualquer financiamento ou empréstimo. Ao longo do tempo, ao crescer o empreendimento, a Leleu continuou sem utilizar financiamentos de bancos ou financeiras, transformando lucros obtidos em investimentos. Uma prova disso é que, ao contrário das Lojas Maravilha, o prédio central da empresa em Russas é próprio.

Por fim, a Macavi seguiu o mesmo caminho na abertura da firma e no crescimento dos investimentos, isto é, não obteve empréstimos ou financiamentos no período em que precisava se consolidar. A empresa cresceu sobremaneira, mas os financiamentos de bancos privados ou estatais só vieram depois que inúmeras lojas estavam instaladas em vários municípios cearenses. O prédio da Macavi, no Centro de Russas, é próprio e apresenta uma das estruturas mais pujantes do núcleo central da cidade.

c) origem das mercadorias vendidas;

No que se refere à origem das mercadorias vendidas, o proprietário das Lojas Maravilha nos relatou que sua empresa adquire 20% daquilo que negocia no próprio estado, principalmente nos municípios de Iguatu e Jaguaribe. Enquanto isso, 30% vem de outros estados do Nordeste, primordialmente de Pernambuco e Bahia; e 50% vêm do Sudeste, com destaque para os produtos provenientes dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. As mercadorias chegam ao estabelecimento através de transporte contratado pela própria empresa.

Já para a Leleo Móveis, 90% das mercadorias postas à venda vem da região Sul do país. Os outros 10% são comprados no Ceará, em especial nos municípios de Fortaleza (Esmaltec, etc.), Eusébio (estofados) e Maracanaú (Indústria Cearense de Colchões). A mercadoria chega através de frota contratada pela própria empresa.

A Macavi, no que tange à origem das mercadorias vendidas, é bem similar a Leleo Móveis. Boa parte de seus produtos vem da região Sul do Brasil e apenas uma pequena fração é comprada no Ceará, a exemplo dos móveis adquiridos em Iguatu (na empresa Tubform), dos estofados comprados em Maracanaú (na Indústria Cearense de Colchões) e dos produtos de linha branca, fornecidos pela Esmaltec de Fortaleza e de Maracanaú. A maior parte da mercadoria que vem de outros estados é entregue através da Transfarrapos, transportadora do Rio Grande do Sul.

d) as formas de pagamento;

Referente às formas de pagamento oferecidas pelas empresas de móveis e eletroeletrônicos trabalhadas, o destaque é para a venda a crediário, que contabiliza 60% dos produtos negociados. Isso acontece nas três lojas em destaque. Da mesma forma, tanto as Lojas Maravilha, a Leleo Móveis e a Macavi têm como segunda e terceira opção de venda dos produtos, respectivamente, o cartão de crédito (30%) e o pagamento à vista (10%).

Também nas três empresas, os preços das mercadorias são geralmente submetidos à discussão entre o comprador e o vendedor. O destaque maior para esse procedimento é da Leleo Móveis. Nessa empresa, cujo proprietário tem ampla escrivaninha com duplicatas, notas fiscais e recibos no vão central da principal loja, as características tradicionais de negociação dos preços ainda são preservadas. O “Seu Leleo” ainda atende pessoalmente cada cliente que queira negociar em sua mesa, demonstrando uma acessibilidade bem diferente de outros gerentes ou proprietários de lojas com a mesma estrutura. Ele confirma isso informando que, nas “lojas mais famosas, não existe o trato com os clientes. Você nem sabe quem é o dono. Eu gosto de falar com meus clientes, porque assim eu crio um vínculo com eles”.

e) as estratégias de publicidade

As estratégias de publicidade mais usadas pelas empresas em foco são os folhetos impressos, distribuídos em várias partes da cidade e da região; a propaganda em televisão e a divulgação via rádio. No caso das Lojas Maravilha, a publicidade se resume à cidade instalada. Já na Leleo Móveis, apesar das vendas se concentrarem no município de Russas, a propaganda atinge toda a região do Baixo Jaguaribe, principalmente através de *outdoors*, encartes promocionais e publicidade nas rádios mais diversas.

A Macavi, em função do porte, é a empresa que apresenta uma estratégia de publicidade com perfil mais profissional. Suas lojas estão espalhadas por todas as regiões do estado e a estrutura de publicidade da empresa absorve 3% do faturamento total da mesma, ou seja, suas campanhas e propaganda envolvem grande investimento, geralmente atraindo personalidades conhecidas no estado

para divulgar as mercadorias através de propagandas de televisão, rádio, jornal, folhetos e *outdoors*, entre outros.

Segundo entrevistas realizadas nas três empresas, para seus gerentes ou proprietários, a publicidade é um fator de impacto decisivo para que as vendas tenham crescido substancialmente e os clientes tenham, cada vez mais, procurado suas marcas.

4.3.2 Hipermercados, supermercados e mercadinhos

As transformações materializadas pelo dinamismo do comércio varejista em Russas também destacam outros ramos que cresceram consideravelmente na cidade. Os Hipermercados, supermercados e mercadinhos são um exemplo importante dos novos impactos nas formas de consumo. Eles mudaram os ritmos da população local e seus hábitos tradicionais, distribuindo-se nas ruas do Centro e do núcleo central, mas também em bairros de periferia, alterando o padrão convencional da compra em retalho e das dívidas anotadas em caderneta, por exemplo.

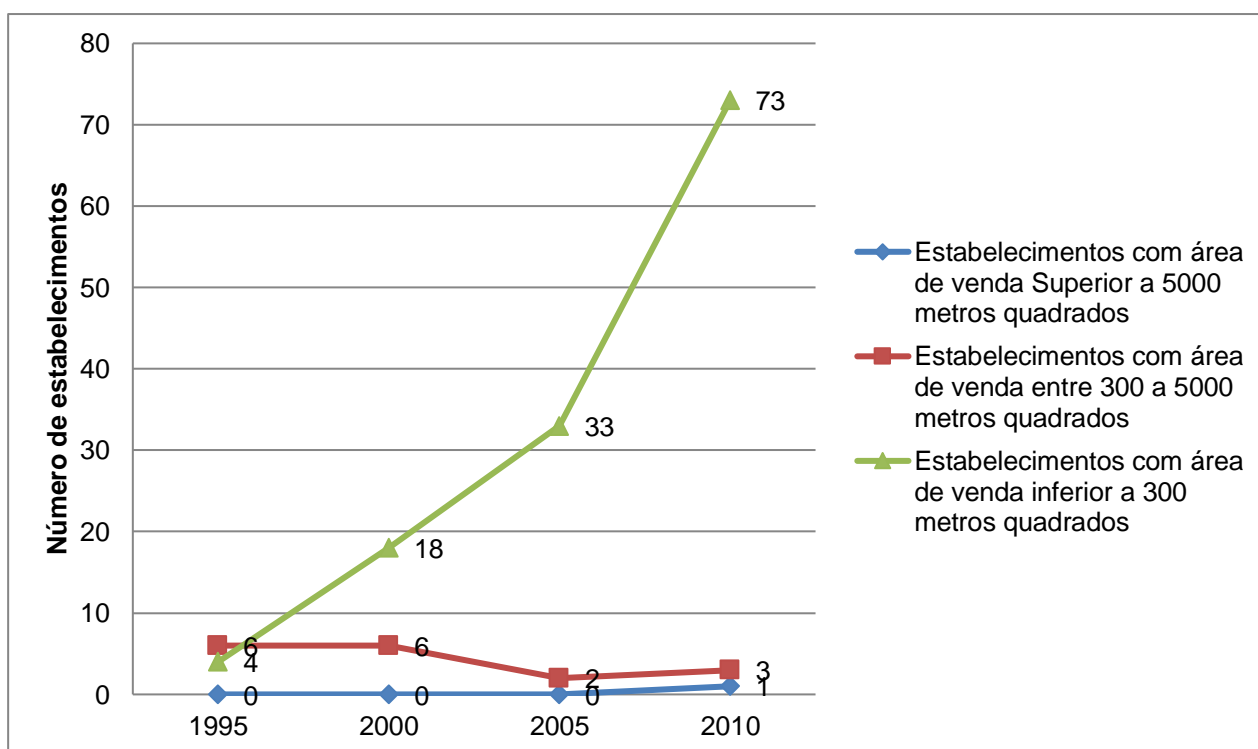
Assim, a reestruturação desse ramo do varejo causa importante transformação que afeta os ritmos da cidade. Como mostra o Gráfico 6, elaborado com dados fornecidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em 1995, Russas apresentava um total de seis estabelecimentos do comércio varejista de produtos alimentícios, com área de venda entre 300 a 5.000 metros quadrados. Para esse mesmo ano, quatro deles eram inferiores a 300 metros quadrados⁵⁶. A cidade ainda não havia recebido a unidade de produção da Dakota e a economia local não tinha força suficiente para determinar uma modernização do ramo de mercados e supermercados, visto que a massa de trabalhadores empregada não apresentava elementos para dinamizar uma ampliação do consumo moderno.

Já em 2000, nota-se uma rápida evolução dos pequenos estabelecimentos do ramo, que saltaram de quatro para 18 equipamentos em cinco

⁵⁶ A Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) qualifica os estabelecimentos do comércio varejista com predominância de produtos alimentícios de acordo com sua área. Os hipermercados possuem acima de 5.000 metros; os supermercados e estabelecimentos de médio porte entre 300 e 5.000 metros quadrados e os pequenos estabelecimentos têm área inferior a 300 metros quadrados.

anos. No entanto, o número de estabelecimentos de médio porte permaneceu o mesmo. Cinco anos depois, em 2005, o crescimento continuou constante para os pequenos estabelecimentos (chegaram a 33), enquanto houve uma queda dos estabelecimentos de médio porte. Em 2010, Russas presenciou um exorbitante crescimento dos pequenos mercados, chegando ao patamar de 73 unidades, além da ampliação de uma empresa local que passou a figurar na faixa dos estabelecimentos acima dos 5.000 metros quadrados, ou seja, o Supermercado Granjeiro, o primeiro desse porte na cidade. Também se instalou na cidade uma filial de uma rede potiguar de supermercados, o Supermercado Queiroz, cuja matriz é em Mossoró.

Gráfico 6 – Russas: evolução do número de estabelecimentos do comércio varejista com predominância de produtos alimentícios (1995 a 2010).



Fonte: MTE/RAIS.

Com a instalação dos empreendimentos de médio e grande porte na cidade, o deslocamento dos habitantes de Russas para consumir no Supermercado Pinheiro, localizado em Limoeiro do Norte, diminuiu consideravelmente. Esse movimento entre Russas e Limoeiro do Norte era tradicional para as famílias com

melhor renda, que realizavam suas compras de produtos industrializados de alimentação, limpeza etc. na cidade vizinha.

A partir do crescimento e da modernização dos estabelecimentos com predominância de produtos alimentícios em Russas, influenciado principalmente pelos empregos gerados na indústria calçadista, os deslocamentos intermunicipais diários diminuíram e ampliou-se o movimento do campo para a cidade e entre os bairros na cidade, tendo o Centro como o destino principal daqueles que se deslocavam. Isso nos faz constatar que, em Russas, as atividades da economia urbana envolvidas com o circuito inferior têm sua dinâmica mais limitada ao âmbito local. Enquanto isso, o circuito superior marginal tende a abastecer todo o município, ou distritos de municípios vizinhos, atingindo tanto moradores de zonas urbanas, quanto rurais.

No trabalho de campo, conseguimos inúmeras informações que caracterizam muitos dos investimentos no ramo de mercados e supermercados. Eles serão expostos a seguir, considerando a divisão temática trabalhada no subitem anterior, baseado na teoria dos dois circuitos da economia urbana, apresentada por Santos (1979). Assim, estarão presentes informações relacionadas ao capital aplicado, à origem das mercadorias vendidas, às formas de pagamento utilizadas, às estratégias de publicidade e à geração de empregos.

Identificamos que todos os estabelecimentos com predominância de produtos alimentícios de médio e grande porte, localizados no Centro da cidade, são de origem local, com exceção do Supermercado Queiroz. O capital utilizado para instalação dos empreendimentos é de origem particular e seus proprietários informaram que não houve financiamento de bancos privados ou públicos para que eles pudessem funcionar. Esses estabelecimentos, em sua grande maioria, adquirem as mercadorias que negociam no próprio estado, através das distribuidoras localizadas em Fortaleza. Entretanto, pela proximidade com Mossoró (RN), há uma pequena parcela de proprietários de mercados e supermercados que se desloca para essa cidade para consumir no Atacadão, hipermercado atacadista do grupo Walmart, ali presente.

No caso do Supermercado Queiroz, em razão de sua sede estar localizada em Mossoró e das mercadorias serem prioritariamente adquiridas no Rio Grande do Norte, é deste estado que são originados os produtos. Em Mossoró se

localiza também o centro de distribuição da rede e é de lá que vêm todos os produtos que abastecem sua filial em Russas, chegando via frota da própria empresa. Os produtos que não se conseguem encontrar no Rio Grande do Norte são comprados no Ceará e na Bahia, principalmente frutas e verduras, que são primeiramente armazenadas no centro de distribuição de Mossoró.

As principais formas de pagamento desses estabelecimentos são, primeiramente, os cartões de crédito, mas há também uma quantidade considerável de clientes que pagam à vista. Não se constatou a presença do “fiado”, pagamento feito mediante crédito pessoal do proprietário do estabelecimento na figura da nota promissória. Os preços dos produtos nesses estabelecimentos são completamente fixos, não havendo qualquer negociação entre vendedor e comprador, a chamada “pechincha”. No caso do Supermercado Queiroz, além de ofertar vendas a cartão de crédito, disponibiliza também um cartão próprio da rede, mediante análise de crédito. O gerente da filial de Russas nos afirmou que, para a aprovação de crédito para funcionários da Dakota, é posto menos burocracia, principalmente em razão da estabilidade do emprego e do salário recebido, bem acima da média de renda dos trabalhadores locais.

Referente à publicidade, assim como nas lojas de móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônico, ela é primordial para as vendas e são feitas priorizando atingir a sede e a zona rural do município. Essa estratégia é utilizada em especial pelos médios estabelecimentos, que disponibilizam recursos para uma divulgação modesta, mas eficiente em alguns casos. Atraem um contingente de consumidores das periferias da cidade e também os moradores dos distritos. Os supermercados Granjeiro⁵⁷ e Queiroz utilizam estratégias diferentes: em função da infraestrutura, os preços podem intimidar certo perfil de clientes, principalmente os da zona rural do município. Desse modo, utilizam uma publicidade ousada, presente nas emissoras de rádio, encartes, jornais, cartazes e outdoors, atendendo a região do Baixo Jaguaribe e atraindo um grupo de clientes mais jovens ou que possuem maior capacidade de consumo de produtos modernos. A possibilidade de oferecer uma maior variedade de serviços no próprio supermercado, tais com lanchonetes e bares, fortalece a presença desse perfil de comprador.

⁵⁷ Esse estabelecimento faz parte de uma rede de supermercados que engloba empreendimentos de médio e pequeno porte, chamada Uniforça, com sede em Fortaleza.

No tocante à mão de obra contratada, há uma distinção no que se refere ao porte do estabelecimento: os médios utilizam, em sua grande maioria, membros da própria família, contratando um pequeno número de funcionários de fora do núcleo familiar. Enquanto isso, os maiores estabelecimentos, a exemplo do Supermercado Queiroz, do Supermercado Granjeiro e do Renê Supermercados, contratam funcionários sob o regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), ou seja, tipicamente capitalista, estabelecendo uma relação exclusivamente marcada pela racionalidade entre empregado e empregador.

Figura 19 – Renê Supermercado no centro de Russas



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 20 – Denísio Supermercado no centro de Russas



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 21 – Supermercado Granjeiro no centro de Russas



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 22 – Supermercado Queiroz no centro de Russas



Fonte: Próprio autor, 2013.

Acerca dos três equipamentos citados, os supermercados Queiroz, Granjeiro e Renê (ver figuras 19, 20, 21 e 22), é importante enfatizar que os mesmos passaram a concorrer com o maior supermercado da região do Baixo Jaguaribe, o

Supermercado Pinheiro, localizado em Limoeiro do Norte. Antes do crescimento e da estruturação do comércio local, o Supermercado Pinheiro praticamente drenava a renda regional, inclusive de Russas, demarcando sua centralidade na oferta e consumo de mercadorias ligadas aos alimentos, aos artigos de limpeza e aos artigos de higiene pessoal. Com a modernização dos estabelecimentos em Russas, agora, certo contingente da população de municípios como Jaguaruana e Palhano, além de outros distritos em zonas rurais, não se dirige mais a Limoeiro do Norte. Isso fortaleceu o papel central de Russas frente a algumas áreas da região do Baixo Jaguaribe. Em entrevista com os gerentes desses três supermercados, eles nos relataram que o número de clientes cresce a cada ano, abarcando principalmente moradores de fora de Russas. Em entrevistas com funcionários da Dakota, contatamos também que os trabalhadores dessa fábrica que passam a semana em Russas e retornam para os seus municípios nos fins de semana⁵⁸ fazem suas compras mensais na cidade, pois afirmam que a variedade de produtos e as facilidades na forma de pagamento são melhores do que as que encontram em seus municípios.

Afirmamos que esses estabelecimentos pertencem ao circuito superior marginal da economia urbana de Russas. Isso ocorre em função de suas características de transição, que “[...] pressupõe a ausência de condições que permitiriam o estabelecimento de empresas do circuito superior [...]” (SANTOS, 2011, p. 179). Assim, como informa Santos, “[...] O circuito superior marginal encontra-se presentemente em condições de abastecer as populações das vizinhanças, enquanto oferece localmente um grande número de empregos diretos e indiretos [...]” (SANTOS, 2011, p. 180).

No entanto, devemos destacar também os estabelecimentos de pequeno porte para esse ramo, ou seja, os conhecidos mercadinhos e mercearias. Eles se caracterizam por serem equipamentos de capital modesto e de gestão familiar, criados e mantidos com a ajuda de parentes, que se revezam no atendimento e na entrega de produtos. Também é comum o valor inicial do investimento ter sido obtido

⁵⁸ Destacam-se principalmente os municípios de Aracati e Morada Nova, que não são atendidos pelas rotas disponibilizadas pela Dakota, obrigando os funcionários que residem nesses dois municípios a fazerem esse trajeto por conta própria. Muitos preferem alugar casas na cidade de Russas, em vez de fazerem o trajeto para essa cidade diariamente. O impacto da força de trabalho da indústria calçadista no mercado imobiliário dessa cidade será tratado no próximo capítulo.

de rescisões contratuais ou do recebimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) do trabalhador que virou proprietário⁵⁹ (ver figuras 23, 24, 25 e 26).

No caso das mercearias, sua estrutura é mais precária que a dos mercadinhos, apresentando pouca variedade de produtos e de formas de pagamento. Devido ao porte dos estabelecimentos, micro comércios sem maior infraestrutura ou logística, o volume de vendas é pequeno, não possibilitando a entrega de produtos a domicílio.

Os mercadinhos, por sua vez, apresentam-se mais estruturados, ofertando vendas por meio do cartão de crédito e a entrega em domicílio, através de carrocinhas acopladas a motos. Geralmente, cada estabelecimento possui apenas uma moto para a realização das entregas.

Figura 23 – Mercadinho na periferia de Russas



Fonte: Próprio autor, 2014.

Figura 24 – Mercadoria na periferia de Russas



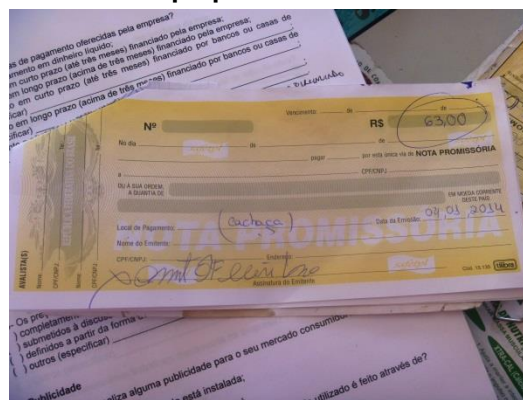
Fonte: Próprio autor, 2014.

Figura 25 – Mercadinho no centro de Russas



Fonte: PEREIRA JÚNIOR, 2014.

Figura 26 – Nota promissória usada no pequeno comércio



Fonte: Próprio autor, 2014.

⁵⁹ Foram detectados casos de ex-trabalhadores da Dakota que montaram suas mercearias com o valor recebido do FGTS.

Outra característica que marca os mercadinhos e mercearias é a redução do número de pessoas que compram por meio de notas promissórias. Em entrevista aos proprietários de alguns mercadinhos, fomos informados que, com a inserção do cartão de crédito na periferia da cidade, as vendas com promissórias diminuíram bastante. Isso se configurou numa vantagem para eles, pois agora a cobrança da dívida fica a cargo das operadoras de cartões de crédito. Entretanto, esses estabelecimentos ainda disponibilizam do “fiado” para algumas pessoas que confiam, ou seja, consumidores de longa data e/ou com emprego estável, como os trabalhadores da Dakota. Segundo o proprietário de um desses estabelecimentos,

“se o indivíduo trabalhar na Dakota e for conhecido aqui do bairro, a gente vende sim, porque sabe que ele paga, tem trabalho certo. Eles quando entram na fábrica, passam muito tempo, então a gente sabe que ele num vai ser demitido logo e deixar a gente na mão, né?” (Depoimento de um proprietário de pequeno estabelecimento comercial, novembro de 2013).

Exclusivamente para as mercearias, a compra por nota promissória é o principal meio de comercialização, seguido das compras à vista. Isso porque a venda por meio do “fiado” possibilita transação de maior valor, frequentemente em torno de R\$ 200 mensais, em média. Neste caso, o prazo de quitação da dívida é estipulado em comum acordo entre o vendedor e o comprador.

As mercadorias postas à venda por esses pequenos estabelecimentos são adquiridas totalmente no Ceará, por meio de revendedores sediados em Fortaleza, dentre as quais se destacam a Jotujé Distribuidora, a Donizete Distribuidora de Alimentos e a Comercial Ibiapina. Seus representantes de venda passam regularmente na cidade, visitando os pequenos estabelecimentos e apresentando o seu leque de produtos, evidenciando, assim. “[...] uma adaptação do circuito moderno que visa atender uma clientela em crescimento” (SANTOS, 2011, p. 98).

Em relação à publicidade, os mercadinhos e mercearias costumam distribuir encartes promocionais que são entregues porta a porta aos moradores do bairro onde estão localizados. Em alguns casos, utilizam-se de comerciais de rádio para divulgação do negócio. As pequenas mercearias, no entanto, não utilizam qualquer tipo de publicidade.

A escala de atuação do pequeno comércio não ultrapassa o bairro, no entanto, uma ressalva deve ser feita cuidadosamente no que tange aos pequenos

comércios que se encontram no Centro da cidade. As mercearias e os mercadinhos que estão localizadas no núcleo central se beneficiam do fluxo de pessoas de todo o município que vão até aquela parte da cidade para fazer compras. Com isso, os pequenos estabelecimentos acabam ampliando sua escala de atuação, em função da acessibilidade e centralidade oferecida. Em grande parte, são unidades residenciais que foram transformadas em estabelecimentos comerciais, e se seus proprietários não fossem donos dos imóveis, não haveria possibilidade de abrir um estabelecimento com essas características no Centro da cidade.

De acordo com Santos (2011, p. 93), “O pequeno comércio é representado por pequenos estabelecimentos mal instalados, mal equipados e que ocupam individualmente muito pouca mão-de-obra”. No caso de Russas, a sua expansão se deve primordialmente pelo aumento do número de trabalhadores assalariados, visto que esses não dispõem de uma renda suficiente para adquirir com facilidade mercadorias disponibilizadas pelo circuito superior marginal.

Assim, corroboramos com Santos (2011, p. 92), quando ele afirma que “[...] é no domínio dos produtos alimentícios que reside o essencial da atividade do circuito inferior”. Para o autor,

a proliferação do pequeno comércio se explica em parte pelo fato de ele vender em pequenas quantidades, adaptando-se, assim, às entradas insuficientes e irregulares de dinheiro da maioria das famílias; mas explica-se, sobretudo, porque ele fornece produtos de primeira necessidade a crédito (SANTOS, 2011, p. 93).

A recente expansão da renda e do crédito à população de baixa renda criou as condições para que os pobres residentes nas periferias pudessem consumir de maneira regular no comércio varejista, expandindo as relações de mercado. O consumo cresceu e isso ocorreu em função do processo de financeirização do território nacional (CONTEL, 2006). A propagação da variável “finança” no território brasileiro atende, sobretudo, aos interesses hegemônicos dos agentes do circuito superior da economia urbana. O crédito financeiro, elemento comandado pelos agentes dominantes do capitalismo, é desburocratizado e oferecido aos diversos agentes sociais por instituições bancárias e não bancárias para as mais variadas classes (SILVEIRA, 2009).

É com base no processo descrito que já podemos encontrar em Russas atividades do circuito inferior que oferecem a seus clientes crédito financeiro como

forma de pagamento. Eles têm a possibilidade de pagar por suas compras, ou pelo serviço que lhes é prestado, com cartão de crédito, podendo também parcelar o valor a ser pago. Isso faz com que muitas vezes os preços no circuito inferior se tornem fixos diante das “facilidades” oferecidas aos clientes na forma de pagamento.

Todas essas manifestações representam que o potencial de consumo individual das pessoas em Russas varia em alguns pontos, influenciando o tipo de estabelecimento que se expande e a localização do mesmo no espaço urbano. Essa localização, como informa Santos (SANTOS, 2011, p. 126), determina a capacidade de consumir e por isso os meios de transporte são tão fundamentais para a realização de muitas demandas urbanas. Vamos trabalhá-los a seguir.

4.3.3 O sistema de transportes

Os estabelecimentos mais estruturados em Russas se encontram em locais estratégicos e de maior circulação do Centro da cidade, isto é, no núcleo central. Contando com infraestrutura já instalada, o núcleo central de Russas, além de sua localização privilegiada no espaço e da concentração de um maior número de funções urbanas, conta com melhor oferta de transporte coletivo e de vias para transporte individual.

Parafraseando Villaça (2012), em uma cidade, o Centro é o local a partir do qual se irradia (ou para qual converge) o sistema de transporte. Em Russas, assim como em muitas pequenas cidades do Nordeste, o sistema de transporte é deficiente e desestruturado. Afora os bairros de periferia, que definitivamente não são atendidos por qualquer oferta regular de transporte e dependem de veículos precários, mesmo o Centro apresenta uma situação crítica. A oferta de possibilidades não chega a ser pequena, mas a segurança, o conforto e a pontualidade deixam muito a desejar. É por isso que o uso da bicicleta e ainda de animais são comuns, atendendo uma demanda reprimida difícil de ser contemplada.

No entanto, com a modernização da economia, houve mudanças. Elas se materializam na compra de motos e veículos, como será comentado adiante, mas também na maior oferta de táxis e mototaxis que tomam as ruas do Centro, num movimento frenético e desorganizado que lembra uma grande corrida desesperada

sem destino definido. Os veículos estão estacionados nas ruas e nas calçadas e o respeito ao pedestre é mínimo, o que aumenta o risco de atropelamento.

Na cidade há 19 pontos de mototaxi e, aproximadamente, 200 mototaxistas. Dois desses pontos funcionam 24 horas e se localizam na Avenida Dom Lino, em frente à praça da Igreja Matriz da cidade. Os demais operam no horário de maior movimento de pessoas, do começo da manhã até o fim da tarde. No que tange aos táxis, há três pontos em Russas, um localizado na rodoviária, outro na praça da Igreja Matriz, na avenida Dom Lino e, por fim, um último localizado na rua Dr. José Ramalho, em frente ao Hospital e Maternidade Divina Providência de Russas. Outros pontos já foram regulamentados, mas não foram abertos, a saber: Lagoa da Caiçara e Policlínica de Russas.

Tanto os motoristas de mototaxi, quanto os de táxi são autônomos, ou seja, não há empresas que oferecem os serviços e eles se agrupam em associações. A atividade apresenta forte relação com as variáveis do período atual, na medida em que decorre da intensificação do consumo e da necessidade de fluidez ligada a diferentes tipos de funções. São, de fato, os principais meios de transporte coletivo intraurbano e intramunicipal, evidenciando forte articulação com a centralidade de Russas, pois é responsável pela fluidez de mercadorias e pessoas entre os bairros da cidade e a região de retorno.

Na escala regional, observou-se uma articulação de Russas com outros municípios através da oferta de transporte interurbano, cujo objetivo é encurtar as distâncias entre objetos e operadores de todos os tipos, pois surge a necessidade de aproximar os lugares, na medida em que a mobilidade se torna condição de adaptação e de participação na vida urbana (RÉMY e VOYÉ, 1997).

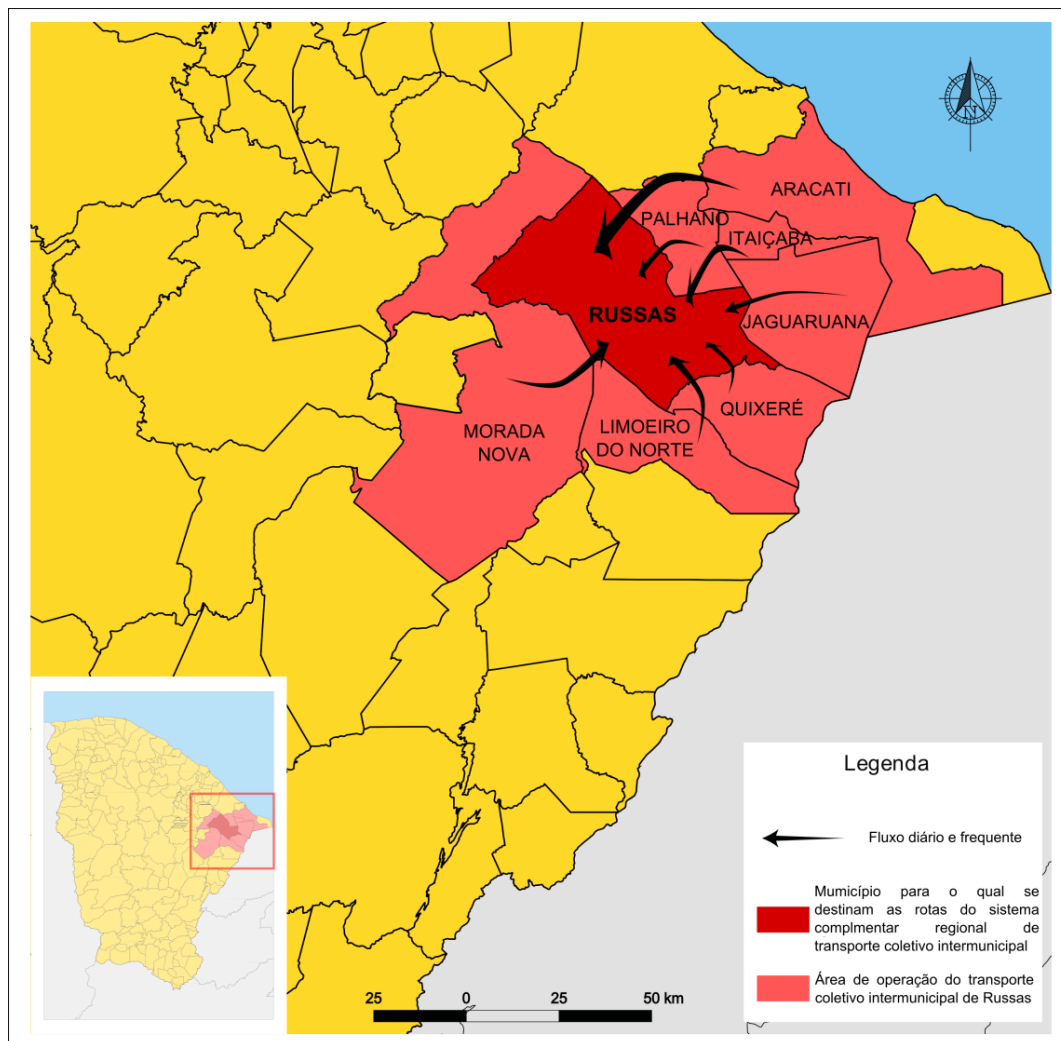
Ao utilizarmos como referência as linhas de transporte que se destinam à sede municipal de Russas, podemos observar uma polarização dessa cidade no contexto regional, como aponta a Figura 27. Assim como o transporte intraurbano, não há empresa que presta esse tipo de serviço e o resultado é a oferta de veículos precários e mal estruturados, que partem de zonas rurais ou de cidades próximas pela madrugada e voltam ao fim da manhã. Também há transporte para outras localidades no período da tarde, mas a frequência diminui consideravelmente. Isso explica porque o Centro de Russas é menos movimentado durante a tarde,

justificando que o papel das pessoas que vêm de outras localidades também é importante no dinamismo do consumo.

É comum encontrarmos ônibus velhos, vans e *topics*, ou mesmo os famigerados paus de arara, que atendem várias pessoas em vários veículos, estacionados de maneira irregular e confusa no núcleo central da cidade. Como aponta a Figura 27, em nossas entrevistas, identificamos transportes com essas características para todos os distritos de Russas, e ainda para os municípios de Aracati, Palhano, Itaiçaba, Jaguaruana, Quixeré, Limoeiro do Norte e Morada Nova. Cabe enfatizar que, para municípios como Palhano, Itaiçaba, Jaguaruana e Quixeré, o transporte também sai da própria sede municipal, o que implica em centralidade de Russas, face a outros centros urbanos. No entanto, os transportes que saem de Aracati, Limoeiro do Norte e Morada Nova, com destino exclusivo para Russas, geralmente partem de distritos em zonas rurais.

Podemos concluir que há polarização da cidade de Russas sobre várias áreas na região do Baixo Jaguaribe. No entanto, isso ocorre muito menos pela infraestrutura de transporte interurbano e muito mais pela dinamicidade que a economia urbana local vem assumindo. Nesse contexto, os fluxos e a mobilidade, importantes elementos definidores da centralidade regional, multiplicam-se impulsionados pela economia do comércio e dos serviços, que se diversificam e se desenvolvem impulsionados, por sua vez, pelo mercado de trabalho em expansão.

Figura 27 - Sistema regular de transporte interurbano em Russas

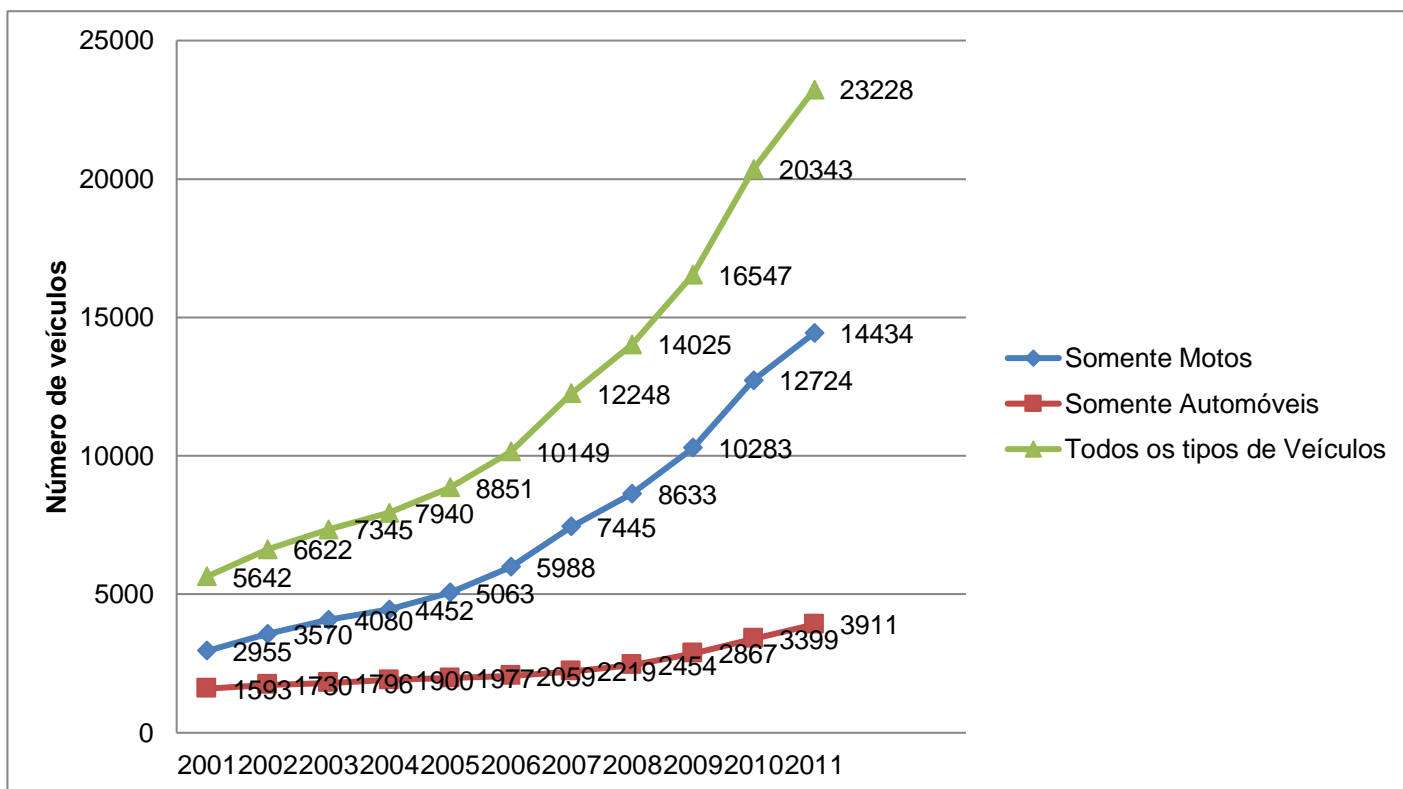


Fonte: Ceará em mapas - IPECE, 2012. Projeto Cartográfico: SILVA JÚNIOR, 2014. Organizado pelo autor a partir de informações obtidas no trabalho de campo.

Ainda referente aos meios de transporte, um destaque deve ser feito para a evolução do número de motocicletas no município. O mais popular meio de transporte de Russas, a bicicleta foi paulatinamente substituída pela motocicleta, com aponta o Gráfico 7. Essa substituição se iniciou, de acordo com os moradores do município, após a chegada da Dakota, que propiciou a inserção de uma parcela da população no consumo do circuito superior marginal. Como aponta o gráfico, em 2001, havia no município aproximadamente três mil motocicletas. Em 2011, esse número já cresceu para 14.434, ou seja, em dez anos, esse veículo teve um crescimento de mais de 350%. Isso significou, em números absolutos, um acréscimo de 1.108 motos incorporadas à frota municipal por ano, entre 2001 e 2011. Para efeito de comparação, os automóveis, no mesmo intervalo de tempo, cresceram 272

unidades. Isso evidencia a presença maciça da moto como o meio de transporte mais utilizado em Russas. O Gráfico 7 também aponta que os veículos de todos os tipos, ou seja, caminhões, caminhonetes, vans, etc., cresceram consideravelmente. É uma confirmação que o ramo acumula lucros elevados com a venda do produto.

Gráfico 7 – Russas: frota de veículos, com destaque para motos e automóveis (2001 a 2011).



Fonte: Departamento Nacional de Trânsito - DENATRAN, 2013.

Funcionários da Dakota nos relataram que, após três meses de experiência de trabalho na fábrica, é bastante comum o funcionário comprar sua moto, antes mesmo de tirar a carteira nacional de habilitação. Segundo o depoimento de um jovem operário da empresa, ele afirma que “Eu entrei já de olho na minha moto, e não é só eu não, muita gente aqui faz isso: entra, espera os três meses e corre pra fazer o consórcio” (Depoimento de um funcionário recém contratado pela Dakota, entrevista realizada em novembro de 2013)⁶⁰.

A informação é confirmada pelos proprietários de duas das principais revendedoras de motos de Russas, a Vale Motos, revendedora autorizada da marca

⁶⁰ O mesmo nos foi relatado por todos os funcionários dessa empresa que entrevistamos.

Honda, e a Aurora Motos, revendedora autorizada da marca Yamaha. Dentre as duas, a que vende mais motocicletas é a Vale Motos. O proprietário desse estabelecimento, afirmou que são revendidas em torno de 400 unidades por ano para funcionários da Dakota, e o maior percentual é entre os recém-contratados. O mesmo foi dito pelo proprietário da Aurora Motos, diferenciando apenas as quantidades, que nesse caso, chega a aproximadamente 100 veículos revendidos⁶¹. Tal informação pode ser também conferida ao se observar o estacionamento de funcionários na fábrica de calçados, que inicialmente era ocupado, em sua grande maioria, por bicicletas e hoje o local está tomado por motos. Recentemente, também houve uma expansão do estacionamento, sobretudo em razão do elevado número de funcionários que utilizam esse meio de transporte (Ver Figuras 28 e 29).

Figura 28 – Vale Motos, a principal concessionário de Russas



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 29 – Principal estacionamento de motos na Dakota-Russas



Fonte: Próprio autor, 2014.

Outro ramo do comércio varejista que foi dinamizado pelo frenético consumo de motocicletas é o de lojas de peças. Em 1995, existia apenas uma dessas lojas na cidade de Russas. Em decorrência dos primeiros empregos gerados pela indústria calçadista, em 2000, esse número subiu para seis estabelecimentos. Em 2010, somando a expansão dos empregos na Dakota e a nova oferta de crédito e de renda com a implementação de políticas de distribuição, o número de lojas subiu para oito⁶².

⁶¹ Outro indicador que reforça a veracidade dessa informação é o número de vagas abertas para a linha de produção da Dakota. De acordo com o diretor do Sine/IDT de Russas, anualmente são ofertadas de 300 a 400 vagas de empregos para essa função por ano.

⁶² Dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), através da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Acompanhada da elevação do número de estabelecimentos, observa-se também a ampliação física das lojas, que passam a ofertar uma maior variedade de produtos. Em entrevista com o proprietário de uma das lojas desse segmento em Russas, a Paulinho Motopeças, ele informa que a maioria de seus clientes é empregada na Dakota. De acordo com ele, “o que me motivou a abrir meu negócio foi o tanto de gente que trabalha na Dakota. E esse povo com o salário fixo passou a comprar muita moto. Então juntei um dinheiro e outra parte foi da minha rescisão da carteira, juntando tudo deu 15 mil reais e com isso montei a loja” (Proprietário da loja Paulinho Motopeças. Entrevista realizada em janeiro de 2014).

Essa rápida difusão parece estar aliada também às possibilidades que a motocicleta oferece como transporte individual. De custo relativamente baixo, se comparado ao de um automóvel, pesam a seu favor a agilidade nas vias sem pavimentação, a facilidade na obtenção da carteira, o preço da manutenção e o consumo reduzido e barato de gasolina.

4.3.4 Relação entre a Dakota e as operações bancárias

Além do que foi relatado até aqui, fazemos menção ao fato de que a presença da atividade industrial mobiliza várias forças motrizes do desenvolvimento capitalista, dentre as quais, em Russas, o setor bancário se destaca com relevância. Obviamente, se o movimento do consumo se expande em determinada cidade, as atividades de crédito e de finanças acompanharão esse ritmo, alavancando também o número de agências bancárias e de transações financeiras. O crescimento desse setor em Russas, portanto, não está associado somente ao crescimento industrial na cidade nos últimos anos, mas também ao estímulo da economia brasileira em aumentar as relações financeirizadas para milhões de pessoas em todo o país.

Deter-nos-emos neste subitem, portanto, apenas na variação positiva das operações financeiras que podem ser associadas à indústria de calçados, tentando demonstrar o peso da Dakota na dinamização do setor.

Encontramos, na cidade, agências dos principais bancos do país, entre elas o Banco do Brasil, o Bradesco e a Caixa Econômica Federal. Todas estão localizadas no Centro da cidade, em função da alta dependência desse setor em relação aos ritmos do consumo e, por consequência, a busca pelo crédito. A

instalação dessas agências é anterior à chegada da Dakota em Russas. No entanto, após a chegada da fábrica, houve a ampliação dos postos de atendimento da agência do Banco do Brasil, a qual detém o maior quantitativo de contas abertas por essa empresa para serem efetuados o pagamento dos salários de seus funcionários, e um dos postos se localiza na própria planta fabril.

Quanto aos dados de movimentação financeira, se observarmos o que aponta a Tabela 5, podemos identificar que elas passaram por uma evolução sem precedentes entre os anos de 2001 e 2012, assumindo, em quase todas as variáveis, um avanço exponencial. Nas operações de crédito, saíram de um patamar de pouco mais de R\$ 1 milhão, em 2001, para mais de R\$ 100 milhões em 2012, o que nos permite inferir que, anteriormente à chegada da Dakota, esses números deveriam ser bem menores do que os indicadores apontados pela década de 2000. De mesmo modo, os depósitos à vista, sejam públicos ou privados, a poupança e as obrigações a receber se expandiram em uma proporção tão grande no período que é difícil imaginar que a indústria de calçados não poderia ser a principal causa do fenômeno.

Tabela 5 – Russas: movimentação financeira (2001 e 2012).

Município	Operação de crédito (R\$ mil)		Depósitos à vista (R\$ mil)				Poupança (R\$ mil)		Obrigações por receber (R\$ mil) (1)	
			Do governo		Privados					
	2001	2012	2001	2012	2001	2012	2001	2012	2001	2012
Russas	1.363	118.283	101	454	326	17.412	1.093	63.665	1	54

Fonte: Banco Central. Ceará em número, IPECE.

(1) Contribuições previdenciárias, tributos federais, estaduais e municipais, FGTS, PIS/PASEP e outros.

A Dakota, sem dúvida, foi um fator determinante para a dinamização da economia urbana do município, por meio da massa salarial recebida pelo operariado. Isso não poderia deixar de atingir as forças do consumo e do crédito como um todo. Assim, a expansão das operações bancárias, não poderia ficar indiferente ao impacto da atividade industrial, pois a Dakota só permite o recebimento do salário através da abertura de uma conta bancária. Ao abrir milhares de contas bancárias para receberem seus ordenados, os correntistas também movimentam o repasse das contribuições previdenciárias e dos tributos federais,

estaduais e municipais, acarretando o volume de transação apresentado pela Tabela 5.

No que tange à articulação das agências bancárias com a Dakota, o depoimento de uma ex-funcionária foi contundente quanto ao papel que a empresa tem na relação com as operações financeiras das pessoas no município. Ela informou, como já havíamos discorrido, que a firma gaúcha orienta a abertura de contas bancárias, em virtude do salário ser depositado em conta corrente. Desse modo, assim que a pessoa é contratada pela Dakota, é encaminhada para uma sala dentro da própria fábrica, onde funciona um anexo do Banco do Brasil para iniciar os procedimentos de abertura de uma conta corrente. Devido à imensa movimentação bancária promovida pela Dakota, esse banco, a pedido da própria diretoria da empresa, abriu um caixa especial e passou a realizar o serviço de abertura de conta dentro da grande unidade de produção, como mostram as Figuras 30 e 31. Antes do serviço ser realizado na unidade da Dakota em Russas, os funcionários tinham que se dirigir à sede do Banco do Brasil no Centro da cidade, ocasionando perda de um dia de trabalho. Segundo a entrevistada, o congestionamento na agência era tão grande, que nesses dias, o Banco do Brasil atendia somente os operários da Dakota.

Figura 30 – Caixas eletrônicos do Banco do Brasil em um dos estacionamentos da Dakota-Russas



Fonte: Próprio autor, 2014.

Figura 31 – Sala reservada para aberturas de conta no Banco do Banco Brasil dentro da Dakota-Russas



Fonte: Próprio autor, 2013.

Para garantir a ampliação dos serviços, o Banco do Brasil ampliou seu quadro de funcionários, que passou de 13 para 22. De acordo com o gerente da

agência localizada no Centro de Russas, a cada seis meses, quatrocentas contas são abertas e apenas 50% dos demitidos as encerram, evidenciando assim o emprego na indústria calçadista como o principal elemento de inserção do cartão de crédito no consumo na cidade.

A esse respeito, funcionários da Dakota também nos relataram que, com a aquisição do cartão do crédito, as dívidas dos trabalhadores com o banco cresceram e passaram a se tornar assunto frequente nos corredores da fábrica. Para saldar tais dívidas, muitos recorrem a empréstimos, o que implica numa sequência de operações financeiras que não são encerradas com facilidade. Em entrevista, o gerente da agência do Banco do Brasil no Centro de Russas nos informou que o número de empréstimos aumentou significativamente em 10 anos e que uma parcela expressiva dos mesmos é destinados ao pagamento de dívidas.

Tudo isso evidencia uma mudança no perfil das atividades financeiras do município, quando, atrelado às operações bancárias que resultam das atividades comerciais e de serviços, a indústria também tem papel fundamental na dinamização das transações realizadas pelos bancos.

4.3.5 Parcerias com outros estabelecimentos do comércio e dos serviços

Além dos impactos causados no comércio e nos serviços por meio do poder de consumo que é dado aos funcionários da Dakota, há também as parcerias que essa empresa realiza com alguns estabelecimentos que movimentam a economia urbana na cidade.

Uma parceria importante, que deve ser mencionada, é aquela feita com algumas farmácias da cidade. Assim, a Dakota tem um contrato com a Extra Farma e a Farmácia Santa Isabel, a primeira de capital de Fortaleza e a segunda de capital local, para facilitação de crédito, parcelamento e entrega de produtos. As duas farmácias estão localizadas no Centro de Russas, mas os funcionários da empresa dispõem de estandes dessas duas farmácias na própria fábrica, podendo fazer compras e ter descontado diretamente na folha de pagamento o valor da transação (ver Figuras 32 e 33).

Dentre os itens mais adquiridos, destacam-se os destinados a crianças recém-nascidas, como fraldas descartáveis, leite em pó e remédios infantis, além de

produtos femininos, a exemplo de absorventes. O peso da mulher é decisivo na relação com as farmácias. Segundo o proprietário da Farmácia Santa Isabel, os homens dificilmente fazem compras nos quiosques na fábrica, a não ser com produtos destinados a seus filhos.

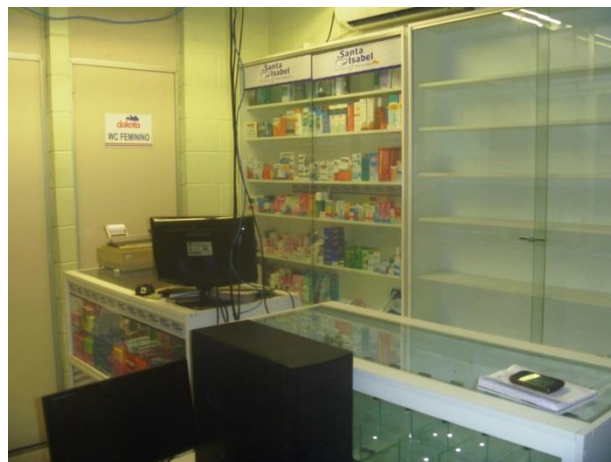
No entanto, nos últimos meses, mudanças vêm acontecendo no que se refere a esses contratos. Devido a um novo decreto na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que impede o empregador de efetuar qualquer desconto nos salários dos empregados, a Extra Farma decidiu não mais trabalhar em parceria com a Dakota. Após o novo decreto, a parceria passou a ser estabelecida apenas na forma do estande cedido pela empresa em suas instalações. O estande que era ocupado pela Extra Farma, agora passa a ser ocupado pela Farmácia Galeno, um estabelecimento de capital local.

Figura 32 – Farmácias Santa Isabel e Galeno no centro da cidade



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 33 – Local reservado para as Farmácias Santa Isabel e Galeno na fábrica



Fonte: Próprio autor, 2014.

Outra parceria estabelecida pela Dakota é com uma academia de ginástica, a Academia Stars. Ela se localiza no Centro de Russas e, em entrevista com a proprietária, descobrimos que as funcionárias da empresa correspondem a cerca de 50% dos frequentadores do estabelecimento. A parceria facilita com que os trabalhadores da fábrica tenham 30% de desconto nas mensalidades. Com isso, a parceria que já durava um ano, foi renovada por mais um, devido à grande procura.

Outra parceria foi realizada com a Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), instalada em Aracati. Os funcionários da Dakota possuem 30% de desconto nas

mensalidades para o curso de Gestão em Recursos Humanos. Importante mencionar que parte desse curso é realizado na própria fábrica, o que implica numa experiência renovada para o trabalhador da empresa, que exercitará a racionalidade e a gestão do RH com os próprios colegas operários. Estes, por sua vez, servirão como cobaias em experiências de especialização produtiva.

Assim, reiteramos que a economia urbana de Russas, com todas as suas lojas e as facilidades e garantias para o consumo de bens duráveis e semiduráveis, sofreu importantes transformações depois da instalação da indústria de calçados. Ao se ampliarem consideravelmente os funcionários da fábrica, que chegaram a quase quatro mil, num município que ainda não ultrapassou os 70 mil habitantes, os ritmos do comércio e dos serviços não poderiam ficar indiferentes. São transformações que representam alteração dos ritmos, da dinâmica econômica e dos valores impostos à sociedade de Russas, agora cada vez mais ligada ao tempo rápido da economia moderna e ao consumo consumptivo da mercadoria. As mudanças não são completas e, ao lado de equipamentos, produtos e serviços capitalistas, são consumidos ainda produtos regionais e serviços os mais modestos e precários, confirmando a contradição materializada no espaço urbano.

4.4 UMA LEITURA DA ECONOMIA URBANA A PARTIR DOS DOIS CIRCUITOS

Com o intuito de sintetizar a discussão e as informações até agora apresentadas, elaboramos uma caracterização para os dois circuitos da economia urbana em Russas, com base nos trabalhos de Santos (1979; 2011). O objetivo é sistematizar as particularidades da economia urbana local, destacando o que já descrevemos a partir dos preceitos levantados por Santos, considerando o conjunto de variáveis escolhido para definir o que de fato representa a participação de uma empresa, ramo ou gênero da economia de Russas na lógica dos dois circuitos.

Para isso, é preciso recuperar, no próprio autor, sua noção dos circuitos da economia urbana, organizando as características típicas dos mesmos no contexto de Russas. Como primeiro resultado, podemos ver a organização da Tabela 6. Ressalta-se que essa tabela é um esforço de retomada da divisão de variáveis de Santos, apenas para o caso de Russas. Ela considera somente os estabelecimentos pesquisados neste capítulo, os quais foram escolhidos em razão

de se configurarem como os principais equipamentos procurados pelos trabalhadores da indústria de calçados.

Tabela 6 – Características do circuito superior marginal (emergente) e inferior da economia urbana em Russas

Variáveis	Circuito superior marginal (emergente)	Circuito inferior
Organização.	Burocrática.	Uso intensivo de mão de obra.
Capital.	Importante.	Escasso.
Mão de obra.	Abundante.	Abundante.
Salários regulares.	Prevalente.	Não requeridos.
Estoques.	Grande quantidade / Treinados pela própria empresa.	Grande quantidade / Baixa qualificação.
Preços.	Fixos (em geral).	Negociáveis entre comprador e vendedor.
Crédito.	Crediário próprio / Cartão de crédito.	Pessoal, não institucional.
Margem de lucro.	Expressiva.	Pequena em relação ao volume dos negócios.
Relação com fregueses.	Impessoal (em geral).	Direta, personalizada.
Custos fixos.	Importantes.	Negligenciáveis.
Propaganda.	Necessária.	Nenhuma (em geral).
Capital de reserva.	Essencial.	Não essencial.
Filiais.	Na região (em geral).	Nenhuma.
Origem da mercadoria posta à venda.	Estadual e Nacional.	Estadual.
Escala de atuação.	Municipal (em geral).	Bairro.
Principais formas de pagamento oferecidas pelo estabelecimento.	Crediário próprio / Cartão de crédito / À vista.	Crédito pessoal / À vista.

Fonte: adaptado de Santos (1979; 2011).

Nesse sentido, não se fazem presentes nessa caracterização os estabelecimentos que oferecem produtos e serviços de alto custo, que poderiam ser considerados como pertencentes ao circuito superior da economia urbana. Um exemplo disso são as clínicas de especialidades médicas, que não foram citadas em nenhuma das entrevistas que realizamos como equipamentos usados pelos funcionários da Dakota. Da mesma forma, excluímos também alguns serviços ou atividades do circuito inferior que parecem movimentar o consumo de uma

população com renda muito baixa, ou seja, menor que o salário mínimo, não contemplando a capacidade de consumo do operário da indústria de calçados.

Ao procurar descrever a organização da Tabela 6, temos as seguintes variáveis e suas interpretações:

- a) **Organização:** no circuito superior marginal, evidencia-se a presença de formas burocratizadas, no tocante à organização do empreendimento, que vai desde o processo de contratação da mão de obra, por meio de seleções impessoais, até a concessão de crédito vide aprovação do setor financeiro, após consultas nas bases de dados do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e na Serasa. Já no circuito inferior, não existe vestígios de burocratização. Todos os serviços necessários à manutenção dos empreendimentos são feitos pelo próprio proprietário, que também é funcionário, exigindo, assim, o uso intensivo da mão de obra nas atividades.
- b) **Capital:** para o circuito superior marginal, o capital é uma variável de grande importância, devido aos planos estratégicos de ampliação e expansão dos negócios. Enquanto isso, para o circuito inferior, não figura como preocupação, visto que os proprietários não vislumbram o alargamento dos ganhos de seus estabelecimentos, configurando-o como uma atividade voltada para o atendimento das necessidades básicas de suas respectivas famílias.
- c) **Mão de obra:** evidenciou-se que os estabelecimentos do circuito superior marginal em Russas não requerem qualificação profissional⁶³ para a atividade a ser exercida. No entanto, eles oferecem treinamento para os recém-contratados. Assim a sua força de trabalho se configura como abundante, pois a cidade e o município apresentam, em sua quase totalidade, uma força de trabalho de baixa qualificação. O circuito inferior, por sua vez, não requer qualificação profissional e não oferece treinamento. O funcionário aprende a exercer a atividade no

⁶³ Entretanto, como já há certa mão de obra que já passou pela atividade industrial calçadista, os mesmos acabam se tornando mercadoria de grande valia para os estabelecimentos do comércio e dos serviços.

cotidiano do estabelecimento e, em razão disso, a mão de obra é vasta.

- d) **Salários regulares:** no circuito superior marginal os salários são regulares em sua quase totalidade, enquanto no circuito inferior, por sua natureza de estabelecimento com capital escasso, a remuneração é baixa ou baixíssima.
- e) **Estoques:** devido tanto às necessidades de expansão, como pelo porte dos estabelecimentos do circuito superior marginal, as empresas que dele fazem parte empregam grande quantidade de empregados, os quais costumam ser de longa duração. Nos que perfazem o circuito inferior, evidenciou-se que o emprego não é permanente, sendo acordado, geralmente, por meio de um contrato pessoal entre patrão e empregado. Há grande destaque para o trabalho familiar e autônomo. Por atividade, o número de pessoas ocupadas é baixo, mas, no geral, diante da grande quantidade de pequenos estabelecimentos comerciais e/ou de prestação de serviços, o número de pessoas ocupadas nesse circuito é considerável. As jornadas de trabalho são longas e flexíveis, principalmente quando a atividade funciona conjugada à casa do proprietário.
- f) **Preços:** os preços no circuito superior marginal são fixos no geral, salvaguarda o caso de alguns estabelecimentos que ainda possibilitam negociações entre o vendedor e o comprador, a exemplo da Leleo Móveis. Já no circuito inferior, isso é algo bastante comum, devido à falta de burocratização do empreendimento.
- g) **Crédito:** No tocante aos mecanismos utilizados para conceder crédito aos clientes, no circuito superior marginal, o que predomina é o crediário próprio seguido do cartão de crédito. Por sua vez, no circuito inferior, o crédito é pessoal e direto. O objetivo, a partir desse crédito, é a busca desenfreada por dinheiro líquido, para saldar dívidas e, assim, manter o abastecimento de mercadorias.
- h) **Margem de lucro:** evidenciou-se um expressivo volume de arrecadação por unidade no circuito superior marginal, sobretudo em função do mercado consumidor em ascensão e da variedade de

formas de pagamento. No caso do circuito inferior, o seu mercado consumidor não lhe possibilita uma arrecadação significativa, necessitando, assim, de um maior volume de negociações para bater um teto necessário à manutenção da atividade.

- i) **Relação com fregueses:** no circuito superior marginal, a relação em geral é impessoal, com exceção do já aludido caso da Leleo Móveis. Enquanto isso, no circuito inferior, ela é extremamente necessária, efetivando-se de forma direta e personalizada.
- j) **Custos fixos:** devido ao maior controle dos investimentos, objetivando a taxa de lucros crescentes, os custos são fixos no circuito superior marginal, com exceção da Leleo Móveis, que ainda mantém a prática de negociar o preço das mercadorias como uma forma de ganhar a confiança de seus clientes. Já no circuito inferior, os custos fixos são negligenciáveis.
- k) **Propaganda:** a realização de propaganda é fator imprescindível para o desenvolvimento das atividades do circuito superior marginal, em que predominam o uso da rádio, dos encartes promocionais e, no caso da Macavi, de propagandas na televisão. No circuito inferior, em geral, a publicidade não se apresenta como algo necessário, tanto devido à natureza do estabelecimento, como em razão da falta de condições financeiras. No entanto, notou-se que alguns estabelecimentos desse circuito já a utilizam, mesmo que de forma pouco expressiva. Ademais, os que dela fazem uso se utilizam dos encartes promocionais entregues porta a porta no próprio bairro onde se localizam.
- l) **Capital de reserva:** essencial para o circuito superior marginal, principalmente em razão da não utilização de financiamentos para subsidiar o empreendimento. O mesmo não foi constatado no circuito inferior, visto que os estabelecimentos desse circuito não evidenciam acúmulo de capital.
- m) **Filiais:** com o crescimento dos estabelecimentos e seu conseqüente aumento de lucratividade, houve a possibilidade de espriar filiais das empresas de Russas pelo Baixo Jaguaribe. No caso da Macavi, essa empresa tomou o estado como seu mercado consumidor. Os

estabelecimentos de pequeno porte, por se configurarem como empreendimentos de capital escasso, não detém filiais.

- n) **Origem da mercadoria posta à venda:** as mercadorias que abastecem as lojas do circuito superior marginal são adquiridas tanto no Ceará como em outros estados. O circuito inferior não ultrapassa a escala do estado.
- o) **Escala de atuação:** como já pincelado nas variáveis anteriores, os empreendimentos do circuito superior marginal abarcam a cidade e o campo, ou seja, o município e a região. O circuito inferior, por sua vez, no geral, não ultrapassa o bairro, excetuando-se os estabelecimentos que se localizam no centro e se beneficiam do fluxo que o mesmo desencadeia.
- p) **Principais formas de pagamento oferecidas pelo estabelecimento:** no circuito superior, as formas de comercialização são na seguinte ordem: compra à vista, cartão de crédito e crediário próprio. Enquanto isso, no circuito inferior, sobressaem-se as compras em promissória e à vista. Alguns poucos estabelecimentos desse circuito chegam a disponibilizar o cartão de crédito.

Russas possui um comércio heterogêneo, observando-se não uma disputa, mas uma complementaridade entre o novo e o antigo, ou seja, entre o circuito superior marginal emergente e o circuito inferior da economia urbana. São encontrados estabelecimentos que trabalham com sistema tradicional, com vendas a varejo e atacado; com crediário feito mediante o conhecimento e a amizade, utilizando-se ainda a nota promissória; e lojas que utilizam cartão de crédito dispondo à venda produtos de marcas conhecidas a nível nacional. Assim, esses dois circuitos são responsáveis “[...] não apenas pelo processo econômico urbano, mas também pelo processo de organização espacial” (SANTOS, 2011, p. 126).

Existem importantes diferenças no que tange à participação e à posição que cada circuito desempenha, originárias dos diferentes níveis de capital, que por sua vez, proporcionam capacidades distintas de localização.

O circuito inferior apresenta uma ligação muito maior com a localidade na qual se instala, tendo também uma maior dispersão territorial na cidade, proporcionada pela sua pulverização numa série de pequenos estabelecimentos, os

quais convivem bem com a concorrência, não sendo raros casos de lojas localizadas a poucos metros de distância de outras de tamanho semelhante. Além disso, é facilitado o acesso do pedestre à loja, inclusive pela proximidade maior de áreas residenciais.

No entanto, os estabelecimentos do circuito superior marginal possuem uma força econômica mais elevada que a do circuito inferior, a começar pela escolha do ponto de instalação, que se dá em locais com circulação de um maior número de pessoas em vias de hierarquização funcional localizadas no núcleo central da cidade. Desse modo, evidencia-se uma espacialização do circuito inferior muito mais pela periferia da cidade, ao mesmo tempo em que a área central se conforma como o reduto do circuito superior marginal. A par disso, o centro representa, por um lado, “a espacialização do processo de divisão técnica e social do trabalho [...]” e, por outro, uma “especialização geográfica de um certo tipo de unidades de consumo e de serviços” (CASTELLS, 1983, p. 273).

A natureza diversa do comércio e dos serviços determina, assim, uma hierarquização, consoante as funções desempenhadas pelas empresas sejam de maior ou menor alcance da população. No caso do comércio a retalho, consegue-se notar alcances diferentes para as mercearias e os supermercados. Assim, enquanto as mercearias que oferecem uma variedade limitada de produtos não ultrapassam as fronteiras do bairro onde se situam, os supermercados, com uma oferta comercial mais diversificada, conseguem atrair consumidores de todo o município.

O circuito superior marginal emergente busca se inserir na cidade e organizar-se internamente de forma a manter um relacionamento com os clientes próximo ao que é desenvolvido pelo circuito inferior, apresentando relações residuais significativas com esse setor. Entre essas relações, destacam-se aquelas ligadas aos fatores operacionais, como um atendimento mais próximo e rápido ao nível do estabelecimento. A esse respeito, Santos (2011, p. 179) afirma que “[...] as atividades do circuito superior marginal parecem-se com as do circuito inferior, uma vez que são criadas em função da demanda regional e não têm um âmbito extra regional” (SANTOS, 2011, p. 179).

Porém, o circuito superior marginal emergente tende ao mesmo tempo a um distanciamento do circuito inferior no nível organizacional, na medida em que passa a ter um maior grau de complexidade, preços mais baixos, bem como um

crescimento empresarial significativo. Ao ganhar uma expansão topológica, aproxima-se do circuito superior propriamente dito, pois, cada loja terá uma função centrada na difusão de mercadorias, objetivando aumentar o faturamento do seu respectivo grupo. Ancorado nesse fato, o circuito superior tende a se articular de forma mais intensa com agentes de fora da cidade.

Como afirma Santos,

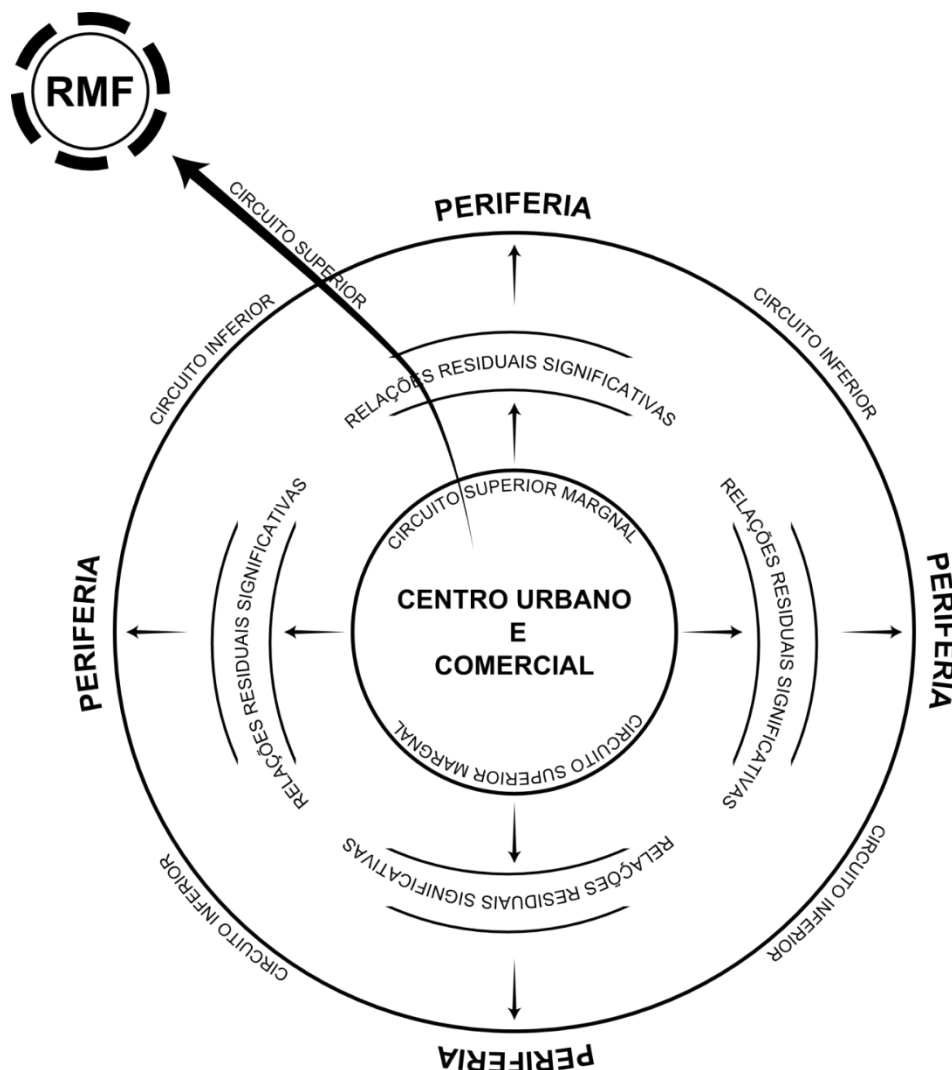
A viabilidade do comércio moderno parece aumentar com o tamanho e com o nível funcional da cidade. Quanto mais importante a cidade, maior o número de empresários, profissionais, funcionários públicos e assalariados e, conseqüentemente, maior o mercado para a produção das empresas modernas (SANTOS, 2011, p. 128).

Desse modo, empresas que se circunscrevem no circuito superior propriamente dito, passam a estabelecer nos centros regionais apenas suas filiais, transferindo sua matriz para lugares mais dinâmicos e que lhe favoreçam uma maior articulação entre os setores mais modernos. Isso pode ser observado com a Macavi, que detém atualmente sua matriz em Russas, mas paulatinamente realoca sua sede para o município de Maracanaú, na Região Metropolitana de Fortaleza. No início de 2013, foi transferido o seu maior armazém e está prevista a transferência de todo o setor administrativo para Maracanaú, nos próximos anos⁶⁴.

Observa-se, assim, que Russas vem gradualmente formalizando duas áreas de mercado, cada qual correspondendo a um dos circuitos da economia urbana. As atividades que detêm uma maior escala de atuação acabam por localizarem-se, geralmente, no centro, enquanto que as atividades de menor abrangência tendem a ocupar a periferia da cidade. Um esboço dessa espacialidade pode ser visto na Figura 34.

⁶⁴ Informação concedida por funcionários dos setores administrativos da Macavi em Russas.

Figura 34 – Espacialidade dos circuitos da economia urbana em Russas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse sentido, é necessário apreendermos que a área central de Russas é a parte mais acessível da cidade e é onde as atividades econômicas começaram a se desenvolver a partir da relação direta entre fluxos de pessoas, capitais e mercadorias, com as determinações do meio construído.

Nessa perspectiva, o centro é o ponto de acessibilidade máxima, o ponto que emana e para qual convergem o sistema viário e os fluxos que ditam o ritmo e exprimem a natureza do novo momento pela qual Russas vem passando. Ele é dominado pela atividade privada de comércio, pela propriedade privada da terra urbana e pelo mercado imobiliário de maior valor, em resumo, pelo imperativo do

lucro (VILLAÇA, 2012). Como sintetiza Corrêa (1991, p. 53), “[...] a organização espacial é a própria sociedade espacializada”.

Por fim, é preciso reiterar o quanto a atividade industrial reestrutura o espaço urbano, alterando muitos elementos de sua paisagem. Esse domínio, expressão da lógica capitalista, representa a organização espacial com base no mercado e nas relações sociais de produção e reprodução da força de trabalho. São mudanças que determinam os novos modos de inserção das cidades na rede urbana, uma vez que alteram os seus aspectos dimensionais, funcionais e espaciais (BESSA, 2005). Redefinem também a lógica intraurbana do espaço, pois alteram a malha da cidade, com a ampliação do sistema viário; estimulam novos loteamentos; movimentam mercados de valorização empresarial, entre muitas outras alterações impelidas pelo processo de desenvolvimento das atividades produtivas.

Para encerrar este trabalho, o capítulo seguinte tentará fazer a relação do desenho urbano de Russas com as dinâmicas engendradas pela indústria de calçados. O objetivo é se debruçar sobre o peso dos trabalhadores da Dakota na dinamização do mercado imobiliário, no intuito de evidenciar a cidade que cresce como uma demanda da atividade industrial calçadista.

5 A DAKOTA-RUSSAS E O SEU REBATIMENTO NO MERCADO IMOBILIÁRIO

A década de 1970 é marcante para muitos processos importantes de transformação na urbanização brasileira. Período de modernização da economia nacional, de aprofundamento da acumulação pela via urbano/industrial, de forte migração regional e entre campo/cidade, de modificação da infraestrutura urbana em muitas partes do país, enfim, foi um período importante na consolidação de muitos aspectos da realidade urbana no país (SPOSITO, 2007; SOPOSITO; SPOSITO; SOBRAZO, 2006; LOPES; HENRIQUE, 2010).

Após duas décadas de forte crise, desencadeadas nos anos de 1980 e de 1990, somente na década de 2000 o Brasil volta a recuperar ritmos de prosperidade na economia e muito do processo de urbanização nacional sofre alterações como consequência desse processo. A força dinamizadora da economia urbana e dos programas habitacionais do Governo Federal possibilitou modificações profundas na oferta de crédito e no financiamento de imóveis, atingindo o desenho urbano tradicional das cidades, a partir da ação de vários agentes produtores do espaço.

Uma novidade importante na década de 2000 é que não apenas os ambientes metropolitanos sofreram maiores transformações. Tais impactos econômicos também atingiram cidades de vários tamanhos, inclusive pequenos centros urbanos localizados em regiões pobres, como o Nordeste do país.

O caso de Russas, que estamos estudando, é emblemático. Alterações importantes modificaram os ritmos do mercado imobiliário, favorecendo a compra e a venda de imóveis e, conseqüentemente, ampliando os loteamentos oficiais e clandestinos, ao mesmo tempo em que o preço e a especulação das terras não pararam de crescer.

Em Russas, porém, soma-se a esse dinamismo estimulado por programas de financiamento e pelo mercado imobiliário, o papel da Dakota. A empresa tem uma participação importante na procura por imóveis na cidade, mesmo que seja para um segmento muito específico de compradores, ou seja, aqueles com perfil de operário da atividade industrial, que ganham de 1 a 3 salários em sua maioria, mas que cresceu muito em quantidade nos últimos anos.

Assim, como já observamos em capítulos anteriores, as transformações apontadas pela atividade industrial favoreceram um incremento considerável à

economia urbana do município de Russas, sobretudo para seu distrito sede. A empresa arregimentou uma quantidade significativa de mão de obra, promovendo uma migração da população da zona rural e dos municípios vizinhos para a sede municipal. Como consequência, a cidade precisou se adequar ao novo contingente de trabalhadores que chegava e toda essa dinâmica impactou diretamente no mercado imobiliário.

Para entender as mudanças trazidas pela inserção de Russas no contexto urbano-industrial, é necessário a percepção do que tais alterações provocaram. Em primeiro lugar, deu-se a possibilidade de criação e incremento da atividade imobiliária e, conseqüentemente, de seu caráter especulativo, tanto no mercado de compra e venda de imóveis, quanto na locação dos imóveis residenciais. Em segundo lugar, é necessário lembrar que a instalação da Dakota em Russas colaborou para a alteração das condições sociais no município, principalmente o trabalho extenuante e a sobrevivência dos trabalhadores, refletidos nas condições de ocupação de seus domicílios.

Castells (1983, p. 79) afirma que não basta apenas “[...] pensar em termos de estrutura urbana; é preciso definir os elementos da estrutura urbana e suas relações antes de analisar a composição e a diferenciação das formas espaciais.” Com base nessa afirmação, consideramos a organização deste capítulo. Buscamos analisar a estruturação espacial urbana em Russas através de dados relacionados à aquisição de imóveis por parte dos trabalhadores da Dakota Nordeste S/A, sejam eles edificadas ou não, e o peso desses operários no mercado de aluguéis. Ou seja, neste capítulo, debruçar-nos-emos sobre a relação entre Dakota e mercado imobiliário, analisando tanto a forma urbana tradicional, como sua expansão. Esse direcionamento nos permitiu reunir um conjunto de indicadores que possibilitaram mapear os impactos da reestruturação produtiva da indústria na organização do espaço urbano de Russas.

Ciente disso, iremos iniciar a discussão apresentando como os agentes produtores do espaço urbano e a valorização do solo na cidade se comportaram após a chegada da Dakota Nordeste S/A. Tal recorte foi realizado, com base em Magrini (2013) ao afirmar que, o mercado imobiliário é bem diversificado, posto que existem demandas diferenciadas para serem atendidas.

5.1 AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO E VALORIZAÇÃO DO SOLO URBANO EM RUSSAS

O estudo da cidade, no âmbito do mercado imobiliário, busca considerar as transformações que estão ocorrendo no intraurbano, a partir de dinâmicas de estruturação em zonas específicas da cidade. Com isso, temos diversos agentes imobiliários e também econômicos que intensificam as estratégias de atuação e reorganização do espaço urbano conforme suas necessidades, intencionalidades e nível de organização empresarial. Entendemos, como aponta Corrêa (1989), que o espaço urbano capitalista é resultado de ações acumuladas através do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem território. A atuação desses agentes é complexa e deriva da dinâmica de acumulação, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção e dos conflitos sociais dela emergentes (CORRÊA, 1989).

Para Harvey (1980), seria preciso considerar os seguintes agentes, em se tratando do mercado imobiliário atuando sobre o espaço urbano: a) os usuários de moradias; b) os corretores de imóveis; c) os proprietários rentistas e d) os incorporadores.

Em obra de síntese, lançada alguns anos depois, Corrêa (1989) incorpora os ensinamentos apregoados por Harvey e a contribuição da Escola de Chicago, entre outros, para propor uma sistematização mais adaptada à realidade brasileira, identificando a presença dos seguintes agentes na produção do espaço urbano: a) os proprietários dos meios de produção; b) os proprietários fundiários; c) os promotores imobiliários; d) o Estado e e) os grupos sociais excluídos. O autor argumenta que tais agentes apresentam diferentes formas de atuação e, conseqüentemente, contribuem de diferentes modos na produção da cidade, sendo que cada um deles desempenha papel significativo junto ao mercado imobiliário (CORRÊA, 1989).

Todos esses agentes atuam de forma incisiva no processo de transformação do espaço urbano e cada qual o faz segundo os seus próprios interesses. Entretanto, é preciso saber que a atuação de um determinado agente em uma parcela do espaço não ocorre de maneira isolada, ou seja, ela não exclui a ação dos demais agentes no processo de produção da cidade (CORRÊA, 1989).

Nossa proposta, neste item, é tentar trabalhar a contribuição de Corrêa (1989) e Harvey (1980) na leitura dos agentes produtores do espaço urbano em Russas. Obviamente, nosso enfoque será a relação direta que a indústria de calçados tem com a dinamização do mercado imobiliário e o desenho da habitação operária na cidade. Essa leitura, porém, não poderia ser feita sem a apresentação de todos os agentes, pois os mesmos estão envolvidos em conjunto na produção da cidade.

No entanto, duas ressalvas se fazem necessárias: 1) em nossa perspectiva, “grupos sociais excluídos” e “usuários de moradias” se referem ao mesmo agente produtor do espaço. Em virtude disso, neste trabalho adotaremos a nomenclatura “grupos sociais excluídos” em vez de “usuários de moradias”, pois avaliamos que o primeiro termo captura melhor a natureza do processo de produção do espaço sob o capitalismo, enquanto o segundo mantém certa neutralidade no que tange a esse aspecto; 2) entendemos que a concepção de Corrêa (1989) de “promotores imobiliários” engloba os corretores de imóveis e os proprietários rentistas. No entanto, preferimos abordá-los separadamente, notadamente, para dar o devido destaque a cada agente em sua relação com a Dakota.

Inicialmente, iremos expor os agentes de modo panorâmico, com o intuito de apresentar ao leitor quem são os envolvidos na organização do espaço urbano, com base na relação entre indústria de calçados e mercado imobiliário⁶⁵. Logo após essa apresentação, iremos analisá-los conjuntamente, detalhando o peso da Dakota no mercado de imóveis da cidade de Russas.

5.1.1 Os grupos sociais excluídos

De acordo com Corrêa (1989), os grupos sociais excluídos atuam por meio de ocupações ou invasões de terrenos públicos ou privados. Utilizam-se e/ou se apropriam de espaços, na maior parte das vezes, segregados, muitos deles em áreas de risco, demandando alocação de infraestrutura e acesso à cidade. São importantes agentes no tensionamento acerca das demandas por redução do déficit

⁶⁵ Ressaltamos mais uma vez que, apesar de reconhecermos que os agentes produtores do espaço urbano tomam toda a cidade como seu campo de atuação, interessa-nos aqui somente as ações circunscritas à atividade industrial calçadista.

habitacional, das desigualdades, das condições de vida digna e do direito à cidade. Desse modo, segundo Harvey (1980), os mesmos estão mais relacionados ao valor de uso (a moradia propriamente dita) do que ao valor de troca.

Em Russas, a presença desse agente remonta à época das primeiras atividades industriais que se conformavam enquanto um prolongamento da agricultura. No entanto, eles passaram a exercer maior peso nas políticas habitacionais a partir do fim da década de 1970 em diante, período em que se evidenciou a abertura das fábricas ceramistas e de calçados. Silva (2006) alega que nessa década os indivíduos que perfaziam os grupos sociais excluídos ocuparam primeiramente as margens do riacho Araibu, onde atualmente se localiza o bairro Vila Gonçalves.

O contingente que chegou à cidade atraído pelo emprego industrial ceramista passou a ditar uma nova conformação do desenho urbano da sede municipal, o que repercutiu numa expansão de seu perímetro urbano, evidenciado na figura dos conjuntos habitacionais construídos com o recurso da Companhia Brasileira de Habitação (COHAB). Foi a partir daí que se originaram os bairros Tabuleiro do Catavento⁶⁶ e Planalto da Bela Vista (SILVA, 2006). Nas décadas de 1980 e 1990, a população pobre que chegava na cidade passou a ocupar áreas além dos bairros já mencionados. Assim, surgiram os bairros de Tabuleiro da Vaquejada e de Várzea Alegre, que ainda se configuram como área de habitação precária na cidade, com altos índices de criminalidade e falta de acesso à infraestrutura básica (SILVA, 2006; OLIVEIRA, 2013).

Entretanto, após a chegada da unidade de produção do Grupo Dakota em Russas, aumentou-se a migração e, com ela, a pressão por habitação. Isso imprimiu um ritmo mais frenético no que diz respeito à ocupação de áreas não adequadas para a habitação. Como já retratado no primeiro capítulo, a migração da zona rural do próprio município e da zona urbana de municípios vizinhos se intensificou com a chegada dessa unidade de produção de calçados. Na sede municipal, isso se refletiu no maior adensamento populacional em áreas menos atendidas pelo poder público e que apresentam elevados índices de violência (OLIVEIRA, 2013).

⁶⁶ Esse conjunto foi construído em regime de mutirão. Em razão disso, ele é popularmente conhecido como Mutirão, em vez de seu nome oficial, Conjunto Habitacional Padre Abdon Valério.

Com base na variação do número da população residente por bairros na cidade de Russas, apontado pela Tabela 7, observamos que entre os anos de 2000 e 2010, os que habitavam bairros próximos a Dakota-Russas estavam entre os que apresentaram as maiores taxas de crescimento, a saber: Tabuleiro da Vaquejada (67%), Vila Ramalho (62%), Tabuleiro do Catavento (48%) e Várzea Alegre (41%). Esses bairros, juntos, representam 41,84% do incremento populacional que a cidade recebeu nos últimos 10 anos, conformando-se como a porção da cidade que apresentou a maior taxa de crescimento da população residente.

Tabela 7 – População residente na sede urbana municipal de Russas segundo bairros, 2000 e 2010⁶⁷

Bairros	Anos		Variação de crescimento	
	2000	2010	Nº	(%)
Tabuleiro da Vaquejada	759	1267	508	67
Tabuleiro do Catavento	3236	4784	1548	48
Várzea Alegre	2857	4027	1170	41
Vila Ramalho	559	904	345	62
Nossa Senhora de Fátima	2031	2861	830	41
Vila Gonçalves	2264	2970	706	31
Vila Matoso	3114	3787	673	22
Alto do Velame	747	910	163	22
Pitombeira	929	1151	222	24
Ipiranga	474	687	213	45
Planalto da Catumbela	2645	4633	1988	75
Planalto da Bela Vista	4066	3786	-280	-7
Centro	6411	6859	448	7

Fonte: Censo demográfico IBGE - 2000, 2010.

Organizado pelo autor.

Entretanto, uma ressalva deve ser feita. Nessa porção da cidade, o poder público realizou obras de infraestrutura para atender a planta da Dakota-Russas e tais benfeitorias estão localizadas somente nas imediações da fábrica. Nos bairros vizinhos, há áreas ainda sem saneamento básico e pavimentação das vias. Assim, quando nos referimos a esses bairros como os que mais receberam um contingente

⁶⁷ Dados dos anos anteriores não foram encontrados para os bairros da sede do município de Russas.

populacional de baixa renda habitando moradias precárias, estamos fazendo menção a essas áreas esquecidas pelo poder público.

Ainda de acordo com a Tabela 7, notamos que o Planalto da Bela Vista apresentou uma queda de 7% no número da população residente. Podemos inferir que isso se deve à falta de infraestrutura na porção que fica na margem esquerda da BR-116. Frequentemente, na rádio local, a população dessa área faz denúncias referentes ao descaso da Prefeitura Municipal com esse bairro.

O Planalto da Catumbela, ao contrário do Planalto da Bela Vista, foi o bairro que apresentou a maior taxa percentual de crescimento (75%). Ele se localiza próximo ao Centro da cidade e é atendido por todos os serviços de infraestrutura, tais como água, energia, coleta de lixo e saneamento básico, tornando-se, assim, uma área de grande valorização imobiliária.

Em resumo, se observarmos que a área da cidade que apresentou a maior variação de seu contingente populacional é justamente a que apresenta as piores condições habitacionais, podemos inferir que é notório o peso dos grupos sociais excluídos (entre eles os “peões” e as enfiadeiras da Dakota) na demanda por habitação na cidade.

Ao compararmos os dados da Tabela 7 com os indicadores de variação do número de domicílios segundo suas faixas salariais, também entre os anos de 2000 e 2010, veremos com mais clareza o comportamento desse agente no que diz respeito à sua localização. O Quadro 4 traz esses dados com detalhamento e mostra que os bairros que se localizam nos arredores da Dakota-Russas (Tabuleiro da Vaquejada, Tabuleiro do Catavento, Várzea Alegre e Vila Ramalho) figuraram entre os que apresentaram as maiores taxas de crescimento percentual na faixa de até um salário mínimo. Se avaliarmos os dados para o conjunto de todos esses bairros, veremos que 70,63% dos imóveis nessa faixa salarial se encontram nessa área.

Quadro 4 – Variação absoluta e relativa do número de domicílios segundo faixa salarial por bairros da cidade de Russas, entre 2000 e 2010⁶⁸

Bairros	Até 1 salário mínimo		Mais de 1 a 2 salários mínimos		Mais de 2 a 3 salários mínimos		Mais de 3 a 5 salários mínimos		Mais de 5 a 10 salários mínimos		Mais de 10 a 20 salários mínimos		Mais de 20 salários mínimos	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tabuleiro da Vaquejada	56	69,14	100	384,62	49	816,67	21	420,00	8	400,00	3	-	1	-
Tabuleiro do Catavento	172	42,16	265	135,20	87	167,31	47	188,00	5	71,43	4	133,33	0	0
Várzea Alegre	73	21,35	249	159,62	151	559,26	76	217,14	23	164,29	5	250,00	-1	-50,00
Vila Ramalho	14	21,54	51	154,55	41	820,00	22	244,44	11	275,00	5	250,00	4	400,00
Nossa Senhora de Fátima	14	6,22	205	213,54	112	287,18	63	153,66	25	113,64	1	0,09	-1	-33,00
Vila Gonçalves	4	1,70	133	98,52	112	169,70	74	160,87	21	53,85	-3	-27,27	-2	-100,00
Vila Matoso	-43	-12,39	252	144,00	129	172,00	85	121,43	25	73,53	3	33,33	-3	-50,00
Alto do Velame	-31	-26,96	51	104,08	35	350,00	25	1250,00	3	300,00	0	0	1	-
Pitombeira	-10	-7,35	64	128,00	44	628,57	11	100,00	15	1500,00	0	0	0	0
Ipiranga	-1	-3,03	40	250,00	30	428,57	14	77,78	4	18,18	4	33,33	-1	-20,00
Planalto da Catumbela	113	48,09	215	130,30	172	242,25	157	224,29	48	81,36	16	177,78	1	20,00
Planalto da Bela Vista	-114	-25,97	186	100,54	116	223,08	77	142,59	9	24,32	1	12,50	0	0
Centro	-47	-9,51	255	81,99	184	123,49	135	61,09	69	28,16	-3	-3,19	-3	-8,92
Total	200	6,34	2066	129,69	1262	222,97	807	132,95	266	54,62	36	22,36	-4	6,56

Fonte: Censo demográfico do IBGE, 2000 e 2010. Organizado pelo autor.

⁶⁸ Dados dos anos anteriores não foram encontrados para os bairros da sede do município de Russas.

A faixa de renda de até um salário mínimo é a que mais expressa o rebatimento dos trabalhadores da Dakota-Russas no mercado imobiliário local. Como aponta o Quadro 4, percebe-se que, enquanto houve uma significativa redução dessa faixa de rendimento em praticamente metade dos bairros da cidade, a elevação foi constatada justamente nos bairros que ficam nas imediações da fábrica da Dakota. Isso nos permite inferir que os funcionários dessa empresa, que residem na sede de Russas, preferem se localizar próximo ao local de trabalho. Outro fato bastante significativo para a concentração de domicílios dessa faixa salarial se localizarem nos bairros citados é o baixo preço de seus terrenos. Em razão desse fator e, segundo Silva (2006), pela proximidade com a fábrica da Dakota-Russas⁶⁹, em 2002, a Prefeitura Municipal cedeu o terreno para o Governo Federal construir um conjunto habitacional. O conjunto, denominado de Dr. José Martins de Santiago, foi construído na forma de mutirão e, por isso, é mais conhecido como Mutirão Novo. Ele se localiza vizinho à fábrica da Dakota, no bairro Tabuleiro do Catavento, e sua imagem pode ser observada na Figura 35.

Figura 35 – Conjunto habitacional Dr. José Martins de Santiago (Mutirão Novo), no bairro Tabuleiro do Catavento.



Fonte: Próprio autor, 2013.

⁶⁹ De acordo com Silva (2006), esse conjunto habitacional foi construído para servir de moradia aos trabalhadores da unidade da Dakota-Russas.

Ainda analisando o Quadro 4 e identificando os bairros que apresentaram queda percentual no número de domicílios com faixa de renda de até um salário mínimo, destacamos o Planalto da Bela Vista e o Alto do Velame. No Planalto da Bela Vista, o motivo que possivelmente influenciou na queda da população foi a falta de acesso à água encanada. Isso acontece, mais precisamente, na faixa do bairro que se encontra à margem esquerda da BR-116. Além dos dados revelados pelo IBGE, foi largamente difundido pela mídia que os moradores dessa área estavam migrando para outras partes da cidade. Enquanto isso, no Alto do Velame, o movimento de pessoas a abandonarem o bairro se dá por motivos diferentes. Essa é a área onde será instalada o campus da Universidade Federal do Ceará e isso tem motivado a população de baixa renda a vender seus imóveis, sobretudo em razão da elevação do preço do solo no local. O mesmo pode ser dito para o bairro Vila Matoso, o qual faz fronteira com o Alto do Velame.

Entre os bairros que apresentaram diminuição no percentual de domicílios de até um salário mínimo, o Centro é o que mais simboliza a mudança do padrão de ocupação da cidade de Russas. Em razão de sua progressiva consolidação como área comercial, os moradores do bairro têm posto cada vez mais suas propriedades à venda. Quando isso não acontece, tais propriedades passam a ser refuncionalizadas, abandonando sua natureza de imóvel residencial e se tornando imóvel eminentemente comercial.

Em relação aos domicílios com rendimento acima de 1 a 2 salários mínimos, observa-se que todos os bairros apresentaram crescimento acima de 80%. Essa faixa salarial é a que mais expressa o peso da Dakota Russas na economia urbana local, pois como foi aludido no capítulo anterior, com a elevação do emprego industrial calçadista, o comércio e os serviços de Russas se dinamizaram, passando a contratar mais mão de obra. A renda do trabalhador nesse setor é relativamente maior que o da indústria calçadista, pois em média os funcionários do setor terciário recebem até dois salários, enquanto na Dakota-Russas a maioria absoluta recebe apenas um salário mínimo.

No que tange à população que recebe entre 2 e 3 salários, também houve aumento percentual para todos os bairros da cidade, embora o destaque tenha ficado para o Tabuleiro da Vaquejada. Esse bairro, saiu de 6 para 55 imóveis enquadrados nessa faixa de rendimento, apresentando, assim, uma variação percentual de mais de 800%.

Os domicílios que se encontram nas demais faixas salariais também apresentaram elevação percentual entre os anos de 2000 e 2010, com destaque para os imóveis da população com rendimento de 3 a 10 salários mínimos. O crescimento do número de domicílios nessas faixas salariais se deve aos empreendimentos do Minha Casa Minha Vida (MCMV), que em Russas atende a compradores nas faixas de 3 a 6 e de 6 a 10 salários mínimos. Casas oriundas do MCMV para a população até 6 salários estão presentes nos bairros Nossa Senhora de Fátima, Tabuleiro do Catavento, Tabuleiro da Vaquejada⁷⁰ e Ipiranga. Já o empreendimento do MCMV com população com faixa de renda de 6 a 10 salários não se generaliza na cidade, pois nesse segmento só há uma unidade, localizada no bairro Vila Ramalho.

5.1.2 Corretores de imóveis

Segundo Harvey (1980), os corretores de imóveis são indivíduos que têm como intuito lucrar com as transações de imóveis alheios, isto é, “[...] operam no mercado de moradia para obter valor de troca. Eles obtêm lucro através de compra e venda ou através de cobrança de custos de transação para seus serviços como intermediários” (HARVEY, 1980, p. 140).

A presença desse agente em Russas, segundo Silva (2006), remonta ao final da década de 1990, fato esse também confirmado pelos corretores de imóveis do município. Segundo eles, no final dessa década se fazia presente em Russa a Imobiliária Climarcos, a Aquino Imóveis, a Imobiliária Facilita e a Arimar Imóveis. Nos primeiros anos da década 2000, a Climarcos imobiliária, que era a maior do município no que dizia respeito ao número de imóveis disponíveis, encerrou suas atividades⁷¹ em Russas e se instalou em Fortim, município do litoral leste do estado. Com isso, o mercado de imóveis passou ser polarizado por duas corretoras, a EF

⁷⁰ Alguns proprietários de casas do MCMV, faixa 3 a 6 salários mínimos, dizem-se insatisfeitos com a localização de seus imóveis, em virtude de considerarem os bairros onde residem bastante perigosos. Dentre os citados, destaca-se o Tabuleiro da Vaquejada, em razão de inúmeras ocorrências policiais como furtos e venda de drogas (OLIVEIRA, 2013). Em entrevista, alguns moradores alegaram que estão pensando em alugar suas casas para, com o dinheiro, mudarem-se para outro local da cidade.

⁷¹ Por meio de entrevistas junto aos corretores de imóveis de Russas, descobrimos que o proprietário da Imobiliária Climarcos realizou transações desonestas com seus clientes. Depois disso, sua permanência no ramo não foi mais possível.

Corretor de Imóveis⁷² e a Arimar Imóveis. A primeira se especializou na locação, enquanto a segunda trabalha muito mais com a venda de estabelecimentos residenciais e comerciais.

Em dezembro de 2013, uma nova imobiliária entrou em cena, a Casa 8 Imobiliária, atuando tanto no mercado de aluguéis, como na intermediação de compra e venda de imóveis. A Casa 8 Imobiliária é uma franqueada da Remax⁷³, uma corretora de capital internacional, com sede em Denver nos Estados Unidos. Essa associação garante à Casa 8 ter acesso a um banco de informações e à carta de imóveis em outros estados e países, além de expor seus produtos na base de dados da Remax. Devido à recente inserção dessa imobiliária em Russas, ela possui poucos imóveis em seu portfólio.

Ademais, segundo Arimar, há atualmente 20 corretores credenciados no mercado de imóveis de Russas. No entanto, somente 12 estão em atuação, os quais detêm uma pequena carta de imóveis.

5.1.3 Proprietários rentistas

De acordo com Harvey (1980), os proprietários rentistas são os indivíduos que alugam suas casas ou parte delas para obter renda. Duas estratégias utilizadas por proprietários de imóveis são abordadas pelo autor: (a) comprar uma casa e alugar para retirar o investimento e (b) financiar uma casa e com o aluguel amortizar suas prestações.

Em Russas, temos a presença desse agente na figura dos proprietários dos galpões alugados para as empresas WilaPlast, Lukri (atual Fênix Palmilhas) e a Com-Pé, produtoras de componentes de calçados contratadas pela Dakota-Russas. As duas primeiras recebem benefício da Prefeitura Municipal na forma de pagamento dos aluguéis dos galpões. A última, por sua vez, requereu junto à Prefeitura o mesmo auxílio, mas não foi atendida.

⁷² O corretor Edvaldo Farias, responsável pela EF Corretor de Imóveis, era um ex-funcionário da Climarcos. Com o fechamento da imobiliária, ele passou a operar por conta própria no mercado de aluguéis. Atualmente, Edvaldo Farias atua em parceria com Arimar, cada um em sua especialidade.

⁷³ O valor da franquia é de R\$ 35.000,00.

A WilaPlast ocupa um galpão de propriedade da Vita-sal Indústria e Comércio de Sal LTDA, empresa sediada em Mossoró, no Rio Grande do Norte. Até 2012, WilaPlast se responsabilizava por 20% do aluguel do imóvel, enquanto a Prefeitura arcava com os outros 80%. Essa repartição dos gastos fazia parte do acordo firmado entre a empresa e o governo do município para que a WilPlast viesse a se localizar em Russas. No entanto, o atual prefeito rompeu esse acordo, o que, segundo o diretor da unidade da WilaPlast no município, causou um grande prejuízo à empresa, que já contabiliza R\$ 200.000,00⁷⁴, decorrente do atraso de aluguéis. O diretor da unidade da WilaPlast nos informou que a empresa já está estudando a possibilidade de mudar sua planta para outro município da região do Baixo Jaguaribe, mas não há a pretensão de se afastar muito do local onde fica a empresa contratante, a Dakota.

O galpão alugado para a Lukri e subvencionado pela Prefeitura Municipal é de propriedade dos antigos donos da Ricol Indústria e Comércio de Óleo LTDA, os quais o alugam desde a chegada dessa fábrica produtora de componentes para calçados em Russas. O aluguel mensal deste galpão é de R\$ 15.000,00 por mês.

No caso da Com-Pé, o galpão é de propriedade da empresa Gil Plástico, um estabelecimento comercial localizado no Centro de Russas. A Com-Pé mudou-se para seu atual endereço no ano de 2011, quando o galpão foi inaugurado. Além deste imóvel, o proprietário da Gil Plástico possui outro de mesmo tamanho, vizinho ao alugado para a Com-Pé

Além dessas formas de obter renda a partir de imóveis, estimuladas pelas empresas de calçados em Russas, existem também os proprietários de imóveis residenciais, que os põem para locação sem a intermediação de corretores imobiliários. Um exemplo é o da “Lôra”, como é conhecida popularmente a proprietária da Casa do Construtor. Ela trabalha em sociedade com seu marido e, há nove anos, passaram a diversificar seus investimentos, atuando na construção de apartamentos para locação. Já contabilizam cerca de 10 apartamentos, localizados no bairro Centro, nas imediações do Planalto da Catumbela; e na divisa entre os bairros Vila Gonçalves e Vila Matoso, por trás do Hospital e Maternidade Divina Providência de Russas. Os aluguéis giram em torno de R\$ 450,00. Funcionários da

⁷⁴ Devido ao atraso no pagamento do aluguel, a proprietária do galpão entrou com uma ordem despejo no início de 2013.

Dakota-Russas, residentes de outros municípios, são clientes do casal. Eles costumam dividir o apartamento com outros funcionários como estratégia para baratear o custo com a habitação. Geralmente, esses funcionários passam a semana na cidade de Russas e retornam aos seus municípios no fim de semana.

5.1.4 Promotores imobiliários

Segundo Corrêa (1989), esse agente atua na aquisição de áreas urbanas com o intuito de construir residências que serão financiadas para classes sociais que possam pagar por elas. Em consonância com essa afirmação, Harvey (1980, p. 141) alega que esse agente é responsável por criar “[...] novos valores de uso para outros e valores de troca para si”. Esse agente também define o local onde será instalado o novo empreendimento, como também o tamanho dos lotes e a escolha da empresa que efetuará o serviço de construção. Ou seja, ele se perfaz na figura de empresas ou de investidores que, individualmente ou associados, são responsáveis por criar novos imóveis para o mercado.

Em Russas, esta atuação está sendo feita principalmente por empresas de fora da cidade, especificamente de Fortaleza, dentre as quais destacamos aquelas que estão associadas a empreendimentos que foram adquiridos por trabalhadores da Dakota Russas, a saber: Geometra Imobiliária S/A, Tec Urbanismo, Moura Empreendimentos & Negócios Imobiliários, CRD Engenharia e a P.H.L Castelo Empreendimentos Imobiliários.

A Geometra Imobiliária S/A possui sede em Fortaleza e é responsável pelo loteamento Bela Vista 1, 2 e Alto da Bela Vista. Ela atua em parceria com a Tec Urbanismo, empresa responsável pelo desenvolvimento do projeto urbanístico e de infraestrutura do empreendimento, e com a KL Engenharia. Essas duas últimas também possuem sede na capital do estado.

A Moura Empreendimentos & Negócios Imobiliários é uma empresa responsável por comércio de loteamentos, com matriz em Fortaleza, e possui empreendimentos em outros 18 municípios do estado⁷⁵. Em Russas ela é responsável pelo Loteamento Boulevard, próximo à fábrica da Dakota e ao lado da BR-116.

⁷⁵ Informação disponibilizada no site da empresa.

A CRD Engenharia é uma empresa especializada na construção de empreendimentos habitacionais e comerciais e também tem sede em Fortaleza. Essa construtora adquiriu recentemente um terreno de 13 hectares, que se localiza atrás da Dakota-Russas, no qual irá contruir 497 casas populares financiadas pelo MCMV com faixa de renda entre 0 e 3 salários mínimos⁷⁶. A seleção dos proprietários dos imóveis já foi realizada, faltando apenas o início da obras. De acordo com entrevista com o proprietário da Arimar Imóveis, o terreno foi comprado por esta empresa por R\$ 1.980.000,00.

A P.H.L Castelo Empreendimentos Imobiliários é a proprietária do Loteamento Brisa Nascente, localizado também nas imediações da Dakota-Russas. Ela é a única de capital local.

5.1.5 Proprietários dos meios de produção

Segundo Corrêa (1989), como o próprio nome já revela, são os que detêm os meios de produção (fábricas, galpões, máquinas). Ocupam terras baratas e, por isso, são contrários à especulação imobiliária.

O exemplo maior da atuação desse agente em Russas vem da Dakota. Com sua instalação na entrada da cidade, ocorreu uma série de impactos, dentre os quais se destaca a implementação de infraestrutura urbana no entorno e a reestruturação do sistema viário (PEQUENO, 2006), tornando, assim, essa porção da cidade uma área de atração para investimentos imobiliários, a exemplo dos loteamentos Boulevard e Brisa Nascente, além do Conjunto Habitacional Dr. José Martins de Santiago (Mutirão Novo).

Somado a isso, destaca-se a capacidade que a empresa tem de atrair grande quantidade de mão de obra, que, por sua vez, passa a se fixar na cidade, ocasionando uma significativa pressão no mercado de habitação. Essa demanda por espaço se reveste em combustível, que impulsiona o capital imobiliário a transformar, cada vez mais, a terra em mercadoria (HARVEY, 1980).

⁷⁶ Com base em nossas entrevistas, a compra do terreno próximo à Dakota-Russas foi devido ao baixo preço do solo, que custou em torno 15 reais o metro quadrado, além deste local já ser atendido por infraestruturas que foram instaladas para atender essa fábrica e sua aquisição foi devido à intenção de dispensá-lo ao MCMV.

5.1.6 Proprietários fundiários

Segundo Corrêa (1989), este agente se caracteriza pelo domínio que tem sobre a terra como propriedade privada através de títulos jurídicos. Seu interesse é incrementar ganhos de capital com a mesma. Corrêa (1989) afirma que além de transformarem áreas rurais próximas das cidades em áreas urbanas, com o objetivo de valorizá-las, os proprietários fundiários também buscam, através do valor de troca do solo (especulação e comércio), ampliar seu capital fundiário, visando a constante e crescente reprodução do mesmo.

Em Russas, esses dois casos são representados pela propriedade da terra dos tradicionais membros da elite algodoeira do município. O mesmo ocorre na cidade, com a terra adquirida por alguns profissionais liberais e pelos antigos proprietários de fábricas de cerâmicas há muitas décadas instaladas no município.

No que se refere aos antigos produtores de algodão, após o declínio da cultura no município, uma parte dessa elite agroindustrial passou a investir numa outra atividade em ascensão no Baixo Jaguaribe, a extração da cera de carnaúba. Nesse período, essa elite passou a adquirir muitos terrenos que, na época, encontravam-se na auréola periurbana da cidade (AMORIM, 2007), uma área com grande concentração de carnaúbas (matéria prima para a produção da cera). Após o declínio da atividade extrativista, Russas experimentou um rápido crescimento urbano fruto da atividade industrial ceramista, o que acarretou uma expansão da malha urbana, alcançando áreas que no passado se configuravam como perímetro rural⁷⁷. Essa porção recém-incorporada à zona urbana da sede era justamente a que estava localizada em terras que ainda estavam sob a posse daquela elite, a qual foi passada por herança aos seus descendentes (SILVA, 2006).

No que diz respeito aos profissionais liberais e aos antigos proprietários de fábricas de cerâmica, mais recentemente, após a chegada da planta fabril da Dakota Nordeste S/A, alguns proprietários passaram a investir no mercado de terras com o intuito de loteá-las. Além disso, ressalta-se o fato de que a chegada dessa unidade de produção foi elemento motivador dos tradicionais proprietários de terras para investirem no parcelamento de suas propriedades com vistas ao mercado.

⁷⁷ Vale Lembrar que, nesse momento, a distância entre o centro urbano e a faixa limítrofe da zona rural era bem pequena se comparada com a atual morfologia urbana de Russas.

Esses dois casos somados repercutiram nos loteamentos Vila Ramalho, São Bernardo, Viva Russas, Brisa Nascente, Santa Joana, Santa Terezinha, Portal de Fátima e Portal Araibu.

Ademais, alguns nomes merecem destaque em razão da influência que têm para o mercado de imóveis de Russas, a saber:

- a) José Célio Araújo: dono do terreno no qual se localiza o loteamento Planalto da Bela Vista 1, 2 e Alto da Bela Vista. Esse é o primeiro executado por ele e o terreno foi adquirido justamente para ser loteado. José Célio também é proprietário da KL Engenharia, empresa de porte considerável, que conta com aproximadamente 100 funcionários. Essa empresa foi responsável pela elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Russas, em 2008, e do projeto de irrigação da segunda etapa do Perímetro Irrigado de Russas.
- b) Raimundo Agostinho Santiago: possui imóveis alugados e à venda em Russas e no Rio de Janeiro, além de terras ainda a serem loteadas em ambas as cidades. Foi de iniciativa do mesmo o primeiro loteamento de Russas, o Loteamento Dona Afra, de 1980. Também realizou o loteamento Portal do Araibu e o primeiro condomínio vertical da cidade e do Baixo Jaguaribe, o Condomínio Santiago.
- c) Sérgio Girão: proprietário do terreno onde se localiza o loteamento Boulevard, o qual foi adquirido com esta intenção. Sérgio também possui outros loteamentos espalhados pelos municípios do estado.
- d) José Maria Cavalcante: membro do conselho fiscal do Sindicato dos Corretores de Imóveis do Estado do Ceará (SINDIMÓVEIS/CE) e proprietário dos loteamentos Santa Joana e Santa Terezinha.

5.1.7 O Estado

Este agente, de acordo com Corrêa (1989), atua através de subsídios à aquisição de moradia, mediação nos financiamentos com bancos oficiais e lançamento de políticas que facilitam a aquisição da casa própria. Além disto, incide ainda na execução de serviços públicos (saneamento básico, iluminação, arruamento, pavimentação, implantação de redes de transporte público, telefonia, entre outros), permitindo o acesso aos recursos básicos essenciais à habitabilidade

urbana. Por fim, há que se destacar sua atuação em âmbito institucional, propondo legislações urbanísticas que buscam orientar os usos, as ocupações e as normativas construtivas, visando promover o ordenamento da cidade.

A sua vinculação ao mercado imobiliário se faz na reprodução do espaço urbano, ao recriar constantemente as condições gerais das quais se realizam, total ou parcialmente, o processo de reprodução do capital (CARLOS, 2007).

No caso de Russas, uma primeira atuação do Estado foi a oferta do terreno para instalação da fábrica da Dakota Nordeste S/A, além da isenção de impostos. O primeiro foi disponibilizado pelo Governo do Estado do Ceará, enquanto o segundo corresponde aos impostos isentos, também pelo Governo do Estado, e pela Prefeitura Municipal de Russas.

Um impacto importante, que repercutiu após a chegada da Dakota-Russas, foi a construção do Conjunto Habitacional Dr. José Martins de Santiago, que ocorreu muito mais como uma forma de tentar frear a tensão dos grupos sociais excluídos desejosos por moradia. Isso aconteceu quando o Estado, em sua instância federal, disponibilizou os recursos e a Prefeitura Municipal doou o terreno, mas a responsabilidade da construção ficou a cargo dos moradores. O terreno cedido não tinha infraestrutura e as casas foram construídas distantes de qualquer equipamento que atendia aos direitos sociais básicos urbanos. Isso só veio a ser resolvido, em parte, alguns anos depois de sua inauguração em 2002. Nas rádios locais, corriqueiramente, ouvem-se as reclamações dos moradores desse conjunto em relação à omissão do Estado para com aquele local.

Ainda agente imobiliário, o Estado se faz presente em sua instância federal por meio do programa de governo voltado para a construção de habitação popular, o MCMV faixa I, que atende a população de até três salários mínimos. Com já relatado anteriormente, em Russas, serão construídas 497 casas em um terreno nos fundos da Dakota-Russas, com recursos desse programa habitacional.

Por fim, o Estado, na figura da Prefeitura Municipal de Russas, atua no mercado imobiliário por meio do pagamento de aluguéis de imóveis para empresas voltadas à produção de componentes de calçados. No entanto, com a atual gestão, isso vem deixando de ser recorrente, acarretando insatisfação por parte dos proprietários da WilaPlast, o que pode ocasionar sua saída do município.

Como pôde se notar, tanto os agentes abordados por Harvey (1980), quanto por Corrêa (1989), demonstram que a cidade se revela como um produto das

contradições de classe e envolve interesses e necessidades disputados por diversas frentes.

Iremos, a seguir, abordar essa questão com mais detalhamento, evidenciando os momentos de valorização do solo urbano e sua repercussão na organização do espaço de Russas, tendo como ponto de partida a unidade de produção da Dakota Nordeste S/A nessa cidade.

5.1.8 Momentos de valorização do solo e mudança no padrão de ocupação na cidade de Russas

No contexto urbano, segundo Smolka (1987), o espaço geográfico é lócus de grandes investimentos financeiros, como capital fixo de longa duração, compondo o ambiente construído para a produção e o consumo. Esse autor afirma que, tal ambiente, além de envolver as edificações relacionadas à rede de infraestruturas, engloba também os meios de produção e de consumo coletivo, usualmente providos pelo Estado.

Sobre esse aspecto, Campos (1989) afirma que, em razão das decisões de investimentos imobiliários serem, por vezes, uma ação individual, tais decisões são tomadas num horizonte de incertezas, o qual exige dos promotores imobiliários um período de maturação, denominado por esse autor como “tempos de investimentos”.

As motivações para as decisões de investir levam em conta inúmeros fatores, no entanto, todas são movidas com o intuito de se apropriarem de rendas fundiárias virtuais. Nas palavras do próprio Campos (1989, p. 58), as decisões de investir “[...] dependem das possibilidades de auferir ganhos de antecipação de rendas fundiárias e/ou ganhos de inovação”.

Desse modo, os “tempos de investimentos” estão fortemente relacionados aos momentos de mudança na composição do solo urbano e, por consequência, na estruturação da cidade.

Portanto, o estoque imobiliário não pode ser entendido de forma homogênea, as variações no estoque indicam mudança na estrutura urbana da cidade. Como os capitais imobiliários tomam suas decisões em função dessas mudanças, torna-se imprescindível identificar os sinais [...] que as variações no estoque estão apontando (CAMPOS, 1989, p. 59).

Ao tratar desse tema, Smolka (1987) elenca três momentos de valorização imobiliária que retratam o processo de mudança do padrão de ocupação do espaço, segundo o movimento dos capitais dos promotores imobiliários, que iremos retratar logo abaixo, ressaltando, de modo sintético, as principais características de cada um:

- a) **Momento I:** caracterizado pela alteração do preço do terreno em relação ao preço de aquisição original, por venda ao incorporador;
- b) **Momento II:** nesse momento ocorre a valorização do terreno pelo incorporador ao alterar seus atributos. O movimento de valorização envolve a alteração do uso e sua conseqüente apropriação de rendas fundiárias segundo os processos de criação de rendas (privatizando vantagens realizadas pelo Estado)⁷⁸ e ampliação da base de incidência das rendas (criação de vantagens locacionais);
- c) **Momento III:** aqui se evidenciam as variações de valorização no preço do terreno por alterações na estrutura espacial do ambiente onde se insere o terreno, que será captada na forma do Momento I, em período futuro. Para que o incorporador receba antecipadamente o valor do comprador, é necessário um sistema de crédito ágil que viabilize a rápida recuperação do capital e que garanta a liquidez dessas valorizações no futuro, convencendo esse comprador de que a qualquer momento poderá resgatar seu investimento, habilitando-o a especular com essa propriedade.

No que diz respeito à Russas, esses momentos passaram a figurar com mais intensidade após a chegada da planta fabril da Dakota Nordeste S/A na cidade. Antes disso, a compra e venda de imóveis eram feitas sem nenhuma intermediação, realizada diretamente entre o dono do terreno e o possível comprador. Os agentes descritos nas seções anteriores, como já aludido, só se fizeram presentes em Russas na segunda metade da década de 1990, período coincidente com a chegada dessa fábrica.

⁷⁸ A exemplo da dotação de infraestrutura, como saneamento, iluminação, coleta de lixo, etc., nos empreendimentos que necessitam de imobilizações de maior porte, o capital incorporador articula diretamente com o Estado o atendimento imediato da recém-criada demanda por serviços públicos.

Referente ao que apresentado, de acordo com os corretores de imóveis do município, o mercado imobiliário de Russas apresenta duas fases: uma antes e outra depois da implantação dessa fábrica. Segundo o proprietário da maior imobiliária da cidade,

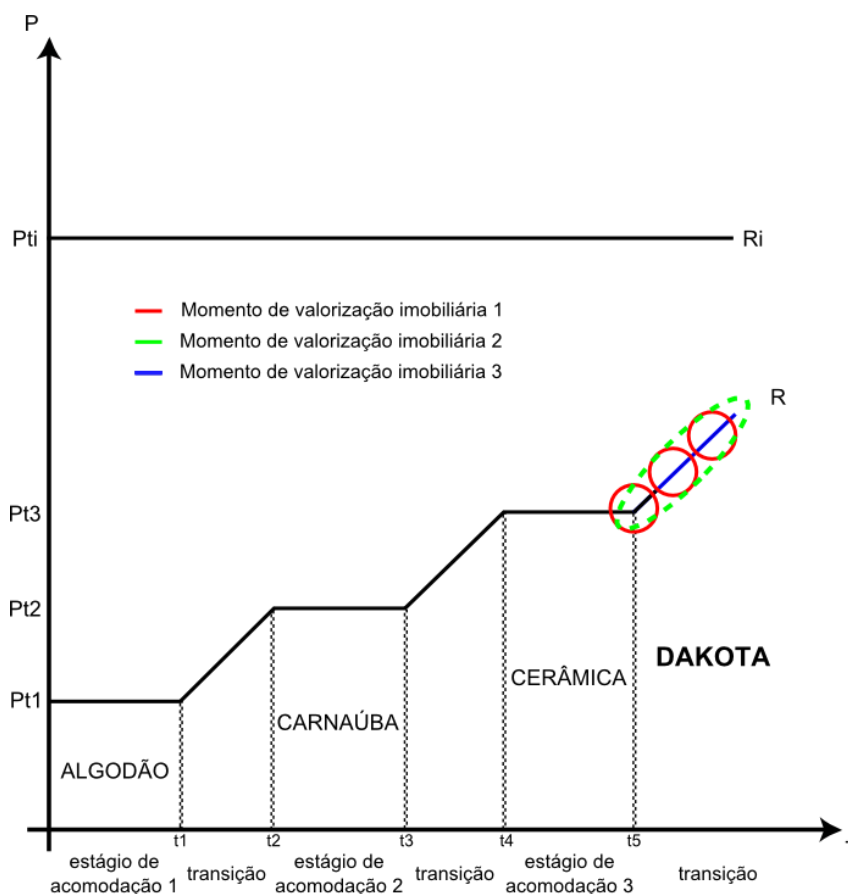
Antes de 1998 tínhamos um mercado sem perspectiva de lançamento de loteamentos parcelados. Mas, depois da Dakota, os investidores perderam o medo de insucesso nas comercializações a prazo, pois a renda fixa dos novos empregos gerados proporcionou aquecimento nas vendas (Entrevista com o proprietário da Arimar Imóveis, realizada em janeiro de 2014).

Isso corrobora com a afirmação de Campos (1989), segundo o qual, os agentes do mercado imobiliário investem quando identificam que a área começa a adquirir um novo perfil. Isso se deve em virtude da possibilidade da ampliação da demanda por habitação e a conseqüente alteração da lógica de expansão da cidade e de suas fronteiras habitacionais, pois o preço dos terrenos é determinado pelas condições de produção do ambiente construído e especialmente pelo preço dos imóveis. Portanto, qualquer modificação no ambiente construído por investimentos públicos e privados definirão vantagens locacionais para cada lote urbano.

Se tomarmos para análise a comparação entre os ganhos fundiários em cada ciclo econômico que historicamente se conformaram como vetores de crescimento urbano de Russas, veremos a inegável disparidade entre os ciclos anteriores e o atual, que corresponde à efetivação da indústria calçadista moderna. Ao salvaguardar certas diferenças conjunturais típicas de cada momento histórico, todos eles proporcionaram mudanças no padrão de ocupação do espaço urbano, como também estágios de acomodação desse sítio, devido ao caráter das atividades agroextrativistas: baixa remuneração, com pouca ou nenhuma formalização trabalhista. Essas características também se fazem valer, guardando as devidas proporções, à atividade industrial calçadista. No entanto, em virtude de sua inserção de forma mais sincrônica na economia global, os impactos são mais incisivos na estruturação do espaço urbano do que em ciclos econômicos anteriores, evidenciando tanto o maior volume da força de trabalho contratada, como a determinação de políticas estatais de subvenção à atividade produtiva. Isso faz com que os interesses hegemônicos de acumulação ampliada de capital se realizem em prazos mais rápidos do que nas atividades dos ciclos econômicos anteriores, como no caso da produção de cerâmicas e das atividades agrícolas.

Com o intuito de sintetizar essa discussão, apresentamos de forma esquemática, na Figura 36, a relação supracitada, com destaque para os momentos de valorização imobiliária da atual fase urbano-industrial na cidade de Russas.

Figura 36 – Ganho fundiário, tempo, ciclo de vida das áreas urbanas e os momentos de valorização imobiliária na cidade de Russas



Fonte: adaptado de Campos (1989) e Smolka (1987).

No gráfico acima, a abscissa representa o tempo, ou seja, dimensiona as alterações do que Campos (1989) chama de “ciclo de vida” das áreas urbanas, e a ordenada faz menção ao preço. O ponto t^9 se refere ao início dos ganhos fundiários por parte dos promotores imobiliários na cidade, o qual, nos ciclos econômicos agroextrativistas, era representado exclusivamente pelos proprietários fundiários. Os corretores e promotores-incorporadores imobiliários só se fizeram presentes em

⁷⁹ Fazemos a ressalva de que todas as nomenclaturas, assim como suas definições, são de Campos (1989), com exceção das que dizem respeito aos momentos de valorização imobiliária, as quais são da obra de Smolka (1987).

Russas no final da década de 1990. Os pontos $t1$, $t3$ e $t5$ constituem o início dos períodos em que o padrão de ocupação está mudando, ou seja, dizem respeito ao estágio de transição do “ciclo de vida das áreas urbanas” em relação ao motor de sua dinamização. Já os pontos $t2$ e $t4$, por sua vez, marcam o final dessa transição e início de um período de estabilidade no padrão de ocupação, denominados de estágio de acomodação dos ganhos fundiários.

A curva R representa o preço da terra efetivamente praticado, enquanto R_i é o preço previsto pelos incorporadores e o ponto P_{ti} é o preço máximo de demanda. O P_{ti} se mantém constante ao longo de todos os períodos de transições, em razão dos incorporadores levarem em consideração “[...] não apenas as transformações no ambiente construído, resultantes de sua ação individual, mas também, as ações transformadoras dos outros agentes modeladores” (CAMPOS, 1989, p. 56). Os pontos P_{t1} , P_{t2} e P_{t3} designam o preço da terra pago aos proprietários antes das mudanças ocorridas no ambiente construído intraurbano. Os círculos destacados em vermelho representam o *Momento I* de valorização imobiliária, já a linha tracejada de cor verde e a de cor azul, os momentos *II* e *III*, respectivamente.

Os ganhos fundiários, representados no gráfico pela área compreendida entre a curva R e R^{80} , auferidos pelos promotores imobiliários, alcançaram patamares significativamente maiores após a inserção da planta fabril da Dakota Nordeste S/A em Russas. Anteriormente à chegada dessa fábrica, os ganhos não ultrapassavam a casa dos R\$ 20.000,00⁸¹ e os terrenos nas áreas mais valorizadas da cidade tinham esse valor como teto máximo de comercialização.

De acordo com os corretores de imóveis dessa cidade, o mercado imobiliário era bem precário, caracterizando-se pela venda direta e esporádica entre os proprietários e os possíveis compradores. No entanto, esse cenário foi se modificando ao longo da década de 1990, em decorrência dos incentivos governamentais às atividades agrícolas (PEQUENO, 2006), o que possibilitou a inserção de novos agentes produtores do espaço à realidade urbana de Russas.

⁸⁰ Quanto menor a área entre as linhas que representam o preço real (R) e o previsto (R_i) de comercialização, maior serão os ganhos fundiários dos promotores imobiliários, pois isso significa que os preços reais estão mais próximos de atingir o preço máximo previsto pelos incorporadores.

⁸¹ Antes de a atividade industrial calçadista ser o motor de dinamização do espaço intraurbano de Russas, os bairros mais valorizados eram o Ipiranga e o Centro. Um lote de terra de 10x30 custavam no máximo, segundo os corretores dessa cidade, R\$ 20.000,00.

Nesse período, iniciaram-se as atividades dos primeiros corretores imobiliários, como já aludido anteriormente. Segundo os corretores de imóveis entrevistados, o mercado imobiliário nessa época era sustentado por trabalhadores rurais que passaram a residir na cidade, bem como, pelos trabalhadores da indústria de cerâmicas. Devido ao perfil desses compradores, eram abertos poucos empreendimentos, todos com valores bem modestos.

Em 1998, com o início das atividades da fábrica de calçados do grupo Dakota S/A, a figura do promotor-incorporador, até então inexistente em Russas, passou a se fazer presente e os mesmos começaram a adquirir inúmeras terras para dispor ao mercado imobiliário. Nesse período, foram compradas as terras que, de 2005 em diante, foram usadas para lançar os loteamentos Viva Russas I e II, Santa Joana, Portal de Fátima I e II, Portal do Araibu, Brisa Nascente, Nossa Terra, São Bernardo, Boulevard, Santa Terezinha, Bela Vista I, II e Alto da Bela Vista. Ou seja, com a chegada da Dakota-Russas, eleva-se à especulação paralelamente a inserção dos promotores-incorporadores no mercado imobiliário⁸².

Nesse sentido, a atuação da Dakota Nordeste S/A, como novo vetor da organização do espaço urbano de Russas, define um novo padrão de ocupação na cidade. De início, quem mais lucrou com a transição para esse novo “ciclo de vida” das áreas urbanas na sede municipal foram os promotores-incorporadores. Isso ocorreu em virtude dos proprietários fundiários terem, como afirma Campos (1989), pouca capacidade de previsão de avaliar o uso que potencializa a produtividade de seus terrenos, ocasionando uma comercialização com base nas possibilidades imediatas de rentabilidade.

Desse modo, aproveitando-se dessa limitação por parte dos proprietários fundiários, os promotores-incorporadores, por se vincularem a setores estratégicos do setor público e privado, anteciparam-se espacialmente e passaram a obter glebas a preços baixos, as quais ficaram inertes, postas à especulação. Quando a pressão da população migrante no mercado imobiliário local passou a se intensificar, começaram a dispensá-las para a venda por meio dos empreendimentos já listados anteriormente. Isso caracterizou, concomitantemente, o primeiro e o segundo momento de valorização imobiliária em Russas, visto que, enquanto as terras começavam a ser adquiridas pelos promotores-incorporadores, os mesmos

⁸² Afirmação feita com base nas entrevistas junto aos corretores imobiliários de Russas.

passavam a alterar seus atributos, inicialmente especulando-as, e, logo depois, dispensando-as para a venda por meio de loteamentos, forçando o Estado a dotar essas áreas urbanas de benfeitorias públicas não existentes antes de realizada a incorporação.

Todo esse movimento desembocou no *Momento III* de valorização imobiliária, consolidado através da variação do preço do terreno devido às alterações na estrutura urbana, que passa a ser captada no *Momento I* (o momento da compra do imóvel). Esses momentos (compra, especulação, criação e ampliação de rendas fundiárias) estão presentes desde o início da atual fase de transição para um novo padrão de ocupação da cidade de Russas.

Com o decorrer do tempo, o ganho dos promotores-incorporadores tende a diminuir, na medida que a cidade consolida seu novo padrão de ocupação. Isso ocorre em virtude das rendas fundiárias passarem a ser apropriadas em maior quantidade pelos proprietários de terras, em decorrência da nova estrutura urbana estar se tornando cada vez mais visível. Tal fato favorece aos proprietários de terras uma maior capacidade de previsão dos usos futuros de seus terrenos, permitindo-lhes valorizá-los, o que incide, por sua vez, na retração dos ganhos fundiários dos incorporadores.

Nesse sentido, os ganhos auferidos pelos proprietários de terras no *Momento I* subsequentes são tendencialmente maiores que aqueles da época da instalação da fábrica de calçados. Segundo os corretores de Russas, lotes de terra de 250 metros quadrados que se localizavam na periferia dessa cidade, até o ano 2000, eram vendidos por aproximadamente R\$ 5.000,00. Atualmente, imóveis da mesma dimensão e localidade são comercializados por até R\$ 40.000,00 pelos proprietários fundiários. Da mesma forma, não se encontra mais em Russas glebas à venda por menos de R\$ 20.000,00, isto é, no novo “ciclo de vida” das áreas urbanas em Russas, o teto mínimo do valor da terra se configura como o teto máximo do antigo padrão de ocupação dessa cidade. Por sua vez, o preço dos imóveis nas áreas mais valorizadas chega a custar entre R\$ 200.000,00 e R\$ 700.000,00, é caso do bairro Centro⁸³.

⁸³ Edvaldo Farias, relatou-nos, em entrevista, que devido ao alto valor dos imóveis no Centro de Russas, a Insinuante e a Zenir (lojas de móveis e artigos eletrônicos) não se instalaram na cidade. No caso da primeira loja, ele relata que foi proposto ao dono do imóvel a quantia de R\$ 1.000.000,00, mas o proprietário não aceitou, afirmando que só venderia por R\$ 1.500.000,00.

Em suma, como pôde ser observado, com base nas discussões de Smolka (1987) e Campos (1989), o crescimento do número de imóveis (com ou sem edificação) muda as características do estoque imobiliário dos “ciclos de vida” anteriores à chegada da Dakota-Russas. Quando o volume do estoque imobiliário cresce, isso ocorre devido à mudança na composição dos usos do solo urbano, por conseguinte, na estrutura urbana. Em virtude disso, iremos tratar essa questão com mais detalhes a seguir, na última parte deste capítulo. Dedicar-nos-emos à consolidação do atual padrão de ocupação do espaço urbano de Russas, fruto da atividade industrial calçadista, isto é, na abordagem espacial das decisões de investir dos promotores imobiliários influenciados pela instalação da unidade de produção do Grupo Dakota S/A.

5.2 A ATIVIDADE INDUSTRIAL E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: O DESENHO DA CIDADE A PARTIR DOS IMPACTOS GEOGRÁFICOS DA DAKOTA-RUSSAS NO MERCADO IMOBILIÁRIO

Esse novo contexto urbano-industrial, que incentiva a urbanização da cidade de Russas, trouxe impactos no mercado imobiliário local, representado principalmente pelos trabalhadores que a procuram em busca de empregos na atividade industrial calçadista. O grande quantitativo populacional oriundo dessa migração repercutiu diretamente nas condições de ocupação dos domicílios da cidade, culminando na diferenciação de renda dos indivíduos e, conseqüentemente, no poder de compra que se expressa na localização e na construção de suas moradias.

Tal diferenciação resultou na existência, em Russas, de um mercado imobiliário que se estrutura a partir de duas componentes altamente interligadas: o mercado imobiliário formal e informal. Por mercado imobiliário formal entende-se aquele mercado de compra, venda e aluguel articulado a partir de relações formais entre os atores, reguladas legalmente através de contratos e registros em cartórios de bens imóveis. As relações de compra, venda e aluguel que se concretizam fora desse marco legal compõem o mercado imobiliário informal. Nesta pesquisa, iremos

Segundo os corretores da cidade, o metro quadrado no bairro Centro pode custar até R\$ 6.000,00, como no caso do imóvel no qual se localiza a corretora EF Corretor de Imóveis.

tratá-lo apenas na figura das locações de imóveis, em virtude dessa operação sofrer mais influência da instalação da Dakota Nordeste S/A. A compra e a venda de imóveis fora dos marcos legais por funcionários da Dakota não foi constatada nesta pesquisa, o que não quer dizer que não haja. No entanto, entre todos os trabalhadores que entrevistamos e todos os agentes de produção do espaço urbano que conversamos, nenhum fez alusão a essa situação.

Nesse sentido, no subitem que segue analisaremos as modificações da estrutura urbana na cidade de Russas no que tange à renovação do estoque imobiliário. Ele está evidenciado na variação do número de domicílios segundo sua condição de ocupação por bairros na cidade, sobretudo no período de 2000 a 2010⁸⁴.

5.2.1. Condição de ocupação dos domicílios por bairros e terras loteadas na cidade de Russas

A maior atração por força de trabalho desencadeada pela Dakota em Russas estimulou uma mobilidade de pessoas sem precedentes à sede do município. Esse contingente começou a pressionar a oferta por serviços de infraestrutura urbana, impactando sobre a cidade de diversas formas. Por um lado, condicionou um dinamismo à economia, causando transformações já descritas em outra sessão dessa dissertação. Por outro, estabeleceu um novo marco para a expansão do mercado imobiliário, em virtude de uma nova procura por habitação ter surgido, principalmente através do aumento dos aluguéis e da expansão da compra de imóveis e terrenos.

A partir dos dados fornecidos pelo IBGE sobre a população local e seus respectivos domicílios, é possível apontar alguns dos impactos sofridos pelo mercado imobiliário com esse processo de urbanização. Se tomarmos como referência a condição de ocupação dos domicílios da população da cidade de Russas para o ano 2000, como ilustrado pela Figura 37, veremos que a grande maioria dos imóveis era próprio e praticamente todos já estavam quitados. Isso nos permite inferir que o estoque habitacional, à época, era relativamente antigo.

⁸⁴ Dados para este indicador não foram encontrados para as décadas anteriores.

Na ocasião, entre os bairros que apresentavam o maior quantitativo de estabelecimentos residenciais próprios, destacava-se o Centro, que detinha 20,77% do total de imóveis ocupados próprios para a cidade de Russas. Os outros bairros, comparados ao Centro, detinham valores bem menores, a exemplo do Planalto da Bela Vista, segundo lugar nesse tipo de ocupação dos domicílios, que representava 12,85% de imóveis próprios.

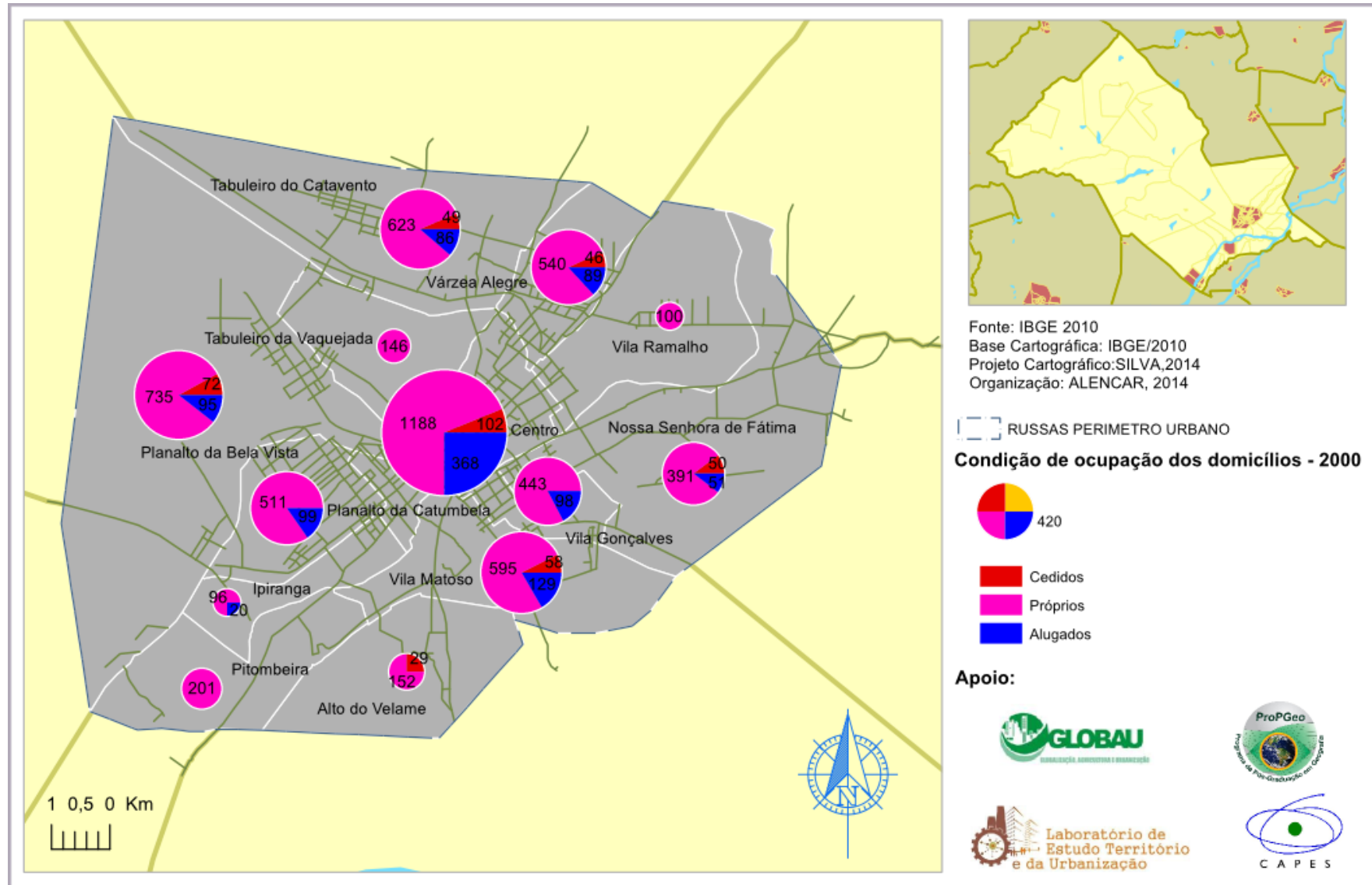
Referente aos imóveis alugados, esses representavam 13,82% do total de domicílios na cidade de Russas, os quais estavam localizados majoritariamente no bairro Centro, que possuía 33,95% do total de imóveis alugados na cidade. Tais imóveis são, em sua grande maioria, residências que foram alugadas para servirem de estabelecimentos comerciais. Em outros bairros, os aluguéis mantinham o caráter tradicional de imóveis residenciais. Ademais, o número desses imóveis nos outros bairros, quando comparados ao Centro, era bem menor, com destaque para o bairro Vila Matoso, que detinha 11,90% do total.

Ressalta-se que o valor dos aluguéis variava bastante, dependendo da localização do imóvel. Casas nos bairros Tabuleiro do Catavento, Várzea Alegre, Vila Ramalho e Tabuleiro da Vaquejada, os quais se localizavam nas proximidades da fábrica da Dakota Nordeste S/A, custavam entre R\$ 100,00 e R\$ 200,00 ao mês de aluguel. Segundo corretores de imóveis do município, as casas dispostas para locação desses bairros eram precárias. Somado a isso, outro fator que incidia no baixo preço do aluguel era o fato de que se tratava de uma área de ocupação recente, com ausência de infraestrutura básica, além de ser um sítio suscetível a alagamentos em virtude das casas ficarem próximas à Lagoa do Toco (Tabuleiro do Catavento), que passa a maior parte do ano seca, mas com pouca quantidade de chuva já fica alagada.

Referente aos imóveis cedidos em 2000, continuava o destaque para o Centro (20,24%), pois já era comum que os proprietários cedessem seus estabelecimentos comerciais para um de seus funcionários, que ficava responsável pela manutenção do imóvel. Já para os demais bairros, principalmente os mais distantes do Centro, já na divisa com a zona rural, os imóveis cedidos eram principalmente casas, cujos proprietários utilizavam esporadicamente. Em razão disso, cediam o imóvel para que alguém pudesse se responsabilizar pela manutenção do mesmo, enquanto seu dono não estava presente.

A grande concentração das mais diversas formas de ocupação dos domicílios (próprios, alugados e cedidos) no bairro Centro é reflexo cumulativo dos antigos padrões de ocupação de Russas, que teve nesse bairro a localização do aglomerado urbano que originou a cidade. Foi a partir do Centro que irradiaram as vias históricas de penetração no núcleo urbano e que, hoje, são importantes ruas e avenidas que interligam a cidade de Russas à região do Baixo Jaguaribe ou às outras importantes cidades do estado.

Figura 37 – Número de domicílios segundo sua condição de ocupação por bairros na sede urbana do município de Russas, 2000



Ao observarmos os dados dessas mesmas variáveis para 2010, como ilustra a Figura 38, podemos constatar que o Centro continua apresentando os maiores valores absolutos para os imóveis próprios, alugados e cedidos. Mas, percentualmente, hoje ele apresenta pouca variação quando o comparamos com os demais bairros da cidade, o que evidencia uma maior ocupação desses outros bairros. Ora, tal movimento indica que o bairro Centro se consolida, a cada dia, como o núcleo comercial mais representativo de Russas, enquanto os demais bairros se consolidam também, mas como áreas eminentemente residenciais. Assim, o bairro Centro se delimita como área central e os demais bairros como área pericentral (CORRÊA, 1989).

Os demais bairros apresentaram aumento em todas essas formas de ocupação domiciliar, com exceção do Planalto da Bela Vista. No tocante aos imóveis próprios, os bairros que apresentaram significativa elevação percentual foram o Tabuleiro do Catavento, o Planalto da Catumbela e o Várzea Alegre, com respectivamente, 12,93%, 11,32% e 10,90% do total de imóveis próprios. No Tabuleiro do Catavento, o aumento do número de domicílios próprios se deve primordialmente ao Conjunto Habitacional Mutirão Novo, inaugurado em 2002, próximo à fábrica da Dakota.

Boa parte das casas próprias, nessa última década, foi edificada em terrenos que estavam em posse familiar há um tempo considerável. Em entrevista com funcionário da Dakota-Russas, o mesmo nos relatou que, após a inserção como operário na fábrica e pelas facilidades de crédito que o emprego favoreceu, ele próprio construiu sua moradia. A mesma situação foi constatada por meio de entrevistas com outros operários da empresa. Entretanto, essa é uma realidade apenas para funcionários mais antigos, ou seja, aqueles que estão no mínimo há 10 anos empregados. Contatou-se também que a aquisição da casa própria se deu com a utilização do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

Segundo os corretores imobiliários de Russas, apesar de não ser tão expressiva quanto à compra de terrenos, a compra de casas por parte dos funcionários da empresa se faz presente, principalmente com o auxílio do FGTS após suas demissões. No entanto, isso diminuiu substancialmente depois que o programa MCMV, faixa de 0 a 3 salários, penetrou na cidade. De acordo com Arimar, como muitos funcionários da Dakota foram contemplados com esse

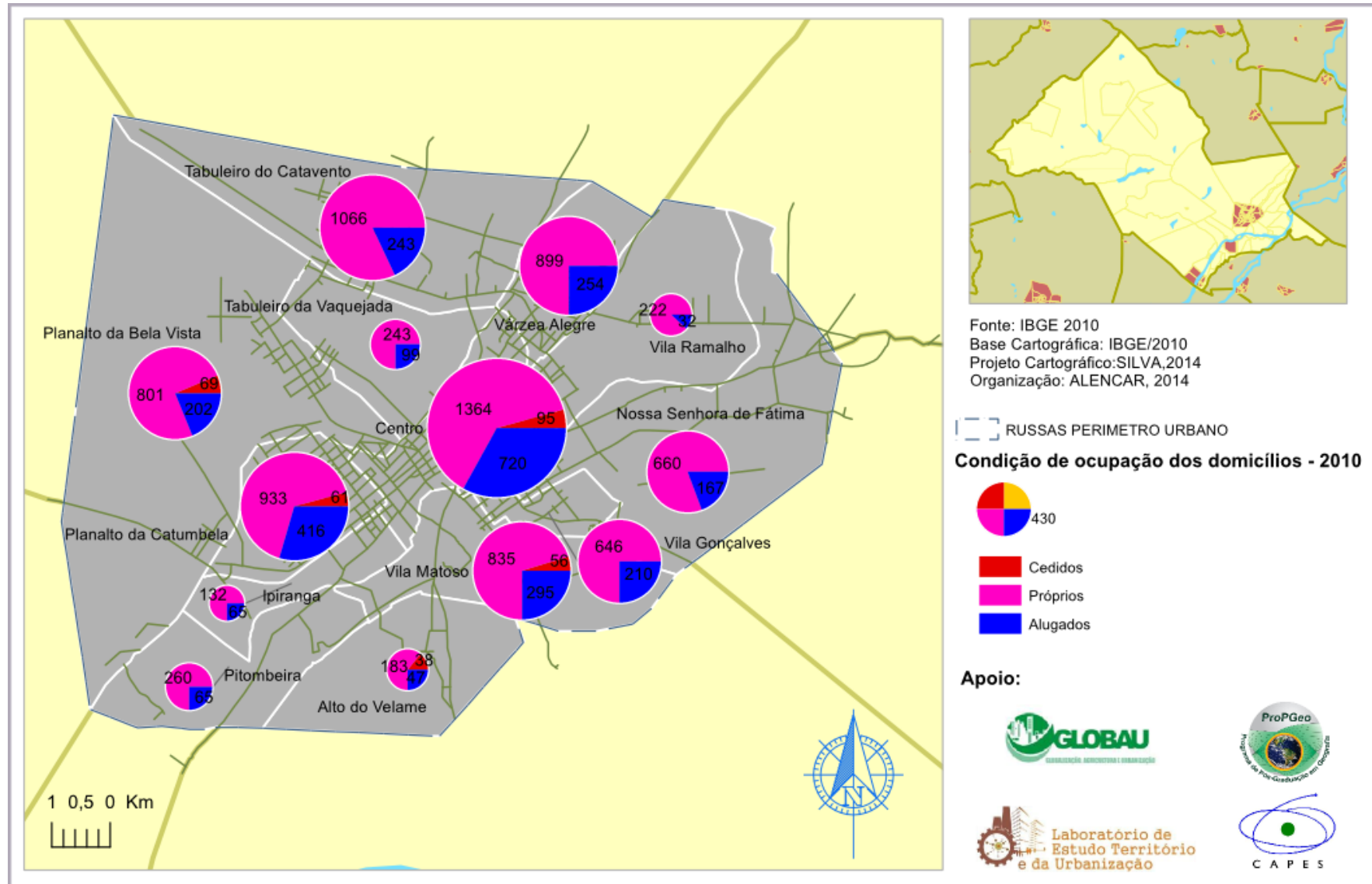
programa, não está havendo mais procura por parte deles na compra de imóveis, com exceção dos funcionários de cargos mais altos e melhor remunerados.

Arimar afirma que foram vendidos, na última década, três imóveis residenciais de alto padrão para os três diretores da Dakota Nordeste S/A em Russas, todos localizados no bairro Ipiranga. Tais imóveis são: um duplex com 540 metros quadrados, atualmente avaliado em R\$ 1.250.000,00; uma casa plana com 350 metros quadrados, no valor de R\$ 750.000,00; e uma casa plana de aproximadamente 1.000 metros quadrados, no valor de R\$ 2.000.000,00. Além desses, Arimar afirma que os funcionários de cargos intermediários também compram casas, pois boa parte deles adquiriu imóveis nos bairros Nossa Senhora de Fátima e Vila Ramalho, com financiamento da Caixa Econômica Federal. Segundo esse corretor, os imóveis comprados por esses funcionários custam, em média, R\$ 110.000,00⁸⁵.

Em relação aos imóveis alugados, podemos perceber que o total passou de 13,82%, em 2000, para 23,23%, em 2010. Os bairros que apresentaram maior percentual em 2010 foram o Planalto da Catumbela, com 14,78% do total, seguido de Várzea Alegre e Tabuleiro do Catavento, com 9,02% e 8,63%, respectivamente. Se analisarmos os bairros que ficam na proximidade da Dakota-Russas, veremos que os valores percentuais do Tabuleiro do Catavento, Tabuleiro da Vaquejada, Várzea Alegre e Vila Ramalho, somados, representam aproximadamente um quarto dos imóveis alugados (22,31%) na cidade. Ao cruzarmos essa informação com aquelas contidas na Tabela 7 e no Quadro 4, veremos que foram justamente esses bairros que mais receberam incremento populacional entre 2000 e 2010, ao mesmo tempo em que apresentam grande número de imóveis com famílias de rendimento na faixa de um salário mínimo. Isso nos permite inferir que esses bairros foram os que abrigaram a grande maioria da população migrante e dos trabalhadores da Dakota-Russas, oriundos de outros distritos ou municípios.

⁸⁵ Não nos foi informado o número de funcionários da Dakota-Russas que adquiriu imóveis com esse valor, apenas que eles realizaram a compra das casas.

Figura 38 – Número de domicílios segundo sua condição de ocupação por bairros na sede urbana do município de Russas, 2010



A pressão no mercado imobiliário local, em decorrência da migração de trabalhadores à procura de emprego, fez aumentar o preço dos aluguéis. Como já mencionado, o valor dos aluguéis na cidade de Russas era baixo comparado ao de outras cidades do estado, como por exemplo a capital. Atualmente esse valor cresceu substancialmente, dependendo da localização do imóvel. Segundo Edvaldo Farias, corretor especializado na locação de imóveis residenciais, o valor médio de uma casa para alugar na cidade de Russas gira em torno de R\$ 450,00. Em virtude desses valores, funcionários da Dakota Nordeste S/A que residem em municípios mais distantes de Russas ou que moram em municípios que não são atendidos pelas rotas da empresa Viação Russana, como Limoeiro do Norte, Morada Nova e Aracati, optam por dividirem o aluguel com outros funcionários da fábrica, no intuito de baratear o valor da moradia.

Isso ocorre em virtude das grandes distâncias que teriam que percorrer diariamente para irem ao trabalho e, por conseguinte, do custo com o transporte que pagariam caso optassem por vir à Russas em linhas de ônibus convencionais ou em veículos particulares. Os trabalhadores da Dakota que optam por alugar casas, recorrem tanto ao mercado formal quanto ao informal.

Referente ao primeiro caso, os principais locadores são Edvaldo Farias e o casal proprietário da Casa do Construtor, estabelecimento comercial de materiais de construção localizado no Centro de Russas. Segundo Edvaldo, que aluga 20 imóveis para funcionários da Dakota Nordeste S/A, em cada uma dessas casas residem em média três trabalhadores. Esses imóveis estão localizados nos bairros Nossa Senhora de Fátima e Vila Ramalho. Ele afirma que os funcionários alugam, preferencialmente, residências mais próximas possíveis da fábrica, pois assim economizam com transporte. Esse fenômeno fortalece a argumentação já defendida por Richardson (1978), segundo a qual uma das variáveis explicativas mais importantes nas decisões de localização residencial para a população de baixa renda é o custo de viagem para o trabalho, que acaba determinando suas “[...] decisões de localização residencial em termos de minimização de custo de transportes [...]” (p. 8)⁸⁶.

⁸⁶ Richardson (1978, p. 9-10) faz uma ressalva sobre esta variável, afirmando que “[...] na medida que a minimização da viagem para o trabalho prevê comportamento locacional, isto se aplica somente aos muito pobres e aos muito ricos. Os pobres têm que viver perto do trabalho porque não podem pagar as passagens, enquanto os muito ricos podem viver centralmente em terrenos de alto custo

Já no tocante ao segundo caso citado, ou seja, o mercado informal, o casal proprietário da Casa do Construtor aluga atualmente cinco imóveis, localizados no bairro Centro, a um valor de R\$ 450,00 mensais cada. A média de moradores por imóvel é a mesma relatada por Edvaldo Farias. O casal nos relatou que chegou a alugar a maior parte de seus imóveis para funcionários da Dakota, no entanto eles têm, gradativamente, reduzido esse número, em virtude do público alvo desses locadores ser atualmente os profissionais liberais que passam a residir na cidade.

Assim, na medida em que os operários não encontram oferta possível no mercado formal, eles vão à procura de moradia alugada no mercado informal. Por sua vez, o setor informal de aluguéis apresenta valores mais baixos que os encontrados oficialmente, pois sua oferta se dá porque pessoas que possuem uma segunda residência disponibilizam os imóveis para locação sem mediação de corretor e nem contrato. A transação se dá através de acordo firmado verbalmente.

Mensurar o mercado fora do marco legal é uma tarefa bem difícil em virtude de sua própria ilegalidade. Porém, segundo Edvaldo Farias, que possui um portfólio de 300 imóveis para locação, o mercado informal é possivelmente bem superior ao formal. Ele argumenta que,

Aqui na cidade de Russas existe muita gente que vai morar com os parentes mais próximos e passa a alugar suas casas, aí fica várias pessoas numa mesma casa para que se possa alugar a que eles estavam, assim eles tiram uma renda extra no fim do mês (entrevista com Edvaldo Farias, responsável pela EF Corretor de Imóveis. Realizada em janeiro de 2014).

Essas casas são, muitas vezes, residências antigas e precárias e são alugadas em média por R\$ 300,00 ao mês (ver Figuras 39, 40 e 41). Como não há contrato que estabeleça direitos e deveres do locatário e do locador, esses imóveis passam a ter mais de três funcionários na mesma residência. Em entrevista com funcionários da Dakota que residem em municípios bem distantes de Russas ou que não são atendidos pelas rotas da Viação Russana, descobrimos que os trabalhadores preferem alugar casas no mercado informal, pois não tem que se preocupar com burocracias ou procedimentos jurídicos. Para os trabalhadores

devido ao alto valor que dão ao seu tempo”. Nesse sentido, achamos válida essa variável explicativa em virtude da maioria dos empregos industriais ofertados pela Dakota-Russas se configurar na faixa de até dois salários mínimos, pois de acordo com esse mesmo autor, “[...] o lugar onde a família irá morar depende de sua renda [...]”.

entrevistados, a maior dificuldade está em conseguir um fiador, ou seja, um avalista que pague a dívida caso o inquilino não a salde. Para ser fiador, é necessário que a pessoa possua pelo menos um imóvel, devidamente quitado e seja maior de 18 anos. Se for casado, o cônjuge deverá ter autorização do seu parceiro. Outra facilidade elencada para o aluguel fora dos marcos legais é que não há empecilho caso o inquilino deseje dividir o imóvel com muitas pessoas. Isso, no mercado legal, raramente é permitido.

Figura 39 – Condomínio para locação residencial do casal proprietário da Casa do Construtor, com presença de funcionários da Dakota-Russas, no bairro Centro



Fonte: Próprio autor, 2014

Figura 40 – Casa alugada no mercado informal por funcionários da Dakota-Russas, no bairro Vila Gonçalves



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 41 – Parte interna da casa alugada no mercado informal por funcionários da Dakota-Russas, no bairro Vila Gonçalves



Fonte: Próprio autor, 2014.

Como é possível notar nas Figuras 39, 40 e 41, as casas alugadas pelos operários da Dakota-Russas são simples e não costumam ser mobiliadas com

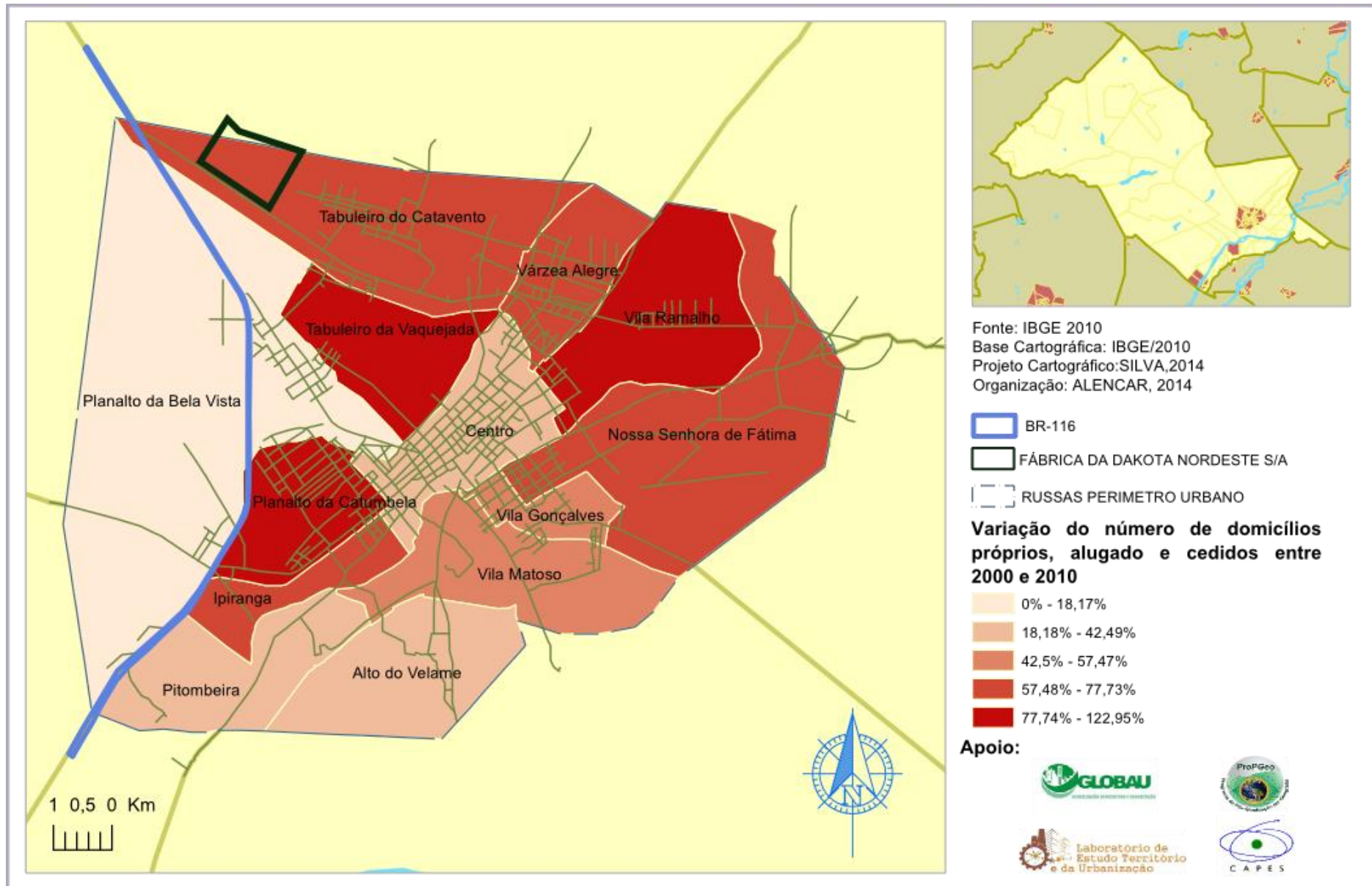
muitos móveis e eletrodomésticos. Isso caracteriza esses imóveis muito mais como dormitórios do que como residências. Nos casos ilustrados pelas figuras, bastante representativo das demais casas alugadas por funcionários, nota-se a existência apenas de colchões e redes de dormir, além do bebedouro de água.

Em suma, entre os anos de 2000 e 2010, o incremento do número de domicílios próprios, alugados e cedidos foi mais notório em áreas da cidade menos adensadas e com pouca ou nenhuma infraestrutura. Enquanto isso, no Centro, apesar de ainda deter o maior quantitativo absoluto de imóveis em todas as formas de ocupação, houve crescimento reduzido. Isso fez com que o bairro amargasse a penúltima posição no que tange à ampliação do total de imóveis para as variáveis observadas, ganhando apenas do Planalto da Bela Vista (Ver Figura 42).

A dinamização na forma de contingente populacional, que a Dakota Nordeste S/A arregimentou, alojou-se na porção noroeste da cidade, exatamente na zona em que a mesma se localiza, evidenciando o poder polarizador da fábrica na organização do espaço urbano. A ocupação no entorno imediato da planta industrial ocorreu, a princípio, pelo desejo dos trabalhadores de residirem próximos ao local de trabalho e, posteriormente, pela própria necessidade de expansão da malha urbana, o que repercutiu num maior adensamento populacional na cidade de Russas. A esse respeito, constata-se que, em 1991, havia 31,04 hab./km² no município. Em 2000, esse número aumentou para 35,66 hab./km², ou seja, um acréscimo de apenas 4,62 hab./km². Mas, em 2010, esse valor subiu para 43,88 hab./km², o que expressa um aumento de quase 10 habitantes por metro quadrado para o mesmo intervalo de tempo. Isto é praticamente o dobro do evidenciado na década anterior.

Apesar desses valores evidenciarem para Russas uma baixa densidade demográfica, o interessante é a comparação da elevação do número de habitantes e domicílios com os vetores de modernização anteriormente vigentes na economia do município. Desse modo, com a consolidação da atividade industrial calçadista, houve repercussão nas dinâmicas urbanas e na estruturação da cidade, o que redirecionou as demandas e as ofertas por terra e serviços e ampliou as frentes de ocupação e as zonas de adensamento. Ademais, a presença da fábrica da Dakota no setor noroeste da cidade atraiu as frentes de adensamento e ocupação para essa área, reconduzindo um movimento que tendia a sudoeste, alterando os rumos de ocupação tradicional urbana.

Figura 42 – Variação dos domicílios por condição de ocupação por bairros na cidade de Russas entre 2000 e 2010



Uma ressalva deve ser feita para o bairro Planalto da Catumbela. Esse bairro apresentou grande variação do número de domicílios segundo as suas diversas formas de ocupação, mesmo estando numa porção da cidade onde pouco evidenciou maior dinamização. Isso ocorreu em virtude da tradicional ocupação dessa área da cidade, realizada, sobretudo, pela elite agroextrativista do município (SILVA, 2006). Isso proporcionou ao bairro melhor infraestrutura, tornando-o uma área bastante atrativa para o mercado imobiliário. Além disso, está bem atendido por vias de circulação que facilitam a chegada ao Centro ou a saída da cidade através da BR-116.

A tendência desse bairro foi ganhar mais infraestrutura, pois com a introdução de loteamentos projetados por imobiliárias, houve padronização no crescimento da malha urbana. Isso permitiu que empresas interessadas na venda de lotes pudessem esquadrihar melhor os terrenos, atraindo investimento público municipal e estadual, consolidando uma ocupação mais estruturada e um preço mais alto para lotes que agora sofrem considerável especulação.

Sobre os empreendimentos imobiliários em toda cidade, na medida que aumenta a oferta de empregos e a população residente, os loteamentos aumentam seus preços, seguindo as estratégias dos promotores-incorporadores imobiliários que buscam o lucro através da venda dos terrenos, e têm um papel central na definição e redefinição da estrutura urbana. Segundo os corretores imobiliários que entrevistamos, nos últimos dez anos os preços dos terrenos mais que triplicaram na cidade de Russas. Imóveis de 300 metros quadrados que custavam R\$ 5.000,00, hoje são comercializados por, no mínimo, R\$ 20.000,00, a exemplo do terreno adquirido por uma enfiadeira no Loteamento São Bernardo, próximo ao Centro e à Lagoa da Caiçara. De acordo com ela, o terreno sobre o qual está edificada sua casa foi adquirido por R\$ 5.000,00, pago em duas parcelas. Segundo essa funcionária subcontratada da Dakota-Russas, terrenos vizinhos a sua casa, pertencentes ao mesmo loteamento, custam atualmente R\$ 45.000,00. Essa valorização foi constatada também nos demais loteamentos abertos após a instalação da fábrica e que estão espalhados pelos bairros da cidade.

Silva (2006) relata que uma estratégia bastante corriqueira utilizada pelos promotores-incorporadores imobiliários para a valorização dos loteamentos abertos na última década é a venda de parcelas desses lotes a custo baixo, enquanto deixa

a outra parte sem ser vendida. Assim, os vazios urbanos podem sofrer valorização, já que tendem a despertar interesse da classe média no futuro.

Em decorrência disso, as novas áreas residenciais da cidade, ao sofrer o impacto do novo adensamento, começam a receber infraestrutura em função da exigência de moradores por serviços urbanos básicos. Eles acabam fortalecendo os interesses dos promotores-incorporadores, que, indiretamente, beneficiam-se dessas conquistas. A estrutura de água encanada, de energia elétrica e de aberturas de vias é a primeira a ser montada.

Sobre as conquistas por serviços urbanos como estratégia dos promotores-incorporadores, Elias e Pequeno (2005) argumentam que,

Para que esse novo perfil de demanda possa ser incorporado, segundo a lógica de acumulação que domina o mercado imobiliário formal, faz-se necessário a sua precarização, transferindo-se para o poder público e para a municipalidade como um todo os custos da urbanização. Disto passam a ser produzidos loteamentos irregulares quanto ao que determina a lei (ELIAS; PEQUENO, 2005, p. 27).

No âmbito dessa maior ocupação e adensamento do espaço urbano em Russas, a presença de mais trabalhadores da Dakota também foi relevante. Segundo os corretores imobiliários que entrevistamos, a primeira leva de venda de loteamentos em Russas, nos últimos dez anos, foi marcada pela forte presença de funcionários da indústria de calçados. De acordo com Arimar, em razão desses trabalhadores disporem de emprego fixo, as parcelas de compra do terreno podiam ser estendidas, o que permitiu uma redução das mensalidades, como ilustra a Figura 43.

O corretor afirma que

Os funcionários da Dakota tiveram acesso à compra em todos os loteamentos, pois nos planos de venda a maioria as parcelas variava entre R\$ 180,00 e R\$ 360,00, de acordo com a localização. Vendi em todos os loteamentos uma fatia para funcionários da Dakota desde o pequeno até ao alto escalão. (Entrevista com Arimar, proprietário da Arimar Imóveis. Realizada em janeiro de 2014).

De modo geral, os preços e ofertas variam conforme a localização de cada empreendimento, os quais apresentam uma seletividade espacial, já que ocorrem em apenas alguns bairros. Isso passa a impactar nas demais parcelas do espaço urbano, em virtude do uso do solo envolver externalidades que geram

sinergias urbanas (SMOLKA, 1987), ou seja, cada utilização de um terreno altera as características de todos os outros.

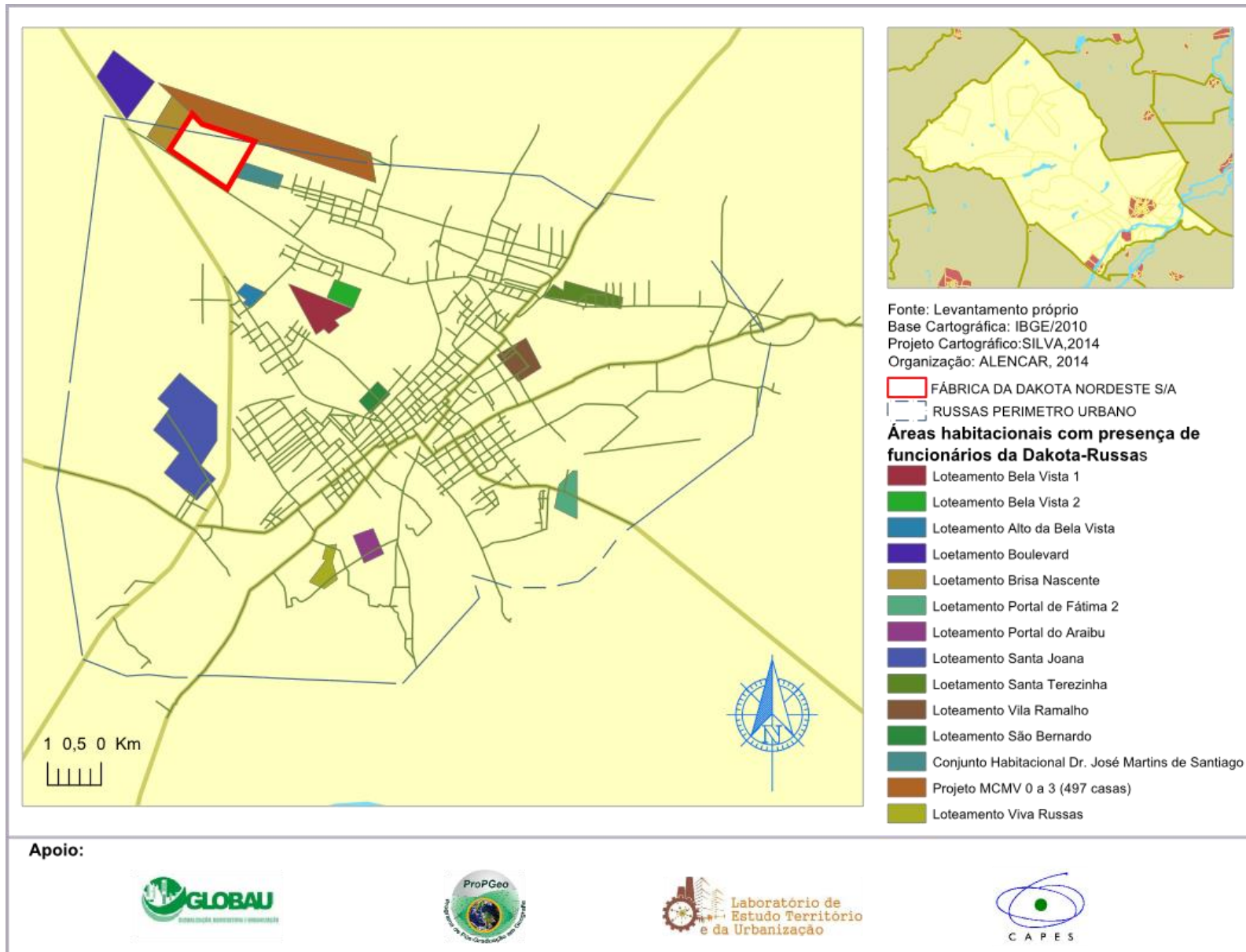
Isso se dá na medida em que a cidade cresce transformando terras rurais em terras urbanas. Como pode se observar na Figura 43, a maioria das novas áreas habitacionais com presença de funcionários da Dakota-Russas localiza-se margeando o perímetro urbano e, em alguns casos, tais empreendimentos estão para além dele, evidenciando, assim, a influência desses loteamentos no adensamento difuso da população na cidade, expandindo-a ao longo de seu sistema viário regional ou mesmo seguindo as vias intramunicipais. Como exemplo, destacamos os Loteamentos Boulevard e Brisa Nascente, nas proximidades da Dakota-Russas, margeando a BR-116, e o Loteamento Porta de Fátima 2, que é cortado pela Rua Vila Gonçalves, qualificando o modelo rodoviário urbano como fator de crescimento disperso e do espraiamento da cidade (SANTOS, 1994).

Somado a esse aspecto, tem-se o poder atrativo dessas áreas habitacionais, no que se refere à abertura de estabelecimentos comerciais e de serviços nessas porções da cidade, incidindo no espraiamento desses estabelecimentos na cidade, acompanhando o movimento das novas áreas habitacionais. O que, por sua vez, passa a gerar um maior fluxo de pessoas e de mercadorias, permitindo aberturas de novas vias intraurbanas interligando as áreas que presenciam esse novo padrão de ocupação ao centro urbano-comercial de Russas.

Nesse sentido, a questão da moradia é ilustrativa, pois os bairros são, na grande maioria das vezes, homogêneos em sua constituição social interna, porém, com expressiva diferença em comparação a outros bairros e/ou setores da cidade. Para Lopes Júnior e Santos (2009, p. 357) “[...] isso é reflexo da diferenciação de renda dos indivíduos (moradores) e, conseqüentemente, do poder de compra que se reflete na questão da localização e na construção de suas moradias”.

Assim, a localização e a distribuição das moradias pela cidade devem ser entendidas no contexto do urbano como um todo, na articulação das práticas dos agentes de produção da cidade, cujas articulações se expressam na desigualdade e heterogeneidade da paisagem urbana (MAGRINI, 2013).

Figura 43 – Empreendimentos imobiliários com presença de funcionários da Dakota Nordeste S/A, na cidade de Russas



Sobre esse fenômeno, estudiosas como Rolnik (1990) já argumentavam acerca do parcelamento da terra urbana em função do tipo de consumidor que a adquiriria. A autora aponta que, na cidade do trabalho assalariado, a terra é mercadoria cuja única forma de apropriação é o contrato monetário de compra e venda. Assim, a terra urbana é previamente dividida em lotes metricamente mensuráveis, os quais, segundo seus valores, passam a determinar a divisão social do espaço intraurbano, mediante a divisão social do trabalho na cidade.

Smolka (1987) também comenta sobre o tema. Informa que, através da estratificação social do espaço urbano, o capital incorporador coopta certos segmentos da sociedade e, com isso, estabelece sua hegemonia na estruturação do espaço urbano. Deste modo, os promotores-incorporadores direcionam seus investimentos para porções da cidade que apresentam certa mudança no padrão de ocupação, pois são essas áreas que oferecem as maiores possibilidades de lucro e rentabilidade. Em razão disso, o espaço intraurbano passa a apresentar áreas com diferentes estágios de assentamento (CAMPOS, 1989).

Isso se materializou em Russas nos últimos dez anos, quando um número elevado de novos loteamentos foi lançado no perímetro urbano, atingindo zonas de periferia distantes na cidade ou mesmo áreas de transição entre o rural e o urbano. É importante destacar que, segundo consta no Plano Diretor Participativo de Russas de 2008, foi detectado que tais loteamentos foram aprovados sem uma maior acuidade na verificação técnica de propostas por parte dos setores competentes da municipalidade. Da mesma forma, a implantação dos empreendimentos em várias áreas da cidade e ao longo dos eixos históricos de penetração do núcleo urbano reverteu a tendência anterior à linearidade leste-oeste, possibilitando uma expansão para os demais sentidos, o que consolidou o desenho radial original (PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE RUSSAS, 2008).

Toda essa dinamização do mercado imobiliário causada pela elevação do número de domicílios próprios e imóveis construídos para locação residencial atingiu o comércio de material de construção. De acordo com informações disponibilizadas pelo Ministério do Trabalho, entre 1995 e 2010, o número de estabelecimentos comerciais especializados em materiais de construção passou de 12 para 37, uma elevação de 208,33%.

Segundo os proprietários da Casa do Construtor, estabelecimento mais antigo da cidade de Russas e presente há 26 anos no mercado,

Com a chegada da Dakota, nossas vendas cresceram bastante, o que nos possibilitou a investir mais pesado no mercado de aluguéis. Antes tínhamos apenas poucas casas. Com a chegada da Dakota construímos dez apartamentos aqui no Centro e mais quatro por trás do hospital (Entrevista com Maria Coutinho, conhecida popularmente como 'Lôra', uma das proprietárias da loja. Realizada em janeiro de 2014).

Com a expansão dos investimentos imobiliários para a porção noroeste da cidade, tanto no que concerne à construção de casas próprias, quanto à locação de residências, até mesmo o comércio das mercadorias para construção se desconcentrou. Para atender toda essa demanda, estabelecimentos comerciais de materiais de construção foram instalados nesses bairros, visando atender a demanda da área. O melhor exemplo vai para a loja Dedé Construções, que se instalou no Tabuleiro da Vaquejada há menos de dois anos e já é uma das maiores da cidade de Russas.

Beltrão Sposito (1998) argumenta que, em função de mudanças de natureza econômica e de lógicas locacionais na cidade, é possível afirmar que há uma recomposição da estrutura urbana, que se expressa sob diferentes formas de expansão e de periferização do tecido urbano. Isso é representado pela abertura de novos loteamentos urbanos, como aqueles ilustrados pela Figura 43, os quais são destinados a engendrar diferentes padrões ocupacionais.

Além da produção da descontinuidade do tecido urbano, observamos, em nossa pesquisa de campo, que ocorre um expressivo aumento do número de lotes não edificados em Russas, em função da diferença de ritmo na produção dos parcelamentos e do crescimento demográfico, alterando, assim, a demanda solvável dos produtos imobiliários na cidade. Tais loteamentos estão presentes, em sua grande maioria, nas zonas de periferia.

Sobre este assunto, Capel (2002, p. 81) afirma que “[...] com muita frequência é o parcelamento da terra rural que direciona a expansão da urbanização [...]” e que “[...] o loteamento é o mecanismo essencial para a transformação do solo rural em urbano [...]”, produzindo, assim, sua valorização.

Em consonância com esse autor, nota-se que o crescimento urbano da cidade de Russas acompanha as margens das vias de penetração no município em direção às zonas rurais, o que evidencia uma cidade espraiada e intercalada às áreas ocupadas com grandes espaços vazios, servindo como estímulo à especulação imobiliária.

Deste modo, apreendendo a estruturação urbana e o novo desenho da cidade, após a inserção de um novo paradigma produtivo que se instalou em Russas, constata-se que sua atual estrutura urbana não apenas expressa, mas também é um elemento de redefinição do processo econômico que evidencia, segundo Whitacker (2006), as relações entre o processo de urbanização e a morfologia da cidade. Assim, como informa Campos (1988), “[...] a mudança na estrutura urbana não é um estágio transitório, é, isto sim, a ‘forma-processo’ do ambiente construído urbano capitalista” (p. 140).

Concluimos esse capítulo sugerindo uma classificação espacial que pode ser utilizada ou retrabalhada em momento posterior. Ela respeita uma caracterização do zoneamento morfológico intraurbano da cidade de Russas, considerando o que já foi apresentado por Amorim Filho (2007), adaptado para o atual “ciclo de vida” urbano-industrial da cidade de Russas.

A divisão considera:

- a) **Zona central:** centro urbano e comercial bem definido funcionalmente, com maior densidade de construções e forte movimento de veículos e de pessoas. É um centro com polarização microrregional.
- b) **Zona pericentral:** está em consolidação e tem função residencial predominante. Passa por aprofundamento da diferenciação morfológica e paisagística em função da crescente diferenciação socioeconômica dos bairros.
- c) **Zona periférica:** contínua como um prolongamento da zona pericentral e descontínua, formada por loteamentos. Ocorre a presença de modestos estabelecimentos comerciais.
- d) **Auréola periurbana:** apresenta gradativa diminuição de propriedades de fins agrícolas e aumento de domicílios que abrigam famílias de

baixo poder aquisitivo. É uma área de prosseguimento da zona periférica descontínua em paralelo à paisagem autenticamente rural.

O espaço intraurbano de Russas, da forma como vem sendo configurado, reflete este complexo conjunto de usos da terra que é, como afirmou Corrêa (1989), a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano. Parafraçando o autor acima, Russas aparece como espaço fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período atual é representativo dos impactos territoriais derivados do processo do processo de reestruturação produtiva e territorial, que determinou a reestruturação produtiva da indústria, em especial do setor calçadista, forçando-a a adaptar-se às novas condições socioeconômicas, que não tardaram a atingir o espaço urbano em sua forma e conteúdo.

Tal momento teve início em meados da década de 1990, quando muitas fábricas de calçados se instalaram na Região Nordeste. De fato, nessa década, mudaram as condições de produção e concorrência na cadeia produtiva de calçados, a partir de uma reestruturação produtiva e espacial pautada nos novos modelos de desenvolvimento capitalista pós-recessão de 1973 (PEREIRA JÚNIOR, 2012).

Assim, a atividade industrial, em particular a do setor calçadista, assumiu papel de extrema importância na reprodução espacial a partir de um modelo de gestão territorial, com base no projeto de modernização do território. O Ceará entrou nessa ciranda, a partir dos investimentos realizados pelas políticas econômicas consolidadas nos anos de 1980 e 1990. Tal projeto requalificou a política de financiamento e a infraestrutura do estado, visando atender aos interesses dos investimentos externos, com destaque para o setor industrial. Os grupos empresariais do ramo calçadista viram no território requalificado pelo projeto de modernização dos governos do Ceará, denominado por eles de política do “tapete vermelho”, a possibilidade de superação de uma crise enfrentada pelo ramo.

Essas mudanças determinaram os novos modos de inserção das cidades na rede urbana cearense, com destaque neste trabalho para Russas, porquanto alteraram os seus aspectos estruturais. Nesse sentido, trata-se, portanto, de uma nova geografia, como apontou Santos (1994), com mudanças no contexto, no conteúdo e nas formas de uso do espaço, cujos resultados combinados configuram um novo Brasil urbano.

Desse modo, o conjunto de reestruturações responsável pela inserção de Russas no novo mapa de expansão territorial da indústria de calçados justifica o porquê deste recorte espacial, visto que nos favoreceu pistas para descobrirmos

como as cidades dos países subdesenvolvidos são inseridas na mundialização da economia e são convocadas a atenderem as necessidades de acumulação do capital sempre crescentes.

Isso corrobora com Santos (1993), quando o mesmo afirma que estaríamos deixando a fase da mera urbanização da sociedade, para entrarmos na urbanização do território por meio da ampliação no espaço dos nexos modernos.

Esse aspecto foi conferido à Russas com a intensificação da industrialização do estado no transcorrer daquela década, envolvendo essa cidade em transformações radicais, no que diz respeito a seu perfil urbano.

Inicialmente, ocorreu um crescimento acelerado da população urbana, quando novos indivíduos chegavam à cidade em busca de empregos, os quais a Dakota Nordeste S/A e as fábricas de componentes de calçados, por ela contratadas, ofereciam. Tal fato impulsionou o aumento da taxa de urbanização mediante o incremento da população de baixa renda.

Isso ocasionou o desenvolvimento do comércio e dos serviços, ao diversificarem-se e especializarem-se em virtude da demanda provocada pela chegada de outro tipo de moradores em função do emprego fabril.

A economia urbana de Russas, e principalmente de sua sede municipal, passou por um incontestável cenário de mudanças. Tem-se observado paralelamente tanto o crescimento de ramos específicos do comércio varejista, os quais foram diretamente impactados pela massa salarial da indústria de calçados, quanto o espraiamento de alguns ramos do comércio na periferia, dispersando-se do centro, adotando um padrão de distribuição do operariado fabril da Dakota. Somado a esses fatores, observa-se também a modernização das formas de comercialização mediante a inserção do cartão de crédito na vida cotidiana dos funcionários dessa empresa, permitindo a esses funcionários a aquisição de mercadorias e serviços através das compras parceladas a crédito, culminando na presença do capital financeiro na economia urbana de Russas.

Outro fator importante oriundo dessa migração foi a sua pressão no mercado imobiliário local, aumentando o preço do solo e aluguéis, influenciando, assim, a reestruturação intraurbana de Russas, especialmente do espaço residencial. Sobre esse aspecto, os bairros situados na periferia da cidade foram os

que mais simbolizaram esse processo, apresentando os maiores valores de crescimento populacional, domicílios com baixa renda salarial e abertura de novos loteamentos planejados, caracterizando, assim, os aglomerados subnormais como uma das únicas possibilidades para um crescente número de trabalhadores de baixa renda, do qual faz parte o novo operariado fabril.

Desse modo, é necessário destacar que o crescimento da cidade de Russas, impulsionado pela atividade industrial calçadista, vem ocorrendo de forma rápida e intensa, com a expansão majoritariamente horizontal, viabilizada através da criação de novos loteamentos distantes da área central. Como resultado observa-se o aparecimento de inúmeros vazios urbanos abrindo frente à problemas relacionados a especulação influenciado por uma falta de um planejamento urbano eficiente. Isto é, a cidade de Russas vem crescendo acompanhando a tendência de crescimento das cidades brasileiras, espalhando sua territorialidade sem planejamento, seu tecido urbano ora acompanhando o rio ora a rodovia, gerando muitas discontinuidades.

Além disto, ressalta-se que as modificações em Russas não se expressam somente em seu arranjo espacial e econômico, mas também na sociabilidade, introduzindo uma nova visão de mundo bem alinhado com a produção de homens para a produção industrial, a produção de homens no sentido da normatização das relações sociais necessárias para a manutenção da atividade industrial.

Isso se torna evidente quando observamos as novas relações de trabalho derivadas da atividade industrial calçadista que se ampliou tanto na zona urbana como na zona rural de Russas e de municípios vizinhos, influenciando não somente o aspecto da produção de calçado, mas, sobretudo, a maneira de viver e de se pensar o mundo.

Sobre esse aspecto corroboramos com Whitacker (2006), quando esse autor afirma que “[...] a cidade não é só condição para a realização da produção, é também expressão de um jeito de produzir” (p. 139).

Assim, a atividade industrial “[...] como atividade produtiva submetida a uma lógica espacial diferenciada [...]” se constitui como um “[...] agente de primeira

ordem na organização do território através de seus efeitos sobre as transformações morfológicas, funcionais e sociais [...]” (MÉNDEZ; CARAVACA, 1996, p. 19).

Em suma, o dito discurso modernizador, que fundamentou o projeto de modernização do estado via industrialização, materializou-se nessa cidade nos contornos de uma urbanização demográfica (SANTOS, 2010) propulsora de uma proletarização da cidade e da força de trabalho empregado no processo produtivo.

Por ora, terminamos esse momento da vida acadêmica sem, contudo, pôr fim ao que iniciamos com esta dissertação, visto que inúmeras questões foram surgindo durante a execução da pesquisa e que, em virtude dos objetivos propostos, as deixamos em *stand by*, com o intuito de serem contempladas em um novo momento, o qual esperamos que se concretize assim que possível.

REFERÊNCIAS

ABU-EL-HAJ, J. Neodesenvolvimentismo no Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 28, n. 3, p. 327-345, 1997.

ALMEIDA, D. G. de. **Indústria e reestruturação sócio-espacial**: a inserção de Sobral (CE) na divisão espacial do trabalho. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

ALMEIDA, S. M. A regulação das relações de trabalho na terceirização da indústria de calçados de Franca. **Mediações**, Londrina, v. 16, n.2, p. 279-296, 2011.

_____. **A miríade de atores produtivos na terceirização do calçado em Franca**. 2008. 232 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AMORIM FILHO, O. B.; DENA FILHO, N. de. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Vieira, 2007.

ARAÚJO JR, A. M. **A indústria de bens de capital no Estado de São Paulo**: da gênese aos problemas atuais. 2003. 272 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ARAÚJO, S.; ELIAS, E. Globalização e reestruturação produtiva no campo e cearense. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2005.

ARROYO, M. M. A economia invisível dos pequenos. **Le Monde Diplomatique**, Brasil, ano 2, n. 15, p. 30-31, 2008

BAENINGER, R. Deslocamentos populacionais, urbanização e regionalização. **Rev. Bras. Estudos Pop.**, Brasília, v. 15, n. 2, 1998.

_____. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 24, n. 16, p. 268-288, 2005.

BARBOSA, A. de S.; MENDES, A. M. Capital, trabalho e formação da classe na indústria do calçado. **Políticas Públicas e Sociedade**, Fortaleza, v. 5, p. 63-71, 2003.

BESSA, K. Diferenciação espacial como elemento próprio à natureza da geografia. **Mercator**, Fortaleza, v. 9, n. 20, 2010.

BORDO, A. A. Os eixos de desenvolvimento e a estruturação urbano-industrial do estado de São Paulo, Brasil. **Scripta Nova Revista**, Barcelona, v. 9, n. 194, 2005.

BRAGA, R.; CARVALHO, P. F. Cidade: espaço da cidadania. In: GIOMETTI, A. B. R.; BRAGA, R. (orgs.). **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação: Ensino de Geografia**. São Paulo: UNESP-PROPP, 2004.

CAMPOS, P. A. A dinâmica imobiliária: elementos para o entendimento da espacialidade urbana. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 47-70, 1989.

CAPEL, H. **La morfología de las ciudades: I sociedad, cultura y passage urbano**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: LABUR, 2007.

CASTELLS, M. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CATÓ, J. M. Subordinación y dominación en los espacios de trabajo. Estudio sobre la disciplina y sus formas de expression. **Athenea Digital**, Barcelona, n. 8, p. 50-71, 2005.

CHAVES, M. L. Modernização agropecuária: o novo contexto da expressão regional de Limoeiro do Norte. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato (Orgs.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas sicoespaciais**. Fortaleza: BNB, 2006.

CONTEL, F. B. Território e finanças: técnicas, normas e novas topologias bancárias no Brasil. 2006. 342 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 6, 1999.

_____. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COSTA, M. C. L. ; AMORA, Zenilde Baima . Transformações nas cidades médias do Ceará (Brasil). In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12, 2009, Montevideo. **Anais...** Montevideo: Universidad de La Republica, 2009.

DAMIANI, A. L. Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. In: LEMOS, A. I. G. de; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (Org.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo/Buenos Aires: Clacso, 2006.

DAVIDOVICH, F. Urbanização Brasileira: Tendências, Problemas e Debates. **Espaço e Debates**, São Paulo, v. 4, n.13, p. 12-19, 1984.

ELIAS, D. (Org.). **O novo espaço da produção globalizada: o Baixo Jaguaribe (CE)**. Fortaleza: Funece, 2002.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato (Orgs.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas sicioespaciais**. Fortaleza: BNB, 2006.

ELIAS, D. PEQUENO, R. Espaço urbano no Brasil agrícola moderno e desigualdades socioespaciais. **Revista Terra Livre**, Goiânia, v. 2, n. 25, p. 13-33, 2005.

ELIAS, D; MUNIZ, A. M. V.; BEZERRA, J. E. Agronegócio e reorganização das relações de trabalho agrícola o Baixo Jaguaribe (Ce). **Revista Econômica do Nordeste**, v. 38, p. 32-47, 2007.

FRASSETTO, L. L. **A indústria de calçados de São João Batista (SC): caracterização do sistema de produção**. 2006. 109 f. Monografia (Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

GAMA, A. Indústria e produção de um espaço peri-urbano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 22, abr., 1987.

GAUDEMAR, J. P. de. **Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital**. Lisboa: Estampa, 1977.

_____. **El Orden y la Producción: nacimiento y formas de la disciplina de fábrica**. Madrid: Trotta, 1991.

GIL FILHO, S. F. **Colônia polonesa e o processo de metropolização de Curitiba: impactos espaciais da modernidade**. 1994. 104 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1994.

GIL FILHO, S. F.; GIL, A. H. C. F. Notas sobre o processo urbano-regional brasileiro. **Revista Ra'e ga**, Curitiba, v. 1, p. 75-92, 1997.

GRIMM, F. C. A. **Trajetória epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis**. 2011. 306 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **A justiça social e cidade.** São Paulo: Hucitec, 1980.

HENRIQUE, W. Diferenças e repetições na produção do espaço urbano de cidades pequenas e medias. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Orgs.). **Cidades Médias e Pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso.** Salvador: SEI, 2010.

LEFEBVRE, H. **Espaço e política.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

_____. **O direito a cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Á. de M. **A geografia histórica de Iguatu – CE: uma análise da cultura algodoeira de 1920 a 1980.** 2011. 213 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

LIMA, A. R. **Trabalhadores da carnaúba: paisagem cultural e modos de vida dos camponeses em Russas - Ce na primeira metade do século XX.** 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LIMA, L. C. Produção do espaço, sistemas técnicos e divisão territorial do trabalho. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 6, n. 119, 2002.

LIMA, J. C.; BORSOI, I. C. F.; ARAÚJO, I. M. Os novos territórios da produção e do trabalho: a indústria de calçados no Ceará. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 24, n. 62, p. 367-384, 2011.

LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Orgs.). **Cidades Médias e Pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso.** Salvador: SEI, 2010.

LOPES JUNIOR, W. M.; SANTOS, R. C. B. dos. Novas centralidades na perspectiva da relação centro-periferia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 21, n. 3, p. 351-359, 2009.

MACHADO, E. M. O Preço da Força de Trabalho: Paradigma de Análise da Política Social. **Semina: Ci. Soc. Hum.**, Londrina, v. 22, p. 67-73, 2001.

MAGRINI, M. A. O. Significações urbanas e mercado imobiliário: considerações a partir da produção de loteamentos fechados em cidades médias. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 14, n. 47, p. 95-109, 2013.

MARICATO, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E (Orgs.). **A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos.** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121-192.

MARX, K. **Manuscritos econômicos e filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. Volume I. Tomo I. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

MENDES, F. A. **O barro de cada dia**: oleiros e operários da atividade ceramista no Distrito de Flores, CE 1981-1990. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico e História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza: 2012.

MENDES, M. C. **Metropolização e indústria**: Maranguape no contexto da Região Metropolitana de Fortaleza – CE. 2006. 166 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

MENDEZ, R.; CARAVACA, I. **Organizacion Industrial y Territorio**. Madri: Síntesis, 1996.

MENELEU NETO, J. Dinâmica populacional e condição de vida por indicadores. In: ELIAS, D. (Org.). **O novo espaço da produção globalizada**: o Baixo Jaguaribe (CE). Fortaleza: Funece, 2002. p. 177-217.

MONTE-MÓR, R. L.. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006.

_____. A questão urbana e o planejamento no Brasil contemporâneo. DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (Org.). **Economia e território**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MONTENEGRO, M. R. Novos conteúdos da pobreza urbana no Brasil: o circuito inferior no período da globalização. In: DO ENCUENTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA: CAMINANDO EN UNA AMERICA LATINA EN TRANSFORMACIÓN, 12., 2009, Montevideo. **Anais...** Montevideo: Universidade Nacional do Uruguai, 2009.

NAVARRO, V. L. O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçados. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 17, n. 2, p.32-41, 2003.

_____. Reestruturação produtiva e precarização do trabalho na indústria de calçados no Brasil. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL LA OBRA DE CARLOS MARX Y LOS DESAFÍOS DEL SIGLO XXI, 2., 2004, Havana. **Anais...** Havana: 2004.

_____. **Trabalho e trabalhadores do calçado**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

OLIVEIRA, F. de. **Crítica a razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo Editora, 2003.

_____. O Estado e o urbano no Brasil. **Espaços e Debates**, São Paulo, n. 6, p. 36-54, 1982.

_____. **Elegia para uma re(li)gião**: SUDENE, Nordeste. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

OLIVEIRA, F. E. P. de. Geografia da violência urbana em Russas: reflexões sobre as práticas criminosas (2007/2012). 2013. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2013.

PEQUENO, R. Transformações no espaço intraurbano e processos de planejamento territorial no Baixo Jaguaribe. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato (Orgs.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas sicioespaciais**. Fortaleza: BNB, 2006.

PEREIRA JÚNIOR, E. A. **Território e economia política**: uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.

_____. Reestruturação produtiva e organização do espaço industrial no Ceará. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 7., 2007, Niterói. **Anais...** Niterói, 2007.

_____. **Industrialização e reestruturação do espaço metropolitano**. Fortaleza: EDUECE, 2005a.

_____. Economia política da urbanização da região do Baixo Jaguaribe-CE: dinâmica populacional e novas formas de consumo, emprego e renda. **Geosul**, Florianópolis, v. 20, n. 40, p 129-146, 2005b.

PEREIRA JÚNIOR, E. A; ALMEIDA, G. D. O novo espaço da produção calçadista no Ceará: o caso do município de Russas. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato (Orgs.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas sicioespaciais**. Fortaleza: BNB, 2006.

PONTES, P. A. *et al.* **A política de atração de investimentos industriais do Ceará**: Uma Análise do Período 1995-2005. Fortaleza: SEPLAN/IPECE, 2006.

PRAZERES, T. J. **Na costura do sapato, o desmanche das operárias**: um estudo das condições de trabalho e saúde das pespontadeiras da indústria de calçados de Franca (SP). 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Social) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

RÉMY, J.; VOYÉ, L. **A cidade**: rumo a uma nova definição? Porto: Afrontamento, 1997.

RICHARDSON, H. W. **Economia urbana**. Rio de Janeiro: Interciência, 1978.

ROCHA, L. M. **Russas sua origem, sua gente, sua história**. Recife: Recife Graf. Ed., 1976.

RUA, J. A ressignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, ano 2, n. 2, 2005, p.45-66.

RUSSAS. Prefeitura Municipal de Russas. **Plano Diretor Participativo de Russas**. Russas: PMR, 2008.

SABOIA, J. Descentralização industrial no Brasil na década de noventa: um processo dinâmico e diferenciado regionalmente. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 85-121, 2001.

SALERNO, M. S. Da rotinização à flexibilização: ensaio Sobre o pensamento crítico brasileiro de organização do trabalho. **Gestão & Produção**, v.11, n.1, p.21-32, 2004.

SANTOS, C. P. dos. Controle e disciplina na organização capitalista do trabalho. **Rev. Dig**, Florianópolis, n 4, p. 127-141, 2010.

SANTOS, M. **Economia espacial**: críticas e alternativas. São Paulo: Edusp, 2011.

_____. **A urbanização desigual**: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2010.

_____. **O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. **A Natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

_____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XX. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, A. M. M. *et al.*. Deslocamento de empresas para os estados do Ceará e da Bahia: o caso da indústria calçadista. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 63-82, 2002.

SANTOS, A. M. M.; CORREA, A. R., ALEXIM, F. M. B. **A indústria de calçados no estado do Ceará**. Rio de Janeiro: BNDES, 2001.

SCHNEIDER, S. Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul. **Revista ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p 298-323, 1996.

SILVA, A. C. R. **Espaço urbano de Russas**: da vila a periferia social. 2006. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2006.

SILVA, J. G da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: UNICAMP, 1998.

SILVA, J. B. A cidade contemporânea no Ceará. In SOUZA, S. de. (Org). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, n 55, v. 22, p. 65-67, 2009.

_____. Uma situação Geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, ano 6, n. 6, 1999.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1999.

SMOLKA, M. O. O capital incorporador e seus movimentos de valorização. **Cadernos PUR/UFRJ**, Rio de Janeiro, Ano II, n. 1, 1987.

SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 11, 2007.

_____. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: 2005.

_____. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no estado de São Paulo. 2004. 508 f. Tese (Livre Docência em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

_____. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

_____. Reestruturação da cidade. In: Jayro Gonçalves Melo. (Org.). **Região, cidade e poder**. Presidente Prudente: UNESP, 1996, p. 111-126.

_____. Estruturação urbana e centralidade. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 3, 1991. **Anais...** Toluca. v. 1. p. 44-55, 1991.

_____. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Geografia**, São Paulo, n. 10, 1991b.

SPOSITO, M. E. B.; ELIAS, D. A construção de uma metodologia de pesquisa para o estudo das cidades médias. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LA RED IBEROAMERICANA DE INVESTIGADORES SOBRE GLOBALIZACIÓN Y TERRITORIO, 11., 2010, Mendoza. **Anais...** Mendoza: Universidad de Cuyo, 2010.

SPOSITO, E.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. A. (Orgs.). **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

TOPALOV, C. **La urbanización capitalista:** algunos elementos para su análisis. Mexico: Edicol, 1979.

VERAS, A. O. C. **Impactos socioambientais no estuário do Rio Jaguaribe:** o caso da cidade de Aracati-Ce. 2010. 209 f. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

VILLAÇA, F. **Reflexões sobre as cidades brasileiras.** São Paulo: Studio Nobel, 2012.

_____. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, Lincoln Institute, 2001.

WHITACKER, A. M. Cidade imaginada, cidade concebida. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M (Orgs.). **Cidade e campo:** relações e contradições entre o urbano e o rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Matriz Metodológica

(continua)

Divisões temáticas	Processos	Variáveis	Indicadores	Fontes de consulta/Co mprovação
Dinâmica demográfica e novas relações de trabalho	Crescimento da população urbana sobre o total de habitantes	População urbana, rural e total do município	Nº da população urbana, urbana na sede municipal e rural	IBGE
	Expansão do fenômeno migratório	População do município por tempo ininterrupto de residência	Nº de pessoas segundo os anos de residência no município	IBGE
		Origem dos funcionários da Dakota Nordeste S/A	Municípios de residência dos funcionários da Dakota Nordeste S/A	IBGE
	Expansão do emprego formal	Emprego formal por setor da economia	Nº de empregos formais por setor da economia	MTE/RAIS
		População economicamente ativa	Nº da população economicamente ativa	IBGE
			Condição e situação da população economicamente ativa	IBGE
Fluxos e mobilidade na atividade industrial	Intensificação dos contatos entre a cidade e a região	Fluxos materiais	Linhas de transporte intermunicipal que têm Russas como destino principal	Pesquisa de campo
	Deslocamento no município e na região em função do emprego industrial	Pessoas ocupadas que trabalhavam na Dakota	Meios de deslocamento para o trabalho	Pesquisa de campo
Comércio e serviços e sua relação com a atividade industrial	Expansão do centro urbano-comercial	Dimensão do centro urbano-comercial	Localização do antigo e do atual centro urbano-comercial	Pesquisa de campo
	Expansão do assalariamento	Classe de rendimento mensal da população do município	Rendimento mensal da população do município	IBGE
	Renovação do padrão de consumo	Bens duráveis existentes no domicílio	Evolução de bens duráveis segundo situação domiciliar	IBGE
			Rendimento mensal domiciliar segundo a presença de bens duráveis	IBGE
	Expansão quantitativa e qualitativa dos estabelecimentos comerciais	Frota de veículos municipais	Evolução da frota de automóveis e motocicletas	DENATRAN, pesquisa de campo
			Nº de estabelecimentos comerciais	MTE/RAIS, pesquisa de campo
			Nº estabelecimentos comerciais com predominância de produtos alimentícios	MTE/RAIS, pesquisa de campo
	Expansão das finanças do município	Movimentação financeira do município	Nº de estabelecimentos comerciais especializadas em peças para motocicletas	MTE/RAIS, pesquisa de campo
PIB municipal			Evolução da movimentação financeira municipal	IPECE
			Evolução do PIB por setor da economia	IBGE

APÊNDICE A – Matriz Metodológica

(conclusão)

Divisões temáticas	Processos	Variáveis	Indicadores	Fontes de consulta/Co mprovação
Indústria e mercado imobiliário	Expansão urbana da sede municipal	Habitação segundo renda e tipo de ocupação	Evolução do número de domicílios segundo faixa salarial por bairros da sede urbana municipal	IBGE
			Evolução da condição de ocupação dos domicílios por bairros da sede urbana municipal	IBGE, Pesquisa de campo
	Empreendimentos imobiliários	Nº de empreendimentos imobiliários		Pesquisa de campo
		Data de implantação dos empreendimentos imobiliários com presença de funcionários da Dakota Nordeste S/A		Pesquisa de campo
	Atuação dos agentes produtores do espaço	Agentes produtores do espaço	Proprietários dos empreendimentos imobiliários com presença de funcionários da Dakota Nordeste S/A	Pesquisa de campo
Valorização do solo urbano	Preço da terra	Evolução dos ganhos fundiários, segundo os momentos de valorização imobiliária na sede urbana municipal	Pesquisa de campo	

Fonte: Elaborado pelo autor.

APÊNDICE B – Pessoas e empresas entrevistadas

FUNCIONÁRIOS DA DAKOTA-RUSSAS	
Bairros da cidade	Funcionários entrevistados
Tabuleiro da Vaquejada	10
Tabuleiro do Catavento	10
Várzea Alegre	8
Vila Ramalho	9
Nossa Senhora de Fátima	7
Vila Gonçalves	6
Vila Matoso	6
Alto do Velame	5
Pitombeira	6
Ipiranga	6
Planalto da Catumbela	5
Planalto da Bela Vista	6
Centro	6
Total	90

Empresa	Tipo de empresa
WilaPlast - Indústria de injetados	Indústria
Com-pé - Componentes para calçados	Indústria
Transvale - Transportadora Vale do Jaguaribe	Transportadora
Viação Russana Ltda.	Transporte rodoviário de passageiros
JL Fardamentos	Confecção
Leleo móveis	Comércio - móveis e eletros
Lojas Maravilha	Comércio - móveis e eletros
Macavi	Comércio - móveis e eletros
Arima Imóveis	Corretora imobiliária
EF Corretor de Imóveis	Corretora imobiliária
Casa do construtor	Material de construção
Vale Motos	concessionária
Aura Motos	concessionária
Banco do Brasil	Banco
Caixa Econômica Federal	Banco

APÊNDICE C – Roteiro de entrevistas (comércio)

- 1) A matriz é do município?
- 2) A empresa dispõe de outros estabelecimentos?
- 3) O capital utilizado para a instalação do empreendimento é de origem pessoal?
- 4) Para a instalação do empreendimento, houve financiamento em alguma instituição financeira?
- 5) Onde a empresa adquire a mercadoria vendida?
- 6) Como a mercadoria vendida chega ao estabelecimento?
- 7) Qual a origem dos compradores? Da cidade ou do campo? Outros municípios?
- 8) A empresa oferece entrega a domicílio?
- 9) Quais as formas de pagamento oferecida pelo estabelecimento?
- 10) Os preços dos produtos são fixos?
- 11) A empresa realiza alguma publicidade para o seu mercado consumidor?
- 12) Qual o peso da publicidade para a venda do produto?
- 13) Antes de trabalhar na empresa, onde o empregado trabalhava?
- 14) Quantos funcionários trabalham na empresa?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevistas (funcionários da fábrica)

- 1) Idade?
- 2) Em qual setor trabalha e há quanto tempo é funcionário da Dakota?
- 3) Você poderia me descrever o funcionamento da fábrica (setores, organização do trabalho na linha de produção)?
- 4) Primeiro emprego? Se não, onde já trabalhou?
- 5) Onde você faz o “mercantil”?
- 6) Quais são as principais lojas que você costuma frequentar?